

**EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA**  
**CONTRIBUIÇÕES À PERCEPÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS**

FLÁVIA MARIA ROSSI DE MORAIS

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Recursos Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais.

PIRACICABA  
Estado de São Paulo – Brasil  
Setembro - 2004

**EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA**  
**CONTRIBUIÇÕES À PERCEPÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS**

FLÁVIA MARIA ROSSI DE MORAIS

Bacharel em Comunicação Social

Orientador: Prof. Dr. Marcos Sorrentino

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Recursos Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais.

PIRACICABA  
Estado de São Paulo – Brasil  
Setembro - 2004



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - ESALQ/USP**

Morais, Flávia Maria Rossi de  
Educação e fotografia contribuições à percepção de problemas ambientais / Flávia  
Maria Rossi de Moraes. - - Piracicaba, 2004.  
309 p. : il.

Dissertação (mestrado) - - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2004.  
Bibliografia.

1. Educação ambiental 2. Fotografia 3. Proteção ambiental 4. Qualidade de vida  
Título

CDD 333.707

**“Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte – O autor”**

## ***DEDICATÓRIA***

*À minha amada filha Uma Rossi Diniz Souza, que me mostra as dificuldades e as alegrias da educação; por quem mais faço questão de me tornar uma verdadeira educadora e que infelizmente foi quem mais sofreu com minha dedicação a esse trabalho.*

*À minha querida mãe, que quase sem saber, me mostrou os encantos da fotografia e me ensinou muito sobre a condição de ser mulher e profissional. E que sempre me apoiou, de todas as formas, em minha vontade de continuar os estudos.*

## Agradecimentos

Ao querido Professor Marcos Sorrentino, a quem muito admiro pessoal e profissionalmente, agradeço por me compreender e por contribuir para que eu tenha me tornado autora desse trabalho.

Aos jovens do Grupo Água é Vida, por me deixarem entrar um pouquinho em suas vidas e tentar “contamina-los” pelas minhas paixões: a natureza, a fotografia e agora a educação.

Ao professor Joaquim G. Barbosa, pelas contribuições teóricas e pela “acolhida” intelectual.

Ao companheiro e amigo Ivan, por me proporcionar crescimento pessoal, estético, artístico e até espiritual. Agradeço por todo o apoio que me deu e especialmente pelos desenhos tão lindos que ilustram a introdução desse texto.

Ao meu estimado pai, por ter me mostrado, pelo exemplo, a dedicação às plantas e o amor à vida simples, junto à natureza.

À amiga e colega Rita Helena, pela grande generosidade e pelas “sacações” sobre as dimensões do trabalho com educação ambiental.

À amiga e companheira Ana Paula, pelo exemplo no trabalho e pela paciência em me escutar.

À amiga Valéria Freixêdas, pelo “pontapé” inicial e fundamental para a realização do projeto Fehidro, e pelo exemplo de organização e condução de grupos.

À todos os colegas e companheiros da Oca, pelas contribuições intelectuais e afetivas.

À Lilian “Paraíso”, pela paciência e dedicação à correção do texto.

Ao amigo Ricardo, pelo diálogo virtual constante, nem sempre conciliado, sobre temas aqui abordados e pelas correções finais.

À querida amiga Júlia pela grande ajuda na organização e pela companhia de última hora.

À mais recente amiga, Lia, pelas conversas e companhia nas pedaladas contra o desperdício da experiência.

À todos os professores que pretendem ser verdadeiros educadores.

## SUMÁRIO

	Página
LISTA DE FIGURAS .....	ix
RESUMO .....	x
SUMMARY .....	xi
1 INTRODUÇÃO .....	1
1.1.1 A formação de educadores .....	2
1.1.2 O quintal, o bairro e um curso d'água .....	7
1.1.3 Minha vida escolar .....	13
1.1.4 A paixão pela fotografia .....	18
1.1.4.1 Brincando de cineminha .....	22
1.1.4.2 Eu: fotógrafa .....	27
1.1.5 A primeira atuação como professora universitária .....	32
1.1.6 O encontro com a Educação Ambiental .....	34
1.1.7 Minha história com o bairro Jardim Oriente .....	35
1.2 A Pesquisa .....	38
1.2.1 O Projeto do Fehidro .....	40
1.2.2 O Problema .....	42
1.2.3 Hipótese .....	42
1.2.4 Objetivos .....	42
1.3 Meu cenário de pesquisa .....	44

1.3.1 Dados sobre a área do estudo e intervenção .....	46
2 REVISÃO DE LITERATURA .....	49
2.1 A questão ambiental e a educação .....	50
2.2 A educação ambiental que acredito e desejo fazer .....	55
2.3 Utopia .....	55
2.4 Agenda XXI .....	61
2.5 Complexidade .....	63
2.6 Multirreferencialidade .....	66
2.7 Autonomia .....	68
2.8 Arte educação – a Construção do Olhar .....	71
2.9 Comunicação, Semiótica e Fotografia .....	73
2.10 A percepção e suas várias interpretações .....	74
2.11 A teoria semiótica da percepção .....	81
2.12 A câmara clara .....	86
3 METODOLOGIA .....	92
3.1 Pesquisa em Educação .....	92
3.2 Formas de coleta e análise dos dados (bricolagem ) .....	100
3.3 Descrição do caminho trilhado : dos sujeitos e das atividades..	103
3.4 - A Dinâmica dos encontros .....	105
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	111
4.1 <b>Agenda Micro Local</b> .....	111
4.2 As 5 dimensões da Ecologia .....	116
4.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais .....	120
4.4 A complexidade no Água é Vida .....	122
4.5 Autonomia no grupo Água é Vida .....	129

4.6 Dinâmicas mais significativas .....	132
4.6.1 A dinâmica do espelho .....	133
4.6.2 A Dinâmica do Barco .....	137
4.6.3 A dinâmica do Gigante .....	146
4.7 Resultados relacionados à percepção .....	148
4.8 A Fotografia no Grupo Água é Vida .....	154
4.8.1 Câmara Fotográfica humana .....	155
4.8.2 Atividades de campo fotografadas .....	157
4.8.3 A construção da Câmara de Ver .....	157
4.8.4 A oficina de Fotografia Pin hole .....	159
4.9 Os cartazes da 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente .....	166
4.9.1 A música do Projeto Água é Vida .....	170
4.10 Último questionário .....	171
4.11 A imagem de natureza .....	188
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	191
ANEXOS .....	196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	284
APÊNDICES .....	291

## LISTA DE FIGURAS

	Página
1 - Foto minha com dois anos .....	9
2 - Ribeirão Piracicamirim .....	12
3 - Minha mãe com câmara de visor indireto me fotografando .....	20
4 - Meus <i>spectrums</i> .....	21
5 - Eu absorta no “cineminha” do quarto .....	23
6 - Câmara escura utilizada por astrônomos para observar manchas solares – desenho datado de 1544 .....	24
7 - Câmara de ver – feita com caixa de papelão .....	25
8 - Desenho esquemático da anatomia do olho humano, com a formação da imagem .....	26
9 - A primeira foto de natureza que tirei .....	29
10 - Meu auto-retrato como fotógrafa .....	32
11 - Grupo indo em direção ao ribeirão Piracicamirim .....	48
12 - Desenho feito na Dinâmica do Gigante .....	148
13 - Desenho feito na dinâmica da câmara humana .....	156
14 - Câmara de ver com zoom .....	158
15 - Erik vendo a Ana Paula com a câmara de ver com zoom .....	158
16 - Desenho do Vauderi sobre a natureza .....	189
17 - Foto que o Marquinhos tirou na 1ª Feira Ambiental .....	190
18 - Grupo Água é Vida em vários momentos .....	195



EDUCAÇÃO E FOTOGRAFIA  
CONTRIBUIÇÕES À PERCEPÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS

AUTORA : FLÁVIA MARIA ROSSI DE MORAIS  
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCOS SORRENTINO

**RESUMO**

Esta pesquisa visa contribuir para a produção de conhecimentos sobre processos educacionais voltados à compreensão dos problemas sócio-ambientais e à atuação na proteção dos sistemas naturais e na melhoria da qualidade de vida. O problema trabalhado foi a degradação ambiental e a alienação de jovens em relação às condições dos seus ambientes – do subjetivo e corporal ao entorno e global. Fundamentado na multirreferencialidade e na complexidade, este trabalho pretendeu avaliar as possíveis relações entre o problema apresentado e quais seriam as possibilidades de processos educativos colaborarem na superação dessas questões. Para tanto foi realizada uma intervenção educacional, num bairro de periferia da cidade de Piracicaba, visando o estímulo à atuação de jovens em seu ambiente. O ensino da fotografia pin hole, de forma criativa e operativa, foi utilizado nas intervenções para estimular a percepção dos problemas ambientais e se mostrou uma técnica eficaz para a elevação da auto-estima e para a valorização e proteção do ambiente.

## EDUCATION AND PHOTOGRAPH CONTRIBUTIONS TO THE PERCEPTION OF AMBIENT PROBLEMS

Author: FLÁVIA MARIA ROSSI DE MORAIS

Adviser: PROF. DR. MARCOS SORRENTINO

### SUMMARY

This research aims to contribute to the production of knowledge on educational processes directed to the understanding of the social-environment problems and increase the performance of natural systems protection and improvement of life quality. The study is on the ambient degradation and the youth alienation in relation to the conditions of its environments - from subjective and corporal to around and global. Based on multi-reference and complexity, this study intends to avail the possible relations between the environment issue and what would be the possibilities of educational processes to collaborate on the overcoming of these questions. To do so, an educational intervention was carried through, in a quarter of Piracicaba periphery aiming at the stimulation to the performance of young in its environment. The teaching of “pin-hole” photograph, on a creative and operative way, was used on interventions to stimulate the perception of environment problems. It turned in to an efficient technique to increase of self-esteem and the care and protection of the environment.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar aspectos da educação ambiental, através de intervenções educacionais. Avalia-os como propiciadores de um aumento na percepção e uma diminuição da alienação de jovens em relação a problemas sócio-ambientais.

A narrativa é de forma bem pessoal, pretendendo estabelecer um diálogo com o leitor e contribuir para a reflexão dele em relação à sua própria história. Apresenta-se dividida em seis capítulos: introdução; revisão de literatura; metodologia; resultados e discussão; e as considerações finais. Fundamenta-se nos conceitos de multirreferencialidade, complexidade e pedagogia da autonomia, e em alguns conceitos da Comunicação Social como indústria cultural, mídia e semiótica que serão definidos ao longo do texto e especialmente na revisão de literatura.

Pretendo utilizar da bricolagem para tentar compreender a relação de uma comunidade, especialmente dos jovens, com seu meio e as possibilidades de atuação em prol da melhoria das condições sócio-ambientais. A bricolagem, é um conceito ligado à multirreferencialidade, que será melhor explicado no capítulo sobre a metodologia: simplificando, podemos dizer que é uma espécie de “colagem” de dados e de formas de interpretá-los.

As atividades de intervenção foram realizadas junto a um grupo de jovens de um bairro da periferia urbana de uma cidade do interior paulista localizada a 150 km a oeste da capital. As experiências mais significativas serão analisadas sob do ponto de vista da expressão individual e coletiva através de produções artísticas como estimuladoras de percepção ampliada de si mesmo e dos problemas sócio-ambientais.

A hipótese de que o ensino criativo da fotografia pode contribuir para a ampliação da percepção sobre as condições sócio ambientais será comentada no capítulo 4 - Resultados e Discussão, levando em conta as três práticas de que a fotografia pode ser objeto, propostas por Roland Barthes: *spectrum, spectator, operator*.

### 1.1.1 A formação de educadores

Falar sobre educação e formação de educadores ambientais é, antes de mais nada, falar sobre a nossa própria formação e construção como educadores, “construção” como seres humanos. A Educação Ambiental trabalha com seres humanos, e quanto mais nos conhecemos, nos avaliamos, nos educamos, mais aptos estamos para atuar com e como educadores.

Faço minhas, as palavras de Michel Lobrot :

*“Falar do homem sem falar de si próprio seria como falar de uma humanidade na qual não estaríamos, da qual seríamos excluídos e que nos seria estranha. Com efeito, não somos a humanidade mas também não somos só uma parte dela. Somos a parte que melhor conhecemos, que conhecemos do interior e à qual aderimos”* (Lobrot, 1977 p. 09)

Apoio-me em outros trabalhos de renomados profissionais em educação: - uma delas é a professora Ivani Fazenda que, no texto “Reflexões metodológicas sobre a tese: *“Interdisciplinaridade – Um projeto em parceria”* fala sobre a metodologia usada na sua tese de livre-docência, que aproxima-se da metodologia da Ego-História, ou seja:

*“uma metodologia que nasce do cruzamento de dois grandes movimentos que se impõem na atualidade: por um lado o abalo das referências clássicas da objetividade histórica, por outro , a investigação do presente pelo olhar do historiador”* (Fazenda, 2001, p.147).

Ela diz que essa metodologia denuncia a tradição dos pesquisadores de se apagarem e se exprimirem somente por intermédio de outros. Mas enfatiza que embora contemplem aspectos pessoais e subjetivos do pesquisador, não se constitui uma autobiografia.

Este trabalho não se tratará, evidentemente de um texto autobiográfico, nem estarei pretendendo fazer uma ego-história, mas darei elementos de minha história de vida para compreender e explicar as escolhas que fiz, os caminhos que tomei. Tentarei dialogar com muitos autores, não para me mostrar através deles, mas para dizer que não estou só, tanto na forma como conduzirei este texto, como nas idéias que permearam toda a minha vida e mais recentemente, meu trabalho:

*“O que está em causa é explicar a própria história do pesquisador como se fosse a de outrem, de o pesquisador tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador e pesquisador, a ligação existente entre a história de educador, por exemplo – no nosso caso -, que cada um faz e a história de que cada um é produto.”* (Fazenda, 2001, p.147).

Não me vejo como outrem, nem me dirijo um olhar frio, mas pretendo ser englobante e explicativa. Pretendo falar da história de que fui produto e também da que fiz. E reforçando essa idéia, tenho a intenção de dar o testemunho. A necessidade de mostrar a verdade interior, de refletir sobre si mesmo e o outro. *“Vamos molhar os pés, tornando nosso, de cada um, o desafio de pensar, expor e ouvir o outro (...)”* (Sorrentino, 2002, p.15)

Pretendo mostrar como se formaram e se solidificaram minhas “paixões” pela natureza e pela fotografia, e atualmente pela educação. Que esse testemunho, essas declarações de amor e paixão, sejam úteis às reflexões de todos aqueles que pretendem se construir como ambientalistas, educadores e defensores de uma causa.

Outra razão para encaminhar o trabalho desta forma, é que nele, serão feitas análises de fotografias à luz da semiologia de Roland Barthes, que em seu livro “A câmara clara” toma o caminho do testemunho pessoal. Falando de suas emoções, impressões e desejos. As categorias propostas e analisadas por ele, são muito subjetivas, nos remetendo à nossa própria subjetividade:

*“pela insatisfação em que por fim me encontrava em relação tanto a uns quanto a outros (discursos), eu dava testemunho da única coisa segura*

*que existia em mim (por mais ingênua que fosse): a resistência apaixonada a qualquer sistema redutor” (Barthes, 1984. p.11).*

Barthes foi um importante crítico literário francês, dos anos 50 a 70, que seguindo os passos do lingüista Saussure (1857-1913) nos trouxe elementos para a compreensão de diversas linguagens através da semiologia (ou semiótica<sup>1</sup>) e minha graduação em Comunicação Social, me dá alguns subsídios, e muita vontade de contribuir para a pesquisa em Educação Ambiental, sob esses aspectos. Mas não apenas esses aspectos, pois com certeza, sofri influências de outros referenciais teóricos, em minha vida como estudante e na atuação como educadora, pesquisadora, e participante da equipe interdisciplinar da Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental<sup>2</sup>.

Dentro da perspectiva multirreferencial, que se propõe a ser uma proposta epistemológica na reflexão sobre as ciências e a educação e que pretendo adotar nessa pesquisa, o educador e educando (e a relação entre eles) são vistos numa dimensão subjetiva e simbólica:

*“ Ao trabalhar no limiar da objetivação de sua vida cotidiana ao mesmo tempo em que abre espaço para o subjetivo, para a imaginação e o simbólico, sem dúvida, o professor abre espaço para dar novo entendimento a seu próprio existir e, conseqüentemente, a seu trabalho e espaço de cidadania (escola)” (Barbosa, 2000, p.15).*

Minha atuação profissional como educadora não se limita à educação formal, portanto meu espaço de cidadania se amplia para além da escola: a pesquisa relatada aqui foi realizada numa intervenção educacional não formal.

---

<sup>1</sup> Semiótica e semiologia – embora sejam teorias surgidas em diferentes lugares e autores: a semiótica vem do americano Charles Sanders Peirce - e a semiologia do francês Ferdinand Saussure, são ramos da ciência que tratam de forma semelhante do mesmo objeto: os signos e/ou as diferentes linguagens usadas pelos seres para se comunicarem.

<sup>2</sup> Laboratório pertencente ao Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo . Este laboratório tem o apelido carinhoso de Oca - porque nós da equipe que o integramos nos consideramos uma tribo e o laboratório é nossa casa, se revelando como um importante espaço de convivência, discussão e estudo coletivo. Temos uma interessante proposta de gestão participativa, na qual todos os interessados se envolvem, e que nos ajuda a exercitar os conceitos que trabalhamos em nossa atuação profissional como educadores ambientais. (O folheto explicativo encontra-se no anexo A)

Inspirada em Barbosa (1988 b) gostaria de tentar fazer, comigo mesma, uma escuta sensível, pretendendo (modestamente) fazer uma escuta poética:

*“A escuta poética não é só ver os outros. O pesquisador, ele mesmo, deve ser um criador poético e provocar um desarranjo nesta consciência instituída do grupo. Deve ser um desafio, desestruturar a lógica do grupo. Não é só ouvir/ver/aceitar; é preciso criar/entrar no desafio. Tudo é uma questão de nuance, sensibilidade, intuição. Não existe um ‘pacote’, ‘kit’ de respostas. Tudo se passa no nível da improvisação. Autorizar-se. Começar algo que não se tinha previsto é uma questão muito pessoal que pode levar a um ato extremamente significativo. O que quer dizer: **Autorizar-se/Tornar-se Autor/Criar** . Criar não no sentido de fazer objetos, mas no sentido da filosofia oriental, em que criar é estar de acordo com a criação do mundo; em sintonia com o mundo incessantemente morrendo e se criando.”* (Barbosa, 1988 b, p.86)

Barbosa fala, nessa criação filosófica, que ser autor não é criar objetos. Mas eu considero que além dessa sintonia criativa com o mundo, devemos estimular o espírito criativo proporcionando oportunidades de criação concreta: de uma fala, uma escrita, um desenho, ou seja uma obra concreta que simbolize a criação.

Já vi algumas teses e dissertações em que o(a) autor(a) começa contando sua vida a partir da formatura ou da graduação. Evidentemente este é um momento importante na vida profissional, mas como não penso minha vida cindida entre profissional e pessoal, começo então desde de minha infância, sem pretender fazer psicanálise, embora a multirreferencialidade:

*“assuma decisivamente a contribuição da psicanálise para perceber as implicações que estão presentes no trabalho e na administração da educação (do pedagógico)”* (Barbosa, 1988 b. p.77)

(...) *“A proposta é capturar os ‘andaimos’, os porões ou bastidores da construção. Andaimos nos dois sentidos: no sentido daquilo que deu sustentação, mas não aparece na história oficial do aluno, e no sentido de percalços, imperfeições, restos de materiais, cacos ... (estruturas mentais*

*não conscientes) que fizeram parte do processo de construção e que ainda se fazem presentes.”* (Barbosa, 1988 b. p.77).

Escrevendo essa trajetória, que permeará todo o trabalho, mesmo não sendo o objeto principal dele, meus “andaimos” acabarão aparecendo em minha história oficial de estudante. O que pretendo é dar um testemunho, como já foi dito anteriormente, e fazer uma auto avaliação. Utilizo uma forma bem pessoal de me comunicar: a minha própria linguagem.

No prefácio do livro *Autores Cidadãos – A sala de aula na perspectiva multirreferencial*, Anete Abramowicz nos ajuda a perceber que a vida escolar de cada pessoa, seus desejos e suas histórias são importantes para compreender a educação:

*“o desafio colocado por este livro, de maneira prática e também teórica é o de entender os diversos fluxos que permeiam uma sala de aula. Fluxos de Palavras, de desejos, de subjetividades, de problemas, de dúvidas, de escritas, de forças, de confrontos.”* (Barbosa, 2000, p.09).

Começo a perceber essas coisas em mim como educanda, para estendê-la à minha atuação como educadora e para que nessa atuação, possa olhar para cada educando como um ser completo, com seus desejos, dúvidas e motivações.

Apoio-me também no sociólogo Boaventura de Souza Santos, no livro: “A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência”. Não quero desperdiçar toda a minha experiência de vida, que embora não tenha sido muito diferente de outras vidas que conheço, teve um papel decisivo em minha constituição como sujeito pensante e vivente. Neste livro, Santos (2001) afirma que:

*“(...) o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento emancipatório é autoconhecimento. Ele não descobre, cria. Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor, não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade. Nada há de científico na razão que hoje nos leva a privilegiar uma forma de*



*conhecimento baseada na previsão e no controle dos fenômenos. No fundo, trata-se de um juízo de valor. A explicação científica dos fenômenos é a autojustificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade. A ciência é , assim, autobiográfica.”* (Santos, 2001. pp. 83-84).

### **1.1.2 O quintal, o bairro e um curso d'água.**

Nasci em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais, mas sempre morei em Belo Horizonte, a capital do estado. Desde os dois anos de idade, morei em uma casa, num bairro não muito afastado do centro. O quintal era cheio de árvores, todas plantadas por meu pai, que também cultivava, sempre para consumo da família: mandioca, milho, e até cana e sempre plantou árvores frutíferas, como um enorme abacateiro (este plantado por meu irmão – com a semente da fruta que ele comeu na escola), e com uns 15 anos de vida estava tão alto que teve que ser cortado, pois estava muito perto da casa e os enormes frutos estavam estragando o telhado: mas virou um lindo banco no jardim. Tínhamos bananeiras, laranjeiras, limoeiros, figueira, mexeriqueiras, ameixeiras, goiabeiras e até parreiras, que nos davam uvas no natal! Lembro-me que tudo produzia muito. Sempre comíamos frutas no pé, ou tomávamos sucos preparados com elas. Às vezes meus pais faziam doces de frutas e pamonhas. Eu adorava em especial uma goiabeira. Às vezes chegava a levar um caderno ou livros para ler em cima daquela goiabeira. Tínhamos também três Flamboyants, (que só hoje sei ser uma árvore exótica). Eles cresceram tanto que as copas se encontraram lá no alto, fazendo tanta sombra que acabou prejudicando outras plantas, e então um teve que ser cortado e os outros podados. Dessa forma, guardadas as devidas proporções, posso dizer que acontecia um certo “manejo” naquele quintal agro-florestal<sup>3</sup>, e meu pai nem sabia o que era isso (na teoria), muito menos eu. Acho que poderia aqui, fazer um trocadilho: - Meu pai saiu do interior, mas o interior não saiu de dentro dele.

Tudo isso acontecia num bairro urbano da capital mineira, à 5 minutos do centro. E esse quintal ainda está lá, um pouco modificado, mas ainda tem muitas

árvores, inclusive um enorme pinheiro de araucária (deve ter mais de 15 metros de altura), que plantamos com um inocente pinhãozinho. E uma linda jaboticabeira que meu pai plantou há trinta anos e só agora está produzindo: os netos adoram!

Toda essa relação com a natureza generosa e abundante, a gratidão às árvores e a convivência com duas árvores em especial (uma goiabeira e um grande flamboyant), parece que me levou a dar toda a importância que dou à natureza. Esse contato com as plantas, com os animais, com os ciclos da vida (no nosso quintal e nas férias no interior), foram muito importantes para mim.

Este contato deve ser vivido por todas as crianças, para que se construa um respeito pela vida, pelo natural. Acho que se isso não pode ser feito em casa, deveria pelo menos, ser feito nas escolas, ou em atividades realizadas por ela..

Tento reproduzir isso para minha filha, morando em casa com quintal, e jardim. Mas não é nada fácil, pois tenho que competir com a televisão – que parece que hoje em dia se apresenta, para algumas crianças, e para muitos adultos, mais interessante do que a vida real.



Figura 1 – Eu com dois anos

Naquele quintal urbano, tínhamos galinhas, patinhos, cachorros e às vezes tínhamos porquinhos da índia (preás), apenas para acariciá-los. Tão fofinhos! Nem sei se eles gostavam das nossas carícias, mas creio que essa relação de carinho e cuidado que um animal, ou uma planta exige é muito importante para o contato da criança com o mundo natural. Foto minha, com dois anos, levando água para os pintinhos do galinheiro

Julgo importantíssimo o contato com a natureza, mas não posso obrigar ninguém a gostar de estar o tempo todo nesse contato direto. Joseph Cornell fala no aprendizado sequencial para lidar com a sensibilização no contato com a natureza. Ele

<sup>3</sup> Agro-floresta – sistema de plantio que combina espécies florestais e agronômicas.

fala de um conjunto de princípios relacionados ao ensino como educador naturalista. Cita o renomado botânico Liberty Hyde Bailey, fundador do movimento para o estudo da natureza na virada do século (XIX para XX): “*A sensibilidade em relação à vida é o fruto mais precioso da educação*” (in Cornell, 1997, p.13).

Com minha filha, tento apresentar a natureza gradualmente, primeiramente morando em casa com quintal e realizando muitos passeios de contato com a natureza. – mas ela se interessa mais em ficar na frente da TV, do que no quintal, então, negocio os horários e a programação que ela assiste.

Ceguei a pensar que poderia trazer algo do mundo natural através da TV, já que ela gosta tanto, embora saiba que isso é muito irreal, artificial. Mas vi como é difícil, temos poucas opções: fora raras exceções, quase não vemos na programação infantil da televisão o mundo natural, e sim esses desenhos animados cujos personagens criam animaizinhos mutantes violentos, na eterna luta do bem contra o mal:

*“a cultura ocidental – industrial substitui a natureza por espaços urbanos, e as cores vibrantes que antes estavam na natureza entram nas telas de computadores e tevês. São esses os novos entornos. Então, na verdade, o que se rompe é o elo entre o homem e o entorno natural. E nós não questionamos isso. Pior, consideramos essa situação mais segura e confortável, pois, aparentemente, é mais facilmente controlável”.*  
(Brügger, 2002, p.144)

Interessante Brügger comentar a cultura ocidental sendo que os desenhos que citei são em sua maioria japoneses. Justamente por isso, ela acrescenta o hífen e a palavra industrial – pois é a indústria cultural<sup>4</sup>, que produz esses desenhos.

Rubem Alves nos auxilia a compreender o papel da televisão na educação :

---

<sup>4</sup> Indústria Cultural – termo empregado por Adorno e Horkheimer, em 1947, no livro *Dialética do Iluminismo*, para se referir aos produtos culturais, informações e entretenimentos veiculados através de revistas, jornais, rádio, televisão ou qualquer outro meio de comunicação que atinge a grande massa. Segundo Adorno e os pensadores da Escola de Frankfurt, a indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, dos seus consumidores. Força a união dos domínios, separados a milênios, da arte superior e da arte inferior, com prejuízo para ambos. Explora o estado de consciência e inconsciência dos seus consumidores, considerados não o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (Enciclopédia TUDO, 1977).

*“As escolas se dedicam a ensinar os saberes científicos, visto que a ideologia científica lhes proíbe lidar com os sonhos, coisa romântica! Enquanto isso os meios de comunicação, principalmente a televisão, que conhecem melhor os caminhos dos seres humanos, vão seduzindo as pessoas com seus sonhos pequenos, freqüentemente grotescos. Assombra-me a capacidade dos meios de comunicação para criar sonhos! Mas de sonhos pequenos e grotescos só pode surgir um povo de idéias pequenas e grotescas, ignorando que o essencial, na vida de um país, é a educação”.* (Alves, 1999, p.26-27).

Esses sonhos pequenos criados pela TV, e pelos meios de comunicação de massa em geral, contribuem fundamentalmente para promover a alienação das pessoas, que é aqui entendida:

*“como um processo no qual o indivíduo é levado a não meditar sobre si mesmo e sobre a totalidade do meio social circundante, transformando-se com isso em mero joguete e, afinal, em simples produto alimentador do sistema que o envolve.”* (Coelho, 1980, p.33)

A alienação pode ser considerada um produto da Indústria Cultural que:

*“ pode ser abordada também sob o aspecto das funções exercidas por seu produto, a cultura de massa. (...) cita-se sua tendência para a produção da alienação do homem através do reforço de normas sociais não discutidas, do encorajamento do conformismo social e da marginalização do debate sobre as questões vitais da sociedade.”* (Coelho, 1980, p.30)

Posso dizer que minha infância não teve muita presença de televisão. E embora essa mídia não tenha sido ausente em nenhuma fase de minha vida, considero que ela me influenciou pouco. Admito que essa consideração possa até ser ingenuidade minha, pois já não posso dizer o mesmo da Indústria Cultural como um todo. Esse assunto será retomado posteriormente, pois ele nos ajuda a compreender as causas da alienação das pessoas em nossa sociedade, Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach em seu livro Teorias da Comunicação de Massa nos dizem que:

*“as influências da mídia de massa na sociedade não serão as mesmas de uma época para outra. Por conseguinte, é difícil descrever regularidades ou formular explicações acerca dos efeitos da comunicação que sejam válidas para todos os cidadãos em todas as épocas. (...) devido à natureza evolutiva da mídia por um lado, e da sociedade por outro”.* (DeFleur & Ball-Rokeach, 1993).

Além do nosso quintal, o ambiente em que eu vivia, não havia a presença de uma natureza vigorosa. O bairro em que morávamos era de classe média, todo urbanizado, quase sem árvores nas ruas e mesmo nas casas. Tinha até uma pracinha que era toda construída, cimentada, com uma fonte no meio, mas sem nenhuma árvore. Havia uma favela que ficava a alguns quarteirões abaixo da minha casa. Essa favela ficava à beira do ribeirão Arrudas, um ribeirão que corta a cidade de Belo Horizonte e que naquela época, década de 60 – já era totalmente poluído. Na década de 70 essa favela começou a ser retirada de lá, e o ribeirão foi sendo canalizado e dando lugar à uma avenida, inaugurada na década de 80, chamada Via Expressa, que é hoje uma importante via de acesso aos bairros e cidades industriais da Grande Belo Horizonte; e à rodovia Fernão Dias (que liga B.H. com São Paulo – 600 Km).

O ribeirão Arrudas é um afluente do Rio das Velhas: um grande, e infelizmente poluído, rio de Minas Gerais. Este ribeirão foi canalizado na área mais central da capital, e em outras partes teve seu leito quase todo cimentado.

Naquela época eu era alienada em relação a tudo isso. Mas hoje, ao estudar e trabalhar com bacias hidrográficas, vejo o absurdo de tudo isso: em nome do progresso (para alguns) uma avenida é construída em cima de um ribeirão. A população mais pobre, que em geral se amontoa em favelas na beira do ribeirão, é sempre jogada para o pior local da cidade, talvez um outro curso d’água agonizante. A morte e o *sepultamento*, (um verdadeiro “topocídio”, que explicarei mais à frente) de um ribeirão aconteceu sob meus olhos e eu só percebi isso 20 anos depois. Sabendo que isso ocorre em vários locais, motivo-me cada vez mais a trabalhar com a percepção de problemas ambientais, pois não poderemos mais dispor dessas águas sagradas que brotam da terra e

que são essenciais para a vida de todo o planeta. O ribeirão Piracicamirim, minha área de estudo, ainda tem esperanças!

Morando na cidade de Piracicaba, me encantei pelo seu principal rio e também pelo ribeirão Piracicamirim, através dos contatos visuais e das imagens fotográficas que fiz dele, e gostaria que outras pessoas também pudessem construir em si e em outros uma boa imagem daquele ribeirão que ainda pode ser salvo - assim será mais fácil salvá-lo.



Figura 2 – Ribeirão Piracicamirim

### **1.1.3 Minha vida escolar**

Falarei um pouco de minha vida escolar, pois tenho lembranças que me dão a direção do meu trabalho como educadora.

Desde o jardim de infância até o quarto ano, estudei em uma escola pública no centro da cidade. Dessa primeira escola, lembro-me de várias coisas que considero importantes para minha vida. Era uma escola grande, várias classes de cada ano e tinha um grande pátio, uma área com árvores e um amplo auditório, onde eram realizados os eventos. Lembro-me que desde o jardim de infância fazíamos muitas atividades de teatro. Tínhamos uma bandinha, tipo fanfarra, e nos apresentávamos até fora da escola. Esse desenvolvimento para o teatro, a música, as artes enfim, são essenciais para a formação de um ser humano completo.

Fizemos, nessa escola, outras atividades artísticas importantes para o desenvolvimento de minha expressão e penso que ajudaram a me tornar autora, de várias obras e da minha vida em geral.

As professoras eram muito queridas e ficavam por muitos anos na mesma escola. Em minha família, somos quatro filhos com diferenças de dois anos de idade, e fomos todos alunos da mesma professora na 1ª série . Essas situações escolares podem ser vividas pelas crianças em todas as épocas em que a educação for exercida com respeito ao ser humano: - tanto do educador como estudante.

A multirreferencialidade<sup>5</sup> ajuda-me a considerar a importância da relação educador – educando. Ela abre o espaço para essa relação que sempre acreditei ser necessária. Abre espaço para os desejos, o autoconhecimento, a construção conjunta do saber. Uma diferença nas relações de poder:

---

<sup>5</sup> - Multirreferencialidade – forma de abordagem teórica proposta por Jacques Ardoino e vários outros autores, que será melhor explicada na Revisão de Literatura.

*“O educador e o educando, na alteração que os corta numa perspectiva multirreferencial, não põem fim às relações de poder que os perpassa, mas abrem as portas à possibilidade do encontro, sabendo das dificuldades da relação, mas vivendo-as enquanto experiência única de reconciliação com sua humanidade, vidas – um outro que também fala, pensa tem vontades, sofre, chora e sorri. Experimentar a presença do outro é a condição de possibilidade de ambos afirmarem suas diferenças e suas emotividades, mesmo que as verdades que outrora foram consolidadas se desmanchem no ar” ( Jardim, 2000, p. 34).*

Temos, no Brasil, boas escolas (públicas e particulares), mas às vezes, elas me parecem perdidas em meio a tantas questões que impactam a educação – desde a falta de salários dignos a planos pedagógicos ausentes ou não vivenciados pelo conjunto dos docentes. O ensino parece perdido.

Ardoino aponta que:

*“o estabelecimento escolar é um lugar de vida, uma comunidade, que reúne um conjunto de pessoas e de grupos em interação recíproca. As relações que o vivido coletivo tece no decorrer das situações sucessivas estão inscritas numa duração, carregadas de história(...) e se encontram mesmo assim determinadas mais pela dinâmica das pulsões inconscientes e da vida afetiva, (...) do que pela lógica de um sistema que pretende dividir funções e estabelecer tarefas para bem conduzir missões.” (Ardoino, 1998 a, p.34)*

O professor, enquanto profissional está muito desvalorizado e desmotivado. O conteúdo das disciplinas não necessariamente cobre o interesse e as necessidades da vida do estudante. Talvez a educação devesse tratar mais dos valores que dos conteúdos, deixar a curiosidade do educando direcionar os conteúdos, como na tão falada Escola da Ponte<sup>6</sup>, visitada por Rubem Alves. Nas diversas tendências

---

<sup>6</sup> Escola da Ponte – escola descrita no livro “A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” de Rubem Alves - localizada em Portugal, com muitas características originais, como: um único espaço partilhado por todos, sem separação por turmas, nem faixa de idade e sem divisão por disciplinas. (ver bibliografia)



educacionais, na prática escolar o construtivismo<sup>7</sup> e outros estudos fundamentais tentam esse direcionamento à partir do envolvimento, da participação e do envolvimento dos estudantes.

O Ministério da Educação frequentemente lança publicações com propostas educacionais, que na teoria são razoáveis. Mas, infelizmente, não vemos sua aplicação prática com tanta frequência.

Não podemos esquecer as iniciativas individuais que se desenvolvem em termos de educação ambiental. Mas no geral, a escola pública ainda trata o tema de forma pontual, comemorando datas, como o dia da árvore, o dia do índio, a semana da água e um ou outro projeto ligado a reciclagem, que não discute a questão, como bem trata Philippe Layrargues em seu texto “Cinismo da reciclagem”:

*“Essa prática educativa, que se insere na lógica da metodologia da resolução de problemas ambientais locais de modo pragmático, tornando a reciclagem do lixo uma atividade-fim, em vez de considerá-la um tema gerador para o questionamento das causas e conseqüências da questão do lixo, remete-nos de forma alienada à discussão dos aspectos técnicos da reciclagem, evadindo-se da dimensão política”.* (Layrargues, 2002, p. 180).

No texto inicial da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o então Ministro da Educação, Sr. Paulo Renato Souza diz que o objetivo da publicação é auxiliar o professor na execução de seu trabalho, e ele mesmo faz a ressalva:

*“Sabemos que isso só será alcançado se oferecermos à criança brasileira pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania. Tais recursos incluem tanto os domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar quanto as preocupações contemporâneas como o meio ambiente, com a saúde, com a sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade”.* (...) *“Estamos certos de que os Parâmetros*

---

<sup>7</sup> Construtivismo – teoria educacional fundamentada nos estudos psicogênicos de Jean Piaget, que consiste em criar e coordenar relações que contribuam para a construção conjunta do conhecimento.

*serão instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas em sua escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático.”* (Brasil, 1997).

Ou seja, no papel está tudo lindo! Mas e na prática? Será que todos (as) professores(as) têm esses livros de PCN como guias? Será que esses parâmetros são discutidos, analisados, incorporados no planejamento e no cotidiano do professor? Parece que não, pois a realidade é bem diferente. A profa. Maria de Lourdes Spazziani e seus colegas Ronaldo Souza de Castro e Erivaldo Pedrosa dos Santos fazem uma boa discussão dos PCN no texto “*Universidade, Meio Ambiente e Parâmetros Curriculares Nacionais*”. Quanto a questão da elaboração dos PCN afirmam:

*“Os PCN, como uma das incumbências do MEC de promover competências e diretrizes, juntamente com os estados e municípios, têm sido alvo de críticas, em especial quanto ao processo elaborativo, o qual foi permeado de uma metodologia de construção de documento baseada na centralização, sem participação dos órgãos e entidades representativas da área educacional, sem discussões amplas com a sociedade”* (Kramer, citado por Castro e Spazziani, 2000, p.167)

A falta de discussão dos PCN em reuniões pedagógicas não os fazem ser apropriados (no sentido dos profissionais de ensino o sentirem como sendo seus ) e utilizados.

*“Na realidade, o que temos visto nesses anos iniciais de sua utilização na escola são adequações dos planos e programas curriculares dos professores aos conteúdos propostos nos PCN, sem que isso reflita mudanças na prática da sala de aula. Ou seja, vemos intenções explicitadas nos programas de acordo com os PCN, mas a prática pedagógica, inclusive os conteúdos trabalhados de fato, não sofreram mudanças significativas.”*(Castro e Spazziani, 2000, p.168)

E esses autores concluem que:

*“Para o efetivo alcance dos objetivos dos PCN, necessária se faz uma capacitação e formação continuada de professores, no sentido de superar a falta de clareza quanto à relação entre conteúdos e transversalidade, bem como de se suplantarem lacunas metodológicas”.* (Castro e Spazziani, 2000, p.168)

E mais uma vez a multirreferencialidade vem auxiliar na compreensão das dificuldades do cotidiano docente:

*“Na prática pedagógica atuam e tornam a atuar, todos os dias, contradições possíveis e impossíveis de ultrapassar. Sentimentos e emoções fazem parte da ambigüidade existente no espaço da escola, percorrida, de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica de seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflitual”* (...) *“Assim, a cada professor está designado reconstruir no dia-a-dia, de maneira mais ou menos intuitiva, uma política da educação, uma ética de relação, uma epistemologia dos saberes, uma transposição didática, um contrato pedagógico e uma teoria de aprendizagem – aí se encontra a complexidade.”*(Sicardi, 2000 p. 56).

Os saberes que Paulo Freire nos aponta em seu livro: *Pedagogia da Autonomia*, que serão comentados posteriormente, deveriam ser constantes na prática educativa. Este pequeno livro, por seu amplo e sério conteúdo (e tendo edições de bolso - com preço bem acessível) deveria ser lido e discutido por todas as escolas, ampliando o debate, tão necessário, sobre a ética profissional, sobre metodologias, sobre formas de avaliação não autoritárias. A enumeração desses saberes cumpre um importante papel de direção da vida docente, no sentido da construção da autonomia do educando. A experiência como aluna e depois como professora, e como aluna novamente, no mestrado, me fazem pensar que o aluno deve estar presente na construção conjunta do saber. É isso que tento mostrar ao longo desse trabalho.

À partir da 5ª série estudei em escolas particulares, que também foram boas em algumas coisas e ruins em outras, mas creio que minha história como estudante foi muito privilegiada. Não entrarei em mais detalhes de minha história de aluna, pois o importante é o que irei concluir a seguir: de toda a minha vida escolar concluo que tive qualidade de ensino, liberdade como aluna e sinto que fui bem estimulada, na criatividade e na curiosidade, tanto na escola pública quanto nas particulares. Evidentemente deve ter tido muito tolhimento de criatividade e formação nos moldes mais rígidos – tanto que eu sempre arrumei uma forma de “matar” as aulas. Mas me lembro especialmente das coisas boas, pois acho que foram elas que me fizeram estar ainda hoje na escola, tanto no papel de estudante como no de professora. Tenho profunda gratidão a Deus, e a meus pais, por minha vida de estudante ter sido feliz. E minha forma de agradecer é tentar proporcionar felicidade e bons sentimentos pelo menos para as pessoas com quem convivo e trabalho.

#### **1.1.4 A paixão pela fotografia**

Para contar minha paixão pela fotografia e os motivos que me levaram a querer estudá-la tanto e agora ensiná-la da forma como ensino, tenho que voltar no tempo e me referenciar a Roland Barthes.

Desde muito pequena, eu adorava ver os álbuns de fotos de minha mãe. Álbuns antigos com capas acolchoadas e páginas de um papelão meio cinza arroxeadado. As fotos, com molduras brancas recortadinhas, presas por cantoneiras. Minha mãe tinha um pequeno álbum de quando ela era criança e depois adolescente e um grande álbum com as fotos do casamento, com uma capa de madeira machetada. Eu sempre pedia para rever os álbuns. Eles me chamavam atenção desde as capas, pois cada uma tinha um significado para mim.

Dessa forma, a minha primeira relação com a fotografia foi a de olhar e admirar, na categoria chamada por Roland Barthes, em seu livro “A Câmara Clara”, de *Spectator*: “*O spectator somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos.*” (Barthes, 1980 p. 20). Barthes mostra em seu livro, todas as emoções e relações interessantes que ele tem com as fotografias em geral,

mas descreve particularmente a relação importante que tem com uma foto de sua mãe. Na revisão de literatura me aprofundo mais nessas categorias propostas por Barthes. Por enquanto, esta pequena explicação é suficiente.

Minha mãe, nos seus primeiros álbuns era *spectrum*. Mas quando adulta, ela tinha uma câmara e se tornou *operator* produzindo belas fotos de seus filhos. Sua câmara era de qualidade razoável e nos fotografava com frequência, depois montava bonitos álbuns. Do meu irmão mais velho e de minha irmã, ela fez um lindo e delicado álbum. Era pequeno, mas cheio de páginas, como o dela de criança, que descrevi acima.

Sendo a terceira filha, minhas primeiras fotos já faziam parte de um outro álbum, este bem maior, com a capa também acolchoada, onde se vê uma foto do Estádio do “Mineirão”, no final de sua construção. Este estádio é um símbolo de Belo Horizonte, e fica ao lado da Lagoa da Pampulha, outro ponto turístico da capital. Acho que esta foto na capa caracteriza bem que o começo de nossas vidas (nós, os filhos) foi nesta cidade. Este álbum continha fotos de todos os filhos, a partir de 1963, que foi quando nasci. Neste álbum, além de *Spectator*, sou também um *Spectrum*, na concepção de Barthes:

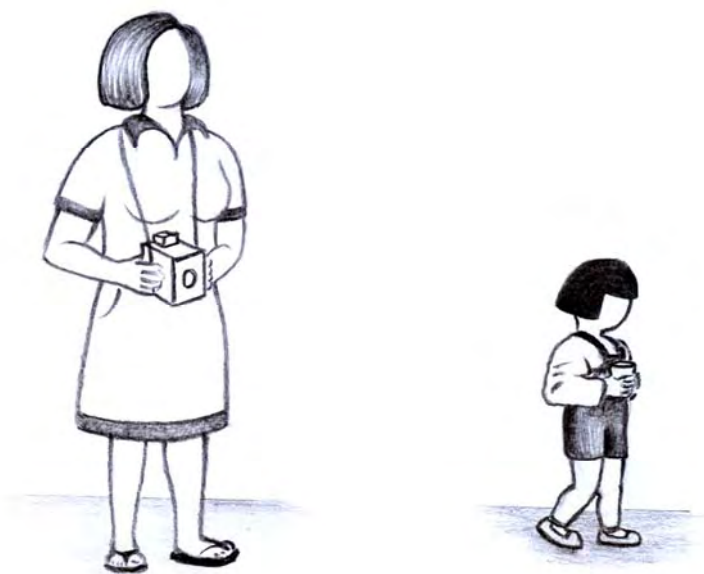
*“aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de ídolon emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de spectrum da fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o ‘espetáculo’ e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia : o retorno do morto”*  
(Barthes, 1980, p.20)

Spectrum ou espectro é o feixe de luz colorido que é formado pela luz branca quando atravessa um prisma, e que mostra as cores do arco-íris. Uma imagem que se forma depois de passar por uma lente, quase como uma foto mesmo. Mas também é um outro nome para fantasma, por isso Barthes, um pouco mórbido, fala que a foto trás o morto, trás o espectro de algum momento que não existe mais.

As fotos que minha mãe tirava eram bem boas. Isso se dava por dois fatores: pela sensibilidade estética dela e porque o modelo da câmara dela era com visor indireto, na parte superior, isso fazia com as fotos tivessem que ser tiradas com a câmara posicionada na altura do abdômen. Essa posição favorece fotografias de crianças, pois

proporciona um ângulo de visão mais baixo, na altura da criança. O que faz com que a foto fique com boa composição, pois a criança não se mostra vista de cima para baixo, como na maioria das fotos de amadores. A posição vista de cima para baixo dá um aspecto de subjugada, e exagera a proporção da cabeça em relação ao corpo, que já é naturalmente maior do que a dos adultos.

Mamãe fazia as fotos, colava no álbum e escrevia abaixo, com uma bonita letra, uma legenda: às vezes a data, os nomes das pessoas, a idade em que estavam na foto, ou até uma brincadeira. Essa brincadeira de legenda para fotos é muito gostosa, e estimula bastante a criatividade e a reflexão sobre o trabalho produzido, por isso trabalho esta atividade em minhas oficinas.



Roland Barthes diria que aquela mala está cheia de *spectrums*, nos dois sentidos, pois são pessoas fotografadas e muitas já estão mortas. Abaixo uma das fotos mais antigas da mala, que foi tirada em 1918: minha avó Maruca está posicionada ao centro do grupo, atrás dos avós dela, meus tataravós, que por incrível que pareça, chamavam-se Possidônio e Possidônia (fato irrelevante para este trabalho, mas engraçado demais para não ser citado).

Nesta foto, devido ao tempo necessário para exposição, percebe-se que todos estão apoiados para não se mexerem, cadeiras e sombrinhas servem de apoio. A menina mais novinha que está em pé em cima da cadeira não conseguiu ficar tão parada, e vemos seu rostinho meio borrado. Ela é a única da foto que está viva, com 88 anos.



Figura 4 – Meus *spectrums*

Na casa de minha avó Maruca, que era (e ainda é) uma pensão, quando eu era bem pequena, acontecia uma coisa que me encantava, e que só bem mais tarde soube que tinha a ver com fotografia: fui *spectator* de uma outra forma de imagem. Conto esse episódio, pois ele é muito importante para minha atuação como professora de fotografia, ao final dele direi porque é tão importante.

#### **1.1.4.1 Brincando de “cineminha”**

Em minhas férias, eu sempre ia para o interior, pois minhas duas avós moravam em Pouso Alegre. Já estávamos na década de setenta, mas as charretes, puxadas por cavalos, ainda eram um meio de transporte corrente na cidade. Sempre acordava com o som dos cascos dos cavalos batendo no chão de paralelepípedos. Para mim é um som delicioso! “*Pó clop, pó clop*” (o som do teclado em que escrevo é parecido). Quantas sensações essa lembrança me proporciona! Tenho topofilia por esse lugar. Esse sentimento, topofilia, será explicado na revisão de literatura, por enquanto só devo dizer que é um sentimento bom!

Os quartos de frente da pensão ficavam voltados para o oeste. E havia um muro branco, do outro lado da rua, em frente às janelas dos quartos. Quando o sol iluminava o muro, no meio da manhã, que era a hora que eu acordava e estava com a janela fechada, entrava um feixe de luz por uma pequenina fresta da janela (era uma veneziana de madeira, bem vedada). O quarto ficava bem escuro. E a fresta fazia formarem-se as imagens na parede oposta do quarto.

Eu me encantava com esse efeito, ficava olhando e tentando entender aquilo. Mostrava ao meu irmão menor, e acabamos descobrindo que eram as imagens do que passava lá fora. Então comecei a chamar também outras crianças para verem, irmãos e primos, e até adultos, dizendo: - Vamos brincar de cineminha?

Com relação ao desenho, figura 5, tenho que explicar que a imagem na parede era bem mais achatada horizontalmente, por causa da fresta da veneziana, e era mais clara, pois era o reflexo da luz mesmo, mas como esquema o desenho está muito representativo daqueles momentos: eu totalmente absorta no “cineminha”.



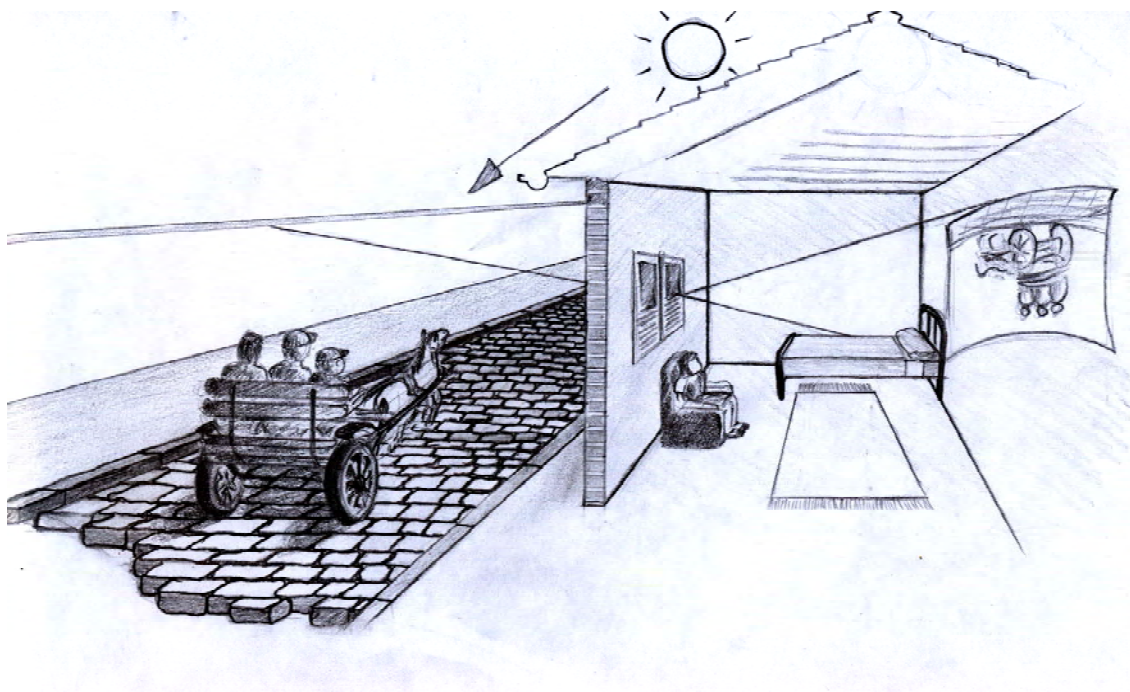


Figura 5 – Eu absorta no cineminha do quarto da pensão de minha avó.

Quando as charretes, ou os carros que passavam tinham cores fortes, dava para ver a cor. O vermelho era bem visível. Eu sempre achei aquilo muito divertido. Gostava de ficar olhando. Perguntava-me como aquilo acontecia. Hoje sei que é esse o princípio da câmara escura.

Descobri que o que estava na parede era a projeção do que estava lá fora, pelos sons que ouvia e outras evidências, mas não sabia que era o ângulo de inclinação do sol que iluminava bastante e o muro branco atrás que ajudava a projetar bem as coisas, que passavam por um pequeno vão da fresta da veneziana.

É uma propriedade da luz de se propagar em linha reta que faz com que cada ponto de luz refletida seja organizado em um feixe que passa pelo orifício, e projeta as imagens na parede. Na época não pensava no porque que aquilo acontecia, eu só gostava de ver e nunca me esqueci disso. Nunca ninguém me explicou. Acho que poucas pessoas, além dos físicos, sabem dessa propriedade da luz. Mas isso já é conhecido desde a Antigüidade clássica.

Só fiz a associação com a câmara escura bem recentemente. Quando morava em São Paulo, e via imagens como essas passando no teto de meu quarto.

Quando vi a imagem do esquema de uma câmara escura, tive certeza que estava dentro de uma.



Figura 6 - Câmara escura utilizada por astrônomos para observar manchas solares – desenho datado de 1544

Essa experiência ficou guardada em minha memória por muito tempo, e somente depois que me tornei professora de fotografia é que comecei a falar para os meus alunos sobre essa “mágica” que acontece em alguns quartos escuros.

Hoje posso refletir sobre o que a experiência do Brincar de Cineminha “revela” de mim, como pessoa, como fotógrafa, como professora de fotografia e como educadora.

- A observação,
- A curiosidade,
- O gosto por olhar.
- A vontade de descobrir como as coisas são.
- A vontade de compartilhar descobertas com outras pessoas (educar?).

Desde muito pequena, penso na formação da imagem e isso me encanta. E o que me encanta, eu quero compartilhar, quero chamar as pessoas para verem. Esse é o papel do educador?

Acho que sim. Instruir com encantamento. Mas como saber o que encanta e como encantar?

Se eu gosto do que estou fazendo eu transmito uma energia positiva que pode encantar. Mas cada pessoa tem seus próprios interesses, motivados por razões que “a própria razão desconhece”. Então o grande desafio do educador é entender os desejos dos educandos, para trabalhar conceitos, valores e conteúdos de forma encantadora.

Hoje, quando construo uma “caixa de ver”, me lembro daquele cineminha. A caixa de ver que podemos colocar a cabeça dentro.

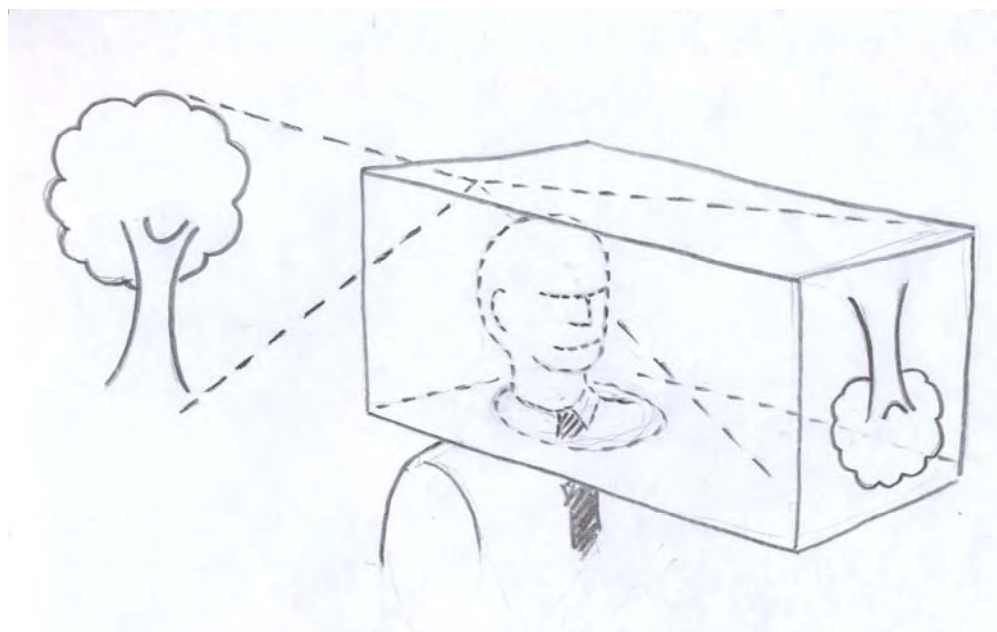


Figura 7 - Câmara de ver - feita com caixa de papelão

Gostaria de reproduzir o que acontecia naquele quarto num lugar para mostrar para as pessoas. Quando explico a simplicidade da formação da imagem através de um furinho, que é o mesmo princípio da nossa visão, dos nossos olhos, eu acho que contribuo para a compreensão de algumas coisas, além de só imagem. A simplificação, a desmistificação dos aparatos tecnológicos. Até a visão fica mais simples de explicar, pois nosso olho é uma câmara escura: uma pequena peça dessa maravilhosa máquina

que é o nosso corpo. Na ilustração podemos ver a formação da imagem no fundo dos olhos, no nervo ótico (1). A nossa pupila (2) é como o orifício da câmara escura.

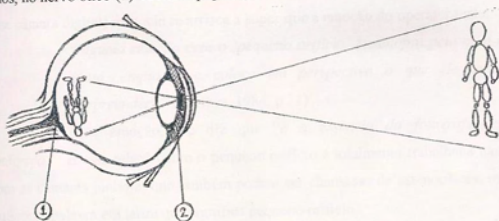


Figura 8 - Desenho esquemático da anatomia do olho humano, com a formação da imagem

A curiosidade me fez descobrir o que formava as imagens. Descobri que eram imagens e quis mostrar minha descoberta para outras pessoas. Procuo despertar a curiosidade quando falo da fotografia. Paulo Freire também fala da curiosidade que deve ser trabalhada pelo professor:

*"Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade."* (Freire, 2002, p.95)

#### 1.1.4.2 Eu: fotógrafa

Aos 12 anos me tornei uma *operator*, que para o semiólogo Roland Barthes é o fotógrafo. Ganhei minha primeira câmara fotográfica de Natal e aí não parei mais de fotografar, de estudar fotografia e de pensar na fotografia como uma forma de expressão.

Barthes fala pouco do operator, pois ele não era fotógrafo, se dizia muito impaciente para isso: precisava ver imediatamente o que produzia (hoje ele poderia ter uma câmara digital) mas ele se arrisca a supor que a emoção do operator tenha:

*“alguma relação com o ‘pequeno orifício’ (estênopo) pelo qual ele olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer captar (surpreender).”* (Barthes, 1984, p.21)

Essa emoção, ele diz que *“é a essência da fotografia-segundo-o-fotógrafo.”* E essa relação com o pequeno orifício é totalmente trabalhada nas oficinas com as câmaras pinhole, que também podem ser chamadas de estenopéicas, relativo ao estênopo, palavra em latim que significa pequeno orifício.

As minhas emoções com a fotografia começaram como *spectator* e como *spectrum*, mas se desenvolveram totalmente como *operator* pois eu queria ser fotógrafa para me expressar. Como achava que não sabia desenhar e queria produzir imagens bonitas, estas seriam feitas através da fotografia. Hoje, penso um pouco diferente pois acho que até poderia desenhar se quisesse desenvolver essa aptidão, como acho que todos podem se realmente quiserem. E sei que não é uma questão só de aprender a técnica, mas também de desenvolver os sentidos, principalmente o olhar.

Assim como Barthes, também não gosto muito de ser *spectrum* :

*“a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem.”* (Barthes, 1984, p.22)

Das fotos em que era pequena eu gosto, pois saía bonitinha, mas depois comecei a me achar pouco fotogênica e a partir de então me sinto tão desconfortável como Barthes:

*“eu a vivo na angústia de uma filiação incerta: uma imagem – minha imagem – vai nascer: vão me fazer nascer de um indivíduo antipático ou um ‘sujeito distinto’ ”?* (Barthes, 1984, p.23)

Todas essas sensações eu compartilho com Barthes. Sei que é porque não me vejo bem nas fotos. Quando por acaso alguma sai boa, então eu gosto. Mas a sensação da câmara me olhando me incomoda.

*“Eu queria, em suma, que minha imagem, móbil, sacudida entre mil fotos variáveis, ao sabor das situações, das idades, coincidissem sempre com meu ‘eu’ (profundo, como é sabido); mas é o contrário que é preciso dizer: sou ‘eu’ que não coincido jamais com minha imagem; pois é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (por isso a sociedade se apóia nela) e eu sou leve, dividido, disperso e que, como um ludião, não fico no lugar, agitando-me em meu frasco”... .” (Barthes, 1984, p.24).*

Comentei essas sensações para dizer o quanto me admira que as pessoas façam autoretratos com a pinhole. Justo com essa técnica que deixa o rosto das pessoas tão esquisito. Desses auto retratos com pinhole voltarei a falar bem mais à frente, quando estiver analisando as oficinas de fotografia.

Ao contrário de Barthes adoro ser uma *operator*, gosto de esperar a revelação e gosto de revelar também. Adoro fotografar tudo que acho bonito: flores, paisagens e também gosto muito de fazer retratos – que não é o sinônimo de foto e sim fotos específicas de pessoas (ou personagens), mas isso às vezes pode incomodar as pessoas. Não gosto de incomodá-las, pois se elas não ficam naturais a foto demonstra isso. Vejo que os melhores retratos que faço são: de crianças que muitas vezes não percebem ou nem sabem o que é a câmara; e de pessoas que se sentem confortáveis frente à câmara.

Desde que ganhei a câmara, sempre a levava nas minhas viagens de férias e gostava de tirar algumas fotos das pessoas para guardar de lembrança, mas gostava especialmente de fazer fotos de coisas que eu considerava bonitas: paisagens, flores, crianças e etc.

A fotografia reproduzida na próxima página, eu tirei com 14 anos. Foi a primeira foto que achei “artística”. Me encantei com a foto. Mande ampliar, e fiquei orgulhosa da minha produção.

É uma foto de paisagem, que retratava a natureza – um curso d’água que na foto ficou bonito mas já era um córrego um pouco degradado (mas eu e minhas primas nadávamos nele).

Gostei da composição, gostei de mostrar a natureza daquela forma bonita e depois disso, sempre gostei de fazer fotos de paisagens.

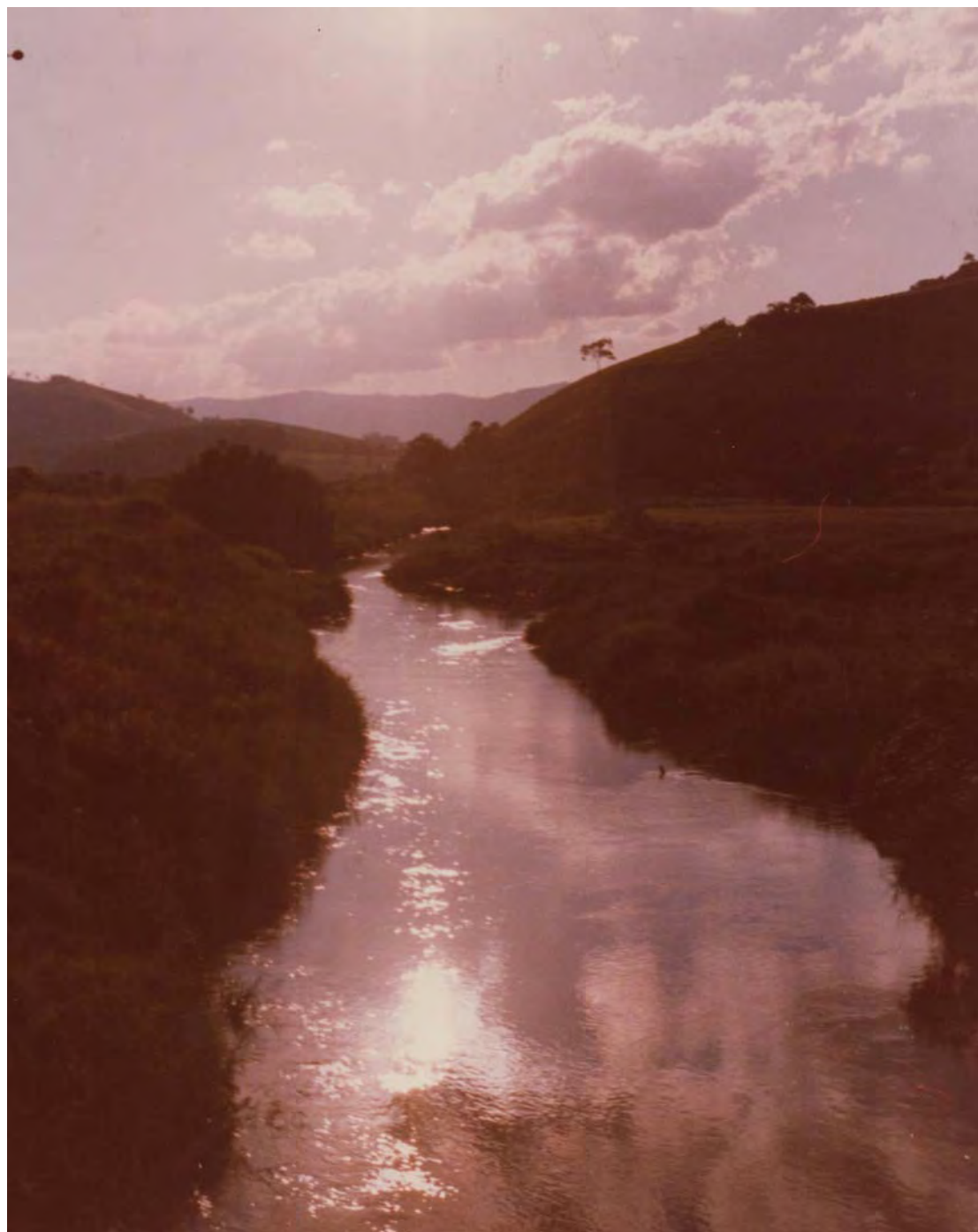


Figura 9 – A primeira foto de natureza que tirei



Continuei fotografando tudo que podia. Comecei a comprar e ler muitos livros de fotografia e acabei comprando uma câmara fotográfica com mais recursos. Na época de fazer faculdade, escolher um curso, eu pensei em algo que tivesse fotografia. Pensei em Arquitetura, mas acabei optando por Jornalismo. Gostaria de ter feito graduação em Fotografia. mas na época não existia (hoje existe pelo menos um curso superior em Fotografia – no SENAC de São Paulo) e quando pensei em fazer pós graduação, era para estudar algo a ver com fotografia.

Desde essa época comecei a me preocupar com a formação do fotógrafo, que sempre foi na prática. Hoje vejo que o papel da Universidade não é somente capacitar tecnicamente, mas acima de tudo criticamente. As ciências são aprendidas, comprovadas, aperfeiçoadas e devem ser criticadas, dentro da Universidade. Fazer uma graduação em Comunicação, naquele Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal, com os cursos de humanas: Psicologia, Filosofia, Ciências Sociais, foi muito importante para a minha formação humana.

Durante a Faculdade me interessei mais pelas matérias que diziam respeito à imagem, pois meu sonho ainda era ser fotógrafa.

Me formei em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda. Mas sempre falei que minha profissão é fotógrafa. Essa profissão sim, eu falava dela com orgulho! Já fui mais profissional - já vivi disso, mas hoje sou fotógrafa amadora e professora de fotografia, e sempre que falo que sou fotógrafa, as pessoas se admiram e comentam: - que legal! Parece uma profissão glamurosa, aventureira. Esse orgulho (sem soberba) de ser fotógrafa, hoje gostaria de trocar pelo de ser educadora, embora a modéstia me obrigue a achar pretensioso me auto intitular educadora. Principalmente depois de ler Rubem Alves em suas “Conversas com quem gosta de ensinar”, e ver a importância que ele confere ao título de educador:

*“Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” (Alves, 1984 - p. 11)*



Pensava em ser fotógrafa, mas não necessariamente jornalística, e por isso não me habilitei em jornalismo, mas sim em Publicidade. Durante o curso, fiz várias disciplinas na Faculdade de Belas Artes, e o primeiro professor de fotografia que tive, começou a nos ensinar pela pinhole, que falarei mais adiante. Meu interesse era tanto que fui monitora na disciplina Fotografia, e depois estagiária num laboratório de audiovisual. Mas, por várias razões, acabei não seguindo logo de começo a profissão para a qual tinha me formado. Não queria ser publicitária, não acredito nesse mundo da propaganda: *“Como pode a propaganda ser a alma do negócio, se esse negócio que engana não tem alma”* (Peixe, 2003 - letra de música do grupo “Nação Zumbi”)<sup>8</sup>. Queria ser fotógrafa, mas por influência de meus pais fui funcionária pública por 10 anos. Sempre descontente, pois sou uma pessoa dinâmica e o trabalho muito rotineiro me “apaga” como pessoa.

Com o intuito de estudar mais fotografia, prestei mestrado na Unicamp, e fui selecionada pelo projeto que falava da Publicidade como propulsora da qualidade artística e evolução da linguagem fotográfica. Me propunha a analisar em revistas, “evolução” técnica e estética da fotografia, através da publicidade. Não entrei na Unicamp, por falta de orientador, e então decidi me transferir pelo Ministério da Fazenda para São Paulo, ainda querendo estudar fotografia e me profissionalizar. Paralelamente, montei um pequeno estúdio e um laboratório em minha casa de São Paulo. Essa casa não tinha quintal, mas tinha uma linda árvore na rua, que ficava bem em frente à minha janela, e de vez em quando eu escutava um bem-te-vi. Em pleno centro da cidade de São Paulo!

Fui fazendo vários cursos de fotografia, e estudando através de livros. Pensava que melhoraria meu desempenho sabendo mais a técnica. Hoje vejo que a sensibilidade, a intuição e o olhar é que fazem uma boa foto. A técnica pode ser a mais rudimentar ou a mais moderna e avançada, o que importa é o que você consegue fazer com ela, através de seu olhar.

---

<sup>8</sup> Letra da música Propaganda – transcrita na íntegra no apêndice 1

queria mais fazer aquele serviço sem criatividade, de preencher papéis e informar processos, que para mim, não faziam sentido.

Abaixo reproduzo um autorretrato e convido o leitor para ser espectador de uma foto em que sou spectrum e operator.



Meu auto retrato como fotógrafa  
Tirei essa foto no espelho.  
Reparem que um pedaço da câmara  
aparece no canto inferior direito, o  
nome da marca Nikon está invertido ,  
por que é reflexo no espelho.  
Nesta foto sou spectrum e operator e  
enquanto olho para ela, também sou  
spectator.

Figura 10 – Meu auto-retrato como fotógrafa

Fui, então, tentar ser fotógrafa de verdade. Fazia alguns trabalhos para uma gráfica e fotografava crianças em escolinhas, às vezes fotografava casamentos, mas nada disso era muito o que eu queria. Meu sonho mesmo era ser fotógrafa de expedições exploratórias, fazer longas viagens e fotografar a natureza inexplorada. Mas a minha realidade já não permitia isso: marido, filha e casa para cuidar, não me deixavam me aventurar muito. Só não queria me afastar da fotografia novamente.

### **1.1.5 A primeira atuação como professora (universitária):**

Em 1997, depois de sair do Ministério, quando estava tentando sobreviver do trabalho como fotógrafa, um amigo me disse que estavam precisando de professor de fotografia na Universidade Federal de São Carlos – mandei meu currículo e depois de uma seleção fui admitida como professora substituta de Fotografia, trabalhei por 2 anos

no curso de Imagem e Som do Departamento de Artes . Esses dois anos foram muito bons! Percebi que gostava muito de ser professora, mas ainda não tinha nenhum conhecimento teórico sobre educação .

A forma que escolhi para trabalhar os conceitos com meus (minhas) alunos (as), foi mais ou menos a mesma como eu aprendi. Devido ao fato de não ter feito licenciatura (meu curso não oferecia esta habilitação – e não me sentia muito interessada, para tê-lo procurado em outro departamento) Tive muito pouco contato com a teoria da educação, então tive que agir quase por instinto, baseando-me na experiência como aluna. Comecei bem pelo começo, com a construção da câmara escura, a pinhole. Lembro-me que para a primeira aula preparei uma palestra bem completa, com transparências: eu estava um pouco nervosa, mas como fiz vários cursos de fotografia além das disciplinas da faculdade, eu tinha várias coisas para falar. Pensei em cativar os alunos dando uma prática logo no primeiro dia: para a segunda parte da aula levei uma câmara pinhole com papel fotográfico dentro. Primeiro a teoria, depois a prática

Parece que os alunos perceberam minha insegurança e queriam me testar: ficavam cochichando e rindo, mas era uma turma pequena, de 15 alunos . Eles resolveram me entregar a lista de presença assinando em uma laranja. Isso mesmo – uma fruta! Assinaram em toda a volta da casca da laranja . Eu resolvi entrar na brincadeira, aceitei a laranja, e para desarmá-los fiz uma foto (com a pinhole) da “laranja-lista-de-presença”. Os alunos não entenderam muito bem o que eu estava fazendo iluminando, com um forte holofote (já que a aula era de noite) aquela laranja, apontando uma lata de leite para ela, destampando um pequeno furo e contando um minuto exato no relógio . Quando fomos ao laboratório o espanto foi geral: Eu havia conseguido registrar a imagem daquela laranja!

Percebi o mesmo espanto que percebo sempre que faço esta experiência, e senti que tinha conquistado um pouco do interesse, da simpatia e do respeito daqueles jovens, que estavam tão apáticos em relação ao conteúdo de minha palestra, no início da aula. Despertei a curiosidade deles. Hoje vejo o quanto isso foi importante: eu tirei algumas lições disso para minha vida como professora. Acho que comecei a me construir como professora, mas sentia que faltava muita coisa, não queria apenas ensinar

uma técnica, queria estimular os alunos, a criar, a questionar. Tive duas ou três turmas por semestre, foram 9 turmas de mais ou menos 15 jovens, que na sua maioria se interessavam muito pela fotografia, alguns especialmente pela técnica rudimentar da pinhole. Por questões de desenvolvimento pessoal e profissional, senti a necessidade de fazer um mestrado para me aprofundar nas questões pedagógicas e artísticas.

Tentei novamente o mestrado da Unicamp, no programa da Multimeios, mas dessa vez o projeto não foi aceito. Meu projeto pretendia falar desse espanto em relação à fotografia de pinhole, mas não tinha muito embasamento teórico. E hoje vejo que embora fosse uma coisa que me intrigasse: esse espanto, era um tema “arranjado” para tentar o mestrado, e não uma causa justa, com a qual me envolvi quando encontrei a educação ambiental.

#### **1.1.6 O encontro com a Educação Ambiental**

Pensando sempre na fotografia e no mestrado, um dia passei em frente à entrada da Esalq e vi uma faixa anunciando um curso de extensão em Arte-Educação Ambiental. Interessei-me pela palavra arte, e quis saber o que era educação ambiental – pensava que tinha a ver com natureza, e então me matriculei no curso, que foi oferecido no segundo semestre de 1999.

Desde a primeira aula, me encantei com a educação ambiental. O primeiro texto trabalhado - do professor Aziz Ab'Saber, *Reconceituando Educação Ambiental* - foi muito esclarecedor:

*“Educação Ambiental é uma coisa mais séria do que geralmente tem sido apresentada, em nosso meio. É um apelo à seriedade do conhecimento. E, uma busca de propostas corretas de aplicação de ciências. Uma "coisa" que se identifica com um processo. Um processo que envolve um vigoroso esforço de recuperação de realidades nada simples. Uma ação, entre missionária e utópica, destinada a reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou jamais alcançados. Um esforço permanente na reflexão sobre o destino do homem - de todos os homens - face à harmonia das condições naturais e o futuro do planeta "vivente", por excelência.*

*Um processo de Educação que garante um compromisso com o futuro. Envolvendo uma nova filosofia de vida. E, um novo ideário comportamental, tanto em âmbito individual, quanto na escala coletiva.”*

As professoras Cristina Diniz e Mônica Cabello (engenheiras agrônomas, que soube depois terem sido orientadas no mestrado pelo Marcos Sorrentino) conduziam os encontros de forma muito interessante: muita participação dos alunos, muitas atividades artísticas: pinturas, argila, desenhos, poesias, lanches coletivos e **uma proposta prática de intervenção educacional**. Através das aulas e dos textos que compunham uma “apostila” oferecida, fui tomando contato com o universo ambientalista, que sempre me interessou, mas só de longe, pois sempre gostei da natureza, mas não tinha feito nada por ela, e nem compreendia toda a extensão da questão ambiental.

### **1.1.7 Minha história com o bairro Jardim Oriente**

A intervenção prática, que foi proposta como atividade final, do curso citado acima, me interessou muito e comecei a imaginar o que poderia fazer de bom por alguma área natural. Então me lembrei que morava perto de um ribeirão, que eu nem sabia o nome, mas que eu achava bonito e sentia que estava ameaçado, e escrevi o seguinte texto, como uma lição de casa :

#### **1.1.7.1 Jardim Oriente - Texto escrito no fim de 1999**

*“ Estou na minha casa , olhando para o jardim. Tem um laguinho com peixes, muitas árvores e plantas, tem bromélias, orquídeas. Um beija flor está beijando as flores de um hibisco vermelho. Acabei de ver um pássaro enorme que acho que é um bem-te-vi.*

*É uma “chacrinha” alugada, que só tem 600 m<sup>2</sup> e fica a 4 km do centro de Piracicaba , no bairro 1º de Maio. Não tem asfalto na rua, e nem coleta de lixo, não passa ônibus perto, e o correio começou a entregar cartas aqui a partir deste ano, quando puseram nome na rua, antes era chamado de caminho da servidão (como outros em Pira).*

*Quando vim morar aqui, eu andava à pé até o fim da rua (caminho) e chegava à um imenso descampado, de onde eu olhava as estrelas, sem nenhuma luz de poste por perto. Se continuarmos esse caminho à direita, vamos para o bairro Água Branca, toda essa área , antes só um campo, agora é um loteamento chamado Jardim Oriente, onde foram assentadas 500 famílias saídas de favelas. À esquerda tem o Residencial Serra Verde.*

*Essas famílias tiveram o “sonho da casa própria” realizado com a ajuda de uma “cesta básica” de construção e um terreno sorteado para pagamento financiado. A construção foi feita em mutirões e agora aproximadamente 2000 pessoas moram lá. Fico feliz dessa gente estar morando sem pagar aluguel (como eu), pagando um financiamento de seu “sonho” Realmente imagino que tenha muita gente honesta e trabalhadora e também os ditos marginais (periferia da periferia). E tem muita criança. Tem muita plantação de cana, mas tem um córrego (ou riacho , não sei ) que deságua no Piracicamirim, que antes só passava debaixo de uma ponte que fazia parte de uma estradinha de terra que vai para o Taquaral . (que tem uma história cultural importante, pelo menos para mim)*

*Depois do outro lado da minha casa tem um outro “córrego ou riacho”(que também vai para o Piracicamirim (acho eu), e está completamente ameaçado (acho que até morto!) que encontra com o tal da ponte da estrada do Taquaral.*

*Eu percebo tudo isso porque tenho um amor muito grande pela natureza. Sempre morei em cidade grande (Belo Horizonte, 25 anos e São Paulo, 7 anos) agora 3 anos em Piracicaba. Mas tenho um grande contato com a natureza. Passava as férias em fazendas, sempre fiz acampamento selvagem, canoagem em rios e nossa casa em BH era meio chacrinha, como essa de Pira. Enfim: o que fiz em argila na 1ª aula (do curso da Cristina), uma “rocinha” sendo invadida por prédios, me dá a dimensão do mundo sendo todo ocupado por seres humanos cada vez mais prolíferos.*

*Amo os homens como meus semelhantes, mas é preciso conscientizá-los de amar a terra e não cimenta-la e asfalta-la e “concreta-la” e concretiza-la . Penso que o controle de natalidade é de suma importância, no âmbito pessoal e familiar*

*(economicamente , para o estado, chega a ser desvantajoso - não ter mão de obra barata ).*

*Existe o lado social importante desse novo bairro, mas o impacto ambiental causado por ele deveria ser melhor estudado. Agora estão surgindo novos “residenciais” bem na beira dos “riachos”, com aterramento, destruição de mata ciliar... e será que é tudo aprovado pela prefeitura...?*

*É realmente a cidade avançando não só no meio rural, mas também na natureza virgem.”*

Tudo isso foi escrito em 1999. Atualmente, conhecendo bem melhor o bairro, poderia fazer várias correções, mas estas serão faladas ao longo desta dissertação.

Na época, li o texto para a turma e todos quiseram conhecer o lugar e concordaram em fazermos a intervenção ali mesmo. Bolamos a intervenção, e partimos para executá-la. A idéia era envolver os alunos da escola que fica a 200 metros do ribeirão, para que eles ajudassem a plantar 50 mudas na mata ciliar, numa parte que estava muito degradada. Seria uma atividade pontual, de apenas um dia .

Aquela intervenção foi bastante planejada. Nos dividimos em grupos e tarefas e conseguimos contatar a diretora da escola do bairro, que fica a 200 metros do ribeirão. Através da Secretaria de Meio Ambiente de Piracicaba, obtivemos as mudas do viveiro da prefeitura e o serviço de abertura das covas. Combinamos com a diretora da escola, de dar uma palestra para os pais e professores, pois iria acontecer uma reunião de pais e professores e teríamos 30 minutos para falar. Havíamos imaginado atividades artísticas para as crianças, antes do plantio. Éramos um grupo pequeno, de 8 pessoas, sem experiência, mas acredito que tudo sairia bem se não tivesse acontecido um imprevisto que quase inviabilizou a atividade: faltou água na escola! Justo naquele sábado de manhã. Então a reunião de pais foi cancelada. Desta forma, apareceram pouquíssimos pais e crianças. Mas mesmo assim, o plantio foi realizado. E toda a intenção de sensibilizar e envolver as crianças ficou muito prejudicada.

Da avaliação do que fizemos, erros e acertos, nasceu um projeto mais amplo, que foi apresentado ao Fundo Estadual de Recursos Hídricos e foi aprovado.

Dentro deste trabalho, aconteceu o Projeto Água é Vida, e algumas das oficinas de fotografia que serão comentadas aqui.

Desde então, tenho aprendido muita coisa, e entre elas a grande importância do planejamento, e da avaliação do que se faz, do re-planejamento das ações, da re-avaliação, e da busca de apoio na teoria: a chamada práxis. Confirmar que na prática, a teoria é outra, para elaborar outra teoria, que não seja tão fechada que não possa abarcar as críticas surgidas na prática. Sobre esse assunto, Paulo Freire nos diz que: *“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo.”* (FREIRE, 1996, p.24)

A professora Lúcia Santaella, comentando as dificuldades que teve com o estudo da obra de Pierce, o pai da semiótica americana, diz :

*“Todo trabalho que se preze e que queira se apresentar com certa elegância tem que realizar um duplo esforço, aquele envolvido em sua própria realização e o segundo esforço, mais sutil, de ocultar o próprio esforço.”*(Santaella, 1993, p. 18) .

Acho que esta elegância para esconder o esforço seria um artificialismo, e do ponto de vista dos trabalhos em educação ambiental, acho que não devemos ocultar as dificuldades, pois é com elas que aprendemos e que chegamos a soluções mais ou menos acertadas.

## **1.2 A PESQUISA**

Como já mencionei, vários fatores contribuíram para a escolha do tema da pesquisa de mestrado:

- O curso de extensão citado: a forma de condução do curso e os textos lidos e discutidos;
- A atuação na intervenção proposta pelo curso e todas as reflexões que isso gerou;



- A participação e a convivência com outros participantes do Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca, que foi e está sendo muito importante para meu crescimento intelectual, pessoal e profissional;

- A preparação do projeto para o Fehidro<sup>9</sup>, que nos levou a participar de reuniões do Comitê de Bacias Hidrográficas – Piracicaba, Capivari e Jundiaí – CBH-PCJ

- A paixão pela fotografia: esta técnica tão revolucionária descoberta no começo do séc. XIX, que nasceu do encontro das ciências com as artes, dando todo esse avanço (sem juízo de valor) para nossa sociedade das imagens;

- As oficinas de fotografia que realizei

- Conhecer outros trabalhos com a fotografia pinhole;

- A tentativa de entender a relação que as pessoas têm com os cursos d'água que ficam próximos às suas casas.

Posso dizer que descobri um sentido verdadeiro para o mestrado. Não queria mais analisar nem a publicidade, que nunca gostei mesmo, nem a arte por si só, ou pelo espanto que a fotografia alternativa causa – mas os aspectos reais de lidar com pessoas, e construir com elas um conhecimento sobre a realidade e as possibilidades de vida no planeta. Isso deu mais sentido às minhas idéias e ao projeto. Me imaginei trabalhando com algo significativo para a humanidade, e quis colocar a fotografia a serviço desta causa maior, que é a valorização à vida, em todas as suas formas.

No Laboratório de Educação e Política Ambiental sempre aparecem demandas de trabalhos ligados ao ambiente. Uma vez nos chamaram para analisar uma área que estava abandonada, no bairro Novo Horizonte, e que os moradores reclamavam por ter lixo e insetos. A idéia era elaborar um projeto para recuperar e valorizar aquela área.

Quando estávamos no local conversando com pessoas da Associação do Bairro, eu perguntei se ali havia algum córrego ou ribeirão e essa pessoa me respondeu: - *“Não. Só lá embaixo é que tem um esgoto a céu aberto. Só dá mosquito, deviam cobrir e asfaltar aquilo lá”*.

---

<sup>9</sup> Um resumo do projeto escrito para o Fundo Estadual de Recursos Hídricos, com atividades e objetivos encontra-se no anexo C.

Quando descí lá embaixo, descobri que aquilo a que ela se referia como esgoto era o córrego do Enxofre, que é afluente do rio Piracicaba e que já tem projetos de recuperação na prefeitura.

Eu pensei comigo: - Porque as pessoas desvalorizam tanto os cursos d'água? Por que têm esse desprezo pelos córregos e ribeirões? Provavelmente é porque não sabem que é deles que vêm as águas para os rios, que é de onde retiramos a maior parte das águas para abastecer as cidades.

Já percebi que a população da cidade de Piracicaba, valoriza o rio que lhe dá o nome, através das artes, pintura, artesanato e músicas. Acompanhei a mobilização da cidade para não deixarem construir uma Usina Termelétrica no rio Piracicaba, participei de reuniões do Fórum de Defesa do Rio Piracicaba, e disso tudo concluí que o rio é valorizado. Mas porque os córregos e ribeirões não o são?

Propus-me então a analisar a relação que os moradores do bairro Jardim Oriente têm com o ribeirão Piracicamirim, pois acreditava que a maioria da população daquele bairro não se importava muito com ele, e isso faria com que jogassem lixo, e até animais mortos (como cachorro, gato, cavalo e etc.) no ribeirão e em suas margens.

### **1.2.1 - O projeto do Fehidro**

O projeto que nasceu das discussões da intervenção proposta no curso de extensão de Arte-Educação Ambiental foi elaborado no fim 1999 e apresentado ao Fundo Estadual de Recursos Hídricos - FEHIDRO, obtendo aprovação no início de 2000. Devido a vários problemas burocráticos, somente começou a ser realizado em julho de 2002 e foi finalizado em janeiro de 2004 (temos uma proposta de continuidade já pré aprovada). O título do projeto foi: **Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim Aliado à Educação Ambiental através de Elaboração Participativa de Agenda 21 no Loteamento Jardim Oriente**, sendo este título quase um resumo de nossas atividades. Devido a este extenso nome, sempre nos referenciamos a ele como se chamando projeto Fehidro, portanto doravante será denominado projeto Fehidro.

Como já foi dito, este projeto foi um piloto para outras atividades a serem realizadas na bacia do ribeirão Piracicamirim e foi desenvolvido por duas equipes paralelas: uma de educação ambiental, com a equipe do Laboratório de Política e Educação Ambiental – Oca - e outra de diagnóstico vegetal, com a equipe do Laboratório de Ecologia e Recomposição Florestal. - LERF. Pretendíamos realizar as atividades de forma interdisciplinar, com reuniões periódicas das equipes. Essa forma interdisciplinar, seu desenvolvimento e seus percalços, será comentada posteriormente.

A parte de educação ambiental, como o nome diz, previa a construção da Agenda XXI participativa, e a maneira que encontramos para nos aproximar da comunidade do Jardim Oriente foi através de encontros com jovens. Formou-se um grupo de jovens e depois de alguns encontros, eles votaram um nome para o nosso projeto: ficou chamando **Projeto Água é Vida**.

No projeto Água é Vida não trabalhamos com a educação formal, mas nos guiamos pelos Parâmetros educacionais que nos deram respaldo para planejar e agir.

Na apresentação do livrinho sobre os Temas transversais – Meio ambiente e Saúde a Secretaria de Educação Fundamental alerta que:

*“Na seleção de conteúdos presentes no documento, os educadores deverão considerar sua natureza interligada às outras áreas do currículo e a necessidade de serem tratados de modo integrado, não só entre si, mas entre eles e o contexto histórico e social em que as escolas estão inseridas”.* (Brasil,1997)

Isto está colocado para o ensino formal. Nós não atuamos diretamente na escola, pois a diretora disse que já estavam sendo realizados muitos projetos naquele ano. Dessa forma tivemos a oportunidade de nos inserir mais no contexto social do bairro, fazendo reuniões com jovens, no salão da igreja, ou à beira do ribeirão.

Com a nossa atuação pretendíamos contribuir para a realização de alguns dos objetivos gerais expressos nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais . Na parte dos Resultados e Discussão, retomarei esse assunto e mostrarei como trabalhamos os PCN.

### 1.2.2 PROBLEMA

A degradação ambiental e a alienação de jovens em relação às condições dos seus ambientes – do subjetivo e corporal ao entorno e global, as possíveis relações entre isto e quais seriam as possibilidades de processos educacionais contribuírem na superação desses problemas.

### 1.2.3 HIPÓTESE :

**• O ensino de fotografia, de forma criativa e operativa, pode contribuir para a valorização e proteção do ambiente em que se vive.**

Esta hipótese e as reflexões em torno da educação ambiental, que sempre fizemos no Laboratório Oca, me levaram a construir os objetivos da pesquisa, listados a seguir:

### 1.2.4 – OBJETIVOS

#### Objetivo Geral

• Contribuir para a produção de conhecimentos sobre processos educacionais voltados à compreensão dos problemas sócio- ambientais e à atuação na conservação dos sistemas naturais e na melhoria da qualidade de vida.

#### Objetivos Específicos

• Mapear a percepção que moradores do Jardim Oriente têm do ribeirão Piracicamirim;

• Contribuir para a formação dos participantes como indivíduos capazes de atuar de forma criativa e responsável em prol da melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida, estimulando a iniciativa, a cooperação e a autoconfiança dos participantes, através de dinâmicas, trabalhos coletivos e atividades voltadas ao bem comum.

- Contribuir para a realização dos objetivos gerais expressos nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>10</sup>.
- Capacitar o(a) participante a construir e manusear uma “câmara escura” com sucata e entender os princípios básicos da fotografia, tendo ainda alguma prática laboratorial de revelação e estimular a elaboração de um jornalzinho – tipo fanzine<sup>11</sup> para divulgar suas idéias e realizações.
- Analisar as possíveis contribuições das oficinas de fotografia para a autoestima e a valorização e a proteção do meio ambiente em que se vive.

---

<sup>10</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais : os parâmetros mais diretamente abordados na realização do projeto foram: Arte; Ética; Meio Ambiente e Saúde e estarão especificados e comentados no item Resultados e Discussão.

<sup>11</sup> **Fanzine:** abreviatura de "fanatic magazine", ou "revista de fãs". É um tipo de "zine" especializado, não oficial e não autorizado, de circulação restrita. **Zines:** abreviatura de "magazines", as revistas em geral. Os zines geralmente são revistas sobre qualquer assunto, produzidas não-oficialmente, de forma artesanal e para circulação restrita. Alguns podem ser dedicados a algum fã clube, e neste caso passam a chamar-se fanzines. No anexo D encontra-se um material muito criativo, que ensina a fazer fanzine, que foi usado nos encontros.

Utilizo o termo fanzine, generalizando, mesmo sem ser uma revista de fãs, apenas para diferenciar do nome de jornalzinho, para me aproximar mais da linguagem jovem , para estimular a expressão de forma alternativa.

### 1.3 Meu cenário de pesquisa\*

*Um ribeirão. Uma pequena parte dele – uma ponte. Perto de uma plantação de cana. Um sol extremamente forte, o começo de uma tarde sufocante de verão, um solo ressecado, com pedregulhos, um calor inóspito e poeirento.*

*Vou em direção à ponte e vejo muitas árvores altas (são eucaliptos), ouço o gostoso barulho da água correndo no ribeirão bem lá embaixo da ponte.*

*O ar começa a ficar fresco, uma sombra acolhedora das árvores me cativa. Que vontade de descer o barranco e mergulhar no ribeirão...*

*Mas... será que eu posso? Essas águas parecem estar sujas. Será que tem esgoto aí? Produtos químicos jogados nas plantações vizinhas que escorreram com a chuva, pelos barrancos desprotegidos?*

*Será que posso tocar o frescor da água, pelo menos com meus pés?*

*Será uma água pura ou um veneno?*

*Ando mais um pouco, atravesso a ponte e vejo à minha direita um pequeno córrego escondido na mata, desço o barranco, me aproximo do pequeno riachinho de água cristalina, parece bem pura. Será que nesse riacho também tem perigos?*

*Meus olhos não podem me dizer. Nem meus outros sentidos...Seria necessária uma análise laboratorial, determinando o oxigênio dissolvido, os coliformes fecais e totais, os metais pesados presentes e etc.*

*Não! Quero apenas pôr meus pés cansados, quentes e ressecados pela poeira da estrada. Quero apenas desfrutar do frescor da água. Sentir-me em contato com a mãe natureza, harmonizar-me com o elemento água.*

*É que essa água duvidosa fica próxima a um bairro.*

*Será que as pessoas que moram por ali perto gostam desse lugar?*

---

\* Começo com este texto sobre meu cenário de pesquisa que foi produzido numa Oficina de Pesquisa de Campo, ministrada pelo Prof. Carlos Rodrigues Brandão. O texto tem um estilo poético, inspirado no estilo de escrever do próprio professor (desculpem a pretensão). Acredito que este texto revela muito da minha relação com aquele lugar, juntamente com o texto que escrevi para o Curso de extensão já transcrito na Introdução – sob o título de Jardim Oriente - Texto escrito no fim de 1999

*Será que essa água exerce alguma influência na vida daquelas pessoas?*

*Sempre gostei de água. Parece que sempre soube nadar, me virava bem na piscina desde bem pequena. Depois aprendi e pratiquei natação a conselho médico e me curei de uma bronquite crônica que me deixava muito fraca e triste. Sou extremamente grata à água por essa cura. Considero-a sagrada. Mas infelizmente, estamos acostumados com córregos e rios sujos.*

*Quando, já adulta, conheci um pequeno vilarejo de pescadores, no extremo norte do Espírito Santo, chamado Itaúnas. Conheci um rio lindo, com o mesmo nome. Nesse rio, todos nadavam e diziam que fazia até bem para o cabelo. Não tive dúvidas, pulei, nadei e foi maravilhoso, nado até hoje. Na época que a ponte ficou quebrada, atravessei-o a nado todas as vezes que ia para a praia. Adoro nadar naquele rio. Quando comecei a passear de canoa, aprendi a remar como índio (com um remo só, às vezes em pé) e pude conhecer tudo rio acima, toda a biodiversidade, aves, flores, tipos diferentes de vegetação, bromélias e peixes. Tudo isso me encantou de uma forma muito importante para a decisão de fazer algo ligado ao ambiente. Defender de alguma forma aquilo. Outras pessoas também pensaram como eu, e agora lá é um parque estadual com vários projetos sendo realizados.*

*A Regiane nadava no ribeirão desde criança, e nadou em duas de nossas saídas de campo. A acredito que alguns outros do grupo também já nadaram ali. Nadar no ribeirão constrói um signo, um significado bom de rio, que provoca uma emoção boa e pode depois provocar a reação de defender este ribeirão..*

*O conhecimento encarnado. As vivências, contra o desperdício da experiência.*

*Como disse, já nadei em rios limpos, muitas vezes atravessei nadando o rio Itaúnas e tive vivências maravilhosas naquele rio e em outras vezes que estive em cachoeiras e outras águas limpas. Essas vivências me dizem que se uma pessoa quando criança, nada em um rio limpo ela tem motivos suficientes para querer defendê-lo da destruição.*

*Alguns jovens, que participaram dos encontros, estão ali desde bem pequenos, como a Regiane . Seis anos (que é o tempo que ela mora ali) na vida de uma*

*menina de 14 é muita coisa, principalmente considerando que ela é de uma família de muitos irmãos e não é muito vigiada pela mãe. As crianças do Jardim Oriente vivem bem soltas e a escola fica bem próxima ao ribeirão, facilitando o contato com o ribeirão.*

### **1.3.1 – Alguns dados sobre a área de estudo e intervenção**

Os dados sociais do bairro, que estão no apêndice 2, foram coletados num trabalho conjunto entre Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SEMDES) e a Secretaria Municipal de Saúde. Enfatizo aqui o grande valor dessa pesquisa, pois ela foi realizada por seis “Agentes Comunitários de Saúde”, que são moradores do próprio bairro e de dois bairros vizinhos, coordenados pelo Assistente Social do bairro e pela Enfermeira do Posto de Saúde da Família. É um trabalho que dá uma visão quantitativa e qualitativa da população do loteamento, feita por pessoas do próprio bairro.

A população do loteamento, caracterizada no estudo citado, reside próxima ao ribeirão, e se relaciona com ele de diferentes formas. Para ter uma visão melhor dessa relação, temos os dados apurados pelos jovens do “Água é Vida” através do questionário, (anexo E). Este trabalho está relatado no item Resultados e Discussão.

O ribeirão Piracicamirim compõe bacia do Rio Piracicaba localizando-se, em sua maior parte na região urbana do município de Piracicaba. É formado pela junção do córrego Saltinho e do ribeirão Campestre. Ao longo de suas margens existem plantações de cana de açúcar, uma usina de açúcar e álcool (Usina Santa Helena), um curtume, uma empresa petroquímica. Na área urbana o ribeirão margeia o loteamento Jardim Oriente e em seguida o Serra Verde, continuando pelos bairros Parque 1º de Maio, o Jardim. Astúrias, o Jardim Morumbí, Piracicamirim, Vila Independência e Bairro Agronomia, passando por vias públicas e favelas desembocando no rio Piracicaba em um ponto situado dentro do Campus da USP - a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Antes de desaguar no Piracicaba, o ribeirão corta áreas de experimentos agrônômicos na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Esse ribeirão é considerado de médio porte, e tem muita importância para a região, pois é um



dos principais tributários do rio Piracicaba, e ainda é usado para pesca e lazer de muitos moradores ribeirinhos.

Como no Brasil (pela existência de recursos hídricos abundantes na maior parte do país) as pessoas habituaram-se a não se preocupar com o uso que fazem da água, os próprios moradores cooperam para que esses recursos naturais sejam destruídos, jogando esgotos clandestinos e lixo dentro dos ribeirões, desmatando suas margens, construindo ou plantando em área de preservação permanente, colaborando para seu assoreamento.

Até 1992, o Ribeirão Piracicamirim servia de esgoto para os bairros citados acima, recebendo toda carga de efluentes doméstico gerados por uma população de cerca 50.000 habitantes, quando a prefeitura elaborou um plano Diretor de Esgoto com a colaboração da ESALQ e do SEMAE prevendo a construção do tronco coletor de esgoto que levaria os esgotos até a Estação de Tratamento de Esgoto do Piracicamirim, localizada próxima à cidade, na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, onde passa novamente a receber os esgotos dos laboratórios dessa instituição. Na área rural, o ribeirão recebe o escoamento dos produtos químicos aplicados à lavoura de cana de açúcar, e próximo ao loteamento Jd. Oriente, já se observaram peixes boiando e respirando à beira da água, no local onde os moradores o utilizam para lazer e banhos nos dias de calor.

O Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim, e o mapa elaborado pelo Laboratório de Recomposição Florestal – LERF, que é um produto do projeto do FEHIDRO, com os dados mais precisos sobre as condições de degradação da mata ciliar, encontram-se na Biblioteca do Laboratório de Política e Educação Ambiental – Oca/ESALQ/USP.

Este diagnóstico e o Mapa foram elaborados pelo Engenheiro Florestal Luís Vicente Brandolise Bufo e servirá de base para a escolha de áreas prioritárias para reflorestamento na bacia do Ribeirão Piracicamirim.

A Caracterização Florística e a lista de Espécies Nativas locais, que foram elaboradas pelo Luís Vicente B. Bufo e pelo Engenheiro Agrônomo Alexandre Romariz

Duarte, também foi um produto do Projeto do FEHIDRO e se encontra na mesma biblioteca disponível para consulta.

Esses dois engenheiros fizeram parte da equipe interdisciplinar que formamos para trabalhar com o Grupo Água é Vida. Eles participaram de reuniões de planejamento e avaliação do Projeto, e de alguns encontros com os jovens, sempre mostrando o tipo de trabalho que faziam. Como era um trabalho muito técnico e especializado, somente algumas etapas tiveram a participação dos jovens. Acredito que essa participação foi bastante instrutiva para os jovens, não para capacitá-los tecnicamente, mas para colocá-los a par dos trabalhos que devem ser realizados para a recuperação de um remanescente de mata ciliar, e conseqüentemente mostrar-lhes a importância que tal mata tem.



Figura 11 – Grupo indo em direção ao ribeirão Piracicamirim

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A questão ambiental e a educação

Os desastres ecológicos que se intensificaram a partir da Segunda Guerra, e da década de 1950 em várias partes do mundo, começaram a chamar a atenção de algumas pessoas ao redor do planeta. A década de 60 foi marcada por movimentos pacifistas, manifestações estudantis, pelo movimento hippie, pela contracultura e etc.:

*“... os anos 60 foram igualmente os tempos da flor, da paz e do amor, símbolos do movimento ‘hippie’. O mundo estava em ebulição. Multiplicavam-se manifestações pela liberação feminina, em favor dos negros, e também na área ambiental. O ano de 1968 representou o auge. Nos cinco continentes, ocorreram grandes movimentos que almejavam uma nova maneira de agir, pensar e sentir. Entre estas mobilizações, os eventos mais famosos foram a ‘revolução estudantil de maio’, na França, e a ‘Primavera de Praga’, Tchecoslováquia.” (BRASIL, 1998, p. 27)*

tudo isso, aliado às descobertas das ciências, ampliou profundamente a consciência ecológica, e a necessidade de intervenção e participação nas decisões sobre o destino da Terra.

*“ Como não poderia deixar de ser, a área educacional também chegou à efervescência. Segundo a professora Naná Minnini, por toda parte surgiam críticas ‘à educação tradicional e às teorias tecnicistas que visavam à formação de indivíduos eficientes e eficazes ao mundo do trabalho’. É que o velho paradigma positivista da ciência já não conseguia dar resposta aos novos problemas, caracterizados pela complexidade e interdisciplinaridade(...)’. Como que num paralelo aos grandes momentos*

*dos ‘loucos anos 60’, a educação ambiental – que sequer era pensada no início da década – foi ganhando o sentido que tem hoje, respondendo, desta forma, às preocupações dos educadores” (BRASIL,1998, p. 27)*

Para falar um pouco da história oficial da Educação Ambiental começemos por março de 1965, na *Conferência de Educação da Universidade de Keele*, da Inglaterra, com a recomendação de que ela deveria se tornar uma parte essencial da educação de todos os cidadãos. Embora Genebaldo Freire (in BRASIL, 1998, p.27) *“observe que os participantes do evento ainda definiam educação ambiental como ‘conservação , ou ecologia aplicada, e o veículo seria a biologia’.*”

Em 1968 houve um debate entre trinta indivíduos de 10 países sobre a crise atual e futura da humanidade, e dele nasceu o *Clube de Roma* , que produz, entre outros o relatório chamado “Os limites do Crescimento” que causa tanto impacto que acaba provocando uma conferência organizada pela ONU em *Estocolmo* (113 países participaram – inclusive o Brasil) onde foi assinada a “*Declaração da ONU sobre o Ambiente Humano*” que em seu artigo 19 diz:

*“É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto as gerações jovens, como os adultos, dispensando a devida atenção aos setores menos privilegiados, para assentar as bases de uma opinião pública bem informada e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente à proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana”.*

No Brasil , oficialmente, a Educação Ambiental escolar nasceu com o compromisso de ser um tema transversal, ou seja, um tema a ser trabalhado por todas as disciplinas, de forma integrada. E como já foi mostrado, nos Parâmetros Curriculares Nacionais a educação ambiental está muito bem definida e planejada, mas na prática da política educacional, infelizmente, muito pouco foi feito, mesmo que Marcos Reigota nos fale que *“a educação ambiental brasileira é uma das melhores e mais pertinentes do mundo”*

No texto, “*Educação Ambiental: Fragmentos de sua História no Brasil*”, Reigota também afirma :

*“Todos os profissionais da educação ambiental no Brasil, sabem que existem várias interpretações sobre o que é educação ambiental, fazendo com que diferentes práticas educativas, realizadas em Universidades, escolas, creches, movimentos sociais, sindicatos, empresas, associações de classe, meios de comunicação, organizações não governamentais, secretarias de Estado etc... sejam identificadas como tal.”*(REIGOTA, 1998, p. 12)

Embora essa diversidade tanto conceitual quanto metodológica seja positiva, mas acho que muito ainda deve ser feito, tanto do ponto de vista das políticas públicas, quanto nos meios de comunicação.

Aceitarei a proposta de Reigota de se deixar “... *um pouco de lado a história oficial da educação ambiental, representada pelas conhecidas conferências de Estocolmo, Belgrado, Tbilisi, Moscou, Rio de Janeiro etc. que qualquer texto especializado faz referência...*”(REIGOTA, 1998, p. 13)

Reigota propõe deixar a história internacional de lado para explorar mais a memória e a história de vida dos precursores que influenciaram a educação ambiental no Brasil, mais especialmente a geração dele próprio . Listarei apenas alguns da “escalação”(sic) dele: - **José Lutzenberger**, com o livro “O Manifesto ecológico Brasileiro”, em 1980; **Fernando Gabeira**, com seus livros de memória, abordando seu passado guerrilheiro até o exílio na Suécia, onde se ‘converteu’ ao ecologismo ; **Augusto Ruschi** , lutando pela Mata Atlântica; os **cientistas** que foram contra o acordo Nuclear Brasil-Alemanha; o geógrafo Prof. **Aziz Nacib Ab’Saber** ; o biólogo **Paulo Nogueira Neto**, único brasileiro integrante da Comissão Brundtland (do relatório “Nosso Futuro Comum”) Concordo com o seu comentário sobre a forma de divulgação das idéias dessas pessoas :

*“ A difusão de suas idéias, através de conferências, palestras, livros, manifestos, entrevistas na grande imprensa e na chamada “imprensa*

*alternativa”, que procurava furar o bloqueio imposto pela censura aos principais meios de comunicação de massa foram fundamentais” (REIGOTA, 1998. p. 17)*

Citei essa lista para dizer que conheci pela TV todas essas pessoas. E a conferência Rio -92 também, só soube o que era pela TV. E eu não sou muito de ver TV. Acredito que muita gente saiba algo dessas coisas pela TV, e com isso estou afirmando o poder da mídia, que mesmo com suas informações sempre superficiais e sensacionalistas acaba comunicando algo. Se quisessem realmente educar, seriam muito eficazes. Rubem Alves diz, em uma carta a Roberto Marinho ( o ex-presidente da TV Globo) : *“O senhor tem mais poder para mexer com as pessoas que tudo o que no Brasil se faz sob o nome de escola.” (ALVES, 1999)*

Aceitei a proposta de deixar de lado a história oficial e internacional da educação ambiental, por considerar que ela já foi bastante falada e para dar mais esse testemunho do meu conhecimento do movimento ecológico pela mídia. Mas não posso deixar de dizer que todas as conferências internacionais foram extremamente importantes para a consolidação de vários aspectos da educação ambiental . Tbilisi, por exemplo, foi a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de 1977, realizada na cidade de Tbilisi, na Geórgia, que era parte na União Soviética, da qual o Brasil não participou , por não manter relações diplomáticas com a União Soviética, por causa da “Guerra Fria”. Em Tbilisi foram definidos objetivos, princípios e estratégias para a educação ambiental, mas o Brasil só veio conhecer essas recomendações bem depois. *“A partir de 1997, as quarenta e uma recomendações de Tbilisi foram colocadas à disposição de dois modos: na Internet, dentro da ‘homepage’ do Ministério do Meio Ambiente, ou através de um livro publicado pelo IBAMA.” (BRASIL, 1998)*

Os encontros de educadores, regionais, nacionais e internacionais e as redes de educação ambiental, têm feito o intercâmbio e a convergência de saberes teóricos e práticos. SORRENTINO (1998) nos chama atenção para a importância do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que foi elaborado no Segundo Fórum de Educação Ambiental, em 1992.

Nesses encontros pode-se ter uma visão melhor da diversidade de práticas e reflexões na área, bem como da necessidade de ampliar-se o debate voltado ao estabelecimento de critérios para avaliar-se as dimensões do campo da Educação Ambiental. Aí se vê a importância da comunicação interpessoal presencial e virtual, além da de massa.

Marcos Sorrentino (1998), em seu artigo “Vinte anos de Tbilisi, cinco da Rio-92 - A Educação Ambiental no Brasil”, classifica os fazeres educacionais em quatro grandes correntes: “conservacionista”, “educação ao ar livre”, “gestão ambiental” e “economia ecológica”. Ele diz que *“a primeira é bastante presente nos países mais desenvolvidos, ganha grande impulso com a divulgação dos impactos sobre a natureza.”* Hoje, no Brasil, temos várias áreas destinadas a conservação, e temos ONGs que seguem esse foco. O ecoturismo chega a apelar para essa necessidade de conservação, mas sabemos que há a necessidade de educar bem mais os turistas e em especial os exploradores de agências que dizem fazer ecoturismo, quando na verdade estão explorando a natureza sem muito cuidado.

A educação ao ar livre *“ já tinha seus adeptos entre nós com os antigos naturalistas, escoteiros e participantes de grupos de espeleologia, caminhadas, montanhismo e outras modalidades de esportes e lazer junto à natureza.”* (SORRENTINO,1998)

A corrente de “gestão ambiental”: *“tem raízes mais profundas na América Latina, na história de resistência aos regimes autoritários. No Brasil, ganha especial impulso nos embates contra a poluição e todas as mazelas de um sistema predador do ambiente e do ser humano, bem como nos movimentos por liberdades democráticas que reivindicavam a participação da população na administração dos espaços públicos e nas definições do futuro que estávamos construindo para nós e nossos descendentes”* (SORRENTINO, 1998)

A “economia ecológica” *“ bebe na fonte do ‘codesenvolvimento’ de Sachs e de ‘O negócio é ser pequeno’ de Schumacher, escritos no início dos anos 70, mas só ganhando grande impulso na segunda metade da*

*década de 80, quando organismos internacionais, publicam documentos como ‘Nosso Futuro Comum’ e ‘Nossa própria Agenda’ ...” (idem, idem)*

Acho que posso dizer que o Projeto Água é Vida se encaixa na corrente da gestão ambiental.

Fundamentada em tudo que falei acima e inspirada numa frase da professora Michèle Sato, da UFMT :

*“uma educação que não for ambiental não pode ser chamada de educação”* e em outra de Sorrentino *“Educador ambiental é todo indivíduo que coloca para si o desafio de implementar a mudança de comportamento, essencial para que o planeta Terra possa sobreviver e oferecer condições de vida para as pessoas que ainda não nasceram mas estão excluídas de qualquer benefício”* (ambas as falas são de teleconferências de Educação ambiental organizada pelo MEC em 1997)

exponho a seguir :

## **2.2 A educação ambiental que acredito e que desejo fazer**

Gostaria que as pessoas respeitassem a si mesmas e aos outros. Assim estariam aptas para respeitar o ambiente. Para isso é preciso resgatar a dignidade das pessoas, estimular a participação, a cidadania ativa, a organização em coletivos. O processo de elaboração participativo de uma Agenda 21 (micro) local constitui-se em técnica privilegiada de diagnóstico local, de fomento à cidadania e de estímulo a processos individuais e coletivos de educação onde a auto-estima, o pertencimento e o compromisso sócio ambiental bem como o aprendizado de tópicos de ecologia são elementos centrais. Tudo isso é associado a valorização do ambiente e também são trabalhadas informações técnicas úteis. Mas sempre oferecidas de modo não “bancário”, no conceito de Paulo Freire. Fora isso a valorização da pessoa e seus saberes, a arte educação, o estímulo ao auto conhecimento.

A educação ambiental que desejo, talvez seja muito utópica. Sempre fui meio utópica , e Roberto Freire, em Utopia e Paixão (Freire, 1988), Marcos Sorrentino, os pensamentos anarquistas e algumas pessoas do Laboratório Oca me ensinaram que a



utopia é positiva. É assim que começamos um trabalho e partimos do sonho para a prática.

### 2.3 Utopia

Criado do grego u (não) + topos (lugar) = lugar que não existe

Thomas More (1480-1535) – autor de “A Utopia” faz severas críticas à sociedade inglesa e européia, ao mesmo tempo apresenta a ilha Utopia como um lugar em que a sabedoria e a felicidade do povo decorrem de um sistema social, legal e político perfeito, guiado pela razão.

No dicionário Caldas Aulete o verbete Utopia está assim definido:

1. S.f. (polit) *plano teórico de governo em que tudo se acha perfeitamente calculado para a felicidade de todos, mas é impossível de ser posto em prática. II (Fig.) Fantasia impossível de realizar-se ou cujos resultados não poderiam corresponder aos imaginados; idéia impossível de ser levada à prática: “As realidades importantes do presente já foram utopias no passado, assim acontecerá no futuro a muita utopia de hoje.” (Castilho pintado (sic) por ele próprio, II, p.22 – citado no dicionário referido)*

Dicionário Aurélio Buarque de Holanda:

Utopia (...) 1- País imaginário, criação de Tomas Morus (1480 – 1535), onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. 2- P. ext. Descrição ou representação de qualquer lugar ou situações ideais onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. 3- p. ext. Projeto irrealizável; quimera; fantasia. (...)

Continuando as definições pessoais de Utopia, o próprio Roland Barthes tem uma. Em seu livro semi autobiográfico, “Roland Barthes por Roland Barthes” comenta sua definição de utopia:

*“Para que serve a utopia? Para fazer sentido[...] A utopia é familiar ao escritor, por que o escritor é um doador de sentido: sua tarefa (ou seu gozo) consiste em dar sentidos, nomes, e ele só o pode fazer se houver*

*paradigma, desencadeamento do sim/não, alternância de dois valores: para ele, o mundo é uma medalha, uma moeda, uma dupla superfície de leitura, cujo avesso é ocupado por sua própria realidade e cujo direito, pela utopia” (Barthes,1977, p.91, in [www.estacaoliberalidade.com.br//releases/barthes.htm](http://www.estacaoliberalidade.com.br//releases/barthes.htm)). (retirado desse site)*

Para Boaventura de Souza Santos:

*“A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, ela destaca o que não existe como parte integrante do que existe, mas que está silenciada. Ela aponta para o que é radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e porque merece lutar” (Souza Santos 2000 p.323 – apud Raymundo 2002 p. 132)*

No livro **Ambientalismo Participação e Contemporaneidade** do resultante do seminário<sup>11</sup> de mesmo nome, temos uma discussão sobre a utopia que gostaria de comentar. Começando desde o primeiro texto “Movimentos utópicos da contemporaneidade” de Aldaíza Sposati. A autora faz referência aos pensamentos de Boaventura de Souza Santos, nos apresenta alguns pressupostos fundantes para o caminho da emancipação, e especificamente com relação à utopia, ela coloca que:

*“A utopia é um pensamento desacreditado. A racionalidade científica é hostil ao pensamento utópico. A utopia exige uma nova epistemologia e uma nova psicologia, isto é, ela recusa o fechamento do horizonte e cria alternativas. Recusa ainda a subjetividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas” (SPOSATI, 2001, p. 23)*

*“A perspectiva é da heterotopia e não de uma utopia. Ao invés de inventar um lugar desconhecido, propõe que nos desbloqueemos para uma posição radical no nosso próprio lugar, isto é, sair do centro para a margem e experimentar a fronteira da sociabilidade como a própria sociabilidade” (ibdem,ibdem, p.24)*

---

<sup>11</sup> Livro que é uma coletânea de textos resultantes do Ciclo de Seminários “Ambientalismo Participação e Contemporaneidade”, realizados na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP)

A Professora Eda Tassara (2001, p.210), já no pós-fácio do citado livro, fala da utopia, que foi objeto do seminário com uma discussão do pensamento de Boaventura de Souza Santos. Ela comenta que :

*“ A vinculação conceitual da idéia de ambientalismo com a idéias de movimento social, de um ponto de vista sociológico, explica-se por uma alusão ao desejo de transformação da realidade social, da realidade do convívio humano, que reflete formas de relação do homem com a natureza. E aí ela se remete à idéia de **utopia**”.*

E então a professora cita Fabrizio Quochi (1985) que em sua *tesi di laurea* “Distopia e visioni totalitárias in 1984 de George Orwell<sup>12</sup> diz:

*“ As utopias são o reino das ortodoxias, onde não é mais consentido lutar por utopias melhores. No entanto, as narrativas utópicas apresentam uma relação próxima e específica com o ambiente onde nascem e as propostas de sociedades alternativas surgem da crítica ao presente.”*

E a professora Eda continua falando sobre a utopia, dizendo que:

*“embora as utopias se refiram a algo inatingível, desejável, porém **não atingível no presente**(...) elas nascem de uma crítica ao presente , elas nascem de uma crítica à sociedade na qual elas se inspiram.”*

Depois a professora diz que a conquista da utopia pela civilização presente não é muito antiga, e nos dá uma visão histórica da utopia, que nasce na Antiguidade e ressurgiu com força no Renascimento, mas sempre como narrativa literária:

*“Essa visão da utopia como narrativa literária que paulatinamente, vai se introduzindo no presente através da crítica de uma realidade a ser transformada e que se incorpora no comportamento através da indicação de como é possível se pensar o futuro pela construção do presente*

---

<sup>12</sup> O livro “1984”, de George Orwell, foi muito marcante para mim. Esse livro foi editado pela primeira vez em ... e eu o li justamente no ano de 1983, estava na universidade e começava a se formar em mim um espírito crítico. Ver apêndice 4.

*imediate, é uma conquista do homem contemporâneo.” (TASSARA, 2001, pp. 210-211).*

Demonstro assim, que existem diferentes concepções do que vem a ser utopia: - para uns é um sonho irrealizável, e para outros é um objetivo alcançável. A minha utopia (que considero realizável) é ver todas as pessoas do mundo voltadas para o bem coletivo. Acredito que a educação, dialógica, reflexiva, crítica, participativa, com referências múltiplas, seja uma forma de tentar realizar essa utopia. Gostaria de poder “contaminar” as pessoas com esse meu amor pela natureza, e minha vontade de agir em prol da vida no planeta.

Aqui fecho essa discussão sobre utopia, mas continuo a enunciar conceitos de educação ambiental.

Acho que na educação ambiental tem que ter muita beleza, muita harmonia, muito amor, elevação de auto estima, respeito mútuo, e saber que o ser humano é parte da natureza, e é responsável pela manutenção dela.

Para capacitar tem técnica. Formação humana exige sensibilidade, dedicação, vontade. A postura do(a) educador(a) é muito importante, pois é um exemplo de comportamento, da mudança nas relações pessoais. A perspectiva multirreferencial avança neste sentido:

*“Na multirreferencialidade, a função do educador é elaborar junto com o educando um ‘sentido para o mundo’, de forma que sejam respeitadas as diferenças culturais e todas as maneiras de sentir a realidade, sem imposição de modelos que funcionem como ‘caminho de mão única’ para a aquisição e assimilação de uma verdade excludente. O educador no exercício da multirreferencialidade abre-se ao mundo e a suas relações complexas e infinitas. Essa abertura coloca-o numa postura de aceitação da dinâmica das relações, valorizando com isso seu estado de humanização ao ser afetado por um número infinito de forças e, ao mesmo tempo, potencializando seu afeto e sua sensibilidade em relação ao outro e em relação ao mundo.” (JARDIM, in Barbosa, 2000)*

A educação deve ser feita por pessoas que têm esses princípios, por pessoas que gostam de ensinar, como bem fala Rubem Alves, “*ser educador não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, uma grande esperança*” (Alves, 1984, p.11) . Concordo com ele, mas espero que isso não sirva como um fator a mais para a exploração do trabalho dos professores, já tão desvalorizados - sobretudo economicamente!

A esse propósito da diferença entre professores – profissão e educadores-vocação, gostaria de transcrever um trecho desse mesmo livro de Rubem Alves, que compara professores a eucaliptos e educadores a jequitibás. É um trecho longo, mas gostaria de citá-lo, pois estando num Departamento de Ciências Florestais, acho esta comparação bastante pertinente:

*“ Pode ser que educadores sejam confundidos com professores, da mesma forma como se pode dizer: jequitibá e eucalipto, não é tudo árvore, madeira? No final não dá tudo no mesmo? Não, não dá tudo no mesmo, porque cada árvore é a revelação de um habitat, cada uma delas tem cidadania num mundo específico. A primeira, no mundo do mistério, a segunda num mundo da organização, das instituições, das finanças. Há árvores que têm uma personalidade, e os antigos acreditavam mesmo que possuíam uma alma. É aquela árvore, diferente de todas, que sentiu coisas que ninguém mais sentiu. Há outras que são absolutamente idênticas umas às outras, que podem ser substituídas com rapidez e sem problemas.”*

*“Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma estória a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade sui generis, portador de um nome, também de uma estória, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.”* (ALVES, 1984, p.13)

Acho que a verdadeira educação ambiental é a dos índios: que ensina o respeito à mãe natureza. Queria viver a vida dos índios. A vida ideal, romântica e sagrada dos índios das lendas. Dos mitos dos índios americanos, do sul e do norte. E falo do norte pois me lembro da carta do chefe Seattle: “Ensine a seus filhos o que nós ensinamos aos nossos: a Terra é nossa mãe, o que acontecer à Terra acontecerá aos filhos dela.”<sup>13</sup> Isso para mim é que é educação ambiental. Não apenas ensinar, mas viver desta forma respeitosa e amorosa com a natureza, e com os outros do grupo.

As 5 ecologias, texto de Marcos Sorrentino , com um resumo feito pela Rita Helena T. A. Moura no anexo F vieram para mostrar as diferentes formas de enfocar a educação ambiental, as dimensões que podem ser trabalhadas, e o próprio Marcos fala que poderiam ser mais ou menos do que cinco, porque há várias interpretações, há várias portas de entrada para a Educação Ambiental. Felix Guatari fala em 3 ecologias . Acredito muito nessa idéia de existir as várias dimensões, pelo menos as 5. O “inexplicável”, o eu, as relações com o outro, o mundo físico e a política (os acordos humanos).

Considero a natureza sagrada! Tenho necessidade de ver áreas verdes com frequência., ter plantas, Tenho necessidade de morar em casa com quintal de terra, plantado, com árvores e passarinhos livres. Acho que todos deveriam ter direito a isso, com igual direito de viverem de outro jeito, se quiserem, desde que não desrespeitem ninguém.

De acordo com Enrique Leff (2001) :

*“A educação ambiental inscreve-se dentro de um processo estratégico que estimula a reconstrução coletiva e a reapropriação subjetiva do saber. Isto implica que não há um saber ambiental feito e já dado, que se transmite e se insere nas mentes dos educandos, mas um processo educativo que fomenta a capacidade de construção de conceitos pelos alunos a partir de suas “significações primárias”. Nesta perspectiva educacional, o aluno é*

---

<sup>13</sup> Carta do Cacique Seattle, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, para o Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois de o governo ter dado a entender que pretendia comprar o território da tribo. Texto completo apêndice 5.

*um ator inserido num meio ideológico e social, onde se forma através de práticas nas quais podem transmitir-se (memorizar-se) conhecimentos(modelo tradicional), ou fomentar-se capacidades para que o aluno forje seu saber pessoal em relação com seu meio, através de um pensamento crítico.” E o autor continua: “Dessa maneira, a aprendizagem é um processo de produção de significações e uma apropriação subjetiva de saberes. Neste sentido, o processo educacional auxilia a formação de novos atores sociais, capazes de conduzir a transição para um futuro democrático e sustentável.”*

#### **2.4 Agenda XXI**

A Agenda XXI é um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Trata-se de um documento consensual para o qual contribuíram governos e instituições da sociedade civil de 179 países num processo preparatório que durou dois anos e culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), em 1992, no Rio de Janeiro, também conhecida por ECO-92.

**A Agenda XXI (ou Agenda 21) traduz em ações o conceito de desenvolvimento sustentável:**

A comunidade internacional, durante a Rio-92, acordou a aprovação de um documento contendo compromissos para mudança do padrão de desenvolvimento no próximo século, denominando-o Agenda 21. Resgatava, assim, o termo 'Agenda' no seu sentido de intenções, desígnio, desejo de mudanças para um modelo de civilização em que predominasse o equilíbrio ambiental e a justiça social entre as nações.

Mais do que um documento, a Agenda 21 é um processo de planejamento participativo que analisa a situação atual de um país, estado, município e/ou região, e planeja o futuro de forma sustentável. Esse processo de planejamento deve envolver todos os atores sociais na discussão dos principais problemas e na formação de parcerias

e compromissos para a sua solução a curto, médio e longo prazos. A análise e o encaminhamento das propostas para o futuro devem ser feitas dentro de uma abordagem integrada e sistêmica das dimensões econômica, social, ambiental e político-institucional. Em outras palavras, o esforço de planejar o futuro, com base nos princípios de Agenda 21, gera produtos concretos, exequíveis e mensuráveis derivados de compromissos pactuados entre todos os atores, fator esse, que garante a sustentabilidade dos resultados.

Considero que uma boa definição para a metodologia de Oficinas de Futuro é uma fala da Prof. Dra. Eda Tassara, no vídeo sobre oficinas de futuro para construção de Agenda 21:

*“Quando moradores de um dado território se reúnem para discutir suas condições de vida, e nesse processo discutem principalmente os aspectos sociais e naturais de seu ambiente, tendo em vista aprimorar essas próprias condições de vida, muitas coisas podem resultar dessa discussão: - A primeira delas é uma consciência da própria realidade existencial na qual se inscrevem. E desta consciência pode resultar o estabelecimento de uma série de decisões relativas a programas de ação e intervenção sobre este mesmo ambiente, tentando melhorar essas condições que foram identificadas como negativas, como prejudiciais, como desagradáveis. Dessas decisões, desses programas de ações que resultam dessa discussão coletiva, dessa discussão com a participação, deste grupo de moradores, deste grupo de cidadãos habitantes de um mesmo território, resulta uma agenda de programas que se constitui na Agenda 21 daquele pedaço, daquele território, daquele morador, daqueles moradores. Este espaço, de discussão, pode então ser pensado como uma oficina de futuro. Desta oficina de futuro, que se constrói em cima desses diagnósticos que são feitos sobre as condições de existência, sobre as condições ambientais. Desta forma a participação, a união, a discussão para chegar a esta definição de aspectos negativos, de aspectos desagradáveis, de aspectos deteriorados de condições de vida e ao mesmo*



*tempo a identificação dos sonhos, das expectativas, das condições que poderiam vir a modificar , a melhorar as condições de vida, constituem-se em duas faces de uma mesma moeda: um grupo participativo, uma oficina de futuro gerando uma agenda de ações que pode transformar a existência, que pode construir um futuro de acordo com alguma expectativa que corresponda, que represente aquele grupo de discussão. Esse conjunto de programas constituirá, portanto, a agenda 21 daquela comunidade.”*

## **2.5 Complexidade**

Vários autores abordam a complexidade. Vivemos num mundo em que podemos considerar com sociedades e relações complexas. Para explicar melhor isso, me apoiarei no autor Edgard Morin. Para o autor :

*“Há sete saberes ‘fundamentais’ que a educação do futuro deveria tratar em toda sociedade e toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura.”*  
(MORIN, 2002, p.13)

E ele nos alerta que o saber científico sobre o qual se apoia é provisório e *“desemboca em profundos mistérios referentes ao Universo, à Vida, ao nascimento do ser humano”*. (MORIN, 2002, p.13)

Os ditos saberes estão organizados em capítulos com os seguintes títulos e conteúdos:

### **Capítulo 1 – AS CEGUEIRAS DO CONHECIMENTO: O ERRO E A ILUSÃO**

A educação que se apoia na transmissão de conhecimentos é cega em relação ao conhecimentos humano e não se preocupa em conhecer o que é conhecer.

*“É necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais , culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro ou à ilusão.”* (MORIN, 2002, p.14)

## Capítulo 2 – OS PRINCÍPIOS DO CONHECIMENTO PERTINENTE

A contextualização das informações é absolutamente necessária para se organizar o conhecimento, e para que esse conhecimento tenha sentido para o educando:

*“É necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas as informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.”*

(MORIN, 2002, p.14)

## Capítulo 3 – ENSINAR A CONDIÇÃO HUMANA

Os conteúdos ensinados têm que servir para o crescimento pessoal de cada estudante, senão não faz sentido.

*“Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo” Saber “Quem somos?” é inseparável de ‘Onde estamos?’, ‘De onde viemos’, ‘Para onde vamos?’”* (MORIN, 2002, p. 47)

## Capítulo 4 – ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA

Saber que fazemos parte do mundo como um todo, e que tudo está interrelacionado, é muito importante para entender a necessidade de se atuar em prol deste mundo, mesmo que seja agindo localmente. Estamos na era planetária:

*“O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes . Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos.”* (MORIN, 2002, p.62)

## Capítulo 5 – ENFRENTAR AS INCERTEZAS

*“Os séculos precedentes sempre acreditaram em um futuro, fosse ele repetitivo ou progressivo. O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. Esta tomada de consciência deve ser*

*acompanhada por outra, retroativa e correlativa: a de a história humana foi e continua a ser uma aventura desconhecida.” (MORIN, 2002, p.79)*

Não ter certezas nos deixa inseguros, mas tê-las pode nos fazer alienados da relatividade dos problemas individuais e mundiais. Mostrar nossas incertezas para os educandos não deve nos diminuir, mas nos aproximar deles e partir daí poderemos construir juntos um conhecimento pertinente.

### Capítulo 6 – *ENSINAR A COMPREENSÃO*

A compreensão que Morin fala é quase que uma identificação com o outro. É uma aproximação, um conhecimento de sujeito a sujeito.

*“Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.” (MORIN, 2002, p.93)*

*“Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (MORIN, 2002, p.95)*

### Capítulo 7 – *A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO*

*“A ética propriamente humana, ou seja, a antro-po-ética, deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos indivíduo/sociedade/espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano.” (MORIN, 2002, p.106).*

*“Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciências de pertencer à espécie humana.” (MORIN, 2002, p.17).*

O autor fala em ética e em autonomia, nos remetendo ao que Paulo Freire também fala na sua Pedagogia da Autonomia, assunto que será abordado no item denominado Autonomia.

## 2.6 Multirreferencialidade

A Multirreferencialidade começa a ser pensada na França, no fim dos anos 1960, juntamente com outros pensamentos “revolucionários” para a compreensão da sociedade contemporânea, como o ambientalismo, mas só chega ao Brasil na década de 90, como uma teoria. Vários autores abordam a multirreferencialidade, mas aqui acompanhei os livros organizados e coordenados pelo Prof. Joaquim G. Barbosa e todos os autores que ele nos apresenta. Pensadores renomados como Barbier, Castoriades, Maffesoli, Lapassade, e o próprio Jacques Ardoino que é considerado o grande teórico da multirreferencialidade, e é ele quem nos diz que : ... *“a multirreferencialidade tenta contribuir com uma resposta à complexidade fornecida por certos objetos dos quais não se poderia, de outra forma, permitir a inteligibilidade”*.

Ardoino sintetiza a explicação sobre o conceito de multirreferencialidade na seguinte frase:

*“Multirreferencialidade é uma pluralidade de olhares dirigidos a uma realidade e, em segundo lugar, uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela. O que sublinha a necessidade da linguagem correspondente para dar conta das especificidades desses olhares.”* (ARDOINO, 1998, p.205).

Segundo Sérgio Borba, o conceito de multirreferencialidade, para Ardoino, *“na análise dos fatos, das práticas, das situações, dos fenômenos educativos se propõe explicitamente: uma leitura plural (de seus objetos); a partir de diferentes ângulos; sem função de sistemas de referencia distintos (o transbordamento-magma do objeto); não redutíveis uns aos outros (supostos, reconhecidos) ou seja, heterogêneos.”* (BORBA, 1998b. p.13)

Borba nos diz ainda que “*A multirreferencialidade é um hino contra o reducionismo... Um hino ao esforço de liberação humana*” Com isso, ele quer dizer que não devemos reduzir as análises dos fenômenos a uma explicação fundamentada em apenas uma especificidade científica, por exemplo:

*“O indivíduo, tanto no fracasso escolar como em outro, demonstra apenas um sintoma estrutural social e por isso o psicológico ou outro não dá conta da complexidade do fenômeno” (BORBA, 1998b. p.13)*

Ardoino afirma que a multirreferencialidade não é uma metodologia e sim uma epistemologia, ou seja, de crítica e criação científica:

*“ Fazer ciência não é conformar-se, nem metodologizar-se (infelizmente tão em moda no imaginário medíocre dos mercadores culturais)ou seguir normas determinadas de antemão.” ... “ Ora, precisamos sair do conforto das metodologias prontas. É o fazer ciência, o criar, o construir ciência que definirá a ‘composição’ (a bricolagem) metodológica.” (BORBA, 1998, p. 17)*

Durante todo este texto tenho falado das influências que a multirreferencialidade tem no meu entendimento sobre como deve ser a relação professor-aluno. Entendo que o trabalho com educação ambiental, pensando basicamente em educação: numa educação que leve as pessoas a se harmonizarem com o ambiente. Não só o ambiente natural e sim com tudo: desde consigo mesmo, seu corpo, sua saúde, com o outro ser humano, com os outros seres, com o ambiente natural e construído, com sua comunidade e até com a comunidade planetária. Ou seja, considerando todos os aspectos das 5 Dimensões da Ecologia. Não pensando só em conteúdo, mas não negando a ciência e nem a sapiência popular.

É uma educação que se preocupa com o indivíduo de uma forma não hierárquica, numa postura em que não é o professor que sabe mais, ele é um facilitador para a construção do saber. Uma educação que quer ajudar as pessoas a se tornarem cidadãos. Cidadãos conscientes e atuantes: autores-cidadãos

A multirreferencialidade trabalha a educação dessa forma. Começando desde a relação professor-aluno, até as questões de administração escolar. Tem uma linha política, anti-dominância e visões filosóficas, psicanalíticas e epistemológicas, por isso são múltiplas as referências.

*“ A multirreferencialidade, enquanto discurso epistemológico, trata de ativar na relação educador-educando o fluxo constante de um “interdesejo” que não age somente por separação, mas também por ligação, por conexão: “O desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, corre e corta” (JARDIM, 2000, p.32)*

Quando tive o prazer de conhecer o professor Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa, e pude conversar sobre este trabalho, ele me disse entre muitas outras coisas interessantes, que: *“ o cerne da educação é : Como tornar as pessoas autoras? E continuou: - “Não importa a atividade...”*

Embora saiba que o termo **autoria** usado pela multirreferencialidade não seja necessariamente a autoria de um produto, posso dizer que no Grupo Água é Vida tentamos contribuir para que os jovens fossem autores de várias obras: desenhos, fotografias, a elaboração do convite da feira em forma de fanzine, a composição da música do projeto, realização de uma grande Feira Ambiental com diversas atividades no bairro. Sempre tentamos contribuir para que eles acreditem que podem ser autores de sua própria vida.

Autoria é algo muito próximo à autonomia, então entendo que estarei falando de um aspecto da multirreferencialidade no próximo item.

## **2.7 Autonomia**

Abordarei o significado dessa palavra retirando-o do livro *“Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários À Prática Educativa”*, de Paulo Freire.

O pequeno livro fala ao educador sobre a ética da prática educativa, que deve sempre ser respeitada independentemente da ideologia do professor. O autor aponta as exigências que se fazem necessárias para o educador que pretende trabalhar realmente

com a autonomia. Considero a lista dessas exigências como um guia. Um guia de reflexão. Penso que a atuação deve ser criativa e pessoal, mas a reflexão da prática deve obedecer a essas exigências e mais algumas que se considere como edificantes, para educadores críticos, progressistas e até mesmo os conservadores: *“São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora”*.

O grande educador nos dá o testemunho de sua atuação e se abre para diálogo desde as “Primeiras Palavras” do livro, na esperança de *“que o leitor crítico acrescente alguns (temas) que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido”* (FREIRE, 2002, p.14).

*“ Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”* (FREIRE, 2002, p.25)

E continua a sua lista em que cada divisão de tópico é uma exigência :

Ensinar exige rigorosidade metódica, no sentido de ser um educador democrático que:

*“não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando”* (...) *“não apenas ensinar conteúdos mas também ensinar a pensar certo”* (...) . *“E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas”*. (FREIRE, 2002, p. 29)

O pensar certo foi uma exigência de Freire que nos mobilizou reuniões semanais da Oca, onde lemos o livro e discutimos muito. Tentamos nos guiar por ele e chegamos a elaborar pelo menos três textos que gostaria de mencionar. Um texto do colega mestrando e amigo Fábio Deboni Silva – **“Do conhecimento pertinente ao pensar certo: contribuições de Edgar Morin e de Paulo Freire à educação e à**

**educação ambiental.**” Outro texto é da amiga Rita Helena, e um outro texto de minha autoria **“O Pensar Certo e as minhas dúvidas”** \*

Paulo Freire faz uma espécie de brincadeira trava-línguas com a formação: *“É preciso que desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”*. (FREIRE, 2002, p.25)

Freire continua a explicar suas exigências para a pedagogia que pretende desenvolver a autonomia: Ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação , reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural .

No segundo capítulo Freire nos diz que ensinar não é transferir conhecimentos e continua sua lista dizendo que ensinar exige consciência do inacabamento, reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, exige alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível e curiosidade.

No capítulo três ele nos diz que ensinar é uma especificidade humana e portanto é uma atividade que exige: segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, ensinar exige liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, exige reconhecer que a educação é ideológica, ensinar exige disponibilidade para o diálogo, exige querer bem aos educandos.

E com relação a esta última exigência, querer bem aos educandos, concordo plenamente com Paulo Freire quando diz:

*“A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não*

---

\* Estes textos podem ser lidos no site [www.esalq.usp.br/oca/canteirodeideias](http://www.esalq.usp.br/oca/canteirodeideias) .



*permite que me transforme num ser ‘adocicado’ nem tampouco num ser arestoso e amargo.”*

*“A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também.”*

*(FREIRE, 2002, p.160)*

Também me sinto alegre e esperançosa em relação à educação ambiental, e considero que estar aberto a afetividade torna a educação mais interessante, pois durante uma atividade educacional não estamos somente preparando para a vida, estamos vivendo aquele momento. E viver tem que ser com alegria e amor.

## **2.8 Arte educação – a Construção do Olhar**

*“Refletir sobre o papel da Arte para que haja o resgate da imagem do ser humano global implica assumir a óptica do novo paradigma da Ciência da contemporaneidade e navegar por um conceito que une Arte e Ciência, pois a mesma imaginação criadora que produz Ciência produz Arte”*  
*(BUORO, 2000, p. 32)*

*“O Olhar em Construção – Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte”*, neste livro Anamélia Bueno Buoro conta uma experiência em arte-educação, realizada numa escola de ensino formal, com crianças de 1ª a 4ª série.

O texto tem um “olhar” semiótico:

*“capaz de colher e discutir a percepção que o artista, a criança e o professor têm do objeto artístico” (...)* *“O que se produz parte do que se percebe, e o enfoque se desloca para a verdadeira construção do conhecimento”* (Olga de Sá – na apresentação do livro) .

Anamélia diz que:

*“Este processo ativo de educação/aprendizagem em Artes dialoga com as diferentes linhas teóricas que discutem a arte como linguagem, constituída*

*de um sistema de signo e articulada por uma sintaxe própria e estudos sobre os mecanismos da percepção, da imaginação criadora, da visualidade” (BUORO, 2000, p. 18)*

*“Por meio das percepções e interpretações, os sistemas externos da realidade são mapeados nos sistemas internos do ser, e o cérebro humano vai também se desenvolvendo no contato com essa realidade” (idem, p.19)*

O processo de internalização da realidade foi bem abordado por CASTRO e SPAZZIANI no artigo: *“Vygotsky e Piaget: Contribuições para a educação ambiental”*:

*“Para explicitar o processo de internalização, é necessário resgatar os princípios básicos da abordagem proposta por Vygotsky, ou seja, a concepção da natureza social do psiquismo humano também significa compreender o processo de construção do conhecimento como socialmente determinado. Assim, o autor focaliza a presença do outro<sup>1</sup> como mediador no processo do conhecimento, isso é, toda a função psicológica superior, assim como a formação da consciência, é derivada das relações humanas.” (CASTRO e SPAZZIANI, 1998, p. 199-200)*

Anamélia também se referencia a Vygotsky dizendo que ele : *“considera o gesto e a dramatização movimentos geradores da representação gráfica infantil ligados a uma interação social” (BUORO,2000, p.41).*

*“Partindo da concepção de que a Arte é uma linguagem manifestada desde os primeiros momentos da história do homem e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular, o conhecimentos dessa linguagem contribuirá para maior conhecimento do homem e do mundo. Portanto, a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade” (BUORO, 2000. P. 33)*

Esta leitura foi muito importante para consolidar mais os conceitos de percepção e de semiótica, que procuro analisar nas oficinas de fotografia que realizo e no Projeto Água é Vida , onde nos propusemos a trabalhar com arte, de forma prática, através de atividades de desenhos, colagens, pinturas, e fotografia. O uso da fotografia como um instrumento a mais para aguçar a percepção visual dos participantes do grupo, esteve relacionada à prática das atividades de arte, sempre pensando na valorização do indivíduo e no estímulo à participação na transformação da realidade.

Anamélia se coloca numa posição em relação às artes e às ciências que compartilho totalmente:

*“Refletir sobre o papel da Arte para que haja o resgate da imagem do ser humano global implica assumir a óptica do novo paradigma da Ciência da contemporaneidade e navegar por um conceito que une Arte e Ciência, pois a mesma imaginação criadora que produz Ciência produz Arte.”* (BUORO,2000, p. 32)

E ainda uma maior identificação com o trabalho de Anamélia se dá através do comentário que ela faz sobre a mídia:

*(...) “ a realidade de que a expressão artística da criança de hoje está carregada de imagens veiculadas pela mídia: o mundo da imagem pronta, rápida, sem tempo para ser pensada. Até que ponto essa linguagem enriquece ou destrói a originalidade nata da criança? ”* (BUORO,2000,p.37)

## **2.9 Comunicação, Semiótica e Fotografia**

O famoso teórico da comunicação canadense , Marshall McLuhan, cuja tese básica consiste em afirmar que *“o meio é mensagem”* perguntado sobre quais são as transformações básicas que os *mass media* produziram na nossa sociedade, respondeu que :

*“Tendo em conta que por mídia não entendo única unicamente os mass media (minha definição inclui qualquer tecnologia que crie extensões ao corpo humano e aos sentidos, desde o vestuário ao computador) e*

*considerando que as sociedades sempre estiveram mais condicionadas pela natureza se seus mas media que pela mensagem que estes lhes transmitem, temos então de concluir que quando uma nova tecnologia penetra numa sociedade, satura todas as instituições. A tecnologia é um agente revolucionário; comprovamo-lo hoje com os meios elétricos, e o mesmo sucedeu há séculos com a invenção do alfabeto fonético.”*  
(MCLUHAN, 1979, p.9)

Nos mostrando, assim, que nossa sociedade está invadida pelos mass media há bem mais tempo do que imaginamos.

Não me aprofundarei na análise dos meios de comunicação de massa, mas tendo em vista minha formação, terei que pelo menos citar a influência que estes exercem em nós. Os meios de comunicação de massa buscam criar o senso comum, a homogeneidade de valores e sentimentos em indivíduos isolados, heterogêneos, para fins convenientes Embora não se possa provar seus efeitos (como já foi citado na minha história, p.XX deste texto) sabemos que essa influência é grande.

A comunicação de massa poderia ser uma grande aliada da educação ambiental , se isso fosse interessante ao sistema. Mas ela é financiada pelos anunciantes, que não estão interessados em massa crítica, e sim em consumidores vorazes e incoseqüentes.

Mostrar a força da comunicação e disponibilizar técnicas para empoderar as pessoas excluídas é muito importante. Como veremos na discussão, a presidente da Associação Comunitária do Jardim Oriente nos contou do poder que ela ganhou na câmara dos vereadores, a partir do jornal que foi editado.

## **2.10 A percepção e suas várias interpretações**

Acredito que a fotografia amplie nossa percepção, através da maneira com que dirigimos o olhar para a escolha do que vai ser fotografado. Toda minha vida de *operator* (Barthes,1980) me fez pensar assim, e as oficinas de fotografia que realizei comprovaram isso para mim. Agora, tento comprovar isso neste trabalho.

Começo dizendo que nossos olhos são exatamente como uma câmara escura. Nossos olhos escolhem algo para ser fixado no papel, ou em outra base, através

de um olho mecânico, que é a câmara fotográfica. Mas acaba fixando essa imagem em nossa mente, contribuindo para uma percepção mais aguçada.

Rubem Alves(2001) nos lembra que:

*“Nietzsche dizia que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Ver é coisa complicada, não é função natural. Precisa ser aprendida. Os olhos são órgãos anatômicos que funcionam segundo as leis da física ótica”. (...) A visão é um processo pelo qual construímos nossas impressões óticas segundo o modelo que a linguagem impõe” (p.27-28)*

A percepção humana evidentemente não se restringe à visão, e é muito complexa, e isso gerou várias teorias. Vários ramos do conhecimento se utilizam da percepção. Abordarei aqui algumas delas, que considero importantes para este trabalho.

A percepção pode ser definida como reconhecimento, identificação ou diferenciação de objetos, formas e sensações. Baseia-se em informações do mundo exterior, transmitidas pelos sentidos, e em sensações interiores, provenientes do próprio aparelho psíquico da pessoa. Muitos estudiosos afirmam que constitui um processo não necessariamente consciente; é o caso por exemplo, da **percepção subliminar**, que se caracteriza por uma reação inconsciente a estímulos externos, influenciando, depois, o consciente. A percepção nunca abrange de imediato toda a realidade, pois se processa de modo seletivo (Enciclopédia TUDO, 1977 p. 985).

Existem várias formas de se abordar a percepção. Desde as mais ligadas aos sentidos, até as que se fiam na psicologia, e nas representações sociais. A Gestalt, ou psicologia da forma, cuja idéia central é de que os fenômenos psicológicos não são constituídos por mera soma de elementos, mas por todos organizados, estruturas, formas (em alemão *Gestalten*) em que as partes se articulam de modo funcional. Assim, a percepção de uma melodia, por exemplo, não pode ser entendida se for considerada apenas a soma das sensações elementares correspondentes a cada nota; é necessário interpretá-la como conjunto organizado. Se algumas notas deixarem de ser tocadas, nem por isso a percepção se altera; o importante é a forma global. (Enciclopédia TUDO, p. 595).

A percepção ambiental interessa especialmente à arquitetura e à geografia . Yi Fu Tuan dá uma importante contribuição ao estudo da percepção em seu livro “*Topofilia*” . E começa comentando a complexidade do estudo sobre a percepção:

*“Se fosse preciso fazer uma pesquisa geral sobre o assunto, gostaríamos de escolher das diferentes disciplinas e fazer uma antologia.” ... ( mas) Considerando a pobreza de conceitos abrangentes, o esforço é, quase certo, destinado ao fracasso” (TUAN, 198, p.3).*

Desde o estudo anatômico e fisiológico dos órgãos do sentido, passando pelas reações físicas e químicas do cérebro, à interpretações psicológicas e sociológicas da percepção humana, e chegando a pensar no significado semiológico do que é percebido, podemos tentar chegar a estabelecer algumas teorias sobre a percepção. Mas a percepção é individual e ao mesmo tempo social, e toda essa complexidade deve ser examinada.

*“Por possuírem órgãos de sentido similares, todos os seres humanos compartilham percepções comuns, tendo então, um mundo em comum, do ponto de vista fisiológico. Porém, ao olhar para uma determinada paisagem, dificilmente duas pessoas terão a mesma visão ou compreensão do que estão vendo. Isto porque, o que cada pessoa seleciona para ver depende muito de sua história de vida e bagagem cultural (LUDKE & ANDRÉ, 1986).*

*Fatores como aptidões, predileções, formação pessoal e grupo social a que pertence fazem com que uma pessoa se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. Considera-se ainda que “as percepções estão impregnadas de lembranças” (BOSI, 1994).” (FERREIRA, 2001)*

A percepção influencia as pessoas a agirem de tal ou tal forma, a terem boas ou más lembranças das vivências, a construírem um significado para as coisas da sua vida. Todos os canais dos nossos sentidos nos guiam para a vida, e nos fazem gostar ou não gostar de um lugar por exemplo.

*“Segundo TUAN (1980), “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Associam-se a tal conceito, lugares e paisagens que provocam sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética. Um sentimento contrário a topofilia é a topofobia, associada a lugares e paisagens que geram qualquer tipo de aversão, repulsa, desconforto e medo” (DEL RIO & OLIVEIRA, 1996).*

*“A topofilia e topofobia estão intimamente associadas às percepções e memórias relacionadas à um determinado ambiente. A compreensão das relações topofílicas e topofóbicas de uma população para com o ambiente que a cerca pode nos conduzir à compreensão das atitudes (ou falta de atitudes) que geram (ou permitem) a degradação ambiental, sendo então importante área de estudo.” (FERREIRA,2001).*

Tuan propõe uma estruturação do

*“tema da topofilia com um conjunto limitado de conceitos : (1) examinar a percepção e os valores ambientais em diferentes níveis: as espécies, o grupo e o indivíduo; (2) manter cultura e meio ambiente, topofilia e meio ambiente, tão distintos a fim de mostrar como eles mutuamente contribuem para a formação de valores;(3)introduzir o conceito de mudança, com esquema de deslocamento da visão medieval européia do mundo para um modelo científico, e o que isso significou para as atitudes ambientais; (4) examinar a idéia da busca do meio ambiente na cidade, no subúrbio, no campo e o selvagem, de uma perspectiva dialética; (5) distinguir tipos diferentes de experiências ambientais e descrever as suas características.” (TUAN, 1980, p.3)*

Os estudos feitos pela arquitetura também contribuem muito para o entendimento da percepção ambiental, e a respeito disso Mariza Weber Alves apresenta um artigo muito pertinente a este presente trabalho: *“Percepção da Arquitetura e do*

*Urbanismo.- Uma aproximação com o Ensino das Classes Populares*”. Ela relata a experiência de um trabalho de educação não formal com crianças de periferia, no Morro do Preventório. A idéia era “*entender o morro, suas relações espaciais, características físicas, história de ocupação... fazendo as leituras necessárias no sentido de apoiar*” os trabalhos das associações de moradores com os quais ela e sua equipe estavam envolvidos.

*“Para quem vinha lidando com processos participativos e havia percebido a forte relação que possuíam com a comunicação e a educação, o trabalho com as crianças trouxe uma nova dimensão. Ele permitiu que se exercitasse essa tripla relação de uma forma mais plena do que com adultos.”* (ALVES, 1999, p. 214)

Além dos temas percepção, participação e comunicação, algo mais me chamou atenção no artigo de Mariza: foi o relato de seu processo de construção como educadora. Ela se coloca, fala de suas dúvidas e seus sentimentos, (mais uma pessoa para me apoiar na questão do testemunho):

*“Minha experiência foi solitária. Por um lado, os profissionais cujas áreas já estão consolidadas no ensino viam-me com muita desconfiança, pois o que eu trazia apontava a necessidade de alterar rotinas e conteúdos. Por parte dos meus colegas de formação, havia um certo incômodo, pois como se não bastasse trabalhar com pobre, ainda por cima era como professora”* (ALVES, 1999, p. 236)

Num primeiro momento, diante de tantas dificuldades, instalações inadequadas, poucos recursos materiais e crianças com sérios problemas de desnutrição, violência doméstica e baixa autoestima, chegou a pensar em abandonar o projeto, mas aos poucos foi usando a criatividade, melhorando o ambiente dos encontros (de um espaço adaptado de uma ala desativada de um hospital psiquiátrico) e realizando saídas com os grupos para conhecer o morro. Na convivência com as crianças, Mariza foi descobrindo a percepção do espaço “*subíamos o morro seguindo suas orientações*” (...)



*“as crianças revelaram poder ler muito bem o morro.”* E se espantou com as habilidades em construção civil que eles apresentavam desde muito cedo:

*“Wagner, que não sabia ler o seu caderno, mostrou-me como fazer uma casa de forma muito clara: o traçado da fundação, o uso do nível do prumo, ferros e estribos, a mistura do cimento, areia e brita, a forma de assentar tijolos, telhas e caibros. Termos e significados precisos, com que estudantes de arquitetura recém-iniciados têm pouca familiaridade. Para quem já vinha há algum tempo investigando os caminhos dos processos participativos na arquitetura e uma melhor abordagem junto ao usuário coletivo, a constatação de que no país de autoconstrutores as crianças são parte efetiva deste grupo, ganhou valor de um importante desdobramento.”*  
(ALVES,1999, p.216)

No Projeto Água é Vida por várias vezes os jovens diziam que precisavam faltar pois estavam ajudando os pais a consertarem ou reformarem a casa. Alguns deles sempre arrumavam um “bico” de ajudante de pedreiro, confirmando o que Mariza disse sobre a “autoconstrução” das casas . E esta autora sensível e criativa termina seu artigo concluindo que:

*“Para mim ficou muito claro que a participação está efetivamente ligada à questão da educação. O potencial de trabalho que a arquitetura e o urbanismo têm junto às crianças e adolescentes das classes populares é imenso; é um grande encontro que as crianças lidam com um enorme prazer e propriedade. Cabe a expectativa de que os cursos formadores de profissionais que atuam com a cidade possam aproximar suas experimentações e reflexões com o ensino básico, ampliar os benefícios ao meio ambiente e seus usuários.”* (ALVES,1999, p.236)

Outro livro muito significativo para mim nesta temática de percepção ambiental, ainda voltada à arquitetura e urbanismo, e tendo um trabalho de fotografia e

semiologia é o “*Olhar Periférico*” de Lucrécia D’Alessio Ferrara, professora da FAU/USP.

É o relato de uma pesquisa em três bairros de São Miguel Paulista (periferia de São Paulo).

A autora faz uma interessante definição de percepção ambiental:

*“Usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço. Usos e hábitos, reunidos, constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem codificação.”*

*“Superar essa opacidade é condição de percepção ambiental, ou seja, de gerar conhecimento a partir da informação retida, codificada naqueles usos e hábitos. Percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a lógica da sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de percepção ambiental” (FERRARA, 1999, p. 153)*

Meu problema de estudo foi detectado justamente assim: por não ser moradora do local, gostava de passar de vez em quando perto do ribeirão para ver suas águas, suas árvores, sentir as diferenças de temperatura do lugar, quando estava no sol ou na sombra, ouvir o barulho da água e dos pássaros, ver se percebia algum peixe se movimentando....

As pessoas não percebem muito o local que faz parte da rotina delas, concordo que exista essa membrana de opacidade que impede a percepção das condições ambientais. Geralmente um visitante ocasional percebe mais o local, pois está com os olhos atentos vendo algo novo. As pessoas do local passam por ele sem perceber suas qualidades e defeitos, pois aquilo sempre esteve ali.

*“Este uso habitual torna ilegível o lugar urbano e inibe a locução verbal; ao contrário, para ler o ambiente é necessário romper aquele hábito e surpreender-se ante o local do dia a dia. Esta surpresa pode ser induzida através de um instrumento de comunicação menos habitual do que a palavra, algo que seja capaz de impor certa atenção de registro do ambiente urbano. A máquina fotográfica pode ser um instrumento eficaz para fazer ver o espaço habitual do cotidiano e desempenhar, na estratégia desta pesquisa, um papel detonador da capacidade perceptiva, ou um indicador do estágio dessa percepção.” (FERRARA, 1999, p. 21-22)*

Um artigo ligado à percepção ambiental, mas mais voltado à geografia apresentado no mesmo livro foi o de Oswaldo Bueno Amorim Filho, *“Topofilia, topofobia e topocídio em MG”* em que o autor faz um histórico da evolução das bases conceituais dos estudos de percepção ambiental e explora os temas propostos por Tuan, topofilia e topofobia e ainda apresenta os conceitos de topocídio e topo-reabilitação que são, respectivamente, o assassinato e a recuperação de um lugar. Posso exemplificar o topocídio com a história já contada do ribeirão Arrudas (aquele que passava alguns quarteirões abaixo de minha casa em Belo Horizonte) e pretendo que nosso trabalho contribua para a topo-reabilitação do ribeirão Piracicamirim.

Amorim Filho faz um estudo das regiões de Minas, e eu como boa mineira concordei com os resultados que ele obteve de questionários com a população de várias regiões do estado. O topocídio é a degradação e o aniquilamento de paisagens, lugares, construções e monumentos valorizados.

## **2.11 A teoria semiótica da percepção**

A professora Lúcia Santaella (1993), estudiosa de Charles Sanders Peirce, o americano que formulou a teoria da Semiótica, nos diz que na maioria das teorias da percepção existe uma redução da percepção à visualidade. Pesquisas empíricas revelam

que, provavelmente devido a razões de especialização evolutiva, 75% da percepção é visual, 20% é auditiva e 5% para os outros sentidos.

*“...a conclusão a que se costuma chegar diante disso, é que tal dominância de um sentido sobre os outros deve ter sido e estar sendo devida ao fato de que poderosos meios ou extensões do sentido visual foram historicamente criados, tais como telescópios, microscópios, radares, todos os aparelhos da mesma família da fotografia, então a televisão, a holografia, e agora, a captação e a produção de imagens através do computador, o que só pode retroalimentar uma tendência, se é que ela exista, para a especialização visual da espécie humana”*

O mesmo acontece com a audição, pois temos, criados para ela, vários aparelhos que funcionam como extensões capazes de aumentar o sentido e a complexidade dos sons. E a autora se pergunta porque isso acontece, e logo tenta responder que o olho e o ouvido estão muito próximos e diretamente ligados ao cérebro,

*“são buracos que se conectam diretamente com o cérebro, em oposição aos outros sentidos, que são buracos ligados às vísceras” (...)* *“deve ser em razão de suas posições em relação ao cérebro que o olho e o ouvido se constituem em aparelhos biológicos altamente especializados. Em linguagem técnica da comunicação, eles não se constituem apenas em canais para a transmissão de informação, mas em verdadeiros órgãos codificadores e decodificadores das informações emitidas e recebidas, de modo que parte da tarefa que seria responsabilidade do cérebro já começaria a ser realizada dentro desses dois órgãos, para ser completada no cérebro”*. (SANTAELLA, 1993, p. 13)

Uma consequência disso:

*“são os inúmeros sistemas de signos visuais e também sonoros, isto é, processos de produção de linguagens e de transmissão de mensagens que a humanidade foi criando ao longo de sua existência, sem que nenhum*

*sistemas de signos olfativos ou sistemas relativos ao tato fossem criados”.*  
(SANTAELLA, 1993, p.15)

Mas considero importante trabalhar os outros sentidos, em nossos trabalhos de educação ambiental tentamos estimular todos os sentidos .

Contarei aqui uma experiência que foi muito importante par a consolidação das minhas idéias em relação à percepção e ao olhar:

*Trabalhando com a Rita Helena, na segunda capacitação que ela realizou para professores(as) eventuais, eu, a Ana Paula e a Simone fizemos uma vivência para as professoras. Foi um dia inteiro no campus da Esalq, com várias atividades. A Ana Paula ficava numa sala oferecendo sabores, aromas e texturas para que as professoras vendadas se deliciassem com os seus sentidos, de paladar e olfato . A Simone ofereceu uma oficina de sons e música para estimular a audição. Eu fiquei na beira do Piracicamirim, na mata ciliar que passa abaixo do departamento de Floresta. Com todos os aparatos de visão que pude arranjar: - lentes de aumento, binóculo, luneta, óculos de várias cores, caleidoscópios, imagens em 3D , exposição de fotos. Um grande cartaz para se produzir um desenho coletivo. E me impedi de falar e pedi silêncio. Para que somente o olhar fosse utilizado. Olhar através de todos os objetos que estavam ali, e tirar fotos , inclusive com a câmara pinhole, feita de lata.*

*No início da estrada da mata, pendurado em uma árvore, com instruções para ser lido, tinha o texto do Rubem Alves, (apêndice 3) que fala do menino que é puxado pela mãe por um caminho, e vai vendo tudo: pedrinhas, borboletas, algumas flores e etc, e a mãe vai apressada e não vê nada. Com este texto, convidei-as para estar atentas a tudo. Eu coloquei uma fita adesiva na boca e para não falar nada, e pedi para todos que fizessem o mesmo: a idéia era se comunicar através de gestos e pequenas frases escritas em bilhetes curtos, numa folha que estava na prancheta, que foi entregue anteriormente, para as pessoas, em grupos de três ou quatro. Depois das atividades de olhares na beira do ribeirão, propus uma mini trilha, que se guiava por um pequeno cordão (50 cm) e devia ser percorrida com uma lupa e muito cuidado de anotar tudo que se via naquele micro cosmo, comentando toda a biodiversidade(semre através de cartazes) . Mais uma vez estimulando a percepção acurada e cuidadosa. Essa vivência*

*me pareceu ser muito significativa, tanto para mim, quanto para as professoras. Nos comentários de avaliação, entre outras coisas, foi dito que era tudo muito diferente do que estavam acostumadas, até pela questão de não falar. Elas se sentiram como seus alunos que são obrigados a ficar quietos enquanto elas dão aulas... Acredito que lhes proporcionamos sensações que as tiraram do comum.*

Voltando à percepção semiótica, Santaella comenta que a psicologia experimental, pelo menos na primeira metade do séc. XX praticamente banuiu a “mente” de seu campo de estudo e isso fez com que as questões mentais não fossem abordadas na maioria das investigações sobre percepção. Não tinham interesse na compreensão dos processos mentais que regem a percepção e nos processos cognitivos,

*“responsáveis pelas operações de reconhecimento, identificação, memória, previsibilidade, em síntese, habilidades mais propriamente cognitivas que explicam por que o fenômeno que está lá fora no mundo, chega até nós de modo que nos é compreensível.” (SANTAELLA, 1993, p.16)*

A ruptura das modernas teorias da percepção com o passado filosófico foi uma conseqüência desse desinteresse, e Santaella afirma que abriu-se um fosso *“entre os resultados dos experimentos e a epistemologia da percepção, ou seja, a indagação sobre o papel desempenhado pela percepção nos processos mais gerais do conhecimento.” (SANTAELLA, 1993, p. 18) .*

Santaella indica a Semiótica de Pierce como a teoria mais bem preparada, em termos lógicos, ontológicos e epistemológicos, para enfrentar as questões relativas à percepção, e aponta como um dos argumentos que baseiam essa afirmação,

*“o fato de que , para Pierce, não há, nem pode haver, separação entre percepção e conhecimento. Segundo ele, todo pensamento lógico, toda cognição, entra pela porta da percepção e sai pela porta da ação deliberada”. Outro argumento é que a cognição e a percepção são “inseparáveis das linguagens através das quais o homem pensa, sente, age e se comunica. Daí a teoria da percepção pierceana estar intimamente ligada à sua teoria dos signos, que, por sua vez, está fundamentada numa*

*lógica tri-relativa, altamente rigorosa, que não separa os processos mentais, e mesmo os sensórios, das linguagens em que eles se expressam.”*  
(idem, p.16).

Devemos levar em conta que Pierce não era um racionalista, para ele, a percepção envolve elementos inconscientes e não cognitivos. Pierce não estuda os efeitos que os fatores inconscientes exercem sobre a percepção, mas não os ignora.

*“Com a teoria da percepção, ele conseguiu resolver impasses relativos a sua teoria dos signos, especialmente concernentes às ligações da linguagem com a realidade, isto é, aos problemas de real e da fonte perceptiva de todo conhecimento”* (ibid, p.18)

Quando li este livro, pensei imediatamente que seria esse tipo de percepção que eu estaria disposta a trabalhar, pois vindo da semiótica, da comunicação, seria essa minha contribuição para a percepção em educação ambiental.

Temos estas questões a trabalhar para entender a contribuição da percepção semiótica à educação ambiental:

Quando trabalho com fotografias, estou trabalhando com uma linguagem conhecida e muito usada. Quando trabalho com essa linguagem, através do ensino da técnica e mais a reflexão sobre o que essa técnica produz, estou aumentando a compreensão dessa linguagem e possibilitando um canal de expressão através dessa linguagem. Uma linguagem que não é nova para receber, mas nem sempre é usada para se expressar.

Ao trabalhar com fotografia priorizo o sentido da visão: mas querendo apresentar um novo olhar: - um olhar crítico, direcionado para a produção de imagens representativas.

Produzir uma imagem a partir de um lugar ou objeto real. Olhar o local e fazer o recorte da paisagem. O que é bonito. Ou o que é feio.

Depois de tudo pronto, nos perguntamos:

- O que achamos do resultado?

- Porque escolhemos esse ou aquele aspecto da paisagem?

Vamos entender por qual motivo esta imagem foi produzida e não outra e entender que essas imagens são uma linguagem, diferente da verbal. Podemos nos comunicar com essa linguagem. Podemos mostrar para as pessoas individualmente, ou coletivamente fazendo cartazes ou produzindo fanzines (uma mescla de linguagem verbal e visual).

A teoria semiótica é extremamente complexa, mas pode contribuir para a educação ambiental é propiciando sabermos que estamos lidando com um conjunto de significados que pode ser diferente dos nossos significados. Em geral são parecidos, pois vivemos numa sociedade massificada, mas se queremos que as pessoas gostem, se harmonizem e cuidem da natureza, temos que trabalhar com os significados de natureza que essas pessoas tem. Tentando reforçá-los ou modificá-los de forma não autoritária e etnocêntrica, mas dialógica e abrangente.

## 2.12 A Câmara Clara

Antes de falar do livro de Barthes – me permitam contar uma historinha, pois quero comentar minha escolha por ele, inspirada no estilo do autor.

Foi um livro que me acompanhou (mais fisicamente, mas também de certa forma intelectualmente) desde a faculdade. Devo tê-lo comprado em 1984, lembro que foi numa livraria linda de Belo Horizonte, chamava-se Líber – livros e vinhos. Os vinhos são ótimos e o bar tinha um jogo chamado Persona, que consistia em duas pessoas sentadas de frente uma para a outra, olhando numa chapa de vidro, apenas com a luz de uma vela. À medida que se movimentava a vela, viam-se imagens compostas dos dois rostos, era divertido e intrigante, muito interessante. “*Coisas de ver*” sempre me chamaram a atenção, e essa ainda remetia a olhar-se no espelho...

Na parte da livraria vi aquela capa com a ilustração de uma câmara bem antiga, o nome de Barthes em letras maiores que o título, junto com outros livros de fotografia, que eram os únicos que me interessavam naquele momento. Já tinha ouvido falar de Barthes, acho que foi pelo sucesso do livro “Fragmentos do Discurso Amoroso”. Neste livro pensei que encontraria alguma coisa mais teórica, menos técnica que a



maioria dos livros que eu estava vendo. Quando o comprei, li na contracapa “*Roland Barthes estabelece neste livro uma correlação entre dois processos óticos de reprodução da imagem, a câmara clara, em que a imagem é copiada pela mão do homem, e a câmara escura, em que ela é produzida mecanicamente sem a interferência humana.*”

Comprei o livro imaginando encontrar um texto teórico, denso e sério que falasse de fotografia. Afinal sabia que Barthes era um pensador francês famoso. Mas ao começar a ler o texto, me assustei: ele falava de impressões muito pessoais. Logo no primeiro parágrafo o livro me desconcerta, pois o autor conta do espanto que teve ao ver uma foto do irmão de Napoleão, ele comenta que “Eu me disse então, com um espanto que jamais pude reduzir: ‘Vejo os olhos que viram o Imperador!’” isso bastou para que achasse o autor meio maluco! Ele se questionava de coisas. Não era um livro que dava respostas, e nem perguntas direcionadas ao leitor. É um livro bem pessoal. Gostei muito do livro, mas sempre tive a impressão que não tinha entendido nada. Quando fiz a disciplina de pós, “Imagens da Natureza na Mídia” – não me lembro porque, o professor comentou comigo, algo sobre esse livro. Tirei-o da estante (já empoeirado, pela falta de manuseio) e comecei a reler... E então, 15 anos depois da primeira leitura, e depois de passar pelos questionamentos da educação ambiental e da hegemonia da ciência, ele já me pareceu algo bem próximo. Fiquei com vontade de usá-lo, mas não sabia como.

Quando, numa conversa de orientação, o prof. Marcos, que já havia me dado outro livro de Barthes “*Aula*” (que gostei tanto), me falou de estabelecer categorias para meu estudo, lembrei das “categorias” tão singulares que Barthes coloca para a fotografia, e que já foram citadas no texto sobre minha paixão pela fotografia - operator, spectator, e spectrum.. Além dessas categorias, Barthes apresenta outras que comentarei a mais à frente.

Continuando a história: Um dia, pedi indicação de livros para o Professor Brandão sobre Semiologia e Antropologia Visual, e ele me disse prontamente “*A Câmara Clara*”. Fiquei surpresa e alegre, pois já gostava o suficiente do livro, e comecei a me convencer de que Barthes seria o “meu teórico”. Um escritor tão atual, tão próximo dos meus questionamentos, que não coloca a ciência como um sistema fechado da

verdade : ele comenta a fragilidade das ciências, dizendo que *“as ciências não são eternas: são valores que sobem e descem numa Bolsa, a Bolsa da História”* (Barthes,1978).

*“A Câmara Clara”* foi o último livro de Barthes, editou-o pouco antes de morrer, vítima de um atropelamento. Como já comentei, o texto é bem pessoal, ele começa falando do espanto que sentiu ao constatar que via *“os olhos que viram o imperador”* numa foto do irmão de Napoleão, e comenta que *“Vez ou outra, falava desse espanto, mas como ninguém parecia compartilhá-lo, nem mesmo compreendê-lo (a vida é assim, feita a golpes , de pequenas solidões), eu o esqueci”* (Barthes, 1984, p.11)

O espanto com a fotografia sempre me acompanhou: inicialmente com a formação da imagem, coisa que eu nem sabia que tinha a ver com a fotografia. Ao mesmo tempo nas minhas incursões pelos álbuns de família; depois quando comecei a fazer fotos que achava bonitas; novamente me espantei quando descobri os segredos do laboratório fotográfico e agora que ensino fotografia e convivo com o espanto das pessoas diante de uma latinha, que com um minúsculo furinho de agulha, produz imagens. Ao contrário de Barthes não esqueço esse espanto, e o autor me lembra ainda mais do meu espanto, quando quer compartilhar o seu próprio.

Barthes demonstra um desejo ontológico de saber: - O que é fotografia em si? *“Por que traço essencial ela se distingue da comunidade de imagens?”* (Barthes,1984. p.12) Será que a fotografia existe com um gênio próprio? E depois de alguns raciocínios, que identifico como estruturalistas, chega a conclusão que a fotografia enquanto signo não existe, pois ela *é* o seu próprio referente. Acho isso questionável...

O autor de *“A câmara Clara”*, nos fala que para ele *“uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar, olhar.”* . Concordo com o autor que a foto suporta essas três categorias . Eu me sinto nestas três categorias, em diferentes momentos. E já falei sobre isso no item XX (A paixão pela fotografia) Eu faço, quando fotografo; eu olho, olho muitas fotografias (desde pequena)e eu suporto (às vezes) ser fotografada. Tenho diferentes relações com a fotografia. E tenho até a questão de ensinar a fotografia (mas isso é outra coisa).

Continuo a compartilhar sentimentos com Barthes quando ele diz da sua experiência como *spectrum*. Como Barthes não gosto muito de ser fotografada, por que sinto que saio mais feia nas fotos, do que me vejo no espelho. Mas quando saio bonita, tudo bem. Nas oficinas que realizo, as pessoas gostam de fazer autoretratos, por isso quando quis ilustrar esse trabalho coloquei dois autoretratos meus.

Acredito que hoje em dia, há muitas pessoas que mantêm essas três relações com a fotografia. Principalmente olhar. Todos estamos invadidos de imagens e informações visuais. E a industria fotográfica para amadores é muito desenvolvida. Quase todo mundo tem sua “maquininha” fotográfica. Ou pelo menos alguns registros fotográficos de si e da família: batizado, escola, casamento, uma festa, uma viagem, ou mesmo uma foto 3X4.

As classes populares excluídas têm menos oportunidades de ter esse contato, como pude observar, em várias ocasiões. Olhar fotografias, em geral é bem mais fácil, somos bombardeados por imagens em todo lugar. Mas fotografar e ser fotografado é mais difícil, porque tem custo, e é alto.

Minha vontade de ensinar fotografia, de popularizar sua produção, de destituí-la do aparato tecnológico, é levar essa forma de arte, essa forma de expressão para ser utilizada por todos. Além do fato de no momento em que uma pessoa está fotografando, ela está prestando mais atenção ao ambiente.

Mas Barthes(1984) , na França, em 1969, não está pensando como eu, no Brasil e em 2004, e encontrando palavras no latim que lhe ajudam a expressar melhor os conceitos do que em francês, continua a especificar: “*O operator é o fotógrafo*” e Barthes não se coloca como tal, pois ele não gosta de fotografar “*muito impaciente para isso: preciso ver imediatamente o que produzi (Polaroid? Divertido, mas decepcionante, a não ser em mãos de um grande fotógrafo)*” , acho que Barthes, se vivesse hoje, adoraria os recursos da fotografia digital .

E o autor continua na sua classificação:

“*Spectator somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele, ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de ídolon emitido pelo*

*objeto, que de bom grado eu chamaria de spectrum da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o ‘espetáculo’ a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto”* (Barthes,1984, p. 20).

Mas neste último aspecto, não concordo com esse sentimento de Barthes, não sinto essa morbidez. E o autor nos fala de seu olhar, seu olhar de *spectator*, seu olhar encantado com a fotografia, com o que ela pode conter, no que ela pode chamar a atenção, que ele dá o nome de *punctum*: (mais uma palavra em latim) é usada para designar uma ferida, uma picada, uma marca feita por um instrumento pontudo:

*“essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à idéia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas ” (...)* *“ O punctum de uma foto é o acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”* (Barthes,1984, p. 46).

As fotografias que ele como *spectator* gosta medianamente, que não contêm um *punctum* específico, que lhe despertam apenas um afeto médio; a essa espécie de interesse humano pela fotografia ele dá o nome de *Studium* – , que não é só o estudo, mas a aplicação a uma coisa: *“uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular.”* (Barthes,1984, p.45)

Entre as várias coisas que Barthes fala sobre a fotografia e as emoções que ela lhe proporciona, gostaria de relatar apenas mais uma, que é sobre a relação com a química e a física:

*“A fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é de ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico. Parecia-me que a Fotografia do Spectator descendia essencialmente, se é possível assim dizer, da revelação química do objeto (cujos raios recebo com atraso) e que a Fotografia do Operator estava ligada, ao contrário, à visão recortada pelo buraco de fechadura da camera obscura”.* (Barthes,1984, p. 45)

No caso da fotografia pinhole, cuja produção é uma atividade meio “mágica”, essa relação se torna bem óbvia, e sempre faço questão de enfatizar isso nas oficinas.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 – Pesquisa em Educação**

Na pesquisa em educação ambiental, enfrentamos questões polêmicas do mundo científico. E o enfrentamento dessas questões se torna muito importante, pois fazemos pesquisa social, e como trabalhamos com interdisciplinaridade<sup>1</sup>, nos defrontamos com as ciências naturais o tempo todo. Não disse que nos confrontamos, disse mesmo defrontamos, pois estamos ao lado das ciências naturais. Elas nos dizem algo do que está errado na relação do ser humano com o meio, e isso é bom! Por exemplo: - saber que a mata ciliar é necessária para a boa saúde de uma bacia hidrográfica, saber como recuperar esta mata e o que plantar nela, também são contribuições importantes dadas pelas ciências naturais. Mas isso não faz as pessoas plantarem e nem ao menos respeitarem a mata ciliar. As ciências naturais não nos dizem “como” mudar essa relação que está destruindo o planeta.

A interdisciplinaridade que trabalhamos e que acredito ser fundamental para a compreensão das questões ambientais e a atuação em prol da vida no planeta, não nega em absoluto a ciência. Ao contrário, quer torná-la ainda mais crítica, tanto em sua forma de construção do saber, quanto em sua aplicação. Nossa equipe no trabalho com o Grupo Água é Vida era multidisciplinar, já que tínhamos profissionais formados em várias áreas do conhecimento.

Estou considerando que nossa equipe trabalhava de forma interdisciplinar pois reuníamos toda a equipe com frequência para planejar e avaliar as atividades e tentávamos uma interação com os trabalhos de cada área. Os engenheiros tinham um

---

<sup>1</sup> o conceito de interdisciplinaridade é muito discutido na pesquisa educacional, explicarei mais à frente o que considero um trabalho interdisciplinar.

trabalho mais técnico, mas tentamos envolvê-los no trabalho educacional, quando os convidamos para os encontros com os jovens. Quando os engenheiros falavam sobre seu trabalho com os jovens, nós da equipe de educação também estávamos aprendendo sobre o trabalho deles e tentando interagir também. Acredito que tivemos momentos de interação entre as disciplinas, embora não estivéssemos trabalhando com educação formal.

Se entendermos por metodologia, o estudo dos caminhos trilhados e dos instrumentos utilizados para se fazer ciência, a descrição das atividades seria a metodologia deste trabalho. Mas Pedro Demo (1995 ) nos chama atenção para a criticidade que indaga os limites da ciência, “*seja com referência à capacidade de conhecer, seja com referência à capacidade de intervir na realidade*”. E nos lembra que em ciência tudo é discutível, sobretudo nas ciências sociais:

*“Construir ciências sociais não é pretender produtos acabados, verdades definitivas, mas cultivar um processo de criatividade marcado pelo diálogo consciente com a realidade social que quer compreender, também para a transformar.”* (DEMO,1995, p. 14).

O estudo da relação: ser humano - natureza, e das possibilidades de mudá-la faz parte da educação ambiental e está contido na psicologia, na sociologia, na pedagogia, na economia e em várias outros campos da área de humanas.

Numa análise primária, do ponto de vista da economia, sabemos que o sistema econômico mundial é o principal fator de degradação do meio ambiente, pois explora indiscriminadamente os recursos naturais, sem levar em conta a justiça social. Toda essa conjuntura não será mudada facilmente - tudo faz parte de um processo muito complexo e ideológico.

A educação ambiental pressupõe atuação, intervenção. Não podemos ser neutros, agir como cientistas em um laboratório de cobaias. Então, acabamos usando muito a intuição, a poesia e a arte, e nisso estamos apoiados:

*“A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é*

*apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (MINAYO,1994, p.10).*

Nossos projetos de pesquisa às vezes coincidem com nossa atuação como educadores. Aí temos que aliar ciência, técnica e arte, que segundo Minayo é o desafio da Pesquisa social. *“Apesar de muitos críticos considerarem a ciência como um novo mito”*, na sociedade ocidental ela é a forma hegemônica de construção da realidade por várias razões, entre elas: as questões tecnológicas postas pelo desenvolvimento industrial e o controle da comunidade científica.

Para Minayo, o embate sobre a cientificidade das ciências sociais se desdobra nessas questões:

- Ao tratarmos de uma realidade da qual nós próprios somos agentes, arriscamo-nos a não ser objetivos?
- Buscando a objetivação própria das ciências naturais, descaracterizamos o sentido dado pela subjetividade, e empobrecemos nosso objeto?
- Que método poderíamos propor para explorar essa realidade específica e diferenciada?
- *“Como garantir a possibilidade de um acordo fundado numa partilha de princípios e não de procedimentos?” (MINAYO, 1994. p.12)*

Minayo chega a nos perguntar se deveríamos abandonar a idéia de cientificidade. Acho que não. Acredito que devemos perseguir essa idéia, mas ampliá-la, sabendo de sua relatividade. Penso que devemos usar o rigor científico na busca dos dados, mas ampliar as formas dessa busca, como sugere a bricolagem da multirreferencialidade e ampliá-la na postura científica, considerando e respeitando outros saberes. Nesse sentido temos a afirmação de Bárbara Sicardi, apoiada em Morin e Boaventura de Souza Santos:

*“ Hoje são muitos e fortes os sinais de que o modelo de racionalidade técnica científica, que traz modelos prontos de ação, fundamentados pela verdade absoluta atravessa uma profunda crise. Trata-se da ‘crise dos conceitos delimitados e claros, crise da completude’ (Morin,1990).*

Sérgio Borba nos apresenta a multirreferencialidade como sendo:



*“um hino contra o reducionismo... Um hino ao esforço de liberação humana. As simplificações e reduções têm conseqüências diretas nas nossas vidas em todos os sentidos.” (...) “Supõe a leitura plural de diversos ângulos. Por exemplo, uma situação pode ser analisada, sob pena de reducionismo, a partir de instrumentos teóricos econômicos, sociológicos, antropológicos, filosóficos etc.” (BORBA, 1998a p.13)*

Rubem Alves em seu livro “Entre a Ciência e a Sapiência” nos diz que :

*“A ciência é muito boa – dentro de seus precisos limites. Quando transformada na única linguagem para se conhecer o mundo, entretanto, ela pode produzir dogmatismo, cegueira e eventualmente, emburrecimento” (ALVES, 1999, p.15)*

A história da ciência mostra que o conhecimento é relativo à cada época e está sempre revolucionando seu próprio campo de idéias. A cientificidade deve ser uma idéia reguladora e não um modelo. Devemos ser humildes em saber que qualquer conhecimento é aproximado, é construído:

*“na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é ao mesmo tempo aquisição de um saber, aperfeiçoamento de uma metodologia, elaboração de uma norma” (BRUYNE, In: MINAYO, 1994, p. 13)*

Nas Ciências Sociais o “objeto” é histórico e possui consciência histórica, sendo que existe uma identidade entre o sujeito e o objeto (me incomoda muito chamar meus pesquisados de objetos). A pesquisa em educação ambiental está inserida nessa realidade: temos identidade e afinidade com nossos pesquisados, não podemos nos excluir do processo.

*“Do ponto de vista formal, a objetividade poderia ser aceita como a utopia da ciência: conhecer a realidade assim como ela é, no retrato mais perfeito, na explicação mais analítica possível. A objetividade, como problema colocado a partir do objeto, encontra correspondente a partir do sujeito, que é a neutralidade, ou a isenção axiológica. Variam muito as posições, desde a dos defensores intransigentes da ciência formal ou empírica, para quem a realidade se impõe objetivamente, até a dos que*

*acham, no outro extremo, que a realidade é apenas o que subjetivamente imaginamos ser.” (DEMO,1995 - p. 70)*

Joselaine Marega nos atenta para a perspectiva multirreferencial dessa relação pesquisador – pesquisado:

*“O conceito de implicação é definido na linguagem cotidiana como sendo um compromisso, responsabilidade em algum ato ou ainda uma antipatia gratuita. Entretanto, na perspectiva em que estamos tratando, principalmente na área educacional, estar implicado significa estar voltado para dentro do próprio “eu”, analisando a movimentação que ocorre dentro de si ao interagir com o objeto de pesquisa, que pode ser um objeto inanimado ou um sujeito (Borba,1997). Assim, o pesquisador encontra-se emocionalmente implicado com seu material, com o qual se identifica de forma intersubjetiva, intervindo de maneira constante e, principalmente, de forma ativa em sua vida. (MAREGA, 2000, p. 102)*

Ludke & André (2001, p.3) nos lembram que:

*“como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”... “os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa”*

Paulo Freire, no texto intitulado: *Criando Métodos de Pesquisa Alternativa*, insiste sobre o caráter político da atividade científica, sugerindo-nos a pergunta, que deve ser feita por todos nós: *“A quem sirvo com minha ciência ?” ... “E devemos ser coerentes com nossa opção, exprimindo a nossa coerência na nossa prática.” (FREIRE, 2001, p.36)* Que o ramo humano da ciência é ideológico, ninguém pode negar!

Para esclarecer mais essa questão ideológica, cito um parágrafo do mesmo texto de Freire:

*“Se é incoerente que um profissional reacionário, elitista, envolva os grupos populares como sujeitos da pesquisa em torno de sua realidade, contraditório também é que um profissional chamado de esquerda descreia*

*das massas populares e as tome como simples objetos de seus estudos ou de suas ações 'salvadoras'.*” (FREIRE, 2001, p.37)

Na pesquisa junto ao Grupo Água é Vida, nossa opção foi sermos apartidárias, mas não deixamos de ser ideológicas, por exemplo, quando colocamos para os jovens que eles têm força política se assim o quiserem. Ao contrário de tentarmos ser salvadoras, sempre quisemos mostrar que a solução para os problemas deles está com eles próprios. Novamente recorro a Demo(1995) para tentar explicar essa ideologia que está sempre presente em educação ambiental:

*“Nas ciências sociais, o fenômeno ideológico é intrínseco, pois está no sujeito e no objeto. A própria realidade social é ideológica, porque é produto histórico no contexto da unidade de contrários, em parte feita por atores políticos, que não poderiam – mesmo que o quisessem – ser neutros. Não existe história neutra como não existe ator social neutro. É possível controlar a ideologia, mas não suprimi-la.”* (DEMO, 1995 p.19)

Demo adverte-nos ainda respeito da ideologia: *“ainda que ideologia seja intrínseca, é fundamental buscar controlá-la, pois a meta da ciência é a realidade, não sua deturpação.”* (DEMO, 1995, p.21).

*“ideologia é inerente, sempre está presente, embora possa vir de dentro (do sujeito) ou de fora (do objeto). Torna-se invasão indevida quando passa a predominar sobre a ciência, colocando o processo científico a serviço de pretensões ideológicas.”* (DEMO,1995, p.22)

E continuo concordando com Demo, quando ele fala de uma demarcação entre ciências sociais imitativas das ciências naturais e ciências sociais com horizonte próprio. A pesquisa em educação ambiental tem horizonte próprio. Se na ciência social imitativa

*“o papel do cientista é estudar, pesquisar, sistematizar, teorizar, não intervir, influenciar, tomar posição. Retrata, descreve, dimensiona, mas não propõe, nem contrapõe, porque seria coisa de político”* (DEMO,1995, p. 23)

Na educação ambiental, não podemos ter essa isenção. No mínimo uma intervenção, encontros ou cursos, estamos sempre propondo. Não somos antropólogos clássicos que chegam para observar, somos pessoas que se propõem a fazer educação ambiental. Embora não nos apresentemos como, e não nos proponhamos a ser professoras, em geral as pessoas assim nos encaram.

Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira ressaltam, em seu texto Pesquisa Social e Ação Educativa, o pensamento de Paulo Freire:

*“Como sempre nos lembra Paulo Freire, educação não é sinônimo de transferência de conhecimento pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem.”*  
(OLIVEIRA, 2001, p. 19).

No caso específico do Grupo Água é Vida, trabalhamos em forma de encontros, com atividades diferenciadas, inclusive incentivando os jovens a propor atividades, e a planejá-las, dando voz a todos. Dando voz literalmente, pois os jovens cantaram e falaram bastante; e metaforicamente, pois permitimos que eles se expressassem por muitas formas: desenhos, pinturas, textos, falas, e enfim, fotografias!

Cornelius Castoriades, em entrevista a Ardoino e Barbier, perguntado sobre se ele faz uma distinção entre pedagogo, professor e educador, respondeu: *“Primeiramente, é preciso não esquecer que a educação começa com o nascimento e se conclui com a morte”* (in Barbosa, 1998b, p.61). Enfatizo aqui, que os três senhores citados são responsáveis por um programa de pós graduação e por um doutorado em Ciências da Educação, na França, e trabalham com noções da multirreferencialidade. E Castoriades continua falando sobre um assunto que nos é muito caro, e que abordarei mais profundamente quando falar de mídia:

*“ O essencial da educação que a sociedade contemporânea proporciona aos indivíduos não é a educação formal dispensada pelas escolas, mas sim aquela disseminada cotidianamente **pela mídia, sobretudo pela televisão, pela publicidade, etc;** e mesmo para além disto, por tudo o que acontece na sociedade, na política, no urbanismo, nas músicas...Platão já dizia que as próprias muralhas da cidadela educam as crianças e os cidadãos.” ... “ respira-se sociedade por todos os poros” (ibidem, p.61-62)*

Nos encontros do “Água é Vida”, não nos fiamos apenas no conteúdo que seria necessário abordar para levá-los a compreender a necessidade de recuperar a mata ciliar, ou valorizar o ribeirão. Trabalhamos com o cotidiano dos jovens, sempre conversando sobre o que eles viam na mídia, seus desejos, seu imaginário... E nos propusemos a trabalhar criticamente essas questões.

Para Minayo o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. Ela e seus colaboradores vão tratar dessa especificidade e da metodologia apropriada para reconstruir teoricamente o significado da realidade. Esta metodologia é entendida como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, e *“inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”* (MINAYO, 1994. p.16) .E ainda nos diz que endear a técnica *“produz ou um formalismo árido ou respostas estereotipadas”* mas se desprezamos a técnica somos levados ao *“empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou especulações abstratas e estéreis”*. E mais, eles afirmam que *“nada substitui a criatividade do pesquisador”* . Feyerabend, em “Contra o método” (1989), reconhece que o progresso da ciência se dá mais pela violação às regras, do que à sua obediência. (MINAYO,1994. p.16)

Thomas Khun(1978), em “Estrutura das revoluções científicas” denomina como **paradigma** o conjunto de crenças, visões de mundo e de formas de trabalhar reconhecidos pela comunidade científica nos diferentes ramos da ciência. E esse paradigma muda ao longo da história da ciência, que progride justamente com a quebra dos mesmos. (MINAYO, 1994, p.17)

Minayo e seus colaboradores entendem por pesquisa “ *a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade*”. Quando lemos que “*nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.*” vemos exatamente o que ocorreu em nossa atuação junto ao “Grupo Água é Vida”. Por mais que planejássemos os encontros à luz da teoria, tínhamos sempre a realidade acontecendo de forma diversa. Posteriormente avaliávamos nossa prática, para novamente planejar, estabelecendo assim, nossa práxis.

Assim, temos claro que nossa abordagem deve ser de natureza qualitativa, pois ela “*aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.*” (MINAYO, 1994, p. 22) .

Lüdke & André (2001, p.2) situam a pesquisa em *educação*:

*“bem dentro das atividades normais do profissional em educação” ... “tornando-a um instrumento de enriquecimento do seu trabalho”*. Sabendo que “*em educação as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito*”( LÜDKE & ANDRÉ, 2001. p. 3)

### **3.2 - Formas de coleta e análise dos dados**

Essa pesquisa quis abordar, mais delimitadamente, a percepção que os jovens, participantes do projeto Água é Vida, têm dos problemas ambientais do seu bairro. A forma de coleta desses dados se dá através de vários métodos: desenhos, falas, textos escritos, fotografias e especialmente a oficina de fotografia. Essa forma de coleta se apóia na multirreferencialidade e será analisada através de uma “**bricolagem**” que é definida por (BORBA,1998) como sendo uma composição metodológica, uma abordagem a partir de múltiplas perspectivas. “*É na construção do campo de pesquisa que se define a elaboração (in loco) das metodologias (a composição inteligente das mesmas) e não o inverso.*”

O primeiro questionário foi elaborado em conjunto com os jovens. O processo de construção desse questionário inspirou-se na Pesquisa Participante (Brandão, org. 2001) Apesar de não trabalharmos com a “verdadeira pesquisa participante”, que deveria ser elaborada, discutida e escrita por todo o grupo, acredito que alguns elementos dessa metodologia estejam presentes neste trabalho, especialmente na construção e realização do questionário.

Orlando Fals Borda se refere à pesquisa participante como sendo a:

*“ ‘pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo’ (Huynh, 1979) que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência exterior”* (BORDA, 2001a, p.43).

O teor e a aplicação do questionário citado está descrita no anexo E. Esse questionário nos forneceu dados de um universo de 100 pessoas, moradoras do loteamento. Esses dados foram tabulados e estão analisados de forma quantitativa no item Resultados e Discussão. Essa complementaridade entre dados quantitativos e qualitativos é vista por Minayo et. al. como positiva, *“pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”* (MINAYO, 1994, p.22)

Além de nos esclarecer sobre a pesquisa participante, Fals Borda nos trás, como fundamentos teóricos para a discussão sobre as ciências, a advertência de *que “não deveríamos fazer da ciência um fetiche” “ a ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano”* (BORDA, 2001, p. 43). Especialmente porque a pesquisa participante, questiona a ciência dominante em contraponto a uma ciência emergente. Novamente vemos a questão ideológica presente na discussão sobre a ciência, pois Fals Borda nos diz que *“esta comunidade científica ocidental exerce uma nítida influência sobre a manutenção do status quo político e econômico que cerca o sistema industrial e capitalista dominante”*(BORDA, 2001, p.44). A esta altura do texto, Fals Borda chama a

atenção para a linguagem própria da ciência dominante, e diz que ela está sendo estudada em profundidade pela semiótica contemporânea.

Fals Borda falou desse estudo da linguagem da ciência dominante e eu gostaria de estudar através da semiótica, a linguagem popular dos dominados (sem trocadilho).

A procura do entendimento da semiótica, a linguagem dos signos, tem sido a minha busca incessante nos últimos meses. Tenho procurado entender a percepção semiótica de Pierce, através dos textos de Santaella, e da Semiologia de Barthes, através de livros dele mesmo. Sei que eles me são necessários para uma compreensão da realidade complexa. daqueles jovens e daquela comunidade, e enfim da contemporaneidade. É preciso ter a sensibilidade de entender os signos tanto da homeogeneidade da sociedade de massa, quanto na individualidade de uma pessoa.

Outro autor em que me apoio na questão metodológica é Howard S. Becker. Ele é importante para mim, porque fala sobre o método não ser uma camisa de força, ser idiossincrático (cada indivíduo sente diferentemente os efeitos da mesma causa). Construimos o método com o andar da carruagem. Na medida em que fomos nos deparando com as dificuldades, fomos buscando outras ferramentas.

Sobre a questão das avaliações, SORRENTINO, no texto “*Avaliação de Processos Participativos*”, fala da necessidade da discussão sobre para onde queremos caminhar, e *o que fundamenta e direciona esses nossos projetos de educação ambiental*. Uma vez enunciados os objetivos, precisamos construir

*“instrumentos para avaliar se esses objetivos foram atingidos ou não.(...) Pode-se avaliar a **verbalização** sobre esses conceitos. Então seria necessário que visualizássemos se o processo participativo que se procurou deflagrar contribuiu para a emergência, para solidificação, para o incremento desses conceitos enunciados anteriormente (...) A **verbalização** pode ser avaliada por meio de entrevistas, questionários, grupos focais, histórias de vida ou outras técnicas que ajudem a compreender se houve a interiorização desses conceitos ou em que medida eles foram decodificados?”* (SORRENTINO, 2001. p.222).



Ainda estou formando uma opinião sobre como avaliar a verbalização, ou outro tipo de linguagem. Verbalização me remete à linguagem falada. A linguagem fotográfica é uma outra forma de comunicar, a escrita, a elaboração do texto, o desenho, e todas as manifestações artísticas: uma peça teatral, uma música. Acredito que nisso também a semiologia pode me ajudar.

### **3.3 - Descrição do caminho trilhado : dos sujeitos e das atividades**

Já comentei que a nossa atuação é marcada pela interdisciplinaridade. Nossa equipe de trabalho do Laboratório Oca vem de diferentes áreas do saber. A atuação e a contribuição de cada um é diferenciada. Temos diferentes olhares sobre uma situação e isso é fundamental para tratar a complexidade da realidade. As discussões e os grupos de estudos formados no Laboratório Oca são uma complementaridade da nossa formação como educadores. Em 2001 formamos, com algumas integrantes da Oca, um grupo de estudos de Arte-educação, e planejamos e atuamos numa capacitação para professores, idealizada pela Mestranda Rita Helena T.A. Moura.

A capacitação citada foi um importante aprendizado para todas nós, e está bem descrita no texto de qualificação da Rita Helena (MOURA, 2003). A atuação nessa capacitação ajudou a consolidar minhas idéias para a realização do Projeto Fehidro<sup>2</sup> - no qual surgiu o Grupo Água é Vida. Do grupo de arte-educação surgiram vários trabalhos, com atuações diferentes, com todo o grupo ou partes dele.

Quando se iniciaram as atividades o grupo que depois se chamou Água é Vida, eu tinha claro que queria utilizar algumas já realizadas na capacitação idealizada pela Rita Helena. A presença da Ana Paula Coati, que era do grupo de arte-educação e também atuou na capacitação, foi fundamental. Com sua sensibilidade e sua formação em psicologia, ela trouxe várias idéias de dinâmicas que foram essenciais para a integração dos jovens e um importante veículo para estimular as expressões de cada um.

Gostaria de esclarecer que, ao contrário do que dita a ciência clássica, não ocultarei os nomes, nem os rostos dos *sujeitos* pesquisados. E aqui devo fazer a ressalva que não colocarei os sobrenomes para não expor os jovens. Não acho correto dar

número, ou outro nome. Porque ocultar ou ignorar a pessoa deles, sendo que mostro a minha?

Tínhamos duas Ana Paula, uma jovem que participou do curso e a colega Ana Paula Coati, da equipe da Esalq, portanto quando estiver escrito apenas Ana Paula será a jovem e quando for a colega o nome estará completo.

Usei a palavra *sujeito*, justamente para dizer que não os vejo como “objetos” . Considerando novamente o referencial metodológico da Pesquisa Participante, temos que os “objetos” pesquisados, também são sujeitos. Tendo em vista que os jovens do Grupo Água é Vida elaboraram e aplicaram o questionário já citado, além de colaborar na arborização das calçadas do bairro, no projeto “Amiga Árvore”<sup>3</sup> através da pesquisa com os todos os moradores , sobre qual árvore eles desejariam plantar e cuidar, eles realmente foram sujeitos da pesquisa:

*“ ... cada vez com mais força chegam perguntas que os próprios cientistas por muito tempo esqueceram de fazer. Perguntas de pessoas reais, muito mais que de categorias abstratas de ‘objetos’, que parecem descobrir, com a própria prática, que devem conquistar o poder de serem, afinal, o sujeito, tanto do ato de conhecer de que têm sido o objeto, quanto do trabalho de transformar o conhecimento e o mundo que os transformaram em objetos.”... “Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele” ... “Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que sempre foram negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa participante – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com*

---

<sup>2</sup> O Projeto Fehidro – um resumo do projeto se encontra no anexo C.

<sup>3</sup> Projeto Amiga Árvore - participação efetiva com o SEDEMA, na arborização do bairro. O grupo, junto com 3 estagiários do Projeto “Amiga Árvore” da prefeitura de Piracicaba, passou de casa em casa, no bairro todo para saber quem queria plantar uma árvore (as espécies podiam ser escolhidas através de fotos) na frente de sua casa e nos quintais. Eles explicaram aos moradores a importância e as vantagens de um bairro arborizado (infiltração de chuva, diminuição de temperatura, habitat de aves e insetos, etc. Foram entregues mais de 200 formulários de adesão ao SEDEMA. O plantio já está sendo feito, e temos agora a missão de monitorar o crescimento ou não dessas plantas e incentivar a comunidade a cuidar das árvores mais próximas de suas casas.

*situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular” (BRANDÃO, 2001a, p. 11).*

### **3.4 A Dinâmica dos Encontros**

Nossos encontros com os jovens do Jardim Oriente obedeciam à seguinte dinâmica:

Nós os encontrávamos na chamada Igreja do bairro, embora não seja uma Igreja mesmo, é uma construção mais parecida com um “salão Paroquial”. Foi o espaço que conseguimos com o Assistente Social do bairro. Não era um espaço muito adequado pois às vezes era usado como depósito por atividades da paróquia, às vezes era invadido por gatos, e ficava com um cheiro forte (como pode ser confirmado na ata do dia 28/05/2003 – anexo G ). Era uma sala fechada, e a chave ficava no escritório do assistente social. O lado de fora, era usado para a “brinquedoteca”, uma atividade realizada com crianças em idade pré escolar. Na época, a creche ainda não estava pronta. As brincadeiras das crianças eram naturalmente barulhentas, o que às vezes prejudicava nossa concentração.

O grupo não se incomodava muito com essas limitações, mas chegamos a pensar em encontrar outro local mais adequado, embora ao longo de um ano, isso não tenha acontecido. Chegamos a nos reunir na escola uma vez e numa outra casa duas vezes, mas esses locais não eram totalmente disponíveis e acabamos ficando na Igreja mesmo. Alguns encontros foram feitos à beira do ribeirão Piracicamirim. O grupo gostava de ir à beira do ribeirão, e gostava das atividades realizadas em campo. Isso foi confirmado nas respostas da última entrevista.

Os encontros, em geral, eram às quartas feiras. Chegávamos às 8:30hs. Às vezes, alguns jovens já estavam no portão, mas a maioria ia chegando aos poucos, até umas 9:00hs.

Íamos, eu a Ana Paula e a Milene num carro, e no começo chegávamos com o lanche – que consistia em suco ou refrigerante e bolachas ou pão com queijo. A partir de uma avaliação que fizemos em relação à autonomia deles, combinamos que eles levariam o lanche. Dávamos o dinheiro, R\$ 10,00 e a cada semana, uma dupla se responsabilizava pelo lanche. Achamos que assim eles poderiam comprar uma coisa do gosto deles (na medida do possível) além de terem responsabilidades a cumprir. Uma outra dupla se responsabilizava por preparar a sala: varrer e arrumar as carteiras em círculo.

O lanche era servido assim que chegávamos, pois assim poderíamos ir conversando amenidades e esperando os mais atrasados.

Em torno das 9:15h sentávamos e começávamos a dar informes. Combinamos que nós daríamos esse informes em todos os encontros e estimulávamos que eles contassem algumas coisas que aconteceram e determinávamos juntos alguns direcionamentos necessários.

Depois partíamos para uma atividade corporal – que era chamada de aquecimento. Fazíamos alguns alongamentos, às vezes comandados pela Ana Paula, e posteriormente propusemos que alguém deles mesmos é que comandariam a atividade corporal.

Em algumas dessas atividades eram propostas massagens feitas uns nos outros, como as que havia visto nas atividades que a Rita Helena fez com as professoras eventuais (no curso de Capacitação já citado, objeto da dissertação da mesma).

Quando começamos as reuniões com o grupo, eu achava que os jovens ficariam inibidos para se massagearem uns aos outros, principalmente os meninos, que em geral não se tocam muito. Mas eles me surpreenderam, pois gostavam da atividade e às vezes chegavam a pedir a massagem. Feita em um círculo, cada um massageava o da frente e depois virávamos a roda e quem tinha sido massageado pelo de trás agora massageava o colega. No começo os meninos brincavam de massagear bem forte, mas como depois isso poderia ser descontado pelo colega, na hora da troca, a brincadeira deste tipo acabou e depois todos demonstravam gostar muito da atividade. Neste

momento estávamos trabalhando a relação com o outro, ou seja a terceira dimensão da ecologia, que é a dimensão dos relacionamentos humanos.

Às vezes realizamos alguma dinâmica mais extensa, (que estão descritas no tópico Resultados e Discussão) com objetivos diversos: como avaliação do grupo como “A dinâmica do barco” ; ou uma maior consciência corporal : A “Atividade do Espelho”; uma reflexão individual: “A dinâmica do gigante”

Fizemos algumas atividades de teatro, e algumas brincadeiras para descontração. Depois disso, quando o encontro era só na sala, fazíamos alguma atividade artística. Desenho, pintura, colagem, uma maquete, ou alguma atividade necessária para realizar, por exemplo a Feira Ambiental, ou a página do jornal, etc.

Às vezes passávamos algum vídeo e comentávamos. Os vídeos eram sobre Água, lixo, Agenda 21, Fanzines e etc. Sempre temas relacionados aos encontros.

Quando as atividades eram “de campo” saíamos em grupo, e descíamos até o ribeirão Piracicamirim, e andávamos no que restou da mata ciliar. Em geral levávamos os Engenheiros Florestais para trabalhar o conteúdo com eles. (tudo está detalhado nas atas).

final do encontro era em geral às 11:30hs. Antes do encerramento reservávamos de 15 a 30 minutos para as avaliações. Todos eram estimulados a falar de tudo que não gostaram e do que gostaram. Em geral os jovens só elogiavam, embora falássemos que era importante que eles criticassem, pois assim poderíamos melhorar.

Essa avaliação é uma atividade muito importante, tanto para ter o retorno do trabalho, como para estimular os jovens a ter o espírito crítico. É a tentativa de estabelecimento de um diálogo - coisa totalmente diferente da relação professor-aluno, que os jovens estavam acostumados. Não nos colocávamos como professoras, mas eles nos encaravam assim, pois os encontros eram chamados de curso, por eles. Os jovens tinham bastante dificuldades em falar o que achavam. A falta de prática de avaliar uma atividade, acredito que temiam ser indelicados. Mais para o final do processo, as avaliações evoluíram, como pode ser observado nas atas.

Durante alguns meses, pagamos uma bolsa para os jovens no valor de R\$55,00 (financiados por uma verba realocada de materiais que não foram necessários

de serem comprados). O grupo se formou em agosto de 2002 e a primeira bolsa só foi possível de ser paga em 16 de dezembro de 2002. No início dissemos que talvez fosse dada uma bolsa, e o grupo foi se formando. Era para ser 10 jovens, ganhando R\$60,00 mas como 11 foram assíduos, decidimos, junto com o grupo, pagar R\$55,00 para cada um. Essa bolsa foi paga até maio, mas o grupo continuou assíduo até agosto, e todos demonstraram a intenção de continuar.

Nós três da Esalq despendíamos dinheiro de gasolina e lanche, que já não possuíamos e dessa forma decidimos interromper os encontros semanais, mas sempre dizendo que eles deveriam continuar a se encontrar.

Inclusive um outro grupo de jovens se formou no bairro, sob a coordenação da presidenta da associação do bairro. Esse novo grupo chegou a participar de um encontro nosso, especialmente para convidar os jovens para se integrarem ao novo grupo. Essa integração não aconteceu. A Ana Paula Coati acompanha alguns encontros desse novo grupo e relata que são outros jovens, outras atividades, e que parece que esses jovens são mais autônomos. O Ricardinho é o único jovem que participa, de vez em quando, das atividades do novo grupo.

Projeto do Fehidro já pressupunha uma continuidade, e convidamos os jovens para nos ajudar a escrever esse novo projeto para viabilizar a continuidade. Eles chegaram a dar sugestões, mas não participaram efetivamente da escrita da continuidade. O projeto foi escrito e submetido a análise, e encontra-se em fase de tramitação nos órgãos competentes. (março de 2004).

Todos os jovens são moradores do Jardim Oriente, menos o Marquinhos, que mora em outro bairro de periferia, muito longe dali, mas vinha sempre e todo animado. Ele nos pediu para participar do grupo porque queria levar algumas idéias para formar um grupo em seu bairro, e todo o resto do grupo concordou. Isso foi muito bom, porque ele acabava animando o Misael e o Vauderi a irem também, pois eles eram amigos mais chegados, e o Marquinhos às vezes dormia na casa deles, para irem juntos ao nosso encontro.

Os tipos de moradia eram parecidos: casas simples de alvenaria, todas construídas com material de baixo padrão, sem forro, com apenas um quarto, em que

moram, em geral, mais de 5 pessoas. Todos eles vinham à pé para os encontros. Eram em torno de 11 jovens, entre 14 e 19 anos, com escolaridade variada entre 5ª série até a última do ensino médio. Alguns deles já tinham participado de um outro grupo formado pelo Projeto Jovem Cidadão (apêndice J) que foi uma capacitação financiada pelo governo do estado. Tínhamos de 6 a 8 homens e 3 a 4 mulheres. Uma delas, a Regina, tinha 20 anos e às vezes precisava levar dois filhinhos pequenos (de 3 e 4 anos) para as reuniões, pois não tinha com quem deixar.

Considero relevante que cada jovem seja descrito. Não por apego, mas por verdade. Acho que eles têm que dar o testemunho. Eles têm que falar, ser eles mesmos. Durante os encontros, quisemos *dar voz* a eles, proporcionar aos jovens, possibilidades de se comunicar, de se expressar através da escrita e da fala, de fotos alternativas, convencionais e digitais, dos fanzines e etc. E aqui cito uma outra música maravilhosa de um grupo chamado “O Rappa” que fala muito bem sobre a voz que se cala pelo medo<sup>4</sup>. É uma música muito bonita, com uma letra muito forte, e esse grupo não chega ser de estilo rap, mas é um grupo que dá voz à periferia – bem ao gosto do Erik e do Ricardinho.

O rosto de cada um deles, com as roupas que vestem, com seus gostos musicais, seus pensamentos e atitudes compõem os personagens dessa história. São jovens que moram na periferia mas têm seu estilo, vários estilos, que os identifica com suas tribos. O McLuhan fala que a vestimenta é um meio de comunicação: “*Tendo em conta que por mídia não entendo unicamente os mass media (minha definição inclui qualquer tecnologia que crie extensões ao corpo humano e aos sentidos, desde o vestuário ao computador)*” (McLuhan, 1979, p.09).

Por ser uma extensão de nós mesmos e expressar nossos gostos e desejos, ela significa algo de nós, podemos dizer que a vestimenta é um signo.

Os jovens estão em várias fotos. Nas primeiras, o Erik e o William usavam lenços pretos com caveirinhas, demonstrando o gosto pelo estilo “*Heavy Metal*” de rock. O Ricardinho já adora o estilo *rap*, não curte nem o *rock pesado* que o Erik e o William

curtem, nem o estilo romântico e sertanejo que o Marquinhos, o Vauderi e o Misael gostam. Pode-se dizer que os jovens do grupo são de várias “tribos”<sup>5</sup>, e demonstram isso, nas vestimentas, nos gostos, na forma de se comportar, na fala, nos desenhos, na escrita. Mas todos eles vêm aos encontros e se relacionam bem, têm objetivos em comum. Fizeram uma música juntos que está transcrita e comentada no item Resultados e Discussão.

Sérgio Borba(1998) diz, no texto *Aspectos do Conceito de Multirreferencialidade nas Ciências e nos Espaços de Formação*, que a forma de se vestir dos adolescentes é uma bricolagem:

*“Há uma etnicidade, uma bricolagem cultural(grupal): roupas, música, fast food, linguagem e tudo isso quebrado, desmontado, remontado num festival de desconstruir e depois reconstruir, numa espécie de renascimento (de-ser e depois buscar ser). E Lapassade fecha: “(...) pois há o vivido de uma perda cultural e a necessidade da reconstrução de uma identidade emerge” (BORBA, 1998. p. 18)*

Acredito que os jovens gostarão de aparecer num trabalho escrito por uma pessoa que demonstrou sempre respeito e carinho por eles. Eu acho que isso os fará se sentir importantes. Como realmente foram.

---

<sup>4</sup> Letra da música - A minha Alma , - O Rappa ( apêndice 6)

<sup>5</sup> A palavra “tribo” é usada como gíria significando grupos. Aqui é utilizada para designar turmas de jovens que se identificam por gostos musicais, vestimentas e atitudes .



## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste item serão apresentados os resultados em subcapítulos, pois tratam-se de elementos que fazem parte de uma proposta de bricolagem, numa abordagem a partir de múltiplas perspectivas. Será discutida a atuação da pequena equipe da Oca: Ana Paula, Milene e eu, junto ao Grupo Água é Vida (nós e os jovens do bairro). A rigor todas as atividades realizadas no grupo fizeram parte de um processo de elaboração da Agenda 21 do bairro Jardim Oriente, com vistas a cumprir os objetivos do Projeto Fehidro.

Será comentada a pesquisa, feita pelos jovens, para mapear a percepção da comunidade do bairro em relação ao ribeirão Piracicamirim. Posteriormente serão analisadas algumas dinâmicas propostas para o grupo “Água é Vida”, como parte da contribuição à produção de conhecimentos sobre processos educacionais voltados à compreensão de problemas sócio ambientais, que é o objetivo geral desta dissertação.

A seguir será analisado o papel da fotografia dentro do grupo Água é Vida, como proposta de atividade educacional (parte do objetivo geral) e como ferramenta de expressão e comunicação (parte dos objetivos específicos). Serão comentados também alguns pequenos textos que os jovens escreveram como legenda das fotos que usaram para elaborar cartazes para a 1ª Feira Ambiental.

Ao final serão apresentados os resultados do último questionário, realizado em julho deste ano(2004) com os jovens participantes do Grupo Água é Vida. A aplicação deste questionário teve o objetivo de propiciar uma avaliação individual das atividades realizadas no grupo.

### **4.1 Agenda 21 Micro local**

No processo que desenvolvemos no Jardim Oriente, tentamos motivar um pequeno grupo de jovens, o Grupo Água é Vida, para que eles mesmos fizessem sua

própria Agenda 21 (ou Agenda XXI – para dar o sentido de século XXI), apoiados no recurso que foi disponibilizado pelo Fehidro.

Uma Agenda 21 participativa precisa da população falando, por isso fizemos a 1ª Feira Ambiental e realizamos as Oficinas de Futuro e deflagramos um processo educacional não formal, baseado nas idéias de autonomia de Paulo Freire. Um processo destinado à construção de um grupo com capacidade de elaborar a sua própria Agenda e com elementos no seu repertório que justificasse, para eles próprios, a importância de uma mata ciliar e da reconstituição florestal do ribeirão. Esse processo está descrito como Agenda Micro Local, pois foi realizada dentro do grupo, embora pensássemos nos desejos e lamentações dentro do grupo e em relação ao bairro.

Como pode ser consultado nas atas, no dia 23 de janeiro de 2003, realizamos a atividade chamada Oficina de Futuro: fizemos cartazes que representavam um muro de lamentações e uma árvore dos sonhos<sup>19</sup> em relação ao grupo e ao bairro, como treino para elaboração da Agenda 21 do bairro.

Houve uma discussão sobre os problemas sociais em geral e depois propusemos que cada jovem pensasse sobre o que não gostava, o que achava ruim no bairro e no grupo. Fizemos umas fichas de cartolina para representar os tijolos do muro, e pedimos para que eles escrevessem uma frase sobre o que tinham pensado, sobre o bairro e outra sobre o grupo. Depois eles colavam o “tijolo” escrito num cartaz que representava o muro, liam o seu conteúdo e explicavam ou comentavam algo se achasse necessário. Foi pedido que colocassem os nomes embaixo, mas nem todos o fizeram, então as frases das lamentações estão transcritas a seguir, e o nome do respectivo autor vem a seguir em parênteses ou não quando não foi colocado. Mesmo sem a autoria especificada, as frases representam os pensamentos daqueles jovens: Está transcrito sem correção ortográfica, pois o sentido é perfeitamente inteligível. As **lamentações** colocadas no muro foram:

*“Grupo: Não dão risadas, são muito parados, precisam de mais dinâmica.*

*Bairro: As pessoas que fazem o bairro, pessoas más, bairro mal.”(Willian)*

---

<sup>19</sup> Muro das Lamentações e Árvore dos Sonhos são atividades desenvolvidas para listar os problemas e os sonhos das pessoas e fazem parte de uma metodologia proposta pelo Instituto Ecoar para Cidadania.

*“Do grupo: Bom na minha opinião as pessoas desse grupo deve colaborar mais com as normas do curso.” (Misael)*

*“No grupo: Ter mais respeito quando estiver pessoas falando. Explicando alguma coisa.” (Marquinhos)*

*“O que eu acho ruim no grupo: No grupo o que eu acho ruim é eu gosto do grupo mas tem uma coisa que eu não gosto, tem vez que tem muito falatório, mas é legal e tem que acordar muito cedo.” (Regiane)*

*“No Bairro precisa-se de uma área verde par o lazer. Um posto policial, uma farmácia e atendimento médico adequado.” (Marquinhos)*

*“Do bairro: As coisas ruins que tem no bairro é a orientação da população a desigualdade o carisma um pelo outro farmácia, um posto de saúde pra ajudar todo que necessita dia a dia de todos os medicamentos etc.” (Misael)*

*“Nosso bairro precisa melhorar mais no posto de saúde. Acho que deve construir um pronto socorro. Para podermos cuidar melhor nossa saúde.” (Ana Paula)*

*“No bairro: Desunião, árvores, sujeira, tem porcos, lixo, drogas.” (Regina)*

*“No bairro: No bairro seria bom se tivesse uma farmácia, um centro comunitário e também um parquinho para as crianças brincarem. E seria ainda melhor se acabasse a violência que tem nesse bairro, e sim no mundo inteiro.” (Vauderi)*

*“Quanto ao bairro: Eu lamento de não ter uma área de lazer, de não ter uma praça e de não ter muitas árvores, principalmente frutíferas.” (Fabiano)*

*“No grupo: Só um dia de reunião mais ação” (Erik)*

*“No grupo precisamos de mais entusiasmo e interesse pelo que fazemos. E união entre o grupo.” (Jonattan)*

*“No bairro Jardim Oriente: falta infra-estrutura no bairro. Não há segurança. Muita briga, muita droga.”*

*“No bairro falta árvores, união, limpeza, posto policial, posto de saúde melhor.”*

*“No bairro: A cabeça das pessoas, a violência” (Erik)*

*“O que eu acho ruim no bairro: A falta de orientação e os moradores tem que ser mais unidos e tem que trabalhar mais e falhar menos.”*

*“No grupo tudo bem” (Regina)*

*“Eu lamento por não termos recurso para fazermos as coisas por nós mesmos.” (Fabiano)*

*“No bairro precisamos de muitas árvores para mudar o ambiente em que vivemos. E mais trabalho em grupo.” (Assinatura ilegível)*

*“Acho que nós do grupo precisamos ter nossa própria sala, para refletir melhor nosso trabalho.” (Ana Paula)*

Após a construção do muro, propusemos que eles pensassem sobre os sonhos que tinham para o grupo e para o bairro. Esses sonhos foram escritos em folhas e depois coladas num grande desenho representando uma árvore. Neste caso das folhas a maioria não escreveu o nome, então sairão todos sem autor. As **esperanças ou sonhos** colocadas nas **folhas da árvore** foram:

*“Bom, minha esperança é que todas as pessoas deve ter caráter, fidelidade e conhecimento ao meio ambiente pra que ele mude cada vez mais pra melhor. Pra que todos que moram no bairro que tenha uma vida saudável e o asfalto que vai ajudar a todos do bairro.”*

*“Eu sonho e tenho muita esperança de ver o nosso bairro todo estruturado todo asfaltado, mas o principal é construir uma grande área verde. Mais que cada um principalmente os moradores do bairro cuidem dessa área verde como se fosse seu próprio filho. Porque nós estamos vendo como é difícil realizar esse sonho, mais se cada um fizer a sua parte iremos conseguir, a união faz a força.”*

*“Um mundo melhor, sem desigualdade, um mundo unido. Essa são nossas chance de mudar nossas crises. Um governo que possa fazer algo para nós.*

*E melhorar nossas chances de vida.”*

*“A esperança que nunca morrerá : Tenho esperança que um dia todos serão tratados igualmente perante a sociedade sem fome sem morte com saúde e alegria.*

*Esperança que essa realidade de hoje transforme numa realidade diferente no futuro para que isso aconteça não devemos perder a esperança e lutar pelos nossos direitos.”*

*“Eu quero para o meu bairro e para meu povo muita esperança.. paz harmonia nunca desistir de seus objetivos por que se Deus quiser vamos conseguir um povo unido, vencedor batalhador, nunca pense negativo e sim positivo.”*

*“Minha esperança é que o meu bairro se torne futuramente um dos lugares que tenha o maior índice de sobrevivência do país. Espero também que com o tempo as pessoas vão perdendo essa ignorância que leva o mundo ao caos.”*

*“No bairro deveria formar outros grupos como este, eu sei que seria difícil pois seria voluntário, mas se todos parassem pra pensar um pouco perceberiam que iria melhorar um bocado, por que somos nós que moramos aqui.”*

Com as frases, aqui apresentadas, agrupamos as lamentações em tópicos comuns e encontramos quatro grupos de problemas relacionados a **recursos** necessários para a realização dos sonhos, **entusiasmo** pessoal, **local** dos encontros e **respeito** entre as pessoas e elaboramos junto com os jovens um pequeno gráfico (na ata de 20-02-2003, no anexo G). Depois conversamos sobre o que foi pensado e imaginamos como realizar os sonhos para o grupo e então fizemos a lista de compromissos transcrita a seguir:

### **COMPROMISSOS FIRMADOS**

#### Devemos ter/fazer:

- Limpar o que está sujo (dar exemplo);
- Ter autocrítica;
- Trocar idéias para chegar a consensos;
- Sentir-se parte do grupo;
- Cumprir tarefas.

#### Não devemos ter/fazer:

- Não sujar o ambiente (não dar mau exemplo);
- Não ter medo de errar;
- Não brigar.
- Não discutir com violência;
- Não atrasar mais que 10 minutos;
- Não faltar sem justificativa.

#### **Minha Análise**

Acredito que o resultado mais importante dessa atividade foi esta lista de compromissos para o grupo, que elaboramos a partir das lamentações e dos sonhos. A lista foi escrita em cartolinas grandes e era lembrada sempre, por nós e por eles.

A elaboração participativa de Agenda 21, através das Oficinas de Futuro, é uma forma de fazer pensar sobre os problemas e imaginar soluções para eles. Quando fizemos isso com o grupo Água é Vida pudemos conversar sobre problemas sociais e ambientais do mundo e sobre os problemas locais do bairro, e trouxemos o questionamento para dentro do grupo também, mostrando que devemos avaliar sempre as nossas atividades para evoluir em nossa vida.

Esta atividade foi preparatória para as oficinas de futuro que seriam realizadas com toda a comunidade do bairro, mas teve uma importância fundamental construção da identidade do grupo, pois foram propostas que saíram das idéias dos jovens e não foram impostas por nós do grupo da Oca. Esses acordos feitos no grupo ajudou a motivar comportamentos mais comprometidos, pois eram atitudes que dependiam exclusivamente da vontade de cada um. Acho oportuno citar novamente a fala da Professora Eda Tassara, no vídeo Oficinas de Futuro:

*“Desta forma a participação , a união , a discussão para chegar a esta definição de aspectos negativos , de aspectos desagradáveis, de aspectos deteriorados de condições de vida e ao mesmo tempo a identificação dos sonhos, das expectativas, das condições que poderiam vir a modificar , a melhorar as condições de vida, constituem-se em duas faces de uma mesma moeda: um grupo participativo, uma oficina de futuro gerando uma agenda de ações que pode transformar a existência, que pode construir um futuro de acordo com alguma expectativa que corresponda, que represente aquele grupo de discussão.”*

Podemos perceber que estabelecemos diferentes tipos de compromissos: Tanto no aspecto ambiental, por exemplo: *Não sujar o ambiente*; como no aspecto relacional, por exemplo: *Trocar idéias para chegar a consensos*; e no aspecto mais emocional: *Sentir-se parte do grupo*. Dessa forma considero que nesta atividade abordamos várias dimensões da ecologia.

#### **4.2 As 5 Dimensões da Ecologia.**

Em nosso trabalho com o Grupo Água é Vida abordamos de algumas formas as 5 Dimensões da Ecologia . Este subcapítulo não estará dividido em texto de resultados e depois “minha análise”, pois esta análise está fundida ao texto.

Saber que podemos trabalhar com educação ambiental em vários níveis nos ajuda a compreender que podemos utilizar várias formas de atuação para despertar algo nas pessoas com quem trabalhamos. Saber que a educação ambiental pode atuar em várias frentes. Desde a educação dos filhos, a educação formal em escolas, as relações entre as pessoas, a comunicação entre pessoas e a comunicação de massa, através do movimento ambientalista, através de atuação política e etc.

Numa comunidade carente, que tem vários problemas urgentes, como fome, desnutrição, desemprego, alcoolismo, violência familiar e etc. não teria sentido chegar e simplesmente dizer: cuidem do ribeirão, pois ele é muito importante para suas vidas. O ribeirão é importante, mas é para todos, não só para aquela comunidade. Aquela comunidade não é tradicionalmente ribeirinha e o ribeirão já não dá para pescar e nem para nadar por que está poluído, como mostrar a importância daquele curso d’água. Não é só aquela comunidade que suja a água do rio. A comunidade pode parar de jogar lixo nas margens, mas não pode despoluir a água que escorre das plantações e trás agrotóxicos; não pode evitar o esgoto das indústrias. A comunidade pode se unir em favor do ribeirão, se isso tiver um significado para ela. Pode se unir para plantar árvores na beira do rio, e não deixar que as árvores morram, mas só se isso fizer sentido para ela. Para que isso faça sentido é necessário que exista um sentimento bom em relação ao ribeirão.

Na cidade de Piracicaba o rio que lhe dá o nome é querido pela comunidade. A população ribeirinha tradicional ainda se relaciona muito com o rio, retirando alguns recursos do rio: um pouco da pesca, um pouco do turismo, um pouco do artesanato ligado ao tema do rio. O orgulho de ter um rio tão bonito, que já foi muito farto, ainda está presente no sentimento e no imaginário da população, por isso algumas pessoas se movimentam em favor do rio. Mas o movimento é encabeçado por algumas pessoas mais instruídas e que tem atuação política – que sabem como atuar na 5ª dimensão.

O autor, do texto As 5 dimensões da Ecologia, Marcos Sorrentino, disse que podem ser mais dimensões, cada um faz a classificação que conseguir conceber, de

acordo com sua compreensão de mundo. Mas o importante para mim, foi perceber que existe sentido em chamar de educação ambiental, uma proposta complexa que trabalhe desde a auto-estima de jovens, a sua percepção dos problemas do ambiente e mostrar para eles a força da união de uma comunidade nas possibilidades de atuação melhoria de suas condições de vida.

Quando levamos aqueles jovens para perceber o rio e através da fotografia e de outras vivências na beira do rio acredito que despertamos neles um sentimento de respeito àquele ribeirão (4ª dimensão). Mostramos a força de se organizar para um objetivo – realizamos a feira. (5ª novamente)

Quando a Milene (nossa estagiária) propôs a participação do Grupo Água é Vida num encontro de jovens e alguns deles se mobilizaram para ir, estávamos trabalhando a 5ª dimensão, de uma forma mais global e não local, pois o encontro final iria ocorrer no Marrocos. O Erik chegou a participar de umas reuniões desse movimento. Durante os encontros do grupo pudemos perceber que o Erik era um jovem preparado para atuar na 5ª dimensão da ecologia. Acredito que isso tenha se construído no primeiro curso que ele fez do Jovem Cidadão, ou por outras vivências que ele tenha passado, mas no grupo Água é Vida se reforçou e serviu como exemplo para os outros jovens.

A 4ª dimensão, trabalhamos todas as vezes que falamos de natureza, de ambiente e quando fizemos as saídas de campo. Esta dimensão é a mais reconhecida como educação ambiental formal e os jovens do grupo Água é Vida, no último questionário falaram basicamente dela, embora tenhamos trabalhado as outras dimensões sem especificar que estávamos trabalhando com as dimensões da ecologia.

O que queremos despertar nas pessoas é que elas se sintam donas de seu próprio destino e que sintam-se com poder de melhorar sua vida, e sua qualidade de vida.

Para despertar algo nas pessoas, podemos fazer várias coisas, mas acima de tudo devemos demonstrar respeito pelas outras pessoas, e mostrar o tipo de relação que queremos que se estabeleça com a gente . As relações interpessoais estão colocadas como a 3ª dimensão.



Acredito que no Jardim Oriente, no Grupo Água é Vida, nós conseguimos demonstrar esse respeito e cumprimos uma função do educador segundo a multirreferencialidade:

*“Na multirreferencialidade, a função do educador é elaborar junto com o educando um ‘sentido para o mundo’, de forma que sejam respeitadas as diferenças culturais e todas as maneiras de sentir a realidade, sem imposição de modelos que funcionem como ‘caminho de mão única’ para a aquisição de uma verdade excludente. O educador no exercício da multirreferencialidade abre-se ao mundo e a suas relações complexas e infinitas. Essa abertura coloca-o numa postura de aceitação da dinâmica das relações, valorizando com isso seu estado de humanização ao ser afetado por um número infinito de forças e, ao esmo tempo, potencializando seu afeto e sua sensibilidade em relação ao outro e em relação ao mundo.”*  
(JARDIM,2000, p.33)

Esse respeito que demonstramos, também serve de exemplo: é a corporeificação das palavras pelo exemplo, que Freire(2002) nos propõe. Respeitamos e tentamos ensinar o respeito no relacionamento entre o grupo, nos acordos de convivência que firmamos, e em tudo que fizemos que nos fez aprender algo mais para nos relacionarmos melhor uns com os outros.

A Segunda dimensão, que é o próprio ser, seu corpo, suas sensações, sua psiqué, também foi muito trabalhada nos encontros, no contato físico direto, durante as massagens e auto-massagens e outras dinâmicas. Acredito que todas as formas de expressão que foram estimuladas: a fala, a escrita, a produção artística, ajudou os jovens a desenvolverem em si mesmos uma auto-estima mais elevada, e isso está relacionado à 2ª dimensão. Quando trabalhamos essa valorização do ser, considero que estamos trabalhando nesta 2ª dimensão.

A 1ª dimensão é a mais difícil de ser explicada, por que ela pertence ao mundo da metafísica, é o transcendente, a porta para o não ser.

Essa divisão em dimensões não é totalmente correta, pois essas dimensões não têm limites determinados. Abaixo transcrevo um texto (não publicado) da colega

mestranda Rita Helena, que nos ajuda a compreender a questão das dimensões não serem delimitadas e sim difusas e interrelacionadas.

Texto da Rita Helena T. Moura:

*Esse sentimento (não sei se é sentimento) ele é complexo. Embora nós o dividamos didaticamente em dimensões, estas estão em permanente fusão e disfusão, apresentando possibilidades de interação, interrelação, interpenetração de seus estados. “É tudo ao mesmo tempo agora!”.*

*Então quando você leva os meninos para a beira do rio, você está naturalmente na 4ª dimensão. Mas as anteriores estão presentes. Basta você qualificá-las. Por exemplo: Para chegar até o rio, vocês foram e estão juntos (não é uma experiência individual e sim coletiva) 3ª dimensão.*

*Desta situação global, dependendo do seu interesse como educadora, você pode visualizar várias situações particulares de relações interpessoais (3ª), e aqui vale o ser e o outro ser, o ser e seu entorno (4ª). Mas para interagir o sujeito obrigatoriamente tem que estar ali, aí entramos na 2ª dimensão. O sujeito pode estar desligado de si, desinteressado naquele momento ( a inércia está presente nesta dimensão) mas podemos convidá-lo a estar de corpo e alma!*

*Fechando o ciclo na 2ª dimensão, ele sente o potencial de ação que se resplandece naquilo que chamamos de 5ª dimensão: ação comunitária, partidária, política – a visão crítica de quem vê de fora.*

*Enquanto que a 1ª pertence a todas. Ela está e não é vista, ela é o que não é. È o ser enquanto essência, é a porta do não ser. Todos nós seres humanos a temos, porém seu conhecimento está cada vez mais distante, em relação inversa ao crescimento da ciência, como proposta de vida.”*

### **4.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais.**

Aqui serão listados os temas que foram mais utilizados no grupo Água é Vida . Mesmo não estando diretamente na escola, consideramos importante utilizar os Parâmetros Curriculares Nacionais como um guia para nossa atuação:

Temas Transversais – Meio Ambiente e Saúde:

Através das atividades do grupo Água é Vida pretendemos ajudar os jovens a: conhecer e compreender, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente; adotar posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis; observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo reativo e propositivo para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida; perceber, em diversos fenômenos naturais, encadeamentos e relações de causa-efeito que condicionam a vida no espaço (geográfico) e no tempo (histórico), utilizando essa percepção para posicionar-se criticamente diante das condições ambientais de seu meio; compreender a necessidade de dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia-a-dia; perceber, apreciar e valorizar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural; identificar-se como parte integrante da natureza, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente.

- Nos temas transversais – Arte

Os tópicos que nos chamaram a atenção e que tentamos abordar nos encontros foram: expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas; edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções; observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando a arte de modo sensível.

- Nos temas transversais - Ética

Nos encontros com o grupo adotamos atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista. Cumprimos também, na medida do possível, outras atitudes como solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações. Valorizamos e

empregamos o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas. Tentamos contribuir para que os jovens pudessem construir uma imagem positiva de si, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida e pela legitimação das normas morais que garantam, a todos, essa realização.

### **Minha Análise**

Como já foi dito, os PCN's foram usados mais como guias, pois não estávamos atuando em educação formal. Foi importante seguir esses parâmetros, pois eles nos deram o respaldo para elaborar dinâmicas que podem ser usadas como sugestão de atividades para quem quiser trabalhar com os temas transversais propostos nos PCN's.

A elaboração e aplicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais nas escolas foram comentadas na introdução deste trabalho à partir da página 15.

### **4.4 A Complexidade no Água é Vida**

À luz dos saberes propostos por Morin, tentarei explicitar o que penso hoje a partir de todo o trabalho de educação ambiental que fizemos com o “Grupo Água é Vida”. Este subcapítulo também não terá uma análise separada, pois acredito que ela está contida em todo o texto.

É necessário dizer que a equipe que executou a primeira etapa deste trabalho foi bem *multidisciplinar*. – e pretendemos que a continuidade também seja assim, e que esse trabalho possa evoluir para a *transdisciplinaridade*.

No projeto, trabalhávamos em duas perspectivas: uma educacional, desenvolvida por nós da Oca, junto ao grupo de jovens do bairro; e outra de diagnóstico ambiental mais “técnico”, que foi feito pela equipe do Laboratório Ecologia e Recomposição Florestal (LERF). Tentamos nos unir para tratar de um mesmo problema, envolvendo a comunidade local. Ainda assim, trouxemos todas as etapas do diagnóstico para serem conhecidas e praticadas pelos jovens do grupo, que são participantes da equipe, atores na intervenção. Além dessas duas perspectivas interligadas, que já caracterizaria um trabalho *interdisciplinar*, na Oca somos de formações diferenciadas,

somos: uma psicóloga – Ana Paula Coati; uma comunicóloga – eu; uma estudante de Gestão Ambiental – a Milene Navarro de Almeida; uma Ecóloga, mestre em Educação Ambiental e estudante de Direito – a Ísis Akemi Morimoto; e uma Engenheira Florestal – a Valéria Maradei Freixedas. No LERF, o Vicente é Engenheiro Florestal, o Alexandre, Agrônomo e o Juliano, Engenheiro Ambiental. O trabalho com a equipe do LERF foi diferenciado pelas características de atuação de cada um. Os engenheiros fizeram seu trabalho técnico independente, mas eram solicitados por nós para mostrar as etapas do trabalho tanto para a equipe Oca, quanto para os jovens do “Água é Vida”. Acredito que contribuímos para a construção de um conhecimento “complexo” sobre a realidade do ribeirão, nos encontros com os jovens e principalmente quando pudemos planejar e depois avaliar conjuntamente nosso trabalho, com cada um dando sua visão, sua particularidade de formação acadêmica e de vida. Considero que todos os jovens que estiveram no grupo fizeram parte dessa equipe também, com seu conhecimento arraigado, encarnado, da realidade local. Sempre estimulamos os jovens a nos ajudar a pensar em como seria o trabalho no Jardim Oriente e procuramos respeitar seus interesses. Chegamos a propor que eles planejassem os encontros, e isso realmente aconteceu algumas vezes.

Assim, não nos propusemos a apenas transmitir conhecimento, e sim a construí-lo. Estimulamos a crítica, assumimos nossos erros, sempre mostrando que apesar de sermos da Universidade, não sabíamos tudo e precisávamos muito deles para construir o conhecimento sobre a realidade daquele local. Nos preocupamos em trabalhar o conhecimento – conhecer o que é conhecer.

Na apresentação sobre o capítulo II, Morin diz:

*“É necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas as informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.”* (Morin, 2002, p.14)

Em nossas primeiras atividades usamos vídeos, que falavam de conteúdos de conhecimento, como alguns dados sobre a água, seu ciclo, sua importância; ou sobre Agenda XXI e o histórico do ambientalismo. Estes conteúdos eram discutidos depois, de

forma a contextualizar o conhecimento. Além disso, sempre estimulamos a expressão artística coletiva e individual. No segundo encontro propusemos uma colagem coletiva (feita a partir de recortes de figuras em revistas) sobre como eles viam o bairro e como gostariam que ele fosse. Depois sugerimos que fossem coletados dados sobre a percepção do ribeirão e das árvores em sua mata ciliar. Construímos juntos um questionário e depois de muita conversa e alguns ensaios e dramatizações, os jovens aplicaram este questionário na comunidade. Assim pudemos ficar sabendo o que as pessoas do bairro pensavam do ribeirão. Através das vivências proporcionadas (anexo G - Atas dos Encontros) mostramos a necessidade do conhecimento. Mas acima de tudo, quisemos transmitir a idéia de que eles são capazes de alterar sua realidade, de intervir nas decisões sobre o que é melhor para o bairro.

Acredito que no trabalho dessa forma, cada um (tanto os técnicos da universidade, como os jovens da comunidade) pôde ensinar e aprender com o outro algo novo, e edificar um saber enredado da realidade.

Edgar Morin nos “desafia” a *Ensinar a condição Humana* :

*“O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos”.* (Morin, 2002, p.15)

Neste aspecto, acredito que o nosso trabalho foi privilegiado, pois estávamos realizando uma educação não formal – fora da escola, sem disciplinas e considerando nossos encontros como vivências conjuntas e não ensinamento de uns para os outros. Ao propor atividades de massagens individuais e coletivas, dinâmicas corporais, passeios para estudos do meio, realizando longas conversas para saber as histórias de vida de cada um, propondo as atuações no bairro, firmando pactos de convivência, entre outras atividades, acredito que estimulamos a compreensão, tanto por parte dos jovens como de nós mesmos, do que significa ser humano.

Para ensinar a identidade terrena que é proposta por Morin:

*“Será preciso indicar o complexo de crise planetária que marca o século XX, mostrando que todos os seres humanos, confrontados de agora em diante aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham um destino comum.”* (Morin, 2002, p.16)

Desde o início os encontros foram pautados na realidade do nosso século XXI, que continua e aprofunda a crise do séc. XX. Nos apresentamos como sendo parte de um grande projeto chamado Pisca, que pretende tornar a bacia do ribeirão Piracicamirim, um modelo de bacia sustentável. Mas para isso, temos que trabalhar a totalidade dos problemas da bacia: os físicos, os econômicos e os sociais, numa intrincada rede de problemas e propostas de soluções, buscadas tanto dentro da universidade quanto nos saberes das pessoas de fora dela. Uma frase do Marcos Sorrentino me lembra essa rede intrincada de problemas, e a forma de trabalhar a compreensão desses problemas através de uma educação ambiental contextualizadora:

*“... quando o jovem é capaz de enunciar, que a qualidade de vida deles ali não melhora não é por que o rio está poluído, mas o rio está poluído e a qualidade de vida não melhora por que existe um sistema que gera todo esse processo e que ele enquanto jovem, enquanto cidadão, pode e deve atuar nas causas do que leva o rio estar poluído e do que leva o pai estar desempregado”*. (Sorrentino, frase dita em atendimento de orientação)

Ao discutir assuntos atuais, coisas que passam na televisão e os problemas do bairro, e ao enfrentar as situações, por exemplo, a arborização do bairro, estávamos falando de um destino comum dos seres humanos.

E continuando a seguir o autor, para enfrentar as incertezas, a atuação do grupo da universidade foi explicitada aos jovens, como sendo uma experiência nova (embora embasada em conhecimentos construídos em outras experiências e na convivência na Oca), e portanto passível de erros (capítulo I) e incertezas. A realização da I Feira Ambiental enfatizou bastante o inesperado, e tivemos que trabalhar com esse inesperado. Acredito que isso foi um aprendizado prático, e que foi muito discutido nas avaliações posteriores. As incertezas já fazem parte de nossa vida de brasileiros,

principalmente em relação à economia. A vida de um jovem, principalmente os jovens de classes econômicas desfavorecidas é cheia de acontecimentos inesperados, e trabalhar isso não foi dificuldade para nós. Creio que a novidade foi mostrarmos-nos como iguais a eles, com falhas e incertezas científicas. Mostrar e assumir que erramos, e tentar aprender com os nossos erros, foi uma constante.

“ A fórmula do poeta grego Eurípedes, que data de vinte e cinco séculos, nunca foi tão atual: ‘O esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho’. O abandono das concepções deterministas da história humana que acreditavam poder prever nosso futuro, o estudo dos grandes acontecimentos e desastres de nosso século, todos inesperados, o caráter doravante desconhecido da aventura humana devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo. É necessário que todos os que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos” (Morin, 2002, p.16)

*Ainda seguindo os Sete Saberes de Morin tentamos ensinar a compreensão :  
“A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos de compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro.” (Morin, 2002, p.16-17)*

Além da comunicação interpessoal, que visa a compreensão mútua, procurei trabalhar junto aos jovens, a questão da compreensão, dentro de minha especialidade: a comunicação. Considero importante atentar para o fato de que a mídia impressa e televisiva é construída por pessoas que podem, ou não, estar defendendo interesses da classe dominante, e isso deve ficar claro. Ao ler um jornal, podemos acreditar que o que ele fala é real, mas temos que ter em mente que isso pode ser apenas uma visão do real,



uma visão construída para formar opiniões. Esse estímulo à crítica foi sempre enfatizado em nossos encontros, e foi mais que isso, foi vivenciado sobretudo na confecção de um fanzine para ser usado como convite para a feira ambiental e depois na construção de uma página para o jornal do bairro. Ao elaborar esta página, vimos como os textos são produzidos no conjunto das idéias de um grupo de pessoas. A presidente da Associação do bairro contribuiu muito, dando seu testemunho da importância que o jornal do bairro teve para denunciar fatos ocorridos quando da transferência dos atuais moradores do bairro, de suas casas originais para o Jardim Oriente (anexo H).

A minha forma de “*desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas as informações em um contexto e um conjunto*”, foi falar da fotografia, mostrar como ela foi descoberta, através da junção de descobertas separadas, de diferentes áreas da ciência: a física, a química e as artes . A partir desses conceitos, construímos juntos a câmara escura de ver (parte física), a câmara de furo de agulha para fotografar, depois fomos ao laboratório para ver as reações químicas que ocorrem para revelar uma fotografia. Ao longo de todos os encontros, tivemos várias atividades em que eles puderam fotografar, tanto com a câmara feita de sucata quanto com câmaras convencionais: - uma simples, de amador (do tipo aperte um botão, que a câmara faz o resto) e até com minha câmara profissional, cheia de regulagens. A câmara digital que foi comprada para o projeto foi largamente utilizada por eles. Notei que foi uma técnica rapidamente assimilada. Apenas dei uma ligeira explicação e logo estavam todos íntimos da tecnologia digital daquela câmara. A possibilidade de ver a fotografia no instante seguinte ao que ela foi produzida, aliada a facilidade do baixo custo da foto no disquete, estimulou a produção de inúmeras fotos. Mas isso não ofuscou o brilho e o espanto que a técnica rudimentar que a câmara de furo de agulha causa. (ver resultados das oficinas)

“*A compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos,*” e que daqui para a frente é “*vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão*” Aqui está a chave para o entendimento e o respeito à diversidade de personalidades e interesses . Na construção de nossos pactos de convivência conversamos muito sobre isso. Não posso afirmar com certeza que nós todos realizamos a reforma de nossas mentalidades, mas posso assegurar que sinto esse

processo ocorrendo em mim. Acredito que lançamos a semente e espero vê-la brotar , pois como nos mostra Morin:

*“Daí decorre a necessidade de estudar a incompreensão a partir de suas raízes, suas modalidades e seus efeitos. Este estudo é tanto mais necessário porque enfocaria não os sintomas, mas as causas do racismo, da xenofobia, do desprezo. Constituiria, ao mesmo tempo, uma das bases mais seguras da educação para a paz, à qual estamos ligados por essência e vocação.”*  
(Morin, 2002, p.17)

A ética do gênero humano, que está proposta no livro com a ressalva de que:

*“A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.”* (Morin, 2002, p.17)

Aqui tivemos alguns problemas, como em todo o percurso, mas que ao fim, fazemos um balanço positivo. As lições de moral: algumas vezes nós precisamos intervir em atividades que estavam sendo negligenciadas talvez por desinteresse, talvez por energia que precisava ser externada. Em algumas atividades de campo a brincadeira superava o respeito ao outro e isso era analisado ao fim , com uma espécie de bronca. Isto poderia ser considerado um detalhe pequeno, mas que se torna exemplo para uma atuação mais responsável no futuro. Assim como tentamos estimular o respeito às falas dos engenheiros que vinham explicar a forma de trabalho deles, também atentávamos para o respeito em ouvir cada colega falar, e também respeitar se o colega não quer falar.

Por vários motivos, desde a leitura do livro, no início do curso de pós graduação, até as discussões estabelecidas em grupos de estudo ou nas reuniões semanais de gestão da Oca, acredito que caminhamos para praticar o que é proposto por Morin. Mas é claro que somos passíveis de erros, e se não admitirmos isso estaremos mentindo e

contrariando o que diz o próprio livro. Tivemos falhas no trabalho, e talvez não tenhamos praticado o que foi discutido por Morin, ou pelo menos podemos não ter alcançado os objetivos propostos, mas posso afirmar que tentamos muito. E a partir de nossa prática e posterior avaliação, estamos nos propondo a continuar nossa educação ambiental atentando para os saberes necessários à educação do futuro. Nossa proposta de educação está pautada pelas cinco dimensões já citadas .

Como nos alerta Morin:

*“O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de idéia, de teoria, é fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro.”* (Morin, 2002, p.20)

#### **4.5 A autonomia no Grupo Água é Vida**

Em seguida comentarei o que foi posto em prática na realização do nosso trabalho no Projeto Água é Vida, tendo em vista as exigências propostas por Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia” já comentado na revisão bibliográfica, levando em conta o aspecto da autonomia. Começando pelo item da pesquisa: nós, do grupo da Oca, estamos nos construindo como educadoras ambientais e sabemos que precisamos nos pesquisar, pesquisar nossa atuação, através de planejamentos, atuações, reflexões e avaliações, e novamente planejar, atuar, refletir e avaliar – o que consiste a nossa práxis, com a criticidade que Paulo Freire propõe. Esse referencial esteve presente todo o tempo.

Por outro lado, como estávamos interessadas em trabalhar a Agenda XXI, precisávamos saber muito sobre o bairro e sobre os moradores dele. Os jovens eram nossa fonte de pesquisa e nosso contato com o bairro. Respeitamos sempre os saberes dos jovens na nossa forma de atuar. Não nos colocávamos como donas do saber, questionávamos, indagávamos tentávamos refletir com eles. Nossa postura física com a

sala em roda já mostrava isso. Paulo Freire dá um exemplo que se encaixa perfeitamente ao nosso trabalho:

*“Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.”* (Freire, 2002, p.33)

Sempre respeitamos os saberes dos jovens, pois eles moravam no bairro e com certeza sabiam muito mais da realidade e das necessidades do bairro do que nós. Pedíamos para que eles nos levassem aos lugares que eles passeavam na beira do ribeirão. E não só isso, sempre perguntamos sobre as histórias de suas vidas e do bairro. Como não estávamos presas por um conteúdo, começamos a planejar todas atividades com eles, demonstrando que eram eles que davam o “tom” dos encontros.

Tentamos trabalhar essas exigências de forma gradual, pois inicialmente não estávamos pensando tanto na autonomia, mas aos poucos fomos percebendo em nós (do grupo da Oca) atitudes que não contribuía para autonomia deles. Por exemplo, planejávamos os encontros sem interferências dos jovens, levávamos o lanche pronto e etc. Então tentamos mudar nossas atitudes. Começamos a pedir para que eles comprassem o lanche: dávamos o dinheiro, mas eles compravam o que queriam. Fizemos acordos, discutindo com eles nossas necessidades, sempre pensando no crescimento do grupo. Combinamos que eles iriam deixar o local limpo e preparado para o encontro. Eles se dividiriam em duplas e se revezariam nestas atividades.

A estética e a ética sempre perpassou nossos encontros, tanto no estímulo à produção artística quanto nas discussões sobre nossas atitudes. A lista de compromissos firmados (pg. XX, deste texto.) é um exemplo disso.

A corporeificação das palavras pelo exemplo talvez tenha sido um problema para nós. Não do ponto de vista de atitudes em relação a eles e ao ambiente, nisto acredito que sempre demos bons exemplos. Mas às vezes temos que admitir que não conseguimos cumprir alguns combinados, e tínhamos essa autocrítica e conversávamos sobre isso. Nem tudo que planejamos foi feito, da forma e no dia em que combinamos, por vários

motivos, mas acredito que o importante foi que mostramos que não somos infalíveis. E isso é também outra exigência: consciência do inacabamento:

*“Na verdade , o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.”* (Freire, 2002, p.55)

Tenho como certo que nos propusemos sempre à aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Nossa conduta foi de abertura total a quem quisesse estar no grupo. Não houve seleção, os jovens foram participando por quatro meses, até que se estabeleceu o grupo que ganharia as bolsas. Mas o grupo estava aberto a quem quisesse entrar. Houve até uma distribuição das bolsas que seriam para 10 e foram para 11. E houve substituições depois. E acredito que essa era uma atitude do grupo como um todo mesmo: sempre que entrava um era bem vindo.

Sobre a reflexão crítica sobre a prática, o autor volta a falar no pensar certo que:

*“não é presente dos deuses, nem se acha nos guias de professores (...) pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.”* (Freire, 2002, p. 43)

Acredito que todo educador ambiental que se preze saiba que ensinar não é transferir conhecimento, e penso que me tornarei enfadonha comentando todos os outros itens e dizendo que fizemos as coisas dessa e dessa forma. Mas comentarei mais a questão do reconhecimento de ser condicionado, pois ele é muito importante principalmente se lidamos com pessoas que por sua condição social já são condicionados a tantas influências:

*“... a construção de minha presença no mundo, não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo.”* (Freire, 2002, p.59)

O papel da crítica à comunicação da grande mídia, quando comentávamos sobre a baixa qualidade dos programas na TV, pode contribuir para a consciência de se ser condicionado.

Finalizo este subcapítulo dizendo que tentamos refletir acertos e falhas e tentamos melhorar sempre. No Grupo Água é Vida tentamos também estabelecer várias práticas junto aos jovens, principalmente a criticidade quando no fim de todos os encontros propúnhamos uma rodada de avaliação sempre perguntando o que estava e o que não estava bom. E que acima de tudo, pelo menos por mim, posso afirmar que sempre quis muito bem aos educandos e lembro-me com saudade do jeitinho de cada um deles. O bom relacionamento com o educando, que é uma exigência de Paulo Freire, e que considero fundamental cumprir, deu-se totalmente comigo e gostaria de enfatizar a boa relação que se estabeleceu com cada um dos jovens daquele grupo. Tenho carinho especial por cada um: o jeitinho malandro (no bom sentido) do Ricardinho, a força da mulher representada na Regina, a pureza e a beleza da Regiane, o jeitinho doce da Ana Paula, o engajamento do Erik, a seriedade em encarar a vida do Jonattan, o charme do Misael, a sensibilidade artística do Vauderi, e uma profunda admiração à grande pessoa do Marquinhos. E dos outros menos falados também guardo uma lembrança carinhosa. Além da amizade que se fortaleceu com a Ana Paula Coati e com a Milene.

Toda essa demonstração de carinho, que deveria estar na dedicatória e não nos resultados, é para mostrar como estou convicta de que deve ser levada a sério a questão de os educadores darem importância aos educandos, oferecendo-lhes oportunidades de serem autores cidadãos, em grupo e individualmente. O respeito do ser humano pelo ser humano deve ser cultivado sempre.

#### **4.6 Dinâmicas mais significativas**

Descreverei a seguir três dinâmicas que considero mais significativas para demonstrar os resultados de nossa intervenção educacional, e que podem contribuir para a produção de conhecimentos sobre processos educacionais.

Enfatizo que as dinâmicas não são receitas prontas de atividades que devem ser usadas em qualquer grupo. Essas atividades foram construídas a partir de avaliações e

planejamentos específicos para aquele grupo, tomando como exemplo dinâmicas já conhecidas pela Ana Paula Coati e pelo Grupo da Oca. Essas atividades podem ser aplicadas em diversos grupos, mas devem ser reelaboradas e adaptadas para cada caso. Uma recomendação importante para quem quiser aplicar qualquer tipo de dinâmica é que ela deve ser avaliada e comentada ao final, por cada participante, para que se possa consolidar alguns resultados.

Esclareço que tanto a atividade do Espelho quanto a do Gigante, foram idealizadas individualmente pela Ana Paula Coati, a partir planejamentos nossos. Esse esclarecimento é para dizer que eu e a Milene pudemos participar das dinâmicas em igualdade com o restante do grupo, sendo mais atingidas pelos objetivos das dinâmicas do que se soubéssemos previamente do que se tratava a atividade.

#### **4.6.1 A dinâmica do espelho**

No dia 02/04/2004 a Ana Paula Coati propôs uma dinâmica que consistia no seguinte: - ela tinha algo nas mãos escondido por um pano, e propôs mostrar esse algo para cada um individualmente.

Todos estavam sentados em roda, e ela se afastou para um canto e chamou o primeiro. Disse que ia mostrar uma coisa mas que era para a pessoa não falar nada, só observar e depois escrever algo sobre o que viu, e o que gostaria de ver. Somente quando chegávamos perto é que víamos que o objeto que a Ana Paula segurava era um espelho, e nos víamos refletido nele e então voltávamos em silêncio para a cadeira.

Abaixo relaciono os nomes dos jovens e o que foi escrito por eles.

#### **Regiane**

*“Eu vi meu rosto, é muito bonito, uma pele suave. Muito sorridente, e vi meus olhos, nesse momento eu estou feliz. Mas tem horas que eu fico muito triste, mas passa.*

*Com o tempo eu gostaria de ser mais feliz do que eu sou. Eu gostaria de mudar minha vida para melhor. Eu gostaria de poder fazer coisas que gosto de fazer, daí eu seria muito feliz e poder realizar meu sonho de ser uma artista. É o meu sonho, todo*

*mundo tem um sonho. Eu gostaria que o meu fosse realizado, daí eu ficaria mais feliz, daí não precisaria de mais nada para mudar a minha vida. Eu teria uma vida muito feliz e todos seriam felizes.”*

### **Regina**

*“Eu vi no espelho um rosto muito triste, cheio de problemas. Mas a vida é assim mesmo, mas não queria que fosse assim. Mas também um rosto jovem, cheio de vida pela frente. Bonito, alegre às vezes sim, às vezes não. Gordinho, só o que eu não gosto no meu rosto.*

*O que eu queria mudar em mim: a minha vida. Só que está muito tarde para voltar atrás. E também problemas que eu tenho de saúde. Queria melhorar, Ter mais disponibilidade de fazer coisas. Mais vontade eu tenho, o que me atrapalha é a falta de saúde. Muita tontura, que eu tenho dor no pescoço, na coluna e vertigens nos olhos.”*

### **Marquinhos**

*“Eu vi minha própria imagem. Eu gostaria de ver a Carol.”*

### **Fernanda**

*“Eu vi uma coisa muito bonita, eu vi meus olhos, meu nariz, minha boca, meu cabelo e meu rosto.*

*Eu mudaria meus pés, que eu acho muito feio.*

*E na minha vida, eu gostaria de morar com minha tia, porque eu não gosto de morar com minha mãe, é o que eu mudaria, só isso.”*

### **Misael**

*“Bom, a parte que eu vi no espelho foi a parte do meu peito. A parte do meu corpo que eu agradeço muito por ser saudável e bonito. Bom, para mim está ótimo do jeito que está.*

*Agora eu queria ver, era uma pessoa muito especial para mim. Essa pessoa, eu acho que não devo dizer quem é. Obrigado.”*



**Vauderi**

*“Eu vi eu mesmo, normal.*

*Eu gostaria de ver meus avós, que estão bem longe daqui.”*

**Flávia**

*“O que eu vi: Eu.*

*O que eu gostaria de ver: Uma pessoa muito feliz e realizada. Que realizasse muitas coisas, juntamente com muitas pessoas e que fosse feliz porque fazia as pessoas felizes.”*

**Minha análise:**

Esta atividade foi direcionada para que as pessoas pensassem um pouco sobre si mesmas. Durante a reunião de planejamento para esta atividade, comentávamos que os jovens estavam um pouco apáticos e que deveríamos fazer alguma atividade que os fizesse se animar, pensar sobre seu papel no grupo e no bairro. Como foi uma atividade bem individual, cada um escreveu sobre si mesmo, seus problemas e seus sonhos. Acredito que trabalhamos aqui a 1ª e a 2ª dimensões da Ecologia: o ser, seu corpo e sua subjetividade.

Considero que foi uma atividade que estimulou uma boa análise de si mesmo. Alguns se soltaram muito e disseram coisas íntimas, e isso foi muito bom, pois ao se colocarem dessa forma, se abriram um pouco para o grupo, demonstrando confiança.

Além desse aspecto da confiança, tenho a ressaltar que considero positivo que a maioria tenha dito que viu um rosto bonito, ou no caso do Misael, que teve o espelho mal direcionado, ao invés de mostrar o rosto, mostrou o peito, que ele também considerou bonito, e ainda agradeceu: *“A parte do meu corpo que eu agradeço muito por ser saudável e bonito”*. É muito bom que tenham uma boa imagem de si mesmos, pois isso pode potencializar ações voltadas ao próprio bem e ao bem comum.

Nossa pequena equipe (Ana, Milene e eu) conversávamos sobre como mostrar aos jovens que eles têm poder para melhorar suas vidas. A Ana através de dinâmicas e de conversa, a Milene sendo uma jovem atuante, contando suas experiências e tentando motivá-los a participar de situações em que ela própria estava atuando, era um

exemplo motivador, e a minha maneira de torná-los autores, foi através de mostrar as possibilidades de se comunicar com muitas pessoas, através da fotografia, do fanzine, da Feira Ambiental, da página no jornal. A comunicação é essencial. Para falar sobre empoderamento, sobre Agenda XXI, precisamos possibilitar que as pessoas se comuniquem, que as pessoas se expressem, tanto dentro do grupo, como para fora do grupo. O Professor Marcos Sorrentino, comentando nosso trabalho, mas desconhecendo que havíamos aplicado essa dinâmica, me disse: “*A melhor forma de se encontrar a própria identidade é a pessoa se olhar no espelho. Para olhar no espelho, e se sentir poderoso, é preciso ter quem te ouça.*” E eu digo que para ter quem te ouça, você precisa falar, de várias formas.

O fotografar é uma forma de se espelhar. Uso a fotografia como uma técnica de estimular o debate. Peço para as pessoas fotografarem, e depois para elas falarem sobre a fotografia. Muitas fotografias feitas com a pin hole acabam sendo auto retratos. Acredito que são vários os motivos que contribuem para que isso ocorra:

- Com os jovens de periferia que não têm muito acesso à fotografia, talvez eles queiram se registrar para guardar de lembrança mesmo. Uma oportunidade de ter uma foto.

- Pela possibilidade de se ver, ou talvez para provar para si e para outros, que aquela técnica é eficiente mesmo, e a melhor forma para isso é um retrato – um auto retrato. Como que dizendo: - Olha, eu estava aqui!

- As pessoas em geral gostam de aparecer nas fotos, por exemplo quando viajam, em frente à uma paisagem ou a um monumento, para dizer que estiveram lá.

- Porque é uma coisa cultural mesmo: em geral as pessoas acham que tirar fotos tem que ser de pessoas, por que é um registro. O retrato é uma das funções mais usadas na fotografia.

- Quando peço para que tirem fotos do que acham bonito no bairro, e eles voltam com fotos de si mesmos, não sei dizer se não me escutaram, ou se realmente o que acham bonito no bairro é sua própria pessoa.

Todos esses motivos e algum outro que me escapou, me justificam que as pessoas queiram se fotografar, mas não deixo de achar meio estranho. Principalmente por

que eu sempre falo que pinhole não é muito boa para fazer retratos, pela demora da exposição, sempre sai um pouco tremida, mas as pessoas sempre fazem. Talvez, por eu não gostar muito de ser fotografada, eu ache estranho, isso de querer aparecer na foto .

Roland Barthes diz:

*“ Mostre suas fotos a alguém: essa pessoa logo mostrará as dela: ‘Olhe, este é meu irmão; aqui sou eu criança’; etc.; a Fotografia é sempre apenas um canto alternado de ‘Olhem’ , ‘Olhe’, ‘Eis aqui’ ; ela aponta com o dedo um certo vis-à-vis\* e não pode sair dessa linguagem dêictica.”* (Barthes, 1984, p. 14)

E Barthes fala mais sobre ver seu próprio retrato, diferentemente de se olhar no espelho:

*“ Ver-se a si mesmo ( e não em um espelho) na escala da história, esse ato é recente, na medida em que o retrato, pintado, desenhado ou miniaturizado, era, até a difusão da fotografia, um bem restrito, destinado, de resto, a apregoar uma situação financeira social – de qualquer maneira, um retrato pintado, por mais semelhante que seja (é o que procuro provar), não é uma fotografia.”* (Barthes, 1984, p.25).

#### **4.6.2 Dinâmica do barco**

Essa atividade pode ser usada para analisar a questão de estarmos motivando os jovens a agir com autonomia e em grupo.

O projeto do Fehidro, que estava previsto para seis meses, estava acabando. Os trabalhos de diagnóstico estavam sendo concluídos. O projeto do Fehidro, desde o começo previa uma continuidade, que seria a implantação da Agenda XXI e o plantio da mata ciliar. Estávamos preocupadas, pois estávamos sentindo aquele fim da primeira etapa estava desanimando os jovens.

O processo educacional e de empoderamento não podia parar. Sempre os imaginamos prosseguindo com o trabalho, por eles próprios. Sempre falamos em

---

\* *vis-à-vis* = defronte, frente a frente (em francês no original)

continuidade e inclusive sempre pedimos que eles nos ajudassem a escrever o projeto de continuidade. A consciência do inacabamento de Paulo Freire.

Ana Paula Coati propôs a dinâmica para que refletíssemos sobre os rumos que o projeto estava tomando, mas de uma forma solta, para que pudéssemos mesmo soltar a imaginação. A dinâmica é bem simples: após um relaxamento corporal (que é importante para depois se concentrar na atividade) foi proposto que todos imaginassem que estavam em um barco e pensassem sobre as três perguntas a seguir:

- Para onde está indo o barco?
- Para onde eu quer que esse barco vá?
- O que gostaria de fazer dentro do barco.

E então todos escreveram e alguns desenharam no papel.

Transcrevo a seguir o que foi escrito por cada um. Houve erros de ortografia, mas eu decidi corrigi-los, para facilitar o entendimento das frases.

### **Jonattan**

#### **Para onde está indo o barco?**

*\_ O barco está indo em direção ao seu ponto de chegada de desembarque, mas como todo barco, o nosso passou e ainda vai passar por vários momentos como de angústia nas tempestades, alegria ao velejar em um dia ensolarado e calmo, onde você tem a esperança de fregar seu café, seu almoço e sua janta e como não se sabe o dia de amanhã, prepara suas reservas para os dias seguintes. Mas a ponto de chegar em terra firme ao pisar em solo logo se vê que não é ali o término de sua viagem. Então olhamos para o horizonte com o olhar de esperança e voltamos para o mar enfrentar as dificuldades que ele vai proporcionar. Este barco agora segue um grande e firme objetivo: levar algo de muito importante, de muito valor à terra a ser alcançada. Quando se chega ao local desejado e olha para trás vê que nenhuma onda e nenhuma tempestade conseguiu afundar aquele barco, quer dizer, nada conseguiu destruir aquele barco e ele ainda seguirá viagem firme e forte ao encontro de mais desafios que o mar lhe proporciona.*

#### **O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu gostaria de fazer tudo que fosse melhor para o barco. Lavá-lo, limpá-lo, comandá-lo e fazer tudo para a boa navegação do barquinho.*

**Marquinhos (desenhou um barco, o mar e uma montanha, com passarinhos voando )**

**Para onde está indo o barco?**

*\_ Eu posso afirmar com toda certeza que esse barco pode e vai em busca dos seus sonhos dos seus objetivos sim, mas para isso agente tem que ter muita paciência, perseverança e muita fé em Deus e principal muito amor no que está fazendo.*

*Só assim pensando dessa maneira se dedicando cada vez mais ao nosso trabalho é que iremos conseguir atingir os nossos objetivos. Quando esse barco chegar no seu destino, você vai olhar para trás e vai ver as tempestades que você enfrentou, a fúria do mar contra você tentando te impedir, mas tem uma palavra que diz assim : Depois da tempestade vem a bonança .*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu gostaria de estar podendo passar a outras pessoas um pouco do que eu aprendi sobre a conscientização de poder mudar as idéias daquelas pessoas que não dá a mínima à natureza.*

**Vauderi (desenhou um barco com muitas pessoas)**

**Para onde está indo o barco?**

*\_ Este barco está indo em direção à paz, levando todos do planeta Terra , desde animais, insetos, etc. O barco parece pequeno, mas a vontade de chegar até a paz , fez com que coubece todos dentro do barco.*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Levar comigo toda a esperança, e ir dizendo para as pessoas como é bem Ter a paz em nossos corações.*

**Regina (não desenhou)**

**Para onde está indo o barco?**

*\_ O barco está navegando muito devagar, as pessoas que estão dentro deste barco alguma me parece que está sem vontade, eu não sei . Mas quero ajudar esse barco a ir para frente.*

**Para onde que eu quero que esse barco vá?**

*- Eu quero que esse barco vá muito longe , que antes nós todos do barco conquiste nossos objetivos. E não quero que ele pare por aqui, está apenas começando a navegar.*

**O que gostaria de fazer dentro do barco e ajudar?**

*\_ Eu quero ajudar muito este Barco a ajudar ele andar mais rápido quero aprender mais e mais e passar para as pessoas que estão fora dele aprender o que nós estamos aprendendo.*

**Ana Paula (desenhou um barquinho)**

**Para onde está indo o barco?**

*\_O barco está indo para um lugar que ele nunca conheceu antes.*

*É um lugar cheio de peixes, muita água árvores, animais, (escreveu insetos, e rabiscou) , etc.*

*Este barco com certeza vai adorar este lugar porque, ele cansou de ficar neste rio poluído aonde as árvores são secas. Onde não tem peixes, não tem animais (escreveu só insetos, e também rabiscou)*

**Para onde gostaria de ir?**

*\_ Gostaria que ele fosse pra este lugar cheio de peixes, árvores, animais, insetos (aqui não rabiscou). Só que eu não gostaria que ele esquecesse do rio poluído.*

*Eu gostaria que ele ajudasse as pessoas limpar o rio poluído e transformar o rio poluído em um rio cheio de peixes, árvores, animais.(escreveu insetos e rabiscou)*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu iria fazer a minha parte, que é ajudar a limpar o rio .*

**Fernanda** ( desenhou um barco com uma vela escrito Projeto Água é Vida e no casco do barco escrito Água é Vida)

**Para onde está indo o barco?**

*\_ O barco está indo para um lugar onde todos nós iremos, plantar bastante flor árvores e frutos. E também este barco irá para um lugar tão lindo, onde não haverá guerra e nem violência, com certeza este barco vai gostar muito de ir para este lugar , como todos nós vai gostar.*

**Para onde eu gostaria de ir?**

*\_ Eu gostaria de ir para um lugar bem longe daqui, um lugar bem tranqüilo aonde ninguém poderá me atrapalhar. Neste lugar eu gostaria que tivesse animal, árvore, pássaros e etc.*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu gostaria de navegar dentro deste barco junto com as ondas e ouvir os pássaros cantando.*

**Regiane (desenhou no fim do texto, um barco e toda a natureza em volta)**

**Para onde está indo o barco?**

*- O barco está indo prá um país muito longe que se chama China, mas eu gostaria que ele fosse para Nova York . Por que eu tenho um sonho de conhecer uma pessoa que eu gosto muito . Eu sou fã dela , que se chama Britney Spears. Eu tenho um monte de fotos dela e o meu barco eu quero que siga o caminho certo, eu faria qualquer coisa para o meu sonho virar realidade. Eu quero ser igual ela uma cantora muito famosa. Com uma voz muito especial que pudesse alcançar ela e ser uma cantora muito feliz poder mostra para todos que eu sei fazer alguma coisa especial eu gosto de cantar é o meu sonho .*

**Para onde gostaria que fosse?**

*\_ O meu barco está indo para um paraíso parece o céu eu vejo o céu no meu sonho quando eu durmo. Bem eu imagino eu no céu e um paraíso cheio de fantasia mágica, as pessoas felizes todas sorrindo lá nesse paraíso eu estou muito feliz com as pessoas que eu amo eu me sinto muito bem com elas estão sempre do meu lado. Esse é o meu paraíso cheio de pessoas sem doenças com muita saúde todos felizes sem tristeza todos unidos sem brigas um apoiando o outro esse é o caminho do barco do paraíso.*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu gostaria de fazer muitas coisas que nem eu gosto de cantar, eu faria um pouco dentro do barco, um show muito lindo e especial para mim e para as pessoas que pudesse apreciar meu trabalho e fazer elas felizes. Eu também queria poder abrir um lar para as crianças de rua. Esse barco ia ser meu paraíso cheio de alegria todos felizes um ajudando o outro eu ia ficar muito feliz com tudo isso que eu iria fazer para essas crianças poder dar o que elas não tem nas ruas carinho amor compaixão e pode-las ajudar no que precisassem eu levaria para uma ilha e lá iria ser o paraíso né uma ilha cheia de vida as árvores todas cheias de frutas nesse lugar ninguém iria passar fome e o que eu gostaria de fazer dentro do barco um barco muito lindo cheio de amor para dar a quem não tem um barco feliz e respeito de compaixão.*

**Flávia** ( fiz um barquinho dobrando o papel)

Escrevi uma frase bem curta para responder cada pergunta, quis ser bem objetiva, para dizer o que estamos querendo, no sentido de direcionar um pouco mais a atuação do grupo. Sem deixar de ser metafórica como a dinâmica propôs.

**Para onde está indo o barco?**

*\_ Para o rio Piracicaba.*

**Para onde gostaria que fosse?**

*\_ Gostaria que esse barco passasse por todos os rios limpos até chegar no mar.*

**O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*\_ Eu gostaria de remar junto com todos.*

**Erik**

**Para onde está indo o barco do grupo Água é Vida?**

*Tenho para mim que esse barco está cada vez mais longe da sua rota que deveria ser percorrida. O barco estava no rumo certo, mas por algum motivo ele se desviou da sua rota original se debandou por outro rumo. Mas temos que tomar nas mãos o timão desse barco e botá-lo em sua rota pois temos o barco em nossas mãos pois nesse barco toda a tripulação é o comandante*

**Para onde gostaria que fosse?**



*Eu gostaria que esse barco tomasse um rumo diferente onde toda a tripulação entrasse num consenso e tomasse um rumo legal para todos . E um dia pudéssemos colocar o barco para navegar no ribeirão Piracicamirim despoluído e com muita vida. E por que não desbravar mares?*

### **O que gostaria de fazer dentro deste barco?**

*Nesse barco eu, junto com toda a tripulação, teria a função de não deixar o barco afundar e agir da melhor forma que posso tanto mentalmente como fisicamente.*

### **Minha Análise**

Agora, relendo as respostas, e vendo os desenhos, vejo que a imagem de barco (tanto visual como de significado, mesmo) que os jovens têm talvez venha de barcos que viram na mídia (em livros e viagens é menos provável) pois eles são de Piracicaba e falam do mar, e algumas não são embarcações que poderiam ter sido vistas no rio Piracicaba.

Embora este trabalho não se proponha a analisar a mídia, não posso deixar de perceber o poder e a influência da mídia sobre todos e em especial nos jovens. Esta influência não precisa ser necessariamente negativa, embora saibamos que os interesses mercadológicos estão muito presentes para que isso não aconteça. Os heróis e heroínas são muitos, e os jovens se identificam desde criança e só vão mudando os personagens ao longo do tempo. A escola não deve negar a mídia, mas sim refletir e estimular a reflexão sobre ela, tentando fazer uma ponte de ampliação dos saberes.

A Educação Ambiental deve ser trabalhada através da mídia – já podemos ver alguns programas nesse sentido. Mas é preciso tomar cuidado com os estereótipos e o distanciamento da natureza. Alguns programas mostram espécies tão exóticas que parece que estamos falando de um outro mundo, e que ali bem perto de nós não tem natureza, só bem longe.

A mídia cria mitos, símbolos e signos. O signo de natureza às vezes vem carregado desse distanciamento falado acima. Ou de uma natureza domada, quase que como um jardim bem cuidado.

Acredito que ao ser levado para passear e perceber o entorno da escola ou do bairro em que se vive, encontram-se espécies vivas como árvores, outras plantas, pássaros, insetos. Ou se sente a falta deles. Paula Brüegger comenta o distanciamento do ser humano em relação ao seu entorno ao longo da história e analisa os meios de comunicação e a indústria cultural e conclui que: “*Sem mudanças profundas, nossa comunicação com o entorno – no sentido mais lato – permanecerá exatamente como está*” (Brügger, 2002, p.175).

A sensibilização que é feita neste tipo de trabalho leva as pessoas a abrirem canais de percepção e de expressão. O entendimento da semiologia, da linguagem das imagens, das metáforas é importante para atuar com essa sensibilização.

Em geral, na primeira pergunta, eles não responderam para onde o barco vai e sim para onde quer que ele vá. Talvez por que não sabiam para onde o barco estava indo. Responderam de forma muito sonhadora, mas com otimismo e alguns estavam entendendo bem a proposta do barco ser a forma de conduzir o projeto.

O Jonattan mostra uma noção de realidade: fisgar o café, o almoço e a janta, fala em dificuldades, em enfrentar e vencer desafios – parece que está falando da vida ou da rotina de um barco de verdade.

O Marcos fala “*em sonhos e objetivos*” e diz que “*para alcançá-los temos que ter muita paciência, perseverança e muita fé em Deus e principal muito amor no que está fazendo.*” E fala da dedicação e em “*olhar para trás e vai ver as tempestades que você enfrentou*” E “*que depois da tempestade vem a bonança*” Parece que tanto ele quanto o Jonattan fizeram alusão à viagens perigosas que barcos enfrentam (seria lembrando o Titanic e tantos outros filmes com a mesma temática – tão presente na mídia).

Quanto ao que fazer no barco, ele liga a dinâmica ao projeto, e diz que gostaria de: “*passar a outras pessoas um pouco do que eu aprendi sobre a conscientização de poder mudar as idéias daquelas pessoas que não dá a mínima à natureza.*” Ele fala em conscientização e mudar idéias.

Vauderi imaginou quase uma Arca de Noé: O barco parecia pequeno, mas a vontade de chegar até a paz era tão grande que cabem todos. E pensou na paz “*levando todos do planeta Terra, desde animais, insetos, etc.*” “*em direção à paz*”

A Regina foi mais objetiva falando que “*o barco está navegando muito devagar*”, que era o que ela percebia e comentava em relação ao grupo. Falou da ansiedade em aprender mais “*quero aprender mais e mais*”, e disposição para “*passar para as pessoas que estão fora dele aprender o que nós estamos aprendendo*”. Ela é uma pessoa mais ansiosa de realização das coisas – tem dois filhos e pensa em mudanças para a vida.

A Ana Paula direcionou bem para o sonho de despoluição do rio, e mostrou que se incomodada com os insetos. Se mostrou disposta a ajudar a limpar o rio.

Fernanda falou também das atividades do projeto: “*O barco está indo para um lugar onde todos nós iremos, plantar bastante flor árvores e frutos*” E também falou em guerra e violência “*este barco irá para um lugar tão lindo, onde não haverá guerra e nem violência*”. Fernanda se mostrava insatisfeita com a vida (fala isso na dinâmica do espelho, e aqui o tema volta) “*Eu gostaria de ir para um lugar bem longe daqui, um lugar bem tranquilo aonde ninguém poderá me atrapalhar*” E lembra da natureza “*Neste lugar eu gostaria que tivesse animal, árvore, pássaros e etc.*” E não se mostra disposta a ajudar na condução do barco, só desfrutar mesmo: “*Eu gostaria de navegar dentro deste barco junto com as ondas e ouvir os pássaros cantando.*”

O Erik foi o que mais falou da questão do Grupo Água é Vida e fez uma crítica, disse que o barco “*está cada vez mais longe da sua rota*”. Como foi dito no começo, estávamos percebendo que o grupo estava se desmotivando com a finalização da primeira parte do projeto.

A Regiane teve uma interpretação mais individual, pensou num sonho da vida dela, desvinculado do sentido de ser o propósito do Projeto. Se projetou como uma cantora americana, (que ela conhece através da mídia), embora mais no fim ela tenha falado em crianças de rua e fome e de uma Ilha paradisíaca em que a natureza está muito presente.

Acredito que eles falaram da paz e da guerra, influenciados pela mídia, pois na época estava acontecendo a Guerra dos EUA contra o Iraque. E isso era muito comentado nos encontros. A questão da violência também era muito comentada. No bairro existe muita violência doméstica, vários moradores traficam drogas, então esse é um assunto sempre falado.

É interessante que tenham se soltado, para escrever os sonhos de forma bem pessoal.

#### **4.6.3 Dinâmica do gigante:**

Essa dinâmica foi proposta em 24/02/2003, portanto anteriormente às duas descritas acima. A razão de ser descrita após as outras é que tenho poucos dados, mas considerei importante do ponto de vista do auto conhecimento, especialmente para mim.

A Ana Paula Coati propôs uma atividade que consistia em todos deitarmos e prestarmos atenção em nossa respiração tentando deixá-la bem calma e suave. Depois, nos concentrarmos em cada músculo do corpo à partir dos dedos do pé e ir subindo até a cabeça . A Ana foi narrando todo o percurso das sensações. Quando estávamos bem relaxados, ela sugeriu que imaginássemos um gigante. Sugeriu que entrássemos dentro do gigante e fôssemos viajando por dentro do corpo dele, prestando atenção em nossas sensações.

No momento ela não disse nada, mas o objetivo dessa atividade é de contato de cada um consigo mesmo. A Ana, sempre pensando na motivação do grupo, procurava estimular e questionar essa motivação.

**Milene:** na viagem do gigante a sensação de sentir todos os meus músculos parte por parte foi muito boa e inesperada por ser plenamente consciente.”

**Ricardinho:** desenhou o gigante como Jesus Cristo na cruz. Disse que em cada parte do corpo dele, ele via pessoas e no coração ele viu todo o grupo e pediu paz para todo mundo.

**Marquinhos:** disse que viu o que o gigante estava vendo

**Jonattan:** disse que relaxou tanto que se desligou e nem pensou no gigante.

**William:** disse que entrou pelos dedos do gigante, que é tocador de guitarra.

**Regiane:** falou que o gigante dela era muito feliz e estava com o coração batendo forte

**Fabiano:** disse que não conseguiu entrar, mas gritou no ouvido do gigante pra ouvir alguma coisa

**Erik:** um gigante feliz consigo mesmo, em harmonia com o mundo. Isso foi uma primeira visão por fora do seu corpo. Entrei no seu corpo pelas vias respiratórias, e desci até seus pés. Vi que seus pés eram enormes e cheios de veias ligadas em cada pontos do s pés, como se fossem vitais para sua vida. E subi, olhei suas pernas, seus glúteos e subi até o coração, uma das partes mais importantes de seu corpo, toda sua vitalidade estava lá. Um coração enorme, cheio de vida, de um vermelho intenso, etc. E subi para sua cabeça e vi que todos os pensamentos do gigante estavam lá, suas idéias, seus planos, seu projeto de vida. Saí e percebi que era um gigante de harmonia consigo mesmo como todos devem se sentir.

**Flavia:** gigante fedido e sujo. Me senti desconfortável com a imagem e a sensação que meu gigante me trouxe.

### **Minha análise**

Mesmo não tendo todos os resultados dessa dinâmica, pois estes foram escritos nos cadernos dos jovens ( pedi o caderno para todos eles, mas apenas o Erik me entregou).

Lembro-me que o desenho e o comentário do Ricardinho me tocaram, pois ele desenhou o gigante como Cristo na cruz, e até de uma perspectiva interessante, e isso aliado à minha observação do comportamento dele no grupo, me fez enxergá-lo de uma forma mais singular.

Resolvi comentar essa dinâmica pois esta proposta de encontro consigo mesmo foi muito interessante para mim. Naquele momento eu estava me sentindo confusa, o ano letivo de 2003 estava começando e eu estava me sentido perdida na minha atuação, pensava em como fazer minhas atividades de campo, e não estava me sentindo confiante do meu trabalho. Estava muito descontente, mas ainda não tinha pensado muito nisso e não sabia o que fazer. E o incômodo que meu gigante me causou, pois era feio e cheirava mal, me deixou intrigada. Quando a Ana disse que o gigante poderia ser nós

mesmos, eu compreendi que não estava bem comigo mesma. Vejo que essa associação pode ser demonstrada nas respostas. As reflexões que esta atividade me proporcionou foram importantes para minha atuação posterior. Abaixo reproduzo o meu desenho do gigante, para ilustrar este comentário.



Figura 12 - Desenho feito na Dinâmica do Gigante

#### 4.7 Resultados relacionados à percepção do ribeirão

Estes resultados se referem ao questionário elaborado junto com os jovens do Grupo Água é Vida e aplicado no bairro por eles. Foi um total de 100 pessoas entrevistadas por 10 jovens. Os jovens disseram que entrevistaram seus vizinhos, alguns conhecidos e também pessoas que eles ainda não conheciam no bairro. Combinamos que não seria uma pesquisa generalizada, para bater de porta em porta. Foram dez

questionários para cada jovem, para termos uma pequena idéia da relação das pessoas do bairro com o ribeirão.

Conversamos sobre a relação das pessoas do bairro com o ribeirão e chegamos ao acordo de que conhecer o ribeirão, seu nome, de onde vem e para onde vai, já ter tido experiências boas em outros cursos d'água, ter alguma relação de pesca, lazer ou outra atividade, implica em que a pessoa queira conservá-lo e até ajudar a recuperá-lo. O ribeirão fica muito próximo ao bairro e conhecer aquele ribeirão é conhecer um pouco do entorno de seu bairro.

Posteriormente os jovens participaram de uma pesquisa mais generalizada, sobre a arborização urbana, um projeto da prefeitura de Piracicaba, chamado Amiga Árvore. Nessa pesquisa, os jovens percorreram todo o bairro perguntando se os moradores queriam e cuidariam de uma árvore. Essa experiência não será analisada, mas foi contada na página do jornal (anexo I) que fizemos para ser incluída no segundo número do Jornal do Jardim Oriente.

Tanto a elaboração, quanto a aplicação e a tabulação dos questionários foi feita junto com os jovens, para que pudéssemos analisar as respostas de uma forma geral. Cada jovem fez uma tabela com os seus dez questionários e fomos preenchendo juntos. Conversamos e chegamos a algumas conclusões sobre as respostas em geral. Essas conclusões foram conversadas, mas não foram anotadas. Depois a nossa estagiária Milene montou os gráficos (anexo E). Acredito que essa experiência tenha sido rica para eles. Mostramos como se pode fazer uma pesquisa e os estimulamos a pensar sobre a relação das pessoas com o ribeirão. Eles comentaram muito sobre isso depois.

Na verdade essa experiência foi rica para mim também, pois embora já houvesse estudado alguma coisa sobre questionários, nunca havia elaborado um. Então todos aprendemos juntos e de forma prática sobre a elaboração do questionário. Aprendemos muito com a colega Ísis Akemi Morimoto, que havia trabalhado com questionários em sua pesquisa, sobre a importância de se fazer uma dramatização para preparar jovens para a aplicação do questionário. Na proposta que fizemos para os jovens de serem pesquisadores, a dramatização foi de fundamental importância, pois pudemos levantar e sanar dúvidas no procedimento. A realização do questionário e essa

dramatização prévia foi comentada pelo Marquinhos no último questionário, demonstrando o quanto isso foi importante. Além disso, a dramatização possibilitou que os jovens manifestassem o desejo de trabalhar mais atividades teatrais. Possibilitar a manifestação dos desejos também nos aproximou dos jovens. Chegamos a trabalhar algumas dinâmicas de teatro depois e quando falamos em continuidade do projeto, eles falaram que queriam trabalhar um pouco mais com atividades de teatro.

Nós queríamos fazer um questionário com algumas perguntas não objetivas para estimular respostas espontâneas, e fizemos 6 questões abertas em um todo de 10, mas aprendemos que é muito difícil tabular um questionário com respostas abertas. Aprender tudo isso junto com os jovens e comentar esse aprendizado com eles, foi uma forma de mostrar nossas possibilidades de falha e de “consciência do inacabamento” (Freire,1996), e acredito que isso estimula a cumplicidade e o bom relacionamento entre educador e educando propostos tanto pela multirreferencialidade como por Paulo Freire.

Comentarei aqui os resultados dos questionários, que retratam um pouco da percepção que a população do Jardim Oriente tem do ribeirão Piracicamirim, pois esse é um dos objetivos desse trabalho, mas o farei de forma breve, pois esse não é o objetivo principal. Esses dados, fazem parte de uma bricolagem, proposta pela multirreferencialidade, que pretendo realizar para tentar entender a imagem de natureza que as pessoas têm.

Temos alguns dados retirados do cabeçalho.

– **Gênero** : a maioria entrevistada foi do gênero feminino, 62 em 91 entrevistados.

– **Escolaridade**: maioria com primário incompleto.( 27 em 91) 16 com primário completo, 7 fundamental incompleto, 12 com médio completo e 4 analfabetos.

**Questão 1-a - Você sabe o nome do Ribeirão que passa próximo ao bairro, atrás da escola?** - A maioria dos entrevistados, 47 em 81, não sabe o nome do ribeirão.

**Questão 1-b - Qual o nome?**

Dos 34 que dizem saber o nome, apenas 11 disseram Piracicamirim, ou Pisca ( o apelido dado pela população piracicabana para o ribeirão) , outros nomes como



Ribeirãozinho, Poção, Corriginho, Pontinha são nomes genéricos para designar um curso d'água, e revelam o desconhecimento do nome.

Nesta questão do nome devo fazer uma ressalva: 11 pessoas disseram que o nome é Taquaral, e elas não estão de todo erradas, pois naquela região havia uma fazenda e um povoado, chamados Taquaral.

### **Questão 2 - Você costuma ir lá?**

42 pessoas em 81 entrevistadas disseram que nunca vão no ribeirão, 35 disseram que vão às vezes e apenas 6 pessoas disseram que vão sempre.

### **Questão 3 - O que você vai fazer lá?**

De 75 respostas computadas, 21 pessoas disseram que vão olhar como está, 14 que vão tomar banho, 13 disseram que vão pescar, 12 que vão passear, entre outras atividades não especificadas, uma pessoa disse que vai buscar o filho – provavelmente o filho nada no ribeirão sem o consentimento dela.

### **Questão 4 - O que você pensa sobre o ribeirão?**

Em 99 respostas, 59 disseram que pensam que é sujo, 15 pessoas disseram que cheira mal, e quase todas as outras respostas ressaltam aspectos negativos do ribeirão. Apenas uma pessoa disse que é razoável e 2 disseram que é limpo.

### **Questão 5 – O que acha das árvores próximas ao ribeirão?**

Uma questão aberta, que teve 25 tipos diferentes de respostas, e a quase totalidade das pessoas disse algo positivo sobre as árvores. De 89 entrevistados, apenas duas respostas falaram de aspectos negativos das árvores: - uma pessoa disse que é ruim, que deve tirar tudo; outra disse que está tudo contaminado e outra disse que não acha nada. 40 pessoas disseram achar as árvores boas, 6 disseram ótima, 6 disseram bonitas. Considero isso como significando que as pessoas do bairro têm uma imagem positiva daquelas árvores e da natureza dada pelas árvores que ficam na parte mais baixa do bairro.

### **Questão 6 a - Você sabe de onde esse ribeirão vem e para onde ele vai?**

De um total de 90 respostas 69 pessoas não sabem. A minha leitura é de que quem não sabe de onde vem o ribeirão e nem para onde ele vai, não se importa muito com ele .

**Questão 6 b - Explique:** houve 21 respostas, e apenas uma não respondeu certo.

**Questão 7 a - Você acha que tem que mudar alguma coisa no ribeirão Piracicamirim, próximo ao bairro?** De 91 respostas 85 acham que tem que mudar alguma coisa

**Questão 7 b - O quê?** De 86 respostas, 40 acham que deve limpar. A maioria das outras respostas são positivas em relação ao ambiente mais natural, 6 pessoas falam em plantar árvores. Apenas 3 respostas são negativas à conservação, sendo: 1 fala em tampar o rio porque é sujo, 1 fala em cortar a mata pois os bandidos se escondem lá e 1 fala em fazer galerias de água . Essas respostas demonstram que a maioria da comunidade é favorável à preservação.

**Questão 8 - E no bairro? O que precisa mudar?**

Essa foi uma questão aberta que motivou respostas de todo tipo. A maioria demonstra que o bairro necessita de alguns serviços públicos básicos, ou da melhoria de outros já existentes . De 71 respostas 18 falaram sobre plantio de árvores, praça, lixo e higiene.

**Questão 9a - Você estaria disposto a ajudar?** De 91 respostas , 50 disseram que sim, 39 disseram que não e 2 disseram talvez. Pode ser considerada uma boa disposição para ajudar.

**Questão 9b - Como?** Apenas 28 pessoas disseram como podem ajudar, com respostas bem variadas como: plantando (6 pessoas), no que for preciso (6 pessoas) , plantar e coletar lixo (2 pessoas), e o restante das respostas foram citadas uma vez por diferentes pessoas: fazendo abaixo assinado, dando exemplo, limpeza entre outros.

**Questão 10- Você já morou próximo de outro ribeirão? Como ele era? Onde era? Qual o nome do ribeirão?**

Essa questão procurava saber se as pessoas já tinham se relacionado com algum outro curso d'água. O histórico recente do bairro não formou uma população tradicionalmente ribeirinha, embora tenhamos mais respostas(60 em 91) afirmativas para a pergunta: “Você já morou próximo de outro ribeirão?”, na segunda parte da resposta vemos que a maioria morou perto de um curso d'água sujo, que servia de depósito de lixo

para a população mal educada e de esgoto para todos, tanto de fábricas, como o doméstico, mesmo que seja clandestino. Nas respostas podemos ver que a relação não foi boa: respostas como horrível, poluído, sujo, mal tratado e dava enchente.

Apenas 15 pessoas disseram que moraram perto de um rio limpo.

Na última pergunta dessa questão, o nome do ribeirão que mais apareceu foi o do Enxofre – um outro tributário do rio Piracicaba que se encontra muito poluído. E que já foi mencionado na página 38, com o comentário de que era considerado um “*esgoto a céu aberto*”.

### **Minha Análise**

Finalizo essa análise sobre a percepção do ribeirão Piracicamirim concluindo que a população do bairro considera o ribeirão sujo, mas a maioria gostaria que ele fosse despoluído. A grande maioria gosta das árvores e estaria disposta a ajudar em sua recuperação, ou seja, podemos considerar que aquela população tem um pouco de topofilia pelo trecho do ribeirão que passa em seu bairro, e esta topofilia se deve às árvores.

A teoria da topofilia e da topofobia, de Yi Fu Tuan, é apropriada para analisar a relação dos moradores do Jardim Oriente com seu ambiente, pois aquela população foi obrigada a morar em uma área que era desconhecida para ela, ou seja, sem nenhum sentimento topofílico. O Jardim Oriente é um bairro novo, que fica afastado do centro, um lugar sem história, sem tradição. Até bem pouco tempo todas as ruas eram de terra vermelha, as casas mal acabadas, sem calçadas, sem nenhuma árvore, um ambiente seco e empoeirado e portanto predispondo à topofobia. Esse sentimento de topofobia pode ter sido criado desde o começo da mudança das pessoas para o bairro, como pode ser comprovado no Jornal Jardim Oriente do qual extraio um pequeno trecho, (a íntegra está no jornal – anexo H).

*“Assim surgiu o bairro Jardim Oriente: abaixo de repressão policial, os moradores foram ‘convidados’ a providenciar suas mudanças e dirigirem-se para o local o onde a prefeitura havia construído novas casas através da EMDHAP. Só se ‘esqueceram’ de dizer que as casas ainda não estavam*

*terminadas, algumas ainda sem telhado, outras já com rachaduras nas paredes...”*

Percebemos durante os encontros com os jovens do Projeto Água é Vida, a falta de amor ao bairro, e até uma certa vergonha de morar nele. Os jovens diziam que ao procurar emprego nem diziam que moravam no Jardim Oriente, pois sabiam que sofreriam preconceitos. Diziam ser chamados de pés vermelhos, em alusão ao fato de que antes do asfaltamento, a poeira ou o barro deixava seus pés avermelhados.

Tudo leva a crer que inicialmente existia muita topofobia por parte dos moradores em relação ao bairro como um todo. Mas aos poucos o lugar foi melhorando, com a construção da escola, com o asfaltamento, com a construção da creche, e mais recentemente a construção do Posto de Saúde, e a topofilia foi se construindo. Acredito que a atuação da Associação dos Moradores, do Assistente Social e de atividades como a que realizamos com o grupo de jovens foram e são muito importantes para o desenvolvimento da topofilia pelo bairro. E essa topofilia pode continuar a motivar atuações de melhoria para o local e de elevação da auto estima dos moradores.

#### **4.8 A fotografia no Grupo Água é Vida.**

Como o objeto desse trabalho é a possível contribuição educacional das oficinas de fotografia, todas as oficinas que realizei **antes** da experiência com o Grupo Água é Vida estão relatadas no anexo J. Por querer uma oficina bem estruturada, com objetivos claros, e pela falta de espaço para improvisar um laboratório, acabei realizando a oficina de pinhole com os jovens, quase no fim do projeto Água é Vida. A Oficina em si será analisada posteriormente, pois agora farei uma análise mais geral de como foi tratada a fotografia durante os encontros com o grupo.

Desde as primeiras reuniões que fizemos com os jovens no Jardim Oriente, sempre falei que sou professora de fotografia e que daria uma oficina de fotografia para eles. Um deles (o Ricardinho) já havia feito a oficina de pinhole comigo, na escola do bairro, dois anos antes, quando eu estava ajudando no jornal do bairro. Todos se

interessaram: uns mais, outros menos, mas em geral fotografia é uma coisa que encanta a todos. Todos os jovens sempre tiveram interesse em pegar e usar as câmaras.

Sempre fotografei os encontros, falei muito em fotografia e deixei que os jovens pegassem as câmaras e tirassem algumas fotos. Usamos várias câmaras, uma câmara compacta amadora, duas profissionais, e duas digitais, alternadamente, levando no máximo uma ou duas num mesmo dia. O limite era mesmo o gasto, que com fotografia é sempre alto.

Por várias razões, adiei a oficina de pin hole, até quase no fim dos encontros, um ano depois do início dos encontros. Antes disso, tinha ocorrido uma vivência com a pin hole na 1ª Feira Ambiental, da qual somente a Regiane e a Fernanda participaram mais ativamente.

Tivemos várias atividades específicas de fotografia:

#### **4.8.1 Câmara fotográfica (humana) :**

Logo no começo dos encontros, num dos primeiros passeios ao ar livre, nós fizemos essa dinâmica da “câmara fotográfica” sugerida por Joseph Cornell em seu livro “ A alegria de aprender com a natureza” , que consiste em formar duplas em que um é o fotógrafo e o outro representa uma câmara fotográfica. O fotógrafo guia a câmara que está de olhos fechados até um local que queira “fotografar”, posiciona a cabeça do colega de forma que seus olhos estejam na direção certa e dá um toque em seu ombro. Então, quem faz o papel de câmara abre os olhos por um instante, memoriza o que está vendo e fecha os olhos ( tempo ideal é de três a cinco segundos com os olhos abertos). O fotógrafo o leva de volta para que a “câmara humana” possa desenhar o que viu (fotografou). Depois a dupla se reveza, o que era câmara vira fotógrafo e vice-versa. Ao fim os desenhos são trocados e comentados.

Essa dinâmica é muito boa, para direcionar o olhar para o ambiente. Alguns participantes dizem: - Mas eu não sei desenhar! Mas eu os encorajo dizendo que é só caprichar que sai, ou sugerindo que façam pelo menos um esboço. Joseph Cornell se sai dessa forma: “*Se algum participante resmungar sobre sua falta de talento artístico para desenhar, diga que ele poderá culpar o fotógrafo pela má qualidade das fotografias*”

Dessa forma a atividade deve ser bem descontraída. Naturalmente, quem tem mais habilidade para desenhar vai fazer um trabalho mais bonito, mas as pessoas chegam a se surpreender com os próprios resultados, quando se empenham. É importante que se tenha material para colorir – giz de cera ou lápis de cor, para estimular e ajudar no desenho. Acabam saindo coisas lindas!

O momento da mostra dos desenhos e os comentários são interessantes, pois às vezes o desenho corresponde ao que o fotógrafo quis, mas às vezes não. E então podemos entrar na discussão de como pode ser o enquadramento. Alguns tomam o plano mais geral e outros um detalhe que chama mais a atenção, e isso pode coincidir com o que o fotógrafo queria ou não.

Essa dinâmica pode ser usada para “fotografias” com tema, por exemplo: – O mais que é bonito no bairro; – O que está na beira do rio, mas não pertence a ele; e etc. . Uma vez participei de uma dinâmica desta, em que foi proposto que fotografássemos algo que contivesse água (praticamente tudo na natureza tem água). Nessa nossa dinâmica eu sugeri que eles fotografassem o que achavam bonito no ribeirão. Eles foram bem criativos e acharam até uns patos nadando em uma lagoa próxima dali.

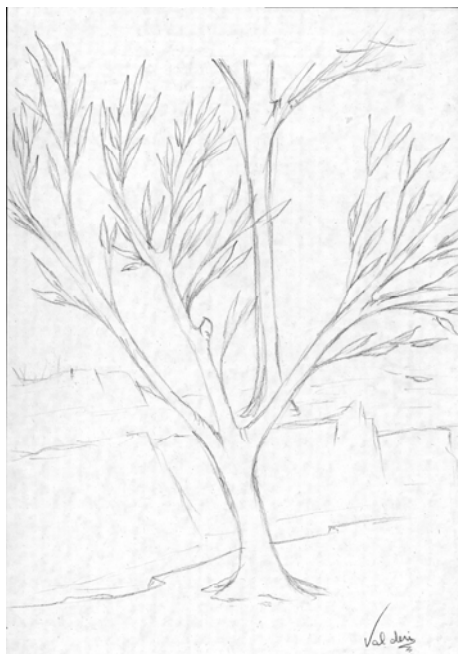


Figura 13 - Desenho feito na dinâmica da câmara humana

#### **4.8.2 Atividades de campo fotografadas:**

Várias atividades foram fotografadas pelos jovens, inicialmente com a câmara compacta, que é de fácil manuseio: - é só clicar! Depois ofereci e expliquei o manuseio da câmara profissional, fazendo troca de lentes e deixando que cada um fotografasse, com as lentes que mais gostava.

Quando o projeto pôde comprar uma câmara digital, foi muito bom, porque não havia tanto limite de gastos, já que as fotos estavam registradas no disquete e podiam ser vistas na hora. A câmara era de fácil manuseio, mas cheia de recursos. Eu fiquei admirada com a facilidade com que eles operavam a câmara. Parece que por ser de uma geração mais jovem eles estão mais familiarizados com a tecnologia.

#### **4.8.3 Construção da Câmara de ver.**

Pouco antes da 1ª Feira Ambiental construímos as câmaras de ver. Essas câmaras podem ser construídas de várias maneiras – tanto a caixa em que se entra dentro (bem grande, de transportar geladeira nova, por exemplo) ou de colocar a cabeça dentro, conforme ilustração (Figura - 7) Ou pode ser a caixa “com zoom”, que foi a que fizemos.

São duas caixas pretas, feitas de papel cartão, uma dentro da outra, com um lado aberto para pôr no rosto e do outro lado, a caixa que fica para fora, tem um pequeno orifício, para formar a imagem numa folha de papel vegetal que fica na caixa de dentro . Chamo essa caixa de caixa com zoom, pois as caixas podem ser movimentadas, uma dentro da outra, formando imagens mais ou menos como as câmaras industrializadas que possuem lentes com zoom – que é um recurso de mudança de distância focal da lente, cujo efeito é aproximar ou afastar o objeto que se quer fotografar.

O objetivo de construir essa câmara, era provar para os jovens que o pequeno orifício faz a imagem, pois com a câmara fotográfica de latinha, nós só vemos o efeito da luz depois, no papel revelado, mas não vemos a imagem se formar. Essa câmara é interessante, pois podemos ver a imagem se formar : a imagem se forma invertida (direita- esquerda) como num espelho e de cabeça para baixo.

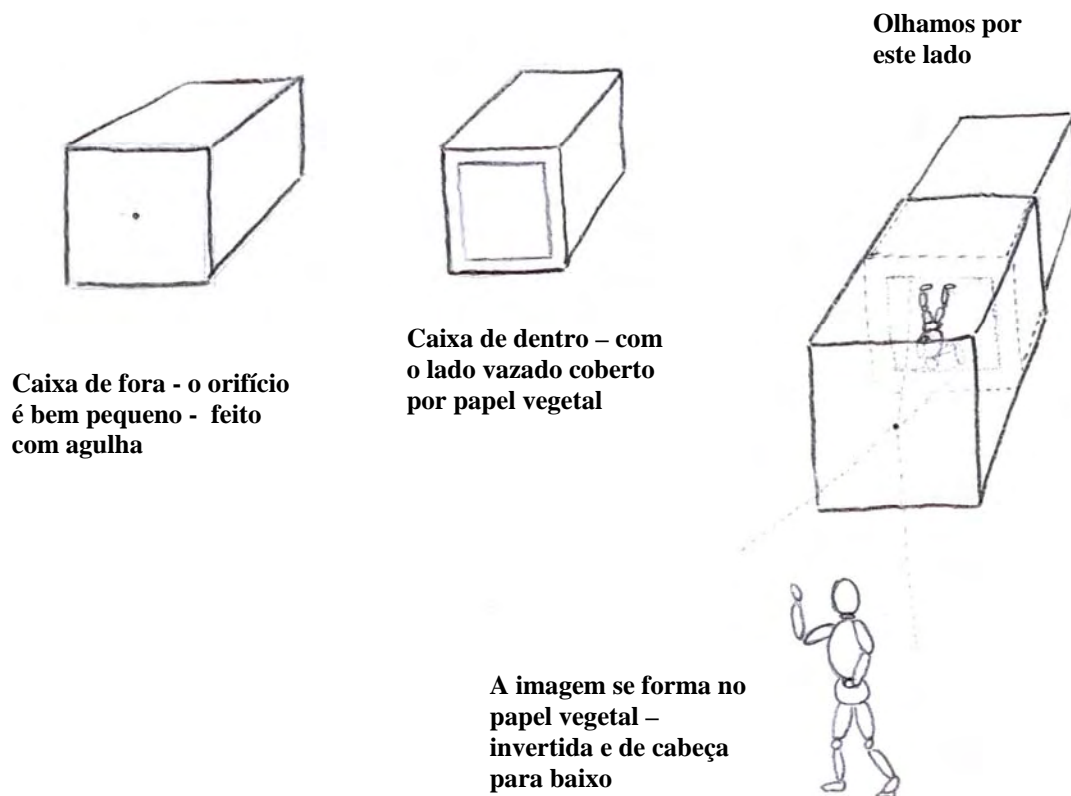


Figura 15 - Erik vendo a Ana Paula com a câmara de ver com zoom.

Note que o sol está iluminando bem a Ana Paula, e o Erik está na sombra, de costas para o sol. Esta é a melhor posição para ver.



#### 4.8.4 Oficina de Fotografia Pin hole

A oficina foi realizada no campus da Esalq, e está descrita em forma de ata no anexo K.

Após a oficina pedi que escrevessem um texto constando o seguinte:

- Porque tirei a foto?
- que queria mostrar?
- Ficou contente com a foto?
- Dê um nome para sua foto ou uma legenda:

Como nem todos ficaram até o fim da oficina essa atividade só foi entregue pelos seguintes integrantes do grupo:

- **Vauderi**

##### **Porque tirei a foto?**

*Tirei a foto porque queria ver se ia funcionar a experiência. Tirar uma foto, de uma lata parecia impossível, mas deu certo.*

##### **O que queria mostrar?**

*A árvore e o ângulo que ela estava. E também é claro a natureza as importâncias que ela tem, que é fazer sombra, atrair pássaros, etc.*

##### **Ficou contente com a foto?**

*Sim! Achei legal, passar por uma experiência como essa e se eu tiver mais oportunidade de tirar mais uma foto, tô dentro.*

##### **Dê um nome para sua foto ou uma legenda:**

*“O ângulo natural da natureza”.*

## **Marquinhos**

### **Porque tirei a foto, e o que queria mostrar?**

*Porque achei muito bonito aquele caminho no meio da mata. As pessoas passeando por ali, fazendo cooper, um lugar muito calmo. Um bom lugar para refletir e pensar na importância da natureza em nossas vidas. Eu queria mostrar como é lindo um lugar cheio de árvores, flores, aves, etc... Imagine aquele caminho sem aquelas árvores dos lados sem as flores, não teria a menor graça.*

### **Ficou contente com o resultado?**

*Para mim foi uma experiência muito legal, o resultado então foi inacreditável, por saber que foi tirado as fotos com uma simples latinha. Na hora da revelação, foi o máximo ver as imagens aparecendo como se fosse passe de mágica. Muito legal.*

### **Dê um nome para sua foto ou uma legenda:**

*Foto tirada por um jovem integrante do Grupo Projeto Água é Vida, dentro da ESALQ de Piracicaba, Escola Estadual de Agricultura Luiz de Queiroz, mostra como é bom ter uma mata ciliar. Além de proteger o rio também atraem muitas espécies de aves por causa da sua biodiversidade.*

## **A ida ao seringal**

No mesmo dia subimos até um seringal plantado na ESALQ, para experimentos. Era inverno e o seringal estava desfolhado, o que acredito que tenha causado maior impacto. Todos o acharam feio, e ninguém quis tirar fotos.

**Foi perguntada a diferença que sentiu entre as duas matas, a mata ciliar naquela área do Piracicamirim e o seringal plantado.**

## **Vauderi**

### **Qual a diferença que você percebeu nas duas matas:**

*A diferença é que quando você entra na mata, você já sente a cor diferente, o ar puro. É a mesma coisa de você entrar numa loja com ar condicionado. Os pássaros cantando acalma sua mente, você se sente outra pessoa.*

*Já quando você sai da mata, você sente o ar quente poluído , até um pouco difícil de respirar.*

*Por isso preservando a natureza todos tenham o ar puro para respirar*

### **Marquinhos**

#### **Qual a diferença que você percebeu nas duas matas:**

*Bom na minha opinião lá na mata ciliar com certeza o ar é muito melhor e o ar o ambiente sendo melhor terá muito mais vida, lá podemos ver passarinhos, borboletas, outros tipos de vida além das flores e das lindas árvores.*

*Ao contrário do seringal que encontramos só um tipo de espécie, uma coisa meio sem graça, não vimos nenhuma ave ou outro tipo de vida na verdade eu achei aquela plantação meio sem vida, pode ser por causa da exploração, mais fazer o que elas são plantadas para essa finalidade, explorar seu latex.*

### **Regina**

#### **Qual a diferença que você percebeu nas duas matas:**

*Eu achei a mata ciliar adorável, é muito bom está neste lugar cheio de árvores, passarinhos cantando, um ar sem poluição e maravilhoso, está num lugar assim achei de vida, alegria, paz, harmonia.*

*É maravilhoso eu adorei ir até lá eu amei gostaria de ficar o dia inteiro dentro dessa mata ciliar.*

*Seringal*

*Eu achei muito feio aquele seringal é orrível, sem vida um calor, não tem uma sombra, não sei para que serve, só para fazer uma cola para as pessoas que plantaram. Não é melhor plantarem um monte de árvore com vida?*

*Seria melhor para todos nós, mas eles fazem do jeito que querem para tirar esta cola de borracha.*

### **Ricardinho**

#### **Qual a diferença que você percebeu nas duas matas:**

*Projeto Água é vida orgulhosamente apresenta:*

*As diferenças e a sensação entre a matas (seringal, mata ciliar)*

*Para descrever o que eu achei sobre as respectivas sensações sobre a mata ciliar e o seringal devo comparar como um dia lindo que ao entardecer você vê o pôr do sol, e a mata do seringal é como um dia frio e ao final da tarde aquela chuva de verão.*

*Enfim a mata ciliar passou para mim algo super interessante que é acima de tudo uma sensação de paz e tranqüilidade.*

*A mata do seringal é um tipo de mata que eu jamais tinha presenciado tamanha tristeza, algo sem vida.*

### **Minha Análise**

Essa atividade, de escrever os textos, foi pedida para todos, mas só foi entregue por estes jovens. Gostaria apenas de fazer um comentário sobre a forma como o Ricardinho iniciou a resposta dele: *Projeto Água é vida orgulhosamente apresenta:* (escreveu em letras enormes) *As diferenças e a sensação entre a matas (seringal, mata ciliar)*

Isso é uma forma típica de quem está acostumado a se comunicar, se espelhando em outros comunicadores, como apresentadores de programa de rádio, TV, e me lembrou até o apresentador de circos. Isso revela que ele já é uma pessoa ligada à comunicação, ele tem mesmo facilidade para falar. Sempre falou no grupo, sempre tinha opiniões sobre as coisas, dava idéias. No dia da Feira ele ficou com o microfone, falando sobre a feira, os grupo, dando recados.

### **Minha análise**

Toda a ação realizada com os jovens do Jardim Oriente, todos os estímulos que trabalhamos, sempre pensando nas várias dimensões da ecologia, permitiu que esse grupo expressasse a sua percepção do ambiente de uma forma diferenciada. Começando na fala, depois nos desenhos, pinturas e colagens (individuais e coletivos), na maquete e

posteriormente através das fotografias e dos textos, eles puderam perceber, e expressar essa percepção. E posso afirmar que houve aumento nessa percepção, ao longo do projeto, pelas atividades práticas e porque fomos nos aprofundando no assunto.

Em vários encontros, fomos até o ribeirão. Às vezes era como que uma brincadeira, um pic-nic, mas algumas vezes para um estudo um pouco mais formal, com análise de água, com aulas dadas pelos engenheiros florestais, mostrando mapas e fazendo checagem de campo, ou na atividade de colher amostras para fazer exsicata, descobrindo a diversidade de espécies que o remanescente de mata possuía. Num dos passeios, vimos uma árvore muito grande e bonita e eles quiseram fotografar, o Ricardinho mostrou a árvore na foto e quando foram fazer o cartaz para a 1ª Feira Ambiental, a foto foi colocada com a legenda “*Ricardinho mostrando a beleza da natureza que está em nosso bairro*”.

Em outro momento, quiseram fotografar o lixo jogado na mata, e colocaram no cartaz, com a legenda: “*Uma das grandes degradações da natureza nas margens do córrego Piracicamirim que passa nas proximidades do nosso bairro.*”

Considerando as categorias que Barthes apresenta no livro *A Câmara Clara* : Os jovens do grupo foram:

***Spectrum*** - quando foram fotografados e parece que gostavam de sê-lo. Quando tinham oportunidade eles se fotografavam, pediam para ser fotografados. Acredito que isso os faz se sentir importantes. Pelas conclusões da dinâmica do espelho, parece que os jovens em geral tinham uma auto imagem boa.

***Operator*** – quando fotografaram, quando aprenderam como operar vários tipos de câmaras, e até construíram uma. Ser *operator* é importante. Quando digo que sou fotógrafa, todos dizem: - Ah! Que legal! . É legal ser fotógrafo, pegar a câmara e registrar coisas. Uma boa câmara é até símbolo de status, fotos bonitas são artísticas e são valorizadas. Uma frase do Vauderi mostra o quanto ele gostou de ser operator : “*e se eu tiver mais oportunidade de tirar mais uma foto, tô dentro.*”

***Spectator***: além de viverem neste mundo invadido por imagens em jornais, revistas, TV, eles foram *spectator* quando viram fotografias que eu sempre levei; quando trabalharam com fotos de revistas para fazerem colagens, quando viram as imagens dos vídeos. Foram espectadores de imagens selecionadas para lhes transmitirem algum

conhecimento, mas também questionamentos e reflexões. Por exemplo quando viram as fotos aéreas da área do ribeirão e pudemos identificar em campo o correspondente das imagens.

Acredito que fotografia como auxílio à percepção, e como forma de expressão dessa percepção é uma técnica eficaz. Se utilizamos as fotos para discutir essa percepção, estamos ampliando as possibilidades. Estamos nos aprofundando numa linguagem diferente da verbal, uma linguagem visual.

A fotografia convencional já é uma técnica muito positiva sob o ponto de vista da educação ambiental, pois ela propicia atenção maior no encontro com o ambiente, e também a expressão artística. Mas, quando a técnica é mostrada dessa forma simples e didática, partindo desde a formação da imagem, simplificando como a fotografia alternativa com as Câmaras pinhole de ver e de fotografar, ela se potencializa, pois acontece o encantamento com a formação da imagem, e mostra como as coisas podem ser simples.

Concordo totalmente com o que Susan Sontag fala sobre a educação através da fotografia :

*“ a educação através da fotografia não significa apenas aprender através de imagens mais antigas e artesanais.” ... “Ao ensinar-nos um novo código visual, a fotografia transforma e amplia nossas noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente podemos observar.” (SONTAG, 1981, p.03)*

Ensinando aos jovens a técnica e mostrando as possibilidades da linguagem fotográfica e estimular a refletir sobre o que estão fotografando, estamos oferecendo uma ferramenta de comunicação eficaz, uma linguagem que é muito usada pelo mundo todo. Aprender a utilizar uma linguagem tão usada pela mídia pode contribuir para uma reflexão mais crítica em relação à essa mídia.

Pôde ser observado que a atividade de fotografar com a câmara pin hole é lúdica e instrutiva, mas a fotografia como um todo é muito valorizada pelas pessoas em geral, e também o era pelos jovens do grupo. Proporcionar oportunidades para que os jovens fotografassem foi estimulante para eles. Torná-los *operator* de uma câmara

fotográfica contribuiu para que eles entendessem que podem ser *operator* de suas próprias vidas, e não apenas *spectator* neste mundo.

Além da questão da comunicação através da fotografia, temos a possibilidade da expressão artística, que Anamélia Buoro defende assim:

*“Partindo da concepção de que a Arte é uma linguagem manifestada desde os primeiros momentos da história do homem e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular, o conhecimento dessa linguagem contribuirá para maior conhecimento do homem e do mundo. Portanto, a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade.”* (BUORO, 2000, p.33)

E Anamélia continua defendendo a educação através da arte, nos remetendo inclusive a relação afetiva entre educador e educando:

*“Além do desenvolvimento da imaginação criadora e da percepção, destaca-se como questão de importante reflexão a possibilidade de o professor contribuir afetiva e cognitivamente para o desenvolvimento da expressão da criança”*

E continua:

*“Ao expressar-se por meio da arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta.”* (BUORO, 2000,p.33)

De acordo com a semiologia, toda imagem é um signo - contém significados. Não falo aqui, de imagem pictórica ou fotográfica, mas de imagem como idéia formada sobre algo: o signo. A formação dessa imagem no inconsciente através de sensações boas, transforma esse signo em algo que dá prazer, e o contrário também é verdadeiro. Quando uma mãe diz para o filho não ir nadar no rio, por que ela tem medo que ele se afogue, mas

ao invés de afirmar isso, ela diz que o rio é sujo e que tem animais venenosos, essa mãe está criando uma imagem negativa do rio para a criança.

Vimos que várias pessoas têm imagens negativas da natureza: é perigosa, é suja... Para reverter esse quadro é necessário trabalhar o contato com a natureza. Fotografar o ambiente natural, tanto na dinâmica da câmara humana, quanto com a latinha ou com câmaras convencionais, proporciona o contato e o aumento da percepção. Acredito que com a latinha (pin hole), por ser um artefato construído pela própria pessoa, este contato que se dá de forma mais intensa.

#### 4.9 Os cartazes da 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente

Alguns dados retirados dos textos escritos pelos Jovens do Projeto Água é Vida. Estes textos foram elaborados como legenda para as fotos que foram usadas nos cartazes produzidos por todo o grupo para expor na 1ª Feira Ambiental. Esta atividade foi realizada em abril, poucos dias antes da feira.

Foram oferecidos todos os álbuns com as fotos realizadas por eles e por nós, durante os encontros, desde setembro de 2002 até abril de 2003. Algumas fotos que eu havia tirado em 1999, quando estava escrevendo o projeto. Eles escolheram, colaram nas cartolinas e depois escreveram legendas explicativas.

A seguir serão transcritas as legendas. As fotos e as respectivas legendas encontram-se no anexo L. As palavras e expressões em negrito são elementos que acredito que demonstrem a compreensão da importância do ribeirão, da necessidade de identidade da comunidade com o local e do papel do grupo Água é Vida no bairro. Após a transcrição da legenda, faço um breve comentário, quando necessário, para dizer o que foi enfatizado.

*“Uma das **grandes degradações da natureza nas margens do córrego Piracicamirim que passa nas proximidades do **nosso bairro.****”* (foto de lixo jogado perto do ribeirão). Chamando atenção para a degradação e mostrando o quanto ela está perto do local que moram.



“*A beleza da natureza as margens do córrego do Piracicamirim que passa no nosso bairro*” (foto das árvores que ficam próximas ao ribeirão) . Enfatizar a beleza da natureza é interessante para criar o sentimento de proteção à ela.

“*Ricardinho mostrando a beleza da natureza que está em nosso bairro*” (foto do Ricardinho mostrando uma grande árvore da mata ciliar do ribeirão). Novamente enfatizando a beleza e o pertencimento ao bairro.

“*Reunião do grupo discutindo sobre a situação do córrego Piracicamirim*” (foto do grupo na beira do ribeirão). Essa colocação é interessante, pois mostra que eles se sentiram parte do grupo que discute sobre a situação do ribeirão, e não como alunos aprendendo alguma coisa.

“*Se usamos o rio para pescar, precisamos preservar*” (foto de três meninos pescando) – Embora esta frase demonstre a visão utilitarista da natureza (que foi uma coisa que tentamos combater) e a palavra “preservar” não esteja corretamente usada, a apropriação do discurso da preservação já é alguma forma de chamar atenção para o cuidado necessário com o ribeirão.

“*Esta foto é do ribeirão veja como está sujo. Quando mudamos aqui, no Jardim Oriente em 1996, a água não era assim tão poluído, como está agora. Nós do Projeto Água é Vida, estamos lutando para acabar com a poluição do rio, e também com a poluição da mata. Cada um fazendo a sua parte, tudo melhora um pouco*” (foto do grupo vendo o ribeirão). Aqui está colocado que o ribeirão está sujo e precisa de um movimento, uma luta, para acabar com a poluição, fala do papel do grupo e chama atenção para a necessidade de atuação de todos do bairro.

“*Esta fotografia foi tirada, próximo ao ribeirão Piracicamirim. É para vocês verem, como que está a situação da mata. Estão jogando, vários pneus usados na mata. E este pneus usados, pode prejudicar nossa saúde porque, chove e a água fica parada, e esta água parada se transforma em criadouro, do mosquito da dengue.*” ( foto de pneus na mata ciliar do ribeirão Piracicamirim). Aqui, além da poluição, foi tratado um outro problema de saúde – a dengue, que não foi falado por nós, mas deve ter sido trabalhado na escola.

“Nós do grupo *Água é Vida*, estamos **reunidos** para tentar **fazer algo diferente**, então **discutimos** um pouco e tentamos de uma maneira fazer algumas casinhas, parecidas “igual” ao Bairro só que de maneira diferente de maquete. Agora esperamos no dia 1º de Maio, todos os moradores construam suas casinhas do jeito que cada um sabe fazer.” (fotos do grupo construindo a maquete do bairro). Essa legenda está um pouco confusa mas, junto com a foto, mostra uma atividade que nos propusemos a fazer na feira, para estimular o pertencimento ao bairro. As palavras grifadas mostram que eles sentiam que estavam fazendo algo diferente e queriam motivar as pessoas a também fazerem algo pelo bairro.

“Aqui foi o dia que o Vicente levou nós para mostrar as árvores próximas ao ribeirão Piracicamirim, atrás da escola (Tales Castanho de Andrade). Uma parte é só de eucaliptos, é muito bom para a saúde, só que **precisamos de mais árvores**, porque tem poucas, **necessitamos delas para sobreviver**. Aproximamos mais um pouco, avistamos uma floresta ribeirinha. **É muito bom ter contato com a natureza, é uma dádiva.**” (fotos do grupo e e Eng. Florestal Vicente, mostrando as fotos aéreas e como se faz a checagem de campo.) Enfatizam a importância das árvores e demonstraram o quanto gostam do contato com a natureza.

“Saída de campo para **checar as condições da mata ciliar**. O engenheiro florestal Luís Vicente mostrou no local as mesmas coisas que tinha nas **fotografias aéreas**” (outras fotos da checagem de campo). A palavra checar, neste caso, é técnica e foi bem usada, enfatizando as atividades realizadas .

“Nos dias que **estamos juntos no grupo aprendemos muitas coisas**. Isso nos faz **pensar no futuro**. Então o Vicente trouxe as fotografias aéreas. O que é isso? São fotografias tiradas de aviões de todos os bairros para ver os como **estão o que eles precisam, verem as árvores os rios como estão se precisam plantar mais árvores**”. (fotos do Vicente explicando as fotos aéreas). Acredito que esta frase mostra uma confiança no trabalho da universidade, dizendo que as fotos são para ver os problemas e avaliar as necessidades de cada bairro.

*“Foto feita na Igreja Santos Reis. Neste dia discutimos sobre o Muro da Lamentação, e sobre a árvore do seus sonhos. Muro da Lamentação é um muro feito de papel, onde agente cola um papel, em forma de quadrado, falando sobre os problemas do bairro, e o que precisa melhorar.*

*A árvore dos seus sonhos é também, feita de papel, onde você cola um papel, em forma de folha, de árvore, escrito o que deveria mudar no seu bairro, ou no mundo.”* (fotos da reunião com os cartazes do “Muro das Lamentações” e da “Árvore dos Sonhos” ao fundo.) Legenda extensa mas bem explicativa das nossas atividades. Acredito que demonstra a importância dada para o trabalho.

*“Um trecho do rio Piracicamirim que **corre atrás da escola.**”* (foto do ribeirão, aparecendo um pouco de mata ciliar). Enfatizando a proximidade do ribeirão com o bairro.

*“**Uma parte do rio que revela uma parte do que é nosso projeto e para que o projeto está aqui**”* (outra foto do ribeirão).

*“ A avenida I, antes da pavimentação e arborização”* (foto feita em 1999). Acredito que esta foto foi colocada para mostrar que o bairro melhorou e que pode e deve melhorar mais.

*“ Ana Paula e Milene em uma das **reuniões do grupo. Discutindo e dando opiniões para um melhor propósito.**”* (foto da Ana Paula e Milene). Mostram que eram reuniões do grupo e não aulas, e a importância de se discutir e dar opinião.

*“A escola, um de nossos grandes aliados na conscientização, e seus alunos **parte fundamental nesse trabalho**”* (grifo deles) (foto da escola, em 1999). Muito interessante eles considerarem a escola um aliado, e os alunos como sendo parte fundamental no trabalho.

Algumas pessoas escreveram textos maiores e outra só uma pequena legenda tipo: *“os integrantes do grupo”, “nossas reuniões”, “ensaio da música do projeto água é vida”* .

Numa análise geral podemos ver que os jovens tiveram uma boa compreensão do trabalho que estávamos propondo, e realmente se identificavam com nossas propostas.

#### 4.9.1 A música do Projeto Água é Vida

Esta música foi mais uma forma dos jovens se expressarem, numa linguagem que eles conhecem e gostam. Cantamos a música várias vezes (geralmente ao final de cada encontro) e inclusive no microfone, no dia da Feira. A letra da música contém palavras que demonstram tudo que já foi comentado no item acima, por isso considere este um sub item e comentarei apenas sobre a música e um pouco de como foi composta. Ela tem uma mensagem clara que chama atenção para a ação e ainda tem uma forma poética e um ritmo gostoso.

A idéia da composição da música foi dos jovens. E já haviam composto uma outra música para o projeto Jovem Cidadão. Em um encontro o Marquinhos, o Vauderi e o Misael apresentaram a música espontaneamente, acompanhados ao violão tocado também por Marquinhos e todo o grupo elaborou junto a última estrofe da letra, que foi finalizada no encontro do dia 12-12-2002, contando inclusive com a presença do engenheiro agrônomo Alexandre, que fez o levantamento florístico proposto pelo projeto Fehidro. Isso foi muito bom, pois o Alexandre também gosta de música e acabou ajudando, e dessa forma estabeleceu uma integração com o grupo.

#### “Projeto Água é Vida”

O tempo tem a natureza  
Temos o sol e a chuva  
Vamos preservar  
Na terra pomos a semente  
Vimos aves, flores, frutos no lugar

REFRÃO:  
Projeto Água é Vida  
Vamos todos preservar  
O que Deus nos deu agora

Vida e força prá olhar

A água é um elemento  
Que nos gera força prá sobreviver  
Ser humano, fauna e flora  
Chegou a hora vamos aprender

Pare um pouco prá pensar  
Sem a natureza  
Como vamos viver  
Sem as árvores sem os frutos  
E sem água prá você beber

#### 4.10 Último questionário

Este questionário pretende ser uma avaliação do trabalho do grupo, vista com uma boa distância de tempo, pois já faz quase um ano que encerramos as atividades.

Elaborei o questionário com ajuda da Ana Paula Coati e levei para os jovens, Regina, Regiane, Misael, Vauderi, Ricardo e Erik na casa de cada um.

Não conversei muito, entreguei o questionário, expliquei que precisava disso para colocar no meu trabalho e combinei um dia para buscar. Não queria influenciar nas respostas.

No dia combinado, passei em cada casa. Apenas o Erik havia feito. Pedi para a irmã me entregar (ele estava tomando banho) e não conversamos mais nada.

Com os outros, combinei um outro dia para pegar, e fui novamente. Dessa vez a Regina, o Vauderi e o Misael me entregaram, faltou a Regiane e o Ricardinho. Aproveitei e passei na casa do Jonattan e entreguei o questionário, para a mãe dele, pois ele não estava. Disse que para ele responder, que eu voltaria para pegar. O Jonattan disse que me traria depois e acabou não trazendo.

O Marquinhos, por não morar no Jardim Oriente, veio em minha casa tanto para pegar o questionário, como para me devolver, nos dias combinados. O Marquinhos aproveitou a visita para que eu avaliasse uma câmara fotográfica que ele comprou e para pedir dicas de como usar a câmara. Ele disse que o curso o tinha estimulado a comprar a câmara. Ele também me pediu para arrumar uma lata pin hole para ele mostrar para a sobrinha dele que não tinha acreditado que ele havia feito uma foto com uma lata. Achei muito bom isso. O interesse em querer mostrar e provar isso.

Pedi também para a Milene, nossa estagiária, responder o questionário, porque ela é bem jovem, estava no início do curso de Gestão Ambiental e disse que aprendeu muito sobre educação ambiental nas nossas atividades, então achei importante que ela desse seu depoimento. Acredito que as respostas dela também contribuirão para a avaliação dos resultados das atividades com o Grupo Água é Vida.

A estrutura e as perguntas do questionário foram as seguintes:

**Nome:**

**Idade:**

**Desde quando está no bairro:**

**O que achou do Projeto Água é Vida?**

**Elogios - O que mais gostou?**

**Críticas - O que não gostou?**

**O que aprendeu?**

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?**

**O que pensa do bairro?**

**Você se considera importante para o Bairro?**

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?**

**E com relação à fotografia no curso?**

**Como foi fazer a fotografia com a latinha?**

**E com a câmara comum e a digital?**

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?**

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?**

**Como foi este trabalho?**

(Desenhei na folha a representação esquemática das 5 dimensões da ecologia.)

As respostas estão transcritas e analisadas a seguir:

**Erik**

**Idade: 21 anos**

**Desde quando está no bairro:** *Há 6 anos.*

**O que achou do Projeto Água é Vida?**

**Elogios - O que mais gostou?** *Eu gostei mais das aulas interativas e aulas de campo.*

**Críticas - O que não gostou?** *(não escreveu nada)*

**O que aprendeu?** *Aprendi a conviver e estar e principalmente a fazer o ambiente em que vivo .*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Sim. Mudou a consciência ecológica que eu tinha aumentou.*

**O que pensa do bairro?** *É um lugar bem melhor.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Sim*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Buscar mais a consciência ecológica e ambiental em suas vidas.*

**E com relação à fotografia no curso?** *Aprendi tudo o que não sabia com esse curso.*

**Como foi fazer a fotografia com a latinha?** *Foi uma experiência interessante.*

**E com a câmara comum e a digital?** *Foi algo que eu já tinha feito anteriormente.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo?** *Sim . O que? A minha consciência ecológica diariamente.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Sim.*

**Como foi este trabalho?** *Foi um trabalho de grande aprendizagem, pois aprendi que o meio ambiente não está só na fauna e na flora, mas em tudo aquilo que está ao nosso redor, e tudo que acontece em nosso mundo, ou seja, aprendi a ter uma consciência ampla, em tudo aquilo que envolve a vida do ser humano.*

### **Minha análise**

O Erik é um jovem um pouco diferente dos demais do grupo, com escolaridade mais avançada. Tem o ensino médio completo e agora pretende fazer vestibular. Nos procurou depois do curso para saber se poderíamos ajudar no contato para

fazer cursinho pré vestibular gratuito(para carentes) na Esalq. Ele disse que gostaria de fazer um curso ligado à Biologia, por causa do que aprendeu no nosso projeto.

Ele já participou de outros grupos e leva as coisas mais a sério, cumpre os compromissos. Ele sempre se envolveu com grupos de jovens com atuação em várias áreas. Grupo de teatro, da Associação Comunitária do Bairro. Houve ocasiões em que representou a presidente da Associação do Bairro.

Foi o único que respondeu o questionário no primeiro prazo que eu dei – mostrando responsabilidade. Nas respostas do questionário, falou muito de consciência ecológica, mas não deu exemplos concretos, de qualquer forma acho que ele foi bem direto. Na última resposta, ele foi um pouco mais específico falando que aprendeu que o meio ambiente não é só fauna e flora. Ao dizer que o meio ambiente é tudo que está ao nosso redor, e tudo aquilo que envolve a vida do ser humano.

O Erik não fez nenhuma crítica, e isso foi estranho, porque nos momentos de avaliação, ele era o único que falava o que não tinha gostado. Acredito que ele tenha uma opinião crítica, mas não sei porque preferiu deixar a questão em branco.

Quando ele diz que “ *Aprendi a conviver e estar e principalmente a fazer o ambiente em que vivo.*” Entendo que ele demonstra que aprendeu que pode atuar para melhorar o ambiente em que vive, e este foi um ponto que insistimos em nossos encontros

Acho que posso afirmar que o Erik é um “autor cidadão”. Ele é autor de sua vida, tem buscado melhorá-la . Ele é o jovem do grupo que tem mais vivência com o trabalho na 5ª dimensão – a atuação política.

Faço essa análise do Erik sem julgar nenhum outro jovem por não tentar ou não conseguir melhorar sua vida, pois são vários os fatores que contribuem para que esses jovens não tenham estímulo ou oportunidades para continuarem estudando ou se aplicarem mais na procura de um trabalho que seja bom para sua vida. As pessoas que vivem no Jardim Oriente, (como em outros bairros carentes de periferia) são pessoas que estão o tempo todo se relacionando com os fracassos: na vida dos pais, dos parentes, dos vizinhos... Acredito que isso seja desestimulante.

Com nossos encontros tentamos estimular os jovens a se envolverem em atividades para melhoria do bairro e o Erik se envolveu bastante.



**Nome:** Marquinhos                      **Idade:** 20 anos

**Desde quando está no bairro:** *Bom, eu comecei a freqüentar mais o bairro constantemente, quando começou o projeto.*

**O que achou do Projeto Água é Vida?** *Falando particularmente, achei um trabalho muito importante .*

**Elogios - O que mais gostou?** *Projetos assim com certeza muda a maneira das pessoas pensar a respeito ao meio ambiente e a respeito de si mesma.*

**Críticas - O que não gostou?** *Bom, já que ninguém é perfeito, na minha opinião os próprios jovens tinham vezes que davam uma parada, eu requeria um pouco mais de nós mesmos.*

**O que aprendeu?** *Aprendi muita coisa: como fazer análise da água para ver se estava poluída ou não. A tirar foto com a latinha. Isso particularmente falando, eu gostei muito. Foi uma experiência muito bacana. Outra coisa legal e importante foi se conscientizar, e poder conscientizar outras pessoas, a importância das árvores, da água, do solo, enfim, do nosso meio ambiente*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Com certeza depois que comecei a fazer parte do projeto “Água é Vida” passei a prestar mais atenção na natureza, e pensando comigo se cada bairro da cidade tivesse um grupo como o Água é Vida, voltado à natureza com objetivo de educar as pessoas no sentido ambiental, os dias seguintes serão cada vez melhor.*

**O que pensa do bairro?** *Bom na opinião minha o bairro tem sim pessoas que querem fazer algo para a melhoria do bairro. Mas infelizmente a maioria são muito acomodadas, mas posso dizer que o bairro já está melhor do que quando conheci. Projetos assim como o nosso vai sim incentivar os moradores do bairro a fazer algo para melhorar a própria vida, e o crescimento do bairro.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Na verdade eu me sinto honrado em ter feito parte desse grupo e poder junto com ele a fazer esse trabalho lindo que fizemos no bairro.*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *A minha mensagem para os jovens é que em vez de ficar perdendo tempo se “destruindo” com drogas ou coisas parecidas procure ajudar a melhorar pelo menos o lugar em que você mora. E assim cada um fazendo a sua parte construiremos um mundo melhor.*

**E com relação à fotografia no curso?** *Eu acho a fotografia muito interessante. Eu mesmo gosto muito de tirar foto. Essa vontade eu passei a ter mais, quando passei a aprender algumas coisas no grupo.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?** *Sempre falo com meus amigos, com as pessoas da minha família, até na Igreja em que eu frequênto, eu tento mostrar a importância que é nós plantar mais arvores, não jogar lixo nos rios. Afinal rio é para peixe e não para lixo.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Sim.*

**Como foi este trabalho?** *Quando tinha dinâmicas, dramatizações, como conversar com as pessoas, como tratar até mesmo as pessoas mal educadas, nas saídas de campo, ao observar a natureza, ao saber o nome das plantas, as espécies, também uma das coisas mais importantes foi aprender viver em grupo, a respeitar as diferenças, os defeitos e as regras.*

### **Minha análise**

O Marcos, chamado carinhosamente de Marquinhos, é também um jovem mais engajado.(como o Erik). Participa de grupo de jovens em igreja, e era o único que não morava no bairro, mas não faltava e não chegava atrasado. Cumpria os compromissos e acabava motivando outros jovens a cumpri-los também.

Gostei de ver que na Segunda questão, na parte dos elogios ele disse que o projeto pode mudar a maneiras das pessoas pensarem, em relação ao ambiente e a si mesmas, acho que aqui um de nossos objetivos foram atingidos: pensar a respeito de si mesmo. Isso foi enfatizado em nossos encontros. Mas não foi comentado por outros jovens.

Na parte da crítica, ele criticou os jovens e não o projeto. Ele sempre foi um que nas avaliações dizia que “*se melhorar estraga*”. Todos os jovens sempre tiveram

dificuldades de criticar. Acho que isso vem dos relacionamentos deles com adultos – pais e professores que nunca se abrem para a crítica. Daí a dificuldade de revelar o que não gosta. Isso me lembra um trecho já citado do Prof. Joaquim:

*“Uma experiência marcante em nossa lembrança com referência à escola é a fala da professora: ‘Não é assim; faça de novo; copie o certo; não escreveu nada que preste; veja como se faz (...)’ Uma prática desautorizante para o aluno, para a pessoa do aluno. Aqui está, penso eu, uma das chaves dos males de nossa educação: desenvolvemos um longo e sofisticado processo de anulação da pessoa do aluno.”* (Barbosa, 1998 a, p.07)

Os alunos não são estimulados a criar, a pensar por si sós, e muito menos a fazer críticas, a falar o que pensam, por isso têm dificuldades de avaliar. Sempre tentamos obter as críticas deles, falávamos que era para que a gente pudesse melhorar os encontros, mas era muito difícil conseguir uma pequena crítica. Uma vez, conversando com a Regiane, ela disse que tinha medo de falar coisas erradas, por isso ficava quieta. Isso parece ser reflexo das práticas desautorizantes das escolas em geral.

Na última pergunta, sobre a forma como trabalhamos as 5 dimensões, ele falou sobre as dramatizações ensinado a tratar as pessoas “até mesmo as pessoas mal educadas”. Essas dramatizações a que ele se referiu foram feitas quando os jovens iam aplicar o primeiro questionário, e nos preocupamos em mostrar como seria na hora da entrevista. Dissemos que poderia ter pessoas que responderiam bem e outras que não iriam gostar e poderiam ser mal educadas. Isso ficou registrado, porque já se passaram quase dois anos e ele não esqueceu.

**Nome:** *Misael*      **Idade:** *21 anos*

**Desde quando está no bairro:** *2001*

1. **O que achou do Projeto Água é Vida?** *Eu achei muito interessante por que ajudou muito a melhorar muitas coisas no bairro.*
2. **Críticas - O que não gostou?** *Não gostei de ter acabado muito cedo por que através de vocês nós aprendemos muita coisa boa e agora acabou o nosso encontro.*

3. **Elogios - O que mais gostou?** *O elogio que eu gostei foi quando vocês vinha em casa preocupado com a gente falando que a gente fazia falta no grupo.*
4. **O que aprendeu?** *Apreendi mais sobre o valor de um ambiente, e saber o valor da água e o meio ambiente.*
5. **Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Deu para ver que depois que nós começamos com o projeto Água é Vida deu para ver que melhorou 100% da população que não dava o valor a água.*
6. **que pensa do bairro?** *Eu penso que tem que melhorar mais ainda pra poder chegar no rumo certo.*
7. **Você se considera importante para o Bairro?** *Eu creio que sim, porque através da gente que nós temos o asfalto, posto de saúde no bairro, etc.*
8. **Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Sim. Que eles sejam muito mais do que eles. Por que eles merecem um ambiente com menos poluição, sem violência sem necessidades, porque eles merecem.*
9. **E com relação à fotografia no curso?** *Achei que foi bom e muito interessante.*
10. **Como foi fazer a fotografia com a latinha?** *Achei muito criativo, porque nunca imaginei que era assim que revelava uma foto. Bom aprender coisas novas. Foi muito interessante.*
11. **E com a câmara comum e a digital?** *Deu para a gente aprender a mexer e ver a diferença entre as duas.*
12. **Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?** *Sim. Eu falo para os outros sobre a economia da água, por que é muito importante saber o valor da água. Porque nós sem água nós não somos nada nesse mundo.*
13. **Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Acho que sim por que eu pelo menos desenvolvi muito através desse curso Água é Vida.*
14. **Como foi este trabalho?** *Muito importante para mim, porque deu para mim perceber o quanto é importante a gente aprender as coisas novas. Obrigado por todas vocês que participou do curso. Valeu!*

### **Minha Análise**

O Misael é um rapaz que se sente bonito. Ele é elegante (descolore o topete do cabelo, bem à moda de jogadores de futebol). Ele é simpático mesmo. Todo gentil, até nos agradeceu no final da entrevista.

Em vários momentos no questionário, Misael parece afirmar que o bairro foi melhorado pela ação direta do grupo Água é Vida, tanto na primeira questão *“ajudou muito a melhorar muitas coisas no bairro”* quanto na questão 5 quando diz: - *“depois que nós começamos com o projeto Água é Vida deu para ver que melhorou 100% da população que não dava o valor a água.”* E na questão 7 *“creio que sim, porque através da gente que nós temos o asfalto, posto de saúde no bairro, etc.”* O que são afirmações exageradas, pois fora a arborização, o resto já estava sendo feito no bairro quando chegamos.

Quanto à crítica ter sido a reclamação de que acabou cedo: eles gostavam dos encontros e os consideravam como curso e nós como professoras. Sempre falamos que o grupo deveria seguir por si mesmo. Aqui pega a questão da autonomia e da motivação – do sentimento de (potência de ação?) – que estará na dissertação da Ana Paula Coati .

Tem sempre os jovens mais centrados, que a gente percebe que são dispostos, e outros não. Não estão dispostos pelo menos para esse tipo de atividade. Consideraram os encontros, um curso e parece que não se sentiam motivados a se encontrarem sozinhos

Todo o tempo nós queríamos estimular a autonomia deles. Chegamos a propor que eles se encontrassem uma vez por semana sem a presença da equipe da Esalq. Achamos que no início desses encontros só dos jovens, poderíamos propor atividades para motivar e direcionar um pouco, para depois engrenar realmente autônomo. Então, chegamos a dar “tarefas” – como terminar a maquete e preparar um próximo encontro, que seria comandado por eles. Como está na ata do dia 27-02-2003.

E no dia de se encontrarem sozinhos foram muito poucos. Acho que o Erik e mais alguém só.

Mas se eles falam que era bom, que eles querem que volte, porque não se encontravam sozinhos, e não se encontram no outro grupo? Talvez por não se identificarem uns com os outros – na época, entre si no grupo Água é Vida.

A multirreferencialidade explica a questão de conhecer cada aluno por si. O elogio que o Misael fez foi *“eu gostei foi quando vocês vinha em casa preocupado com a gente, falando que a gente fazia falta no grupo”* . Isso é um dado importante para compreender como eles precisam ser cativados, para se sentirem importantes para nós.

**Nome:** Ricardo                      **Idade:** 18 anos

**Desde quando está no bairro:** *desde o início.*

**O que achou do Projeto Água é Vida?** *Foi de suma importância, aprendi a respeitar a natureza e conheci a ecologia do meu bairro.*

**Elogios - O que mais gostou?** (não escreveu nada)

**Críticas - O que não gostou?** *De alguns comentários, o comportamento dos demais.*

**O que aprendeu?** *A preservar o meio ambiente e como ajudá-lo para que sempre fique intacto.*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Sim, conheci algumas das principais regras para não denegrir a mata .*

**O que pensa do bairro?** *Está evoluindo, mas tem muita coisa a mudar.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Sim , já que quem faz o bairro são os moradores.*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Vamos preservar nosso meio afetivo e o ambiente, longe de tudo que nos causa mal.*

**E com relação à fotografia no curso?** *Já tinha feito um curso com a Flávia e o Rodrigo.*

**Como foi fazer a fotografia com a latinha?** *Já sabia desse método, então o que posso dizer é que é legal.*

**E com a câmara comum e a digital?** *A digital é muito louco ver a imagem na hora, isso é demais, sem falar da rapidez.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?** *Sim. A respeitar a opinião do próximo.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Sim, com a conscientização podemos mostrar o bem que faz a natureza e assim preservar o mundo.*

**Como foi este trabalho?** *Adorei e espero trabalhar nos demais que tiver aqui no Jardim Oriente.*

*O Projeto Água é Vida, fez, faz e sempre fará parte da minha vida.*

### **Minha análise.**

O Ricardinho, (como era carinhosamente chamado por todos) é um jovem muito alegre e brincalhão.

Na época, durante os encontros era o que mais conversava e se dispersava, mas sempre ao final – na hora da avaliação pedia desculpas por ter bagunçado e prometia mais seriedade da próxima vez. Engraçado ele colocar como crítica o comportamento dos colegas.

O Ricardinho é o único jovem que está participando do novo grupo de jovens. Quando foi me entregar o questionário respondido, me convidou para a festa que acontecerá no bairro, promovida pelo novo grupo de jovens.

Quando ele fala que aprendeu a “*preservar o meio ambiente e como ajudá-lo para que sempre fique intacto*” e “*conheci algumas das principais regras para não denegrir a mata .*” Parece que está dizendo isso por que acha que é isso que esperamos dele. Nos encontros não falamos em regras para não denegrir a mata.

Ele fala que aprendeu “*A respeitar a opinião do próximo*”. Considero importante ele falar em respeitar a opinião dos outros, pois isso mostra que trabalhamos esse conceito de forma apropriada.

**Nome:** Regina

**Idade:** 21 anos

**Desde quando está no bairro:** 1998

**O que achou do Projeto Água é Vida?** *Eu adorei muito porque aprendi coisas que nem pensava que ia aprender. Foi nota 10. Conheci pessoas maravilhosas.*

**Elogios - O que mais gostou?** *Adorei ter ido conhecer os rios e as florestas, as plantas, para que servem. Adorei tudo.*

**Críticas - O que não gostou?** *Olha, eu não gostava quando algumas pessoas vinham e não ajudavam, só conversavam e vinham desanimadas.*

**O que aprendeu?** *Eu aprendi mexer com câmara de foto de latinha e de caixas. Fui a Esalq, andamos pelas matas e conheci muitas coisas.*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Nem me fale! Mudou totalmente, antes eu nem ligava, nem reparava as coisas mais lindas são a natureza. Nos trás alegria e alivia a alma.*

**O que pensa do bairro?** *É um bairro muito bom. Gosto de morar aqui. São as pessoas que fazem o bairro, umas são boas e outras ruins.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Eu acho que não. Porque não ajudo ninguém, mas não estorvo também.*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Eu adoraria dar uma mensagem para eles. Ajudar eles, porque quando vejo os meninos do bairro fumando atrás do muro, corta o coração, mas é isso que eles querem. A mensagem é que pense mais na vida, que a vida é boa, é só saber fazer e viver.*

**E com relação à fotografia no curso?** *Eu adorei, porque aprendi a mexer com as caixas e a fazer fotografia, como tirar foto.*

**Como foi fazer a fotografia com a latinha? E com a câmara comum e a digital?** *Com a câmara comum é bom, mas com a outra é mais melhor porque nós mesmos fazemos as caixas com nossas próprias mãos e isso que é bom, porque fazemos com mais amor e carinho.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?** *Quando vejo alguém destruindo as árvores, eu falo não destrói porque é bom para nossa vida. Ela nos trás vida.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Sim, trabalhamos muito mais que isso.*

**Como foi este trabalho?** *Foi muito bom e divertido. Conheci o que nunca pensei que ia aprender.*

**Minha Análise**



A Regina é uma moça de 21 anos e que já tem dois filhos, que estão agora com 5 e 3 anos, e mesmo assim era bastante responsável com as atividades do projeto. Muitas vezes precisou levar os filhos, para não deixar de ir.

Nas atividades das dinâmicas relatadas nos itens 4.6 podemos ver que ela é bem mais realista que os outros jovens, demonstra insatisfações e tristezas, mas mesmo assim é bastante animada e dedicada. Na mensagem para os jovens ela é positiva: *“Eu adoraria dar uma mensagem para eles. Ajudar eles, porque quando vejo os meninos do bairro fumando atrás do muro, corta o coração, mas é isso que eles querem. A mensagem é que pense mais na vida, que a vida é boa, é só saber fazer e viver”*.

Neste último questionário ela demonstra que gostou muito das atividades: *“Adorei ter ido conhecer os rios e as florestas, as plantas, para que servem. Adorei tudo”*. E que aprendeu muitas coisas: *“Foi muito bom e divertido. Conheci o que nunca pensei que ia aprender”*.

Ela comenta que gosta do bairro: *“É um bairro muito bom. Gosto de morar aqui. São as pessoas que fazem o bairro, umas são boas e outras ruins”*. Mas não se sente importante para o bairro: *“Eu acho que não. Porque não ajudo ninguém, mas não estorvo também”*.

Ao ser perguntada sobre se houve mudança na sua vida depois dos encontros ela respondeu: *“Nem me fale! Mudou totalmente, antes eu nem ligava, nem reparava as coisas mais lindas são a natureza. Nos trás alegria e alivia a alma”*.

A atividade com a arborização urbana, do Projeto Amiga árvore, já citado, foi muito importante para a Regina, pois me lembro de ela ter falado que antes não reparava nas árvores, e depois da atividade ela passou a reparar nas flores das árvores e se admirar muito com isso. Essa fala dela foi muito gratificante para mim. Já disse e repito: quando admiramos alguma coisa é um primeiro passo para que queiramos cuidar dela.

**Nome: Vauderi      Idade: 18 anos**

**Desde quando está no bairro:** *Desde 2001*

**O que achou do Projeto Água é Vida?** *Muito bom, gostei mesmo, foi muito produtivo, aprendi muitas coisas.*

**Críticas - O que não gostou?** *Não gostei de ter acabado o curso, eu gostaria que voltasse de novo, mas no curso eu não gostei do pessoal que ficava conversando na hora da explicação.*

**Elogios - O que mais gostou?** *Fora isso que eu escrevi, todo o resto foi perfeito, como os passeios ao lado do ribeirão.*

**O que aprendeu?** *Eu aprendi como preservar a natureza, a água e como incentivar outras pessoas a fazer o mesmo.*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Sim, eu passei a enxergar a natureza por outro lado, pelo que ela tem de bom.*

**O que pensa do bairro?** *Bom, é como todos dizem, o bairro melhorou 100%.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Bom, eu acho que sim.*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Sim, por exemplo, preserve a “natureza” pois ela tem muita coisa boa para dar para nós.*

**E com relação à fotografia no curso?** *Chocante, muito legal, eu gostei muito de tirar a foto com a lata, é impressionante.*

**Como foi fazer a fotografia com a latinha?** *Eu respondi na outra pergunta.*

**E com a câmara comum e a digital?** *Foi muito legal, eu não tenho para reclamar disso.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?** *Por exemplo, sempre falo para o pessoal de casa para economizar a água, eu falo para minha mãe, para os meus irmãos, e até para alguns vizinhos.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia?** *Sim.*

**Como foi este trabalho?** *O ambiente principalmente, mas também o mundo, o ser eu entendo como nós do grupo, ou o outro de fora. O trabalho foi sensacional. Gostaria muito que voltasse esse curso, sinto saudades de todos.*

### **Minha Análise:**

O Vauderi era o artista da turma. Embora tenhamos estimulado que todos produzissem desenhos, o Vauderi era o que mais gostava, mais fazia e acabava sendo o que mais trabalhava quando a atividade de artes era em grupo. Ele se interessa por

desenho e pintura há bastante tempo e já fez alguns cursos. O logotipo do grupo foi desenhado por ele, mas com palpites de todos.

Ainda neste aspecto artístico, fiquei admirada com a observação do Vauderi, comento isso na Oficina de Pinhole com os jovens na Esalq. Essa observação me deu mais razão para estimular a percepção visual das pessoas, pois através dessa percepção podemos aprender a trabalhar melhor nossa linguagem visual.

No aspecto de aprendizagem o Vauderi comenta que: *“Eu aprendi como preservar a natureza, a água e como incentivar outras pessoas a fazer o mesmo”*. *“Muito bom, gostei mesmo, foi muito produtivo, aprendi muitas coisa”*.

A sua resposta em relação às 5 dimensões, parece que ele compreendeu que trabalhamos mais coisas além da preservação do meio ambiente: *“O ambiente principalmente, mas também o mundo, o ser eu entendo como nós do grupo, ou o outro de fora. O trabalho foi sensacional. Gostaria muito que voltasse esse curso, sinto saudades de todos.*

**Nome: Milene      Idade: 22**

**Desde quando está no bairro:** *Participei como estagiaria por cerca de um ano no projeto “Água é Vida”*

**O que achou do Projeto Água é Vida?** *Com certeza foi ótimo para o bairro. Os adolescentes que formaram o grupo se uniram e perceberam o quanto podem mudar, em si e no lugar que vivem, perceberam sua importância, porém faltou apoio do restante da comunidade e maior planejamento da equipe para a continuidade, e isso dispersou o projeto ao final da primeira etapa. A agenda 21 foi concluída com sucesso, ainda mais com a boa participação na feira, mas agora seria preciso a união novamente dos participantes e da comunidade para que consigam verbas para as melhorias.*

**Elogios - O que mais gostou?** *Da mudança nos jovens participantes durante o projeto, eles realmente se sensibilizaram.*

**Críticas - O que não gostou?** *Da falta de apoio comunitário e verba para continuidade.*

**O que aprendeu?** *Sobre Educação Ambiental foi minha grande escola, nem dá para escrever tudo... posso dizer que quando fiz a matéria Educação Ambiental, depois do*

*estágio já sabia bem o que a professora estava falando. Mas meus grandes aprendizados foram que quando se falar em educação não se pode planejar um tempo para cada atividade e aprendizado tem-se que sentir o tempo de cada um, fazer cada um aprender no seu tempo, esperar, sentir, só depois que for interiorizado, que o jovem formar sua opinião sobre aquilo, pode-se passar para outro tema e também que educar não é decorar... é sensibilizar, fazer a pessoa sentir o quanto ela faz parte daquilo que estamos falando, o quanto ela é aquilo e o quanto depende dela, o aprendizado e as mudanças, principalmente em educação ambiental.*

**Mudou alguma coisa sua relação com o ambiente?** *Sempre amei a natureza, por isso fui trabalhar com ela, mas esse estágio me fez perceber que não adianta nada querer proteger grandes florestas, ecossistemas, etc se não cuidamos de mudar os conceitos das pessoas, me fez entender que o homem realmente faz parte do ambiente e depende dele, seja na floresta ou na cidade e que ambos são importantes para o equilíbrio da vida.*

**O que pensa do bairro?** *É desunido e tem pouco sentimento de pertencimento, por causa da história deles, mas tem potencial para melhorar e muito se for feito um trabalho adequado para a população deles, que envolva sua história e o ribeirão.*

**Você se considera importante para o Bairro?** *Sim. Pelo menos ajudei os jovens com quem trabalhamos a enxergarem com mais clareza seu ambiente.*

**Poderia dar uma mensagem para os jovens?** *Que nunca deixem de ir atrás do que acreditam, que não percam a fé!! E nem a união!!*

**E com relação à fotografia no curso?** *Procuramos trabalhar com a visão o tempo todo e aquela dinâmica da foto com os olhos, que era feita em dupla foi muito legal para os jovens perceberem o ambiente a sua volta, grande função da fotografia durante o trabalho.*

**Como foi fazer a fotografia com a latinha?** *Não participei da oficina por causa das outras atividades.*

**Você aplica alguma coisa em sua vida do que aprendeu no grupo? O que?**

*Sim, toda vez que vou trabalhar com EA, aprendo mais a cada momento, mais tiro muito destes tempos no bairro.*

**Acha que trabalhamos as 5 dimensões da ecologia? Sim.**

**Como foi este trabalho?** *Em várias atividades discutíamos a situação do país, a concentração de poder, eles se indignavam e davam suas opiniões, sempre fazíamos passeios nos quais procurávamos mostrar as diferenças entre o ambiente no bairro e as trilhas no rio, mostrando a relação entre o construído e o natural e sempre trabalhamos auto conhecimento e a relação de cada um com o grupo, fizemos inclusive Agenda 21 pessoal e do grupo. Em todas as atividades procuramos trabalhar estas dimensões, mesmo que sem pensar exclusivamente nisso, afinal falávamos de EA, e não há como fazer-la sem se trabalhar todas estas dimensões.*

### **Minha Análise**

A Milene é uma jovem muito responsável e dedicada ao trabalho. Foi muito bom para o projeto ter uma estagiária tão organizada. Apreendi muito com ela, neste aspecto e em outros também.

As respostas da Milene são mais completas que as dos outros jovens, tanto pela sua escolaridade como pela posição em que ficou no grupo: - ela participava ativamente das reuniões de avaliação e planejamento que fazíamos na Oca. Ela demonstra uma visão mais crítica do grupo e da comunidade do bairro. Quando ela põe como crítica a “*falta de apoio comunitário e verba para continuidade*” ela demonstra a insatisfação que todos tivemos com a interrupção do projeto, devido ao término da verba do projeto Fehidro. Embora tenhamos tentado motivar os jovens a continuar sem nossa presença, ou

se integrarem ao outro grupo, isso não aconteceu totalmente, e a aprovação da continuidade ainda está em processo.

Desde o início dessa dissertação falo que todos nós aprendemos muito com a realização do Projeto Fehidro e com as atividades no Grupo Água é Vida, mas quando a Milene diz que *“esse estágio me fez perceber que não adianta nada querer proteger grandes florestas, ecossistemas, etc se não cuidamos de mudar os conceitos das pessoas, me fez entender que o homem realmente faz parte do ambiente e depende dele, seja na floresta ou na cidade e que ambos são importantes para o equilíbrio da vida.”* ela está “traduzindo” em suas palavras o que tentamos trabalhar com aqueles jovens. E compartilho com ela a opinião de que no aprendizado *“Sobre Educação Ambiental foi minha grande escola”*

#### **4.11 A imagem de natureza**

Minhas vivências com a natureza quase sempre foram positivas. E as fotografias que fiz de ambientes naturais sempre me agradaram. A primeira foto que fiz de natureza e que realmente me tocou, foi a foto que está na página 29, figura 9, de um ribeirão que ficava na fazenda que eu passava férias no sul de Minas. Eu tinha 14 anos, e achei a foto muito bonita, mandei ampliá-la e sempre a tive como a primeira foto “artística” que tirei. Hoje vejo que a composição está boa e que é uma representação bonita de natureza, mas se olhar com olhos de ambientalista, vejo que o lugar já é degradado, sem mata ciliar...

Há poucos dias atrás, quando, na realização do último questionário com os jovens do Jardim Oriente, pedi ao Vauderi (o desenhista do grupo) que me fizesse um desenho que representasse para ele o que aprendemos no projeto Água é Vida, ele me perguntou: - *É sobre a natureza?* Eu disse que deveria ser o que ele achava que tinha relação com o projeto, então, dois dias depois, ele me entregou o desenho que está na outra página (Fig.16)

Só me lembrei daquela foto depois de muito olhar o desenho. Fui em meu arquivo, peguei a foto e comparei. Não mostro essa foto para ninguém há mais de 10 anos! Achei a semelhança espantosa! A curva do rio, o sol refletindo na água, os morros atrás (os do Vauderi são mais pontudos – um relevo que quase não existe no Brasil –

talvez influenciado por uns cartões postais do Japão que a Ísis deu para ele ), e até a falta de mata ciliar... Enfim, fico muito feliz com esse resultado: parece que o que representava a natureza para mim, foi trabalhado de tal forma, que sem o contato visual, o Vauderi captou a imagem e desenhou a representação de natureza dele da mesma forma. O ar bucólico, uma natureza tranqüila.



Figura 16 - Desenho do Vauderi sobre a natureza

Como um último resultado apresento o texto que o Marquinhos escreveu e trouxe espontaneamente. É uma fala bem positiva, que mostra como o Marquinhos sempre foi: animado, interessado e querendo motivar a ação das pessoas.

*“Minha avaliação dos encontros do Projeto Água é Vida:*

*Bom foi como eu disse na semana passada toda história tem seu começo, meio e fim. Infelizmente chegamos ao final dessa etapa. Infelizmente por que não teremos mais os nosso encontros continuamente, mas felizmente por ter a oportunidade de participar desse grupo, e ter aprendido muitas coisas aqui. Eu não sei se é o desejo de todos, mas o meu é poder escrever um projeto juntamente com o grupo e poder dar continuidade em tudo que aprendemos e poder aprender muito mais.*

*Mais se não for possível, só peço a cada um que participou desse grupo que em nossas casas agente venha por em prática tudo que aprendemos aqui, com certeza o dia de amanhã será muito mais lindo, mais florido e menos poluição.*

*Parabéns a nós do Projeto Água é Vida.”*

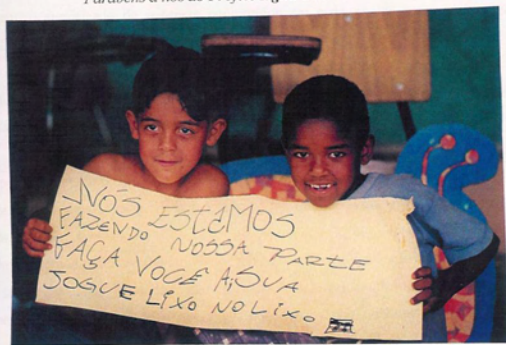


Figura 17 – Foto que o Marquinhos tirou na 1ª Feira Ambiental.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa desenvolveu-se através de três aspectos que se entrecruzam: a construção de uma educadora; uma intervenção educacional e o papel da fotografia nesta intervenção.

Foram apresentadas propostas educacionais embasadas na complexidade, na multirreferencialidade, nas Cinco dimensões da ecologia e nas exigências de Paulo Freire para que possamos realizar a pedagogia da autonomia.

Foram abordados alguns elementos de semiótica e um toque de crítica à grande mídia. Com relação à análise semiótica, pretendo realizá-la mais profundamente em um próximo trabalho, pois estou convicta de que é muito importante considerar a imagem, o significado de natureza construídos em cada pessoa, para que se possa trabalhar melhor as relações ser humano - natureza.

Com relação à crítica à grande mídia, é também um trabalho a ser aprofundado, ressaltando que a utilização dessa mídia para bons propósitos educacionais deve ser sempre buscada.

A bricolagem que me propus fazer é definida por Borba (1998) como uma composição metodológica, uma abordagem a partir de múltiplas perspectivas, conforme já foi dito na metodologia. Essa bricolagem foi feita através de uma composição de dados, a saber: fotos, textos, música, atuação na feira e participação nas dinâmicas, sendo apresentada no item Resultados e Discussão. Minhas análises foram feitas a partir dos saberes que são fruto do caminho trilhado pela minha formação (em constante formação) em comunicação e agora em educação. Essas análises me ajudam a ter elementos para considerar que os objetivos propostos foram trabalhados e realizados em maior ou menor grau de profundidade.

O objetivo da intervenção educacional com o “Água é Vida”, era desenvolver no grupo a capacidade de interferência na sua própria realidade. Dessa forma, os encontros contribuíram para a formação dos participantes como indivíduos capazes de atuar de forma criativa e responsável em prol da melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida, estimulando a iniciativa, a cooperação e a autoconfiança dos participantes, através de dinâmicas, trabalhos coletivos e atividades voltadas ao bem comum.

A intervenção educacional foi feita, através dos encontros, e os resultados estão aqui e no bairro pois um outro grupo de jovens está formado e está se encontrando toda semana. A idéia é fazer coisas pelo bairro e por eles mesmos. Alguns jovens do Água é Vida participam deste novo grupo. Acredito que nosso trabalho pode ter contribuído para a formação deste outro grupo, pois fizemos várias atividades que tornaram o Água é Vida conhecido no bairro: o que mostra que houve comunicação. Esta foi a forma de contribuir para a formação dos participantes como indivíduos capazes de atuar de forma criativa e responsável em prol da melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida. Fizemos isso estimulando a iniciativa, a cooperação e a autoconfiança dos participantes, através de dinâmicas, trabalhos coletivos e atividades voltadas ao bem comum.

Os resultados desses encontros demonstraram que os jovens entenderam nossa proposta e naquele momento se motivaram a agir. No entanto, não podemos ter certeza que esses encontros fizeram com que os jovens passassem a atuar na comunidade. Há indícios de permanência na ação, mas inúmeros outros fatores concorrem para o maior ou menor grau de sucesso neste objetivo.

Quanto ao mapeamento da percepção que moradores do Jardim Oriente têm do ribeirão Piracicamirim, além de ter sido realizado, também se fez como uma atividade educacional, uma vez que o questionário foi elaborado junto com os jovens e posteriormente aplicado e analisado por eles.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram apresentados e ligeiramente discutidos. A contribuição para a realização dos objetivos gerais expressos nos PCN's

foi sugerida e exemplificada através da descrição e comentários sobre algumas atitudes em relação ao grupo Água é Vida.

A minha contribuição para que aqueles jovens se tornassem autores, bem como de estimular a autonomia para agirem no seu meio, se concretizou ao apresentar para eles as possibilidades de se comunicarem com o grupo nos encontros e com muito mais pessoas, através da fotografia, do fanzine, das entrevistas, da feira ambiental e da página de jornal que construímos.

A comunicação é essencial. Para falarmos em participação, em Agenda XXI, precisamos possibilitar que as pessoas se comuniquem, que as pessoas se expressem, tanto dentro do grupo, como para fora dele.

A melhor forma de se encontrar a própria identidade é a pessoa se olhar no espelho, na visão do outro. A auto estima é interna na pessoa, mas começa a ser construída na valorização dada pelo outro. O fotografar é uma forma de se espelhar, e a fotografia foi usada também para estimular o debate: os jovens fotografaram e depois falaram sobre a fotografia. A ferramenta da fotografia serve para essa comunicação: no momento em que estamos decidindo o que fotografar, ela ajuda a aumentar a percepção de seu entorno e dos problemas ambientais locais. Depois, com a fotografia em mãos, ela serve para mostrar às outras pessoas, esse lugar “recortado” pelo fotógrafo, possibilitando um diálogo sobre os problemas, ou mesmo sobre a beleza do lugar, o que pode aumentar o desejo de protegê-lo.

A hipótese de que o ensino de fotografia, de forma criativa e operativa, pode contribuir para a valorização e proteção do ambiente em que se vive, pôde ser comprovada nos resultados da oficina realizada com os jovens do Água é Vida e em outras atividades, conforme está descrito no anexo K.

As oficinas de fotografia demonstraram ser uma atividade de intervenção que contribuem para a valorização pessoal e a proteção do meio ambiente em que se vive. A afirmação quanto à formação de indivíduos mais críticos e criativos que atuarão na transformação da sociedade, através da arte e mais especificamente da fotografia, é compartilhada por vários profissionais das áreas de fotografia e educação.

Experiências com atividades parecidas mostram que isso realmente ocorre. Como é o caso da OSCIP Imagem Mágica de São Paulo, que trabalha com oficinas de pin hole para adolescentes de periferia sob o lema: *“Perceber o mundo em que se vive é o primeiro passo para modificá-lo”*. Em um artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 13 de outubro de 2002, o título já diz que *“Foto muda vida de jovens carentes de SP”*. (Apêndice 7).

Temos relatos de outros trabalhos com conclusões parecidas. No site Observatório de Favelas, da cidade do Rio de Janeiro, encontramos um projeto que ensina fotografia para jovens carentes. O idealizador do projeto, o fotógrafo João Roberto Ripper afirma que a fotografia é um instrumento de transformação, e que com o projeto eles querem ... *“abrir possibilidades para formar pessoas de maneira que elas possam trabalhar com uma perspectiva de transformar as comunidades em que vivem”*.

Acredito que todo esse trabalho, tanto de ensinar a técnica fotográfica, quanto levar as pessoas para fotografarem seu ambiente, ajuda a formar uma percepção estética favorável à natureza. Acredito que o ser humano é naturalmente ligado à natureza – somos parte dela, embora estejamos cada vez mais distanciados, pela vida moderna em cidades. Mas ao levar as pessoas para o contato com a natureza, estamos proporcionando um religamento da pessoa com sua própria essência e com o ambiente natural. Como Cornell afirma:

*“Quando nós, ao conduzirmos o grupo, proporcionamos uma vivência direta e sensível, a própria natureza se encarrega de transformar espontaneamente a vida das pessoas, de uma maneira extraordinária”*  
(Cornell, 1997, p. 11)

As reflexões em torno da educação ambiental, que sempre fizemos no Laboratório Oca, me levam a construir uma idéia de que a educação é ideológica e que a intervenção educacional que realizamos se mostrou engajada. A atuação da equipe do laboratório Oca e do Projeto Pisca no Jardim Oriente, que continua a intervir (ainda que esporadicamente) no novo grupo de jovens, são mostras do engajamento, que é importante para dar o exemplo de atuação. O projeto de continuidade (em apreciação para novo financiamento do Fehidro) pretende desenvolver ainda mais o envolvimento

social com responsabilidade, requisito da educação ambiental que acredito e pretendo fazer.

Enfim, gostaria que essa dissertação fosse um testemunho da minha construção como educadora. Construção essa que não se completa com o título que pretendo obter com ela, mas que se estenderá, acredito, por toda a minha vida, presente e futura. Tenho consciência do inacabamento, como Paulo Freire fala: "*Onde há vida, há inacabamento.*" (Freire, 1996, p. 55).



Figura 18 – Grupo Água é Vida em vários momentos

## ANEXOS

## ANEXO A – FOLHETO DA OCA

**OCA - LABORATÓRIO DE  
EDUCAÇÃO E POLÍTICA  
AMBIENTAL**

Situada no Departamento de Ciências Florestais, a Oca conta com salas de reuniões, áreas de estudo, biblioteca temática e cozinha. É um espaço público onde se realizam processos educacionais participativos de ensino, gestão, pesquisa e extensão voltados a fomentar a proteção, recuperação e melhoria do ambiente e da qualidade de vida e o aprimoramento do ser humano em todas as suas dimensões.

Vem sendo construída desde a década de 80 através da participação de estudantes, professores e funcionários da USP, e de pessoas e instituições que a ela se associaram ao longo de sua história.

*"Um centro de produção e aprofundamento de imaginários e de idéias teóricas e práticas sobre EA e nas suas interfaces. Um centro de diálogo composto de estudos sobre EA que coletivize o individual. Um espaço de formação e de acolhida de educadores ambientais, compondo uma rede de pessoas, de iniciativas e de projetos emergentes". (Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão, 2003).*

**LINHAS DE ATUAÇÃO E  
ATIVIDADES**

Alguns temas compõem o eixo central das atividades desenvolvidas:

- Ambientalismo;
- Educação;
- Educação Ambiental;
- Política e Legislação Ambiental;
- Bacias Hidrográficas;
- Agricultura e Floresta;
- Consumismo, Coleta Seletiva e Reciclagem de lixo;
- Biodiversidade.

Com uma equipe integrada e interdisciplinar, a Oca atua junto aos mais diversos setores da sociedade (órgãos públicos, ONGs, empresas privadas, prefeituras, associações, escolas, etc). Desenvolve projetos como: programas de Educação Ambiental, diagnósticos participativos, cursos de capacitação e de especialização, palestras, oficinas, elaboração de materiais didáticos, propostas de centros de educação ambiental, construção de agenda 21.

## PRINCÍPIOS

O objetivo, o método e a técnica das atividades realizadas pela Oca destinam-se à produção de conhecimentos de resolução de problemas; com perspectiva educacional fundamentada no ideário ambientalista, onde se destaca:

- 1) Construção de Sociedades Sustentáveis;
- 2) Interdisciplinaridade em projetos e ações educacionais;
- 3) Valorização e conservação da bio e da sociodiversidade;
- 4) Cultura de procedimentos democráticos, de autogestão e de cidadania ativa;
- 5) Exercício cotidiano de transparência nas relações e de inclusão na diversidade;
- 6) Diálogo no mapeamento, enfrentamento, gestão e avaliação de conflitos;
- 7) Construção de conhecimento através de comunidades de aprendizagem;
- 8) Pensamento e ação global, local e pessoal;
- 9) Participação emancipatória.

## COMPROMISSO COM A SOCIEDADE

A Oca reforça seu compromisso com a sociedade como um todo, configurando-se em um espaço público dinâmico e aberto às suas diversas demandas e aspirações, assumindo o papel de fomentar e impulsionar sociedades sustentáveis em nosso país.

A participação, acadêmica ou não, é sempre bem vinda.



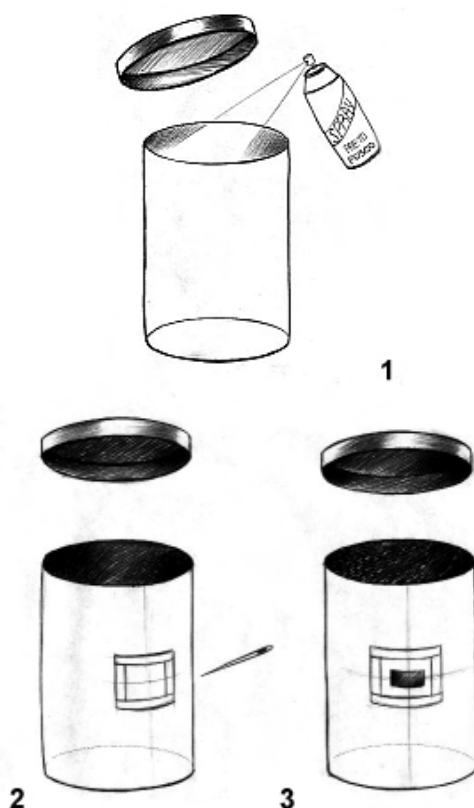


ANEXO B – MANUAL DE PIN HOLE  
 Autoria de Cleber Falieri – Escola de Belas Artes - UFMG

CONSTRUÇÃO DA CÂMERA PINHOLE

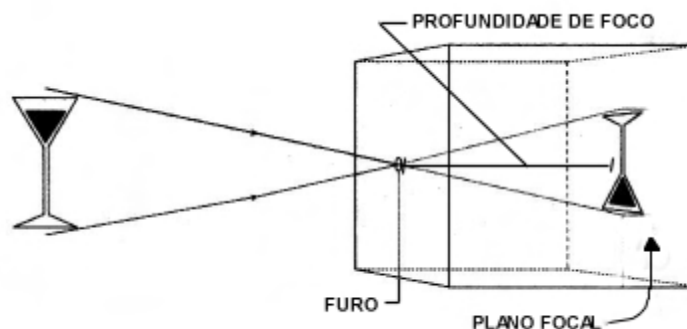
Para se fazer uma pinhole é muito fácil; basta termos à mão o material necessário, que pode ser desde uma simples caixa de sapatos, latinha de leite em pó ou algo semelhante (desde que tenha tampa) como uma caixa de madeira um pouco mais elaborada. O primeiro passo é transformar esta caixa numa câmara escura. Para isso é necessário escolhermos uma caixa com uma tampa que vede bem o interior da mesma. Com tinta preto-fosco pintamos o interior da câmara, inclusive a tampa.

Podemos também utilizar um papel cartão preto para forrar a câmara, ao invés da tinta. O importante é mantermos a câmara realmente escura. Depois, com o auxílio de uma agulha, furamos um pequeno buraco em uma das laterais da caixa/câmera. Em alguns casos, onde a dureza do material usado para câmara não permite um furo perfeito (que é fundamental), devemos então fazer um buraco maior e colar sobre ele um pedaço de papel alumínio ou um retalho de latinha de cerveja e neste sim, fazermos o furinho de agulha. Isto irá facilitar e melhorar o trabalho.

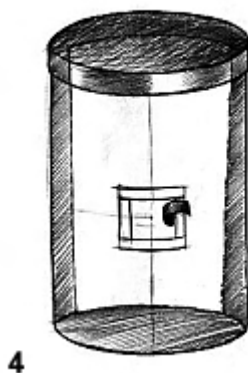


É importante observarmos que o tamanho do furo deve ser o menor possível, com um diâmetro que não ultrapasse o da ponta da agulha. Isto é relevante em termos de definição focal e nitidez na imagem gerada pela pinhole. Devemos entender que uma imagem desfocada é consequência de um furo muito grande, isso em relação ao tamanho da câmera pinhole. Quanto menor a câmera, menor deve ser o furo. Evidentemente que para cada tipo e tamanho de câmera, haverá de ser este furo proporcional à distância focal. Considerando que para uma pequena câmera, tipo caixinha ou lata, fazemos um furo com agulha, para uma câmera de grandes proporções, podemos chegar a um furo com diâmetro de um dedo polegar. [Podemos também usar tabelas de cálculo para conseguimos um](#)

**furo no tamanho ideal e preciso.** Contudo, nada se compara ao entendimento empírico, experiência artesanal e a simplicidade. Os resultados são sempre mais encantadores. Chamamos de plano focal a distância ideal onde a imagem é projetada com o melhor foco.



O segundo passo será o de verificarmos que não exista nenhum outro ponto por onde a luminosidade externa possa entrar além do orifício já feito. Este por sua vez deverá ser vedado pelo lado de fora da pinhole com um pedacinho de fita isolante preta, que servirá como o dispositivo de controle da entrada de luz no interior da câmera. Temos assim uma câmera fotográfica Pinhole pronta para o uso. Basicamente, a câmera é feita assim. Podemos, à medida em que vamos experimentando, aperfeiçoar um pouco mais e adaptar a pinhole ao nosso modo e conforme a meta que pretendemos atingir.



4

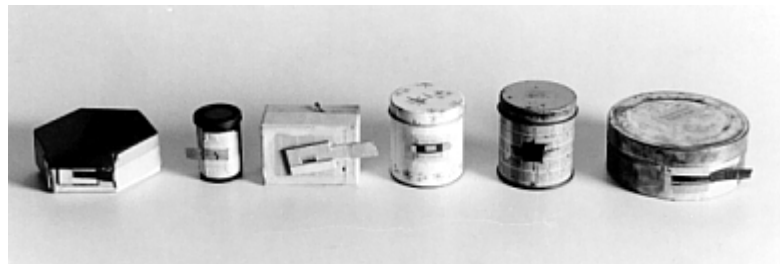
#### TAMANHOS & FORMATOS PINHOLE

O tamanho e o formato das imagens que a câmera produz depende, quase sempre, do tamanho e formato usados para construí-la. Como foi dito anteriormente, podemos fazer e usar câmeras pinhole de todo tipo e tamanho. E conseguirmos os mais diversos efeitos. Se por exemplo, a idéia é obter fotografias com efeitos distorcidos, tipo grande angular, podemos usar uma lata redonda para ser a câmera ou então colocarmos o material sensível à luz (papel fotográfico ou filme) curvado lá dentro. Se fizermos ao invés de um, dois ou mais furos na câmera, teremos imagens sobrepostas e duplicadas. Dupla exposição também provoca sobreposição de imagens. Esses e outros

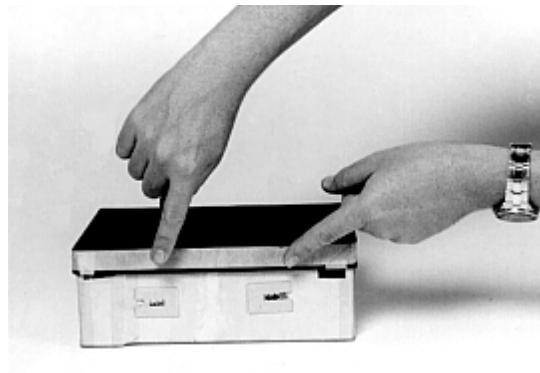
efeitos podem ser conseguidos e explorados, dependendo tão somente da engenhosidade e criatividade de cada um.



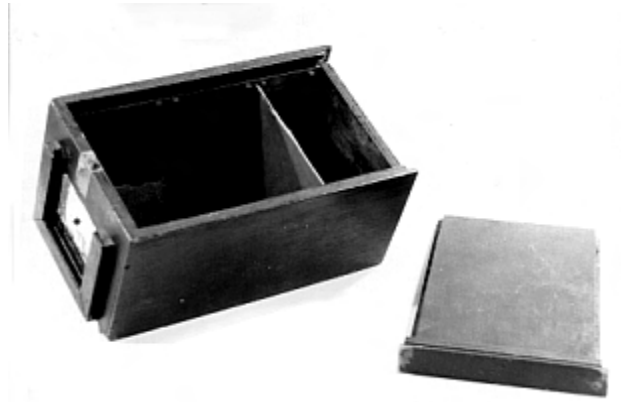
ALGUNS MODELOS DE CÂMERAS PINHOLE



CÂMERAS PINHOLE DE PEQUENOS FORMATOS



CÂMERA PINHOLE ESTEREOSCÓPICA C/ DOIS  
FUROS PRODUZ IMAGENS DUPLAS COM EFEITOS ÓTICOS 3D



CÂMERA DE MADEIRA COM VARIAÇÕES DO PLANO E DISTÂNCIA FOCAL. ESTE TIPO DE CÂMERA PERMITE CRIAR IMAGENS COM OPÇÕES DE DISTÂNCIAMENTO ENTRE O FILME E O FURO, VARIANDO O TAMANHO E A COMPOSIÇÃO DO OBJETO FOTOGRAFADO.



CÂMERA 360 GRAUS COM VÁRIOS FUROS EM VOLTA DA LATA QUE PERMITE O REGISTRO DE IMAGENS DIVERSAS POR TODOS LADOS. O RESULTADO PODE SER AINDA MAIS SURPREENDENTE.



CÂMERA PINHOLE PARA FILMES 35mm. A GRANDE VANTAGEM DESTES MODELOS É PERMITIR VÁRIAS TOMADAS DE UMA SÓ VEZ, ALÉM DA POSSIBILIDADE DE SE FAZER CÓPIAS AMPLIADAS.

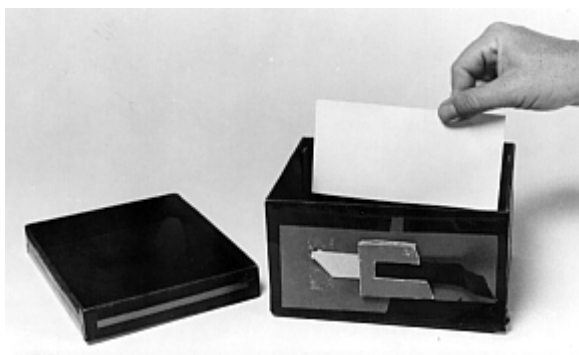
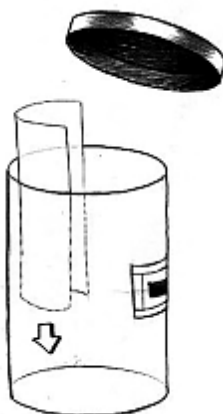
=====

# O TAMANHO, O FORMATO E MAIS UMA SÉRIE DE DETALHES DE UMA PINHOLE SÃO COISAS QUE CADA UM DEVE DESCOBRIR E ADEQUAR A SEU GOSTO. O DESENVOLVIMENTO E (EM CONSEQUÊNCIA) A QUALIDADE DAS FOTOGRAFIAS IRÃO SURTINDO CONFORME O ENVOLVIMENTO DA PESSOA COM O PROCESSO.

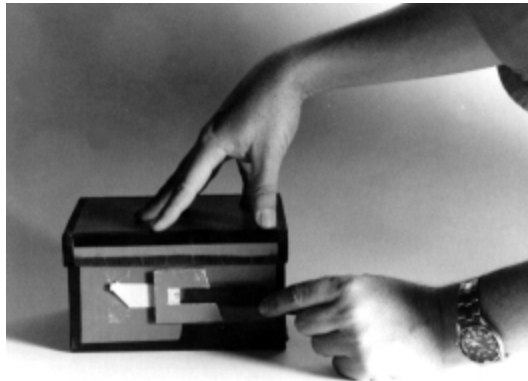
#### COMO MANIPULAR E FOTOGRAFAR COM A PINHOLE

Usar a câmera pinhole é muito simples. Primeiramente precisamos lembrar que o material usado dentro da câmera (o filme que originará o negativo) requer certos cuidados na hora do manuseio. Devemos lembrar que este material é sensível à luz; portanto, o carregamento da câmera deve ser feito em um local seguro, que evite a velação do papel/filme. Em princípio, podemos usar na pinhole qualquer tipo de filme ou papel fotográfico para registrarmos uma imagem. Mas normalmente e para termos total controle do processo, usamos na produção do negativo, o papel fotográfico para P&B ou filmes ortocromáticos de artes gráficas (fotolito) com baixa sensibilidade, semelhante ao papel. A vantagem de se usar este material é a de termos a possibilidade de manuseá-lo com segurança, podendo ver o que estamos fazendo sob uma luz vermelha, que não danifica o filme. Assim, para carregarmos a pinhole com papel/filme, basta fixá-lo na parede interna da câmera,

centralizando-o frente ao orifício e tampar a caixa.

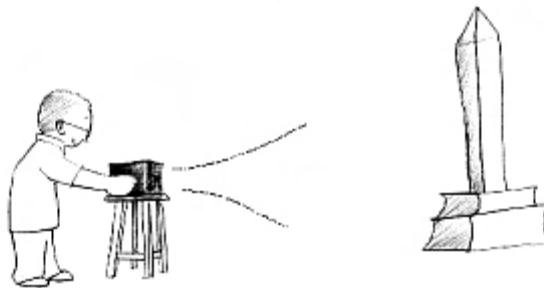
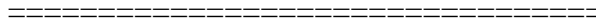


Para se fotografar com esta câmera é necessário uma exposição prolongada. No momento da tomada da foto, a câmera deve estar apoiada sob uma base firme, evitando como resultado uma imagem tremida. É preciso praticar várias vezes alternando para mais ou para menos a exposição e tomando sempre o cuidado de anotar os tempos, para se chegar a um resultado satisfatório.



Uma dica:

Quanto maior a câmera, ou melhor, quanto maior a distância do furo ao filme/papel, maior deve ser o tempo de exposição. Este tempo está também relacionado à quantidade de luz da cena que queremos fotografar. Não espere conseguir imagens noturnas com apenas alguns minutos de exposição. A luz tem um papel fundamental. A composição de uma fotografia e seu enquadramento também depende de experiências previamente realizadas, pois a Pinhole não possui um visor. Esta talvez seja uma de suas características principais; mais uma vez, vale o elemento surpresa.



## **Diagnóstico Ambiental da Cobertura Vegetal e Focos de Degradação do Ribeirão Piracicamirim Aliado à Educação Ambiental através de Elaboração Participativa de Agenda 21 no Loteamento Jardim Oriente**

### **Introdução**

Inicialmente foi realizada uma intervenção no local : plantio simbólico de 50 mudas na área ciliar do ribeirão. Constatamos um descaso da população em geral , um mês após o plantio, já não restava nenhuma planta. Percebemos a necessidade de fazer um trabalho envolvendo a população através de Educação Ambiental para que o plantio seja realizado com participação da comunidade e se desenvolva uma maior valorização do ribeirão e seu entorno.

### **Objetivos principais:**

- Realizar um diagnóstico da cobertura vegetal e focos de degradação nas margens do ribeirão Piracicamirim e seus formadores: ribeirão Campestre e córrego Saltinho
- Elaborar de forma participativa uma Agenda 21 local, como projeto piloto para conscientização e ação por parte da comunidade;
- Elaborar um projeto de recomposição das margens do ribeirão Piracicamirim e entrar com um pedido de autorização junto aos órgãos competentes.

### **Objetivos Específicos Da Caracterização Botânica**

- Obter a descrição qualitativa, quantitativa e representação cartográfica da cobertura vegetal nas margens dos cursos d'água que integram a bacia do ribeirão Piracicamirim.
- Mapear os remanescentes florestais situados às margens dos cursos d'água que integram a bacia do ribeirão Piracicamirim e classificá-los ao tipo de formação florestal e grau de perturbação.
- Conhecer a composição florística e estrutura fitossociológica dos remanescentes florestais situados nas áreas de preservação permanente da bacia do Piracicamirim.
- Identificar focos de degradação nas margens dos cursos d'água que compõe o ribeirão Piracicamirim.
- Eleger remanescentes prioritários para conservação e áreas prioritárias para restauração



### Objetivos Gerais da Elaboração Participativa da Agenda 21

- Subsidiar o desenvolvimento de métodos e técnicas voltados à participação popular na recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente e qualidade de vida;
- Contribuir para a formação de uma comunidade consciente das necessidades de conservação do ambiente e que descubra suas próprias formas de atuar para garantir a melhoria da qualidade de vida.
- Incentivar formas cooperativas, autônomas e planejadas de atuação;
- Elaborar uma Agenda 21 do Jardim Oriente;
- Favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais pró-ativas nos participantes, através de vivências e jogos;
- Estimular e facilitar o envolvimento dos moradores da área, especialmente da escola local, nas atividades de diagnóstico da vegetação da região.

Diagnóstico fitossociológico, envolvendo os jovens da comunidade.

Coordenado por : Luiz Vicente B. Buffo e

Educação Ambiental e elaboração de Agenda 21 do loteamento.

Coordenada por: Flávia Rossi de Moraes e Isis Akemi Morimoto e Ana Paula Coati

Estagiária: Milene Navarro

Trabalhos já desenvolvidos:

Simone Guimarães : capacitação para professores da escola Thales Castanho de Andrade e análise qualidade da água e construção de maquete do ribeirão e entorno com os alunos da escola citada.

Flávia: Apoio ao Jornal comunitário do bairro, realizando oficinas de jornalismo, juntamente com uma equipe da Unimep e a elaboração projeto para angariar fundos para a continuação da existência do jornal .

**INSTITUIÇÃO PROPONENTE**

Laboratório de Política e Educação Ambiental – OCA, do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ da Universidade de São Paulo – USP.

**RESPONSÁVEL PELO PROJETO**

Prof. Dr. Marcos Sorrentino (Laboratório de Política e Educação Ambiental do Departamento de Ciências Florestais – LCF / ESALQ / USP)

DURAÇÃO Seis meses

CUSTO TOTAL R\$ 44.250,00

VALORES DOS RECURSOS SOLICITADOS R\$ 34.212,00

CONTRAPARTIDA DO PROPONENTE R\$ 10.038,00

**SUPERVISÃO**

A supervisão do projeto será feita pelo Prof. Dr. Marcos Sorrentino coordenador do Laboratório de Política e Educação Ambiental (OCA) do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo.

O monitoramento e avaliação do andamento dos trabalhos será através de relatórios das etapas de forma escrita e em reuniões que servirão para adequar o método proposto a realidade deste estudo. Os consultores deverão ter a capacidade de atuação, pesquisa e análise da situação ao mesmo tempo, propondo formas de ampliar este estudo de caso para outros bairros de Piracicaba.

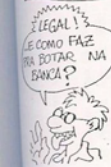
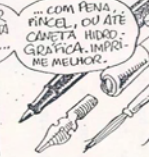
**DESCRIÇÃO GERAL**

O presente projeto pretende realizar um estudo das margens do ribeirão Piracicamirim, visando sua posterior recuperação e utilizando a Educação Ambiental junto aos moradores como instrumento de sensibilização e conscientização dos problemas ambientais, elaborando de forma participativa com a comunidade, uma Agenda 21 no loteamento Jardim Oriente.

# COMO PRODUZIR UM FANZINE

(por exemplo: de 8 páginas, e

209  
em peças  
oficinas  
de trabalho



Quem somos nós?

Somos um grupo de jovens do Projeto Água é Vida, nos reunimos toda semana e trabalhamos para conscientizar a comunidade da importância da natureza em nossa vida e sobre os problemas ambientais do nosso bairro e do ribeirão Piracicaminim. Queremos melhorar a qualidade de vida de todos, através da agenda 21 do pedaço!



Nós, de cima para baixo e da esquerda para a direita: Ricardo, Regina, Fernando, Jonattan, Vauderi, Erik, Ana, Milene, Ana Paula, Marcos, Misael, Flávia e Regiane.

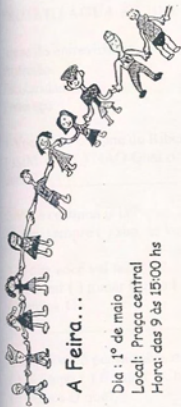
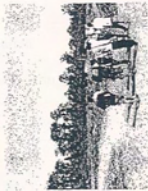
O que é a Agenda 21?

É uma lista feita pela comunidade dos compromissos necessários para resolver os problemas do bairro. A partir dela, todos podem agir juntos para resolver os problemas locais!

O primeiro passo é reunir a comunidade para dizer o que está ruim e como gostaria que fosse seu bairro. Então nada melhor do que fazer isso em uma grande festa que será a 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente.

#### VENHA PARTICIPAR!!!

Você pode ajudar nesta luta. Faça a sua parte! Assim faremos um mundo melhor.



## A Feira...

Dia: 1º de maio  
Local: Praça central  
Hora: das 9 às 15:00 hs

### Atividades:

☒ Oficinas de Fotografia, Teatro, etc

☒ Comidas

☒ Explicações sobre nosso trabalho e sobre agenda 21

☒ Inscrições para excursão pelo ribeirão Piracicaminim, interessados em participar do projeto e da elaboração da agenda 21 local

☒ Murais participativos

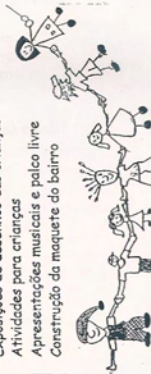
☒ Dinâmica do muro das lamentações e árvore dos sonhos (cada um fala o que está ruim e o que seria bom no bairro)

☒ Exposições de desenhos das crianças

☒ Atividades para crianças

☒ Apresentações musicais e palco livre

☒ Construção do maquete do bairro



## PROJETO ÁGUA É VIDA

Entrevistador:

Nome do entrevistado:

Data: / /

Profissão:

Nascimento:

Escolaridade:

Sexo:

Endereço:

1-Você sabe o nome do Ribeirão que passa próximo ao bairro, atrás da escola?

SIM  NÃO Qual o

nome? \_\_\_\_\_

2-Você costuma ir lá?

sim, sempre  sim, às vezes  Não, nunca

3-O que você vai fazer lá?

passear  tomar banho  olhar como está  pescar  Todas

outros O

quê? \_\_\_\_\_

4-O que você pensa sobre o ribeirão?

É limpo  É sujo  Cheira mal  Tem lixo

Outros O quê?

\_\_\_\_\_

5-O que você acha das árvores próximas ao ribeirão?

6-Você sabe de onde esse ribeirão vem e para onde ele vai? Explique:

7-Você acha que tem que mudar alguma coisa no ribeirão Piracicamirim, próximo ao bairro? O quê?

8-E no bairro? O que precisa mudar?

9-Você estaria disposto a ajudar? Como?

10-Você já morou próximo de outro ribeirão? Como ele era? Onde era? Qual o nome do ribeirão?

\_\_\_\_\_



Texto auxílio para o questionário:

Primeiro o entrevistador deve se apresentar, dizer que é morador do bairro e que está participando de um projeto da ESALQ chamado Água é Vida que irá desenvolver a agenda 21 do Bairro com a comunidade e fazer um reflorestamento da mata ciliar. E que gostaria de fazer algumas perguntas para o entrevistado sobre o ribeirão que passa atrás da escola. Perguntar se a pessoa concorda em participar, agradecer e começar a entrevista. Se ela não concordar naquele momento perguntar se pode voltar mais tarde para fazer a entrevista e se sim qual horário, se não agradeça e vá para a próxima.

Lembrar sempre de não corrigir as respostas das pessoas e colocá-las o mais completo possível no questionário. Além disso quando as perguntas forem de itens (como as perguntas 1, 2, 3 e 4) se os itens forem citados deve-se citar todos para não induzir a pessoa a alguma resposta. Procure se concentrar na entrevista, não pergunte coisas fora do questionário, mas se o entrevistado fizer algum comentário ou quiser falar de algo fora do tema do questionário não tem problema, converse um pouco e volte para as perguntas. É só ser educado.

Sobre a escolaridade deve se perguntar se o entrevistado estudou, se sim até que série e anotar tudo.

Na questão 04 "o que você pensa sobre o ribeirão" significa o que você acha dele, ou seja suas condições ambientais como estão na sua opinião (do entrevistado).

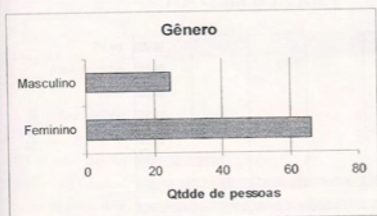
Logo após a pergunta 06 seria bom se o entrevistador desse uma pequena explicação sobre o ribeirão. Dizer que este é o Ribeirão Piracicamirim, que ele começa com nascentes em Rio das Pedras e Saltinho as quais se unem na região da Usina Santa Helena formando o ribeirão que passa aqui atrás da escola. O Jardim Oriente é o primeiro trecho urbano pelo qual o Piracicamirim passa que depois irá desaguar no rio Piracicaba dentro da ESALQ.

Na questão 08 queremos saber o que mudar no bairro em relação ao meio ambiente se a pessoa responder algo em relação a isso logo na primeira vez o entrevistador anota e pronto, se responder alguma outra coisa que não seja em relação as condições ambientais ele deve anotar e depois perguntar e em relação ao meio ambiente e anotar essa segunda resposta também.

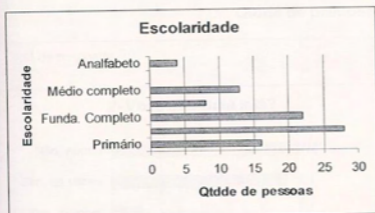
Na pergunta 09 se perguntarem como será feita essa ajuda a resposta é: a ajuda da comunidade no projeto será com participações em mutirões de limpeza, plantio de mudas, palestras, reuniões para elaboração de agenda 21 etc, nada obrigatório ou que ocupe muito tempo. Se a pessoa responder que não pode ajudar pergunte porque não e anote o motivo da recusa.

Finalmente o entrevistador agradece o entrevistado e diz que retornará com notícias sobre os próximos trabalhos do projeto e sobre a ajuda da comunidade.

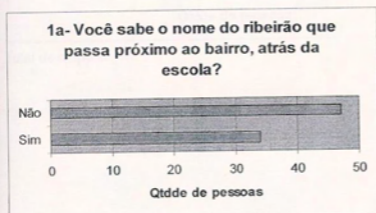
Tabulação final do questionário



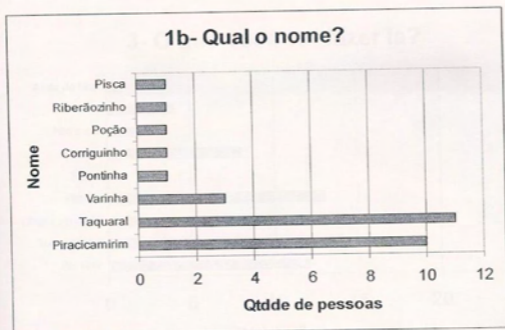
Total de respostas 91



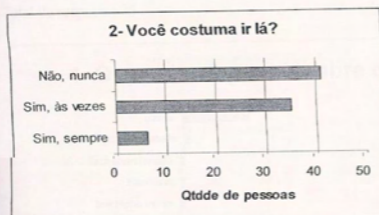
Total de respostas 91



Total de respostas 81



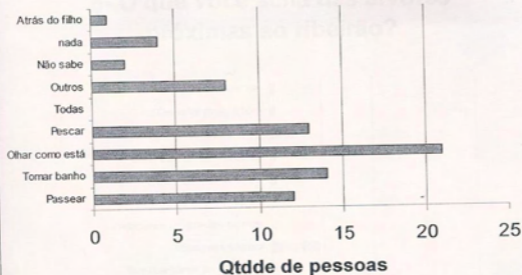
Total de respostas 29



Total de respostas 82

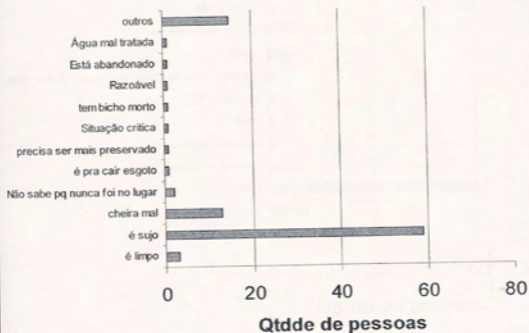


### 3- O que você vai fazer lá?



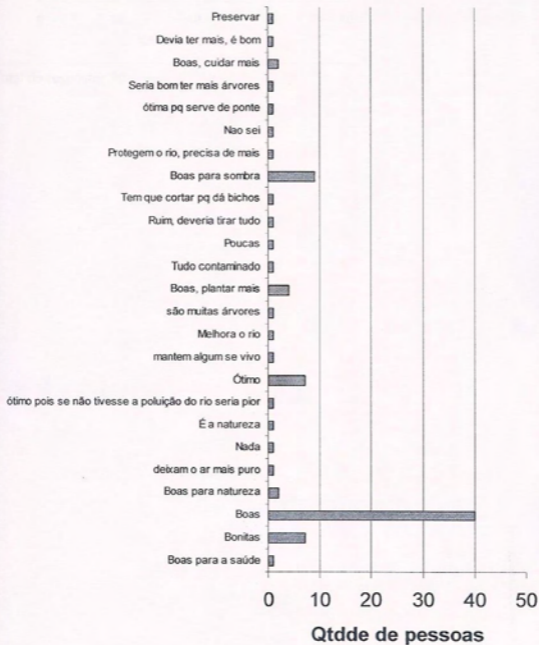
Total de respostas 75

### 4- O que você pensa sobre o ribeirão?

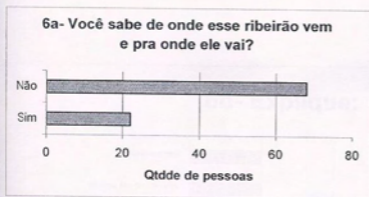


Total de respostas 99

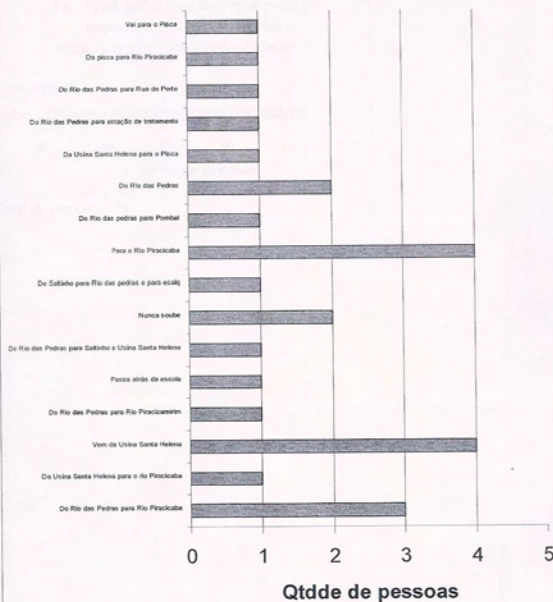
### 5- O que você acha das árvores próximas ao ribeirão?



Total de respostas 89

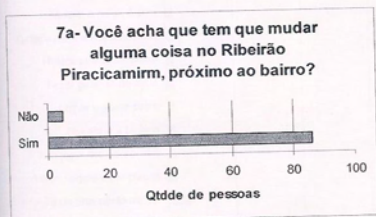


Total de respostas 90

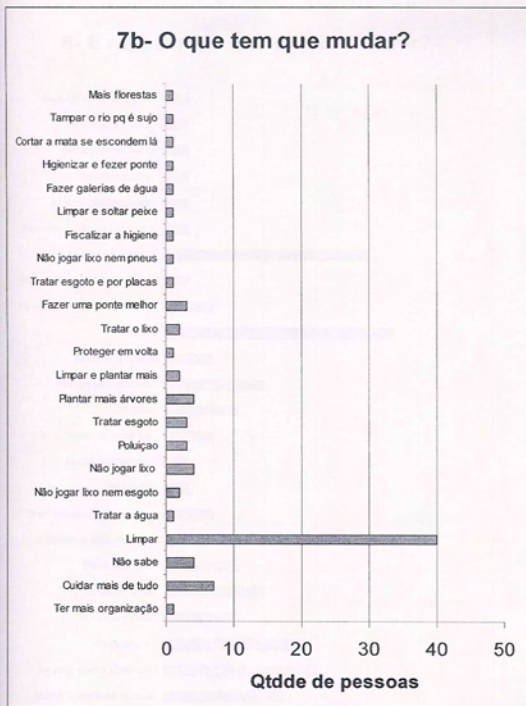
**6b- Explique:**

7b- O que tem que mudar?

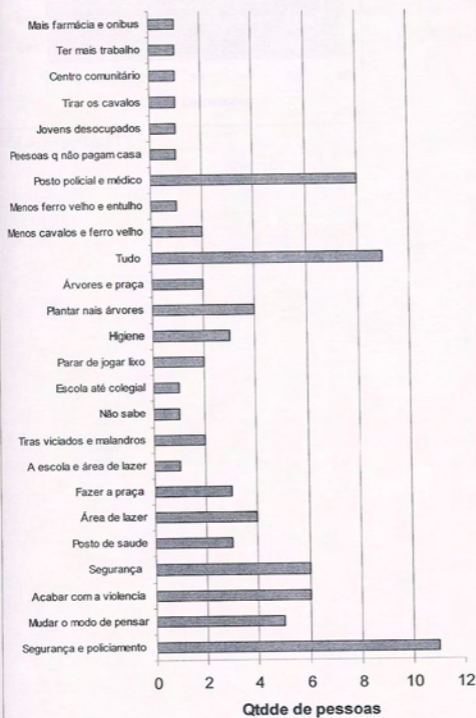
Total de respostas 26

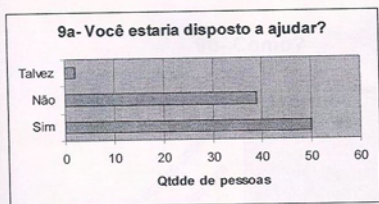


Total de respostas 91



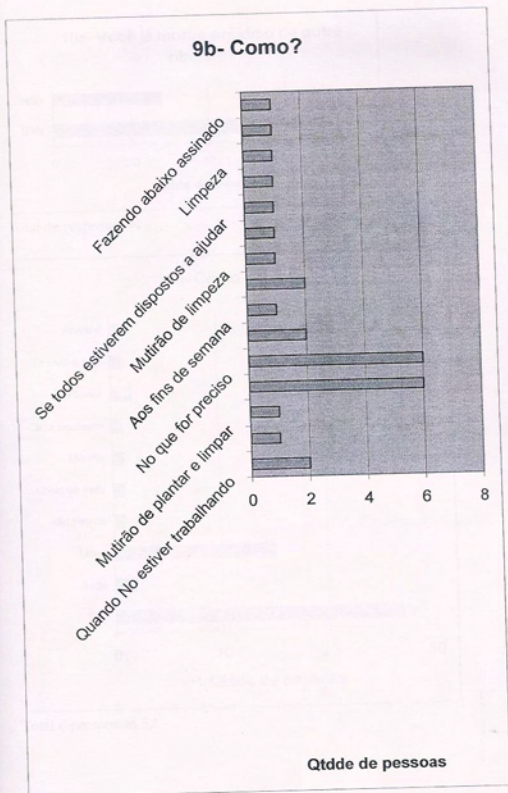
Total de respostas 86

**8- E no bairro, o que precisa mudar?**

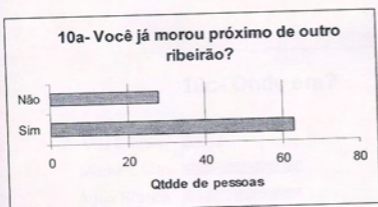


Total de respostas 91

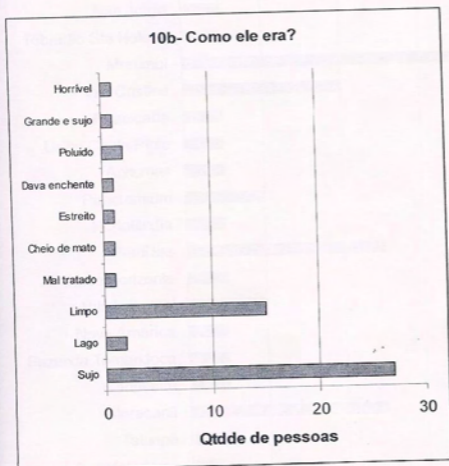




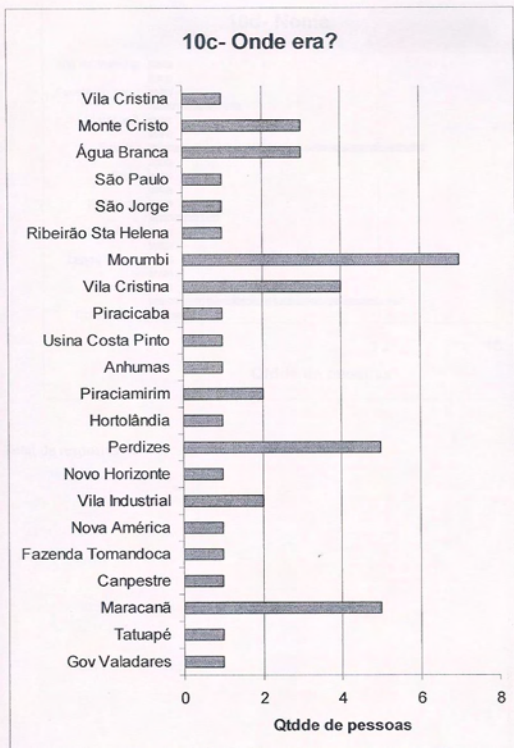
Total de respostas 28



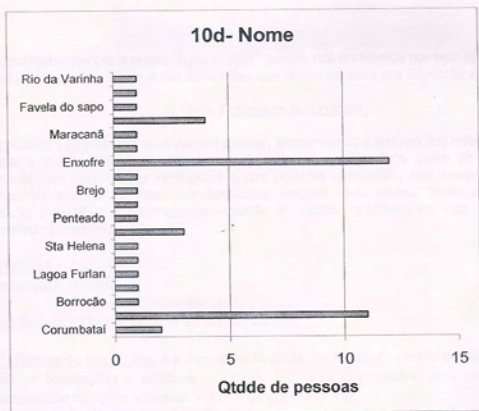
Total de respostas 91



Total de respostas 52



Total de pessoas 45



Total de respostas 46

Em nosso trabalho com o grupo "Água é Vida" sempre nos norteamos por essa compreensão estendida do que é ecologia e das dimensões que podemos atuar em Educação Ambiental

### As Cinco Dimensões da Ecologia:

Este conceito se baseia em uma viagem interior, aonde vamos à procura dos referenciais sobre ecologia e meio ambiente, que cada um de nós traz consigo. Este ponto de vista está na vanguarda dos movimentos ecológicos e das políticas ambientais, sua compreensão é de fundamental importância para nos tornarmos pessoas mais felizes, tendo como meta a realização pessoal e o conseqüente estado de melhor qualidade de vida pessoal e da comunidade planetária.

#### ECOLOGIA

oikos (grego) + logia

casa estudo, conhecimento

habitat (latim) = "Lugar de vida de um organismo"

- 5ª. Dimensão Ecológica: é a dimensão Política – a forma de gestão de espaço comum, são as legislações e políticas públicas; Esforços dispensados para conscientizar e racionalizar as ações humanas sobre a quarta dimensão.
- 4ª. Dimensão Ecológica: As relações entre os Seres Animados e Inanimados. Esta dimensão irá tratar das relações dos indivíduos em geral, a natureza e o ambiente construído pelo próprio homem. Nesta dimensão se encontra a noção de ecologia que aprendemos na escola, todos os seres animados e inanimados estão incluídos, mas também estão presentes os produtos das ações antrópicas, objetos de consumo e seus derivados, o lixo, a poluição, etc.
- 3ª. Dimensão Ecológica: Relação do Ser Humano com os outros indivíduos. É dentro desta instância que incluímos os relacionamentos interpessoais e transpessoais, Os relacionamentos afetivo-amorosos e familiares. As intenções, os pensamentos. A cultura a ética.
- 2ª. Dimensão Ecológica: Nosso Corpo Físico, aquele que contém a nossa vida. Cabe a essa dimensão o estudo da preservação e conservação desta casa. A necessidade de cuidar da nossa saúde pessoal, da alimentação, da respiração. É através do nosso corpo que percebemos o mundo que está a nossa volta e nos relacionamos com ele.
- 1ª. Dimensão Ecológica: O menor habitat do homem é sua casa interior. Seria o ponto mais próximo da essência do ser humano. A porta para o Ser.

•Bibliografia consultada:

•Sorrentino, Marcos; Educação Ambiental : avaliação e experiências recentes e perspectivas.

•Aurélio Buarque de Holanda Ferreira "Novo Dicionário da Língua Portuguesa" Editora Nova Fronteira

As atas serão transcritas a seguir –

Primeiramente estarão aqui transcritas as pautas para os primeiros encontros.

#### **Pauta do Primeiro encontro com os jovens do Jardim Oriente**

Dia: 05 de Agosto de 2002

Apresentação:

-Cada um se apresenta.

-Somos do laboratório temos um projeto e pretendemos envolvê-los nele.

-Seu tema é Agenda 21 (contexto com a Rio 92). Mas sua aprovação depende da burocracia das instituições envolvidas como a ESALQ, a USP e a Fehidro.

-Pedir a opinião de todos para que pudéssemos continuar o trabalho.

-Gostaríamos de conhecê-los melhor e por isso seria interessante se cada um fizesse um desenho do seu primeiro contato com a natureza.

-Então cada um faz o desenho e fala um pouco sobre ele em roda.

-Fazer as seguintes perguntas:

Quais são suas expectativas??

O que entenderam por agenda 21??

#### **Pauta para o segundo encontro com o grupo de jovens do Jardim Oriente**

Data: 19 de Agosto de 2002

9:00 às 9:20

Lanche

9:30 às 9:50

Informes sobre como está o projeto, se a bolsa vai acontecer, quantas serão e como será, sobre a saída de campo, o que é e quando vai ser.

Mostrar os mapas para localizarem o loteamento e suas casas.

9:50 às 10:30

Fazer colagens sobre o bairro, livremente, não apontaremos temas, o que colocar etc.

10:30 às 11:00

Pedir para explicarem que contribuição deram à colagem coletiva e porque.

11:00 às 11:20

Resgatar os desenhos do primeiro contato com a natureza e perguntar se no bairro existe esse tipo de contato.

Perguntar como eles gostariam que a natureza estivesse presente no bairro.

11:20 às 11:30

Vídeo e encerramento.



**Planejamento do encontro com os jovens do Jardim Oriente**

para dia 04 de Setembro:

08:00 às 08:30

Lanche e filme

08:30 às 09:30

Discussão do cartaz:

Mostrar o rio e falar da importância da mata ciliar, do turismo ecológico, pesca, metais pesados.

Mostrar a escola, a creche, a horta, o jardim em volta (valorizar mais o coletivo, o voluntariado).

Discutir a importância e o uso do centro comunitário.

Casas melhores e mais arborização, vegetação e horta.

Praça com brinquedos, mostrar o mapa e discutir o projeto, pensar o que se quer.

Onde eles gostariam de colocar o campo de futebol??

Falar sobre a calçada coletiva e a importância dela para não impermeabilizar o solo e de como a sua realização seria útil para treinamento do diagnóstico sócio ambiental

08:30 às 09:40

Informes sobre a agenda 21 do bairro e fazer um link com o jornal que pretendemos fazer.

09:40 às 11:00

Elaboração conjunta de um questionário que sirva para explicar a idéia de que seria bom para infiltrar a água da chuva.

Perguntar se eles concordam.

Falar da Importância da pesquisa com os outros moradores e das entrevistas.

O que é preciso fazer?

- Planejar o que queremos fazer
- Elaborar as perguntas do questionário
- Fazer uma dramatização, treinar entre nós
- Aplicar um piloto
- Rediscutir o questionário
- Aplicar o definitivo

Inicialmente ele seria feito em cerca de 100 casas como um teste, com perguntas sobre a calçada.

Finalizar com uma divisão de tarefas (quem entrevistará cada casa).

11:00

Combinar de irmos conhecer a trilha já existente com alguém que a conheça, marcar o próximo encontro para dia 24/09 e comunicar que nesse encontro será realizado um passeio pela trilha.

**Ata Primeiro encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 05 de Agosto de 2002

Estavam presentes: Vanessa (estagiária da assistência social/Totó), Totó (assistente social do bairro), Jussara, Camila, Ismael, Marcos, Willian, Erik, Ana Paula, Kátia, Regina, Gisleine, Solange, Elisabete e Zefa (todos estes fizeram o curso anterior com o Renato), Valdenir (os colegas que chamaram ele para vir), Joice e Catarina (não fizeram o primeiro curso).

Um dos jovens perguntou se tem limite de idade para participar do grupo.

A Valéria falou do Pisca e sobre o que é uma bacia hidrográfica. E o grupo começou a explicação de alguns conceitos, como a importância do Jardim Oriente por ser a primeira parte urbana pela qual o ribeirão Piracicamirim passa, a concepção de que meio ambiente também é o bairro em que vivemos, de que a água não está boa por causa de um desequilíbrio na natureza, a importância de se trabalhar com o social, o que é Agenda 21 (eles nunca ouviram falar sobre isso) e a importância de cada um fazer sua parte pois nós reclamamos do governo mas também não agimos para mudar.

Em seguida passamos para explicações de como serão os trabalhos que faremos com eles, para a Agenda 21 o primeiro objetivo é mudar o rio e o primeiro passo é ver o que está precisando mudar, o que queremos e como realizaremos isso (agenda de compromissos), após isso faremos um plano de como recuperar o rio e nessa parte iremos ensinar os jovens a recuperá-lo.

Outro assunto abordado foi o da bolsa de auxílio e ficou resolvido que para que esse trabalho seja levado a sério e também porque sabemos da necessidade iremos tentar conseguir uma bolsa auxílio para cada um, lembrando que o projeto é de seis meses.

Lembramos que vamos fazer um dia de campo pela bacia do Pisca mas antes iremos nos reunir para conversarmos sobre meio ambiente e que ao final do projeto daremos um certificado a todos pela participação nos cursos e trabalhos do projeto.

Ao perguntarmos a opinião deles as respostas foram: Erik quer saber mais sobre ecologia independente da bolsa, o certificado é importante pois é bom ter qualificação ambiental no currículo e eles querem conhecer mais sobre meio ambiente, ecologia e fazer uma trilha.

Marcamos uma nova reunião para 19 de agosto às 09:00.

Opinião da Flávia: Empolgar e bater palmas para nós.

CONVERSA COM TOTÓ:



Ele disse que o projeto do Jovem cidadão tinha o papel de integrar a comunidade. Mas arranjar voluntários está difícil. Há uma idéia de fazer uma horta domiciliar com estufa de mudas de hortaliças ao lado do centro comunitário, então se o primeiro grupo se especializar em hortaliças poderá suprir uma parte da merenda. Há também um projeto de uma agenda de empregos.

### **Ata Segundo encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 19 de Agosto de 2002

Estavam presentes: Milene, Isis e Flávia.

Compareceram 14 jovens do bairro: Joice Francine de Campos, Camila Sampaio, Jussara Maria Campos Ferraz, Patrícia de Lara, Nadileia da C. Pereira de Souza, Misael G. de Freitas, Cecília Anikelly O. Conceição, Vauderi Gonçalves de Freitas, Marcos José Lopes, Ricardo B. dos Santos, Elvis Helbert Oliveira da Conceição, Erik Henrique de Freitas e Elizabete dos S. Oliveira.

Primeiramente houve um lanche, o grupo assistiu a um vídeo de 10 minutos sobre a importância da água, foi feita uma pequena discussão sobre o filme e foram passados alguns informes sobre as bolsas e o projeto.

Em seguida foi mostrado um mapa do bairro e cada um localizou e coloriu sua casa. Neste momento Totó informou sobre o projeto das calçadas cimentadas igualmente, com espaço para grama e para árvores, e sugeriu que o grupo começasse o trabalho com a realização dessa calçada.

Então teve início um trabalho de representar o bairro em colagens e desenhos em cartolinas, esta atividade teve grande empenho dos participantes que colocaram em sua maioria o que gostariam que tivesse no bairro, como creches, praça com brinquedos, centro comunitário, um bom campo de futebol, policiais, calçada cimentada, horta, flores, árvores, rio limpo e até mesmo uma indústria.

Esta atividade foi muito interessante para o início da agenda 21 do bairro porque gerou um ótimo produto para discussão e início do trabalho de planejamento de acordo com o que seus moradores desejam.

Finalmente foi marcado um próximo encontro para o dia 04 de setembro no qual daremos continuidade ao trabalho desta segunda reunião com a discussão sobre a colagem e faremos um dia de campo para visitar a bacia do Pisca.

### **Ata Terceiro encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

**Data: 04 de setembro de 2002**

Primeiramente assistimos a um filme sobre Agenda 21 e foi lançada a pergunta: "O que você achou mais legal no filme sobre Agenda 21?"

Nas respostas percebemos que os seguintes temas foram levantados:

- Concentração de renda;
- Miséria das crianças, sugeriram que precisamos acabar com as crianças pobres da África;
- Potencial brasileiro;
- Iniciativas, estão começando a ocorrer mudanças;
- Brasileiros precisam começar a exercer sua cidadania (saber os seus direitos);
- Desmatamento e poluição do ar;
- Alca;
- Amazônia
- Devemos investir mais nas pessoas;
- Cada um deve fazer sua parte (Ricardo);
- Conscientização deve aumentar;
- Sentimento de revolta quando alguém corta uma árvore (Willian);

OBS: Ricardo, Erik e Willian fazem parte da comissão de orçamento participativo

Então foi sugerido que fizessem uma entrevista com os moradores e as perguntas que conseguimos formular foram:

- O que uma árvore na frente da sua casa pode trazer de bom?
- O que você acha de uma calçada coletiva?

Fizeram uma representação simulando uma entrevista.

Foram dadas explicações para eventuais dúvidas dos moradores como:

O que é um lençol freático?

Explicar que uma calçada totalmente cimentada deixaria o solo impermeabilizado e a água não teria para onde ir e esse seria um dos motivos de enchentes.

Quem vai dar a muda da árvore para eu plantar na frente da minha casa?

Explicar que primeiro verificarão se há interesse por parte dos moradores de plantar a muda, se houver as mudas serão conseguidas por alguma instituição.

Foi sugerido que terminassem a entrevista dizendo que cada um já poderia ajudar falando com seus vizinhos sobre o assunto e chegando a algum consenso.

Foi então lembrado para não esquecerem de anotar todas as respostas, o número de cada casa e o nome do entrevistado.

Ata Quarto encontro com os Jovens do Jardim Oriente

**Data: 26 de Setembro de 2002**

Estavam presentes: Milene, Flávia, Val, Isis, Vauderi, Marcos, Willian e Elvis

Na hora combinada ainda não havia chegado ninguém, então a Milene e a Flávia foram até a casa do Erik, ele disse que não poderia ir hoje, mas disse que tinha gente interessada em ir, então fomos até a casa do William e no caminho encontramos o Elvis, a Léa, o Marcos e o Vauderi até encontrarmos o William. A Léa também não pôde ir mas os outros foram.

Por fim fomos todos até a ribeirão, Valéria, Milene, Isis, Flávia, William, Elvis, Marcos e Vauderi. Lá, sentados na beira do rio conversamos sobre a pesquisa.

Sobre a entrevista que eles fizeram:

-20 pessoas foram entrevistadas, algumas não queriam a árvore na porta por que poderia acumular barro na entrada, na porta.

-25% querem autonomia, ou seja cada um quer fazer do seu jeito.

-75% disse que a árvore seria bom porque traria sombra

Houve uma falta de empenho para realização da pesquisa. Mas talvez tenha sido difícil fazer a pesquisa com tanto improviso, da próxima vez vamos trabalhar e desenvolver mais o assunto antes de manda-los para fazer uma pesquisa.

A Valéria deu a idéia de fazermos um crachá. Seria bom também que nós déssemos a eles um sentido para pesquisa, um incentivo para que eles falassem mais e participassem mais.

O William disse que se sente revoltado com o descaso dos que não se importavam com as necessidades de mudança no rio. Ele é o que se expressa mais.

**Informamos sobre a Semana do Pisca e convidamos os para comparecerem, nós avisaremos quando chegar mais próximo da data.**

Então ainda na beira do rio iniciamos a medição da qualidade da água. A Isis ensinou como coletar a água e a Val falou sobre o kit de medição que ela e a Isis ganharam em um curso sobre recursos hídricos, ele não é exato mas conseguimos ter uma boa idéia de como está o rio através dele.

William começou a ler as instruções para fazer o teste, coletamos a água. Primeiro medimos a temperatura, explicamos que ela influencia em todos os outros fatores e a seguir medimos os outros itens, os resultados foram :

- Temperatura: 27C / - Turbidez: 50 (é a menor que temos) / - Oxigênio dissolvido: de 8 a 9 mg/l ( esse é um valor bom) / - Ph: 8 (bom) / - Amônia: menos que 0,5 / Ferro: menos que 0,25 / - Cloro: menos que 0,1 / - Dureza: 150ppm.

Lembrando que para todos os dados anotamos a hora que foram coletados porque isso é importante para avaliar o que significa o valor coletado.

#### Avaliação:

Vauderi: Achou bom, aprendeu bastante e viu como é importante não jogar lixo. Marcos acharia legal se diminuíssemos as distancias entre as reuniões. William achou bom e disse que gostaria de poder fazer algo como conscientização. Elvis disse que foi uma tarde bem aproveitada. Marcos: Achou mais importante o teste. Como é importante não jogar lixo.

William: Sempre acha bom, queria poder fazer alguma coisa, chamar as pessoas para fazer conscientização com o bairro todo. Elvis: Foi uma tarde bem aproveitada, melhor que ficar deitado. O tempo entre uma reunião e outra está grande.

**Ata Quinto encontro com os jovens do Jardim Oriente**

Data 17 de outubro de 2002

Estavam presentes Elvis, Erik, Marcos, Willian, Regina, Cecília, Vaulderi, Robson, Misael, Flávia, Isis e Milene.

Não conseguimos lugar para fazer o encontro pois todo espaço da igreja estava ocupado. Então fomos para a beira do rio e fizemos algumas discussões ali mesmo.

Após esse momento, para aprimorar a percepção e fazê-los observar mais o rio e sua mata ciliar, fizemos uma dinâmica de fotografia na qual uma pessoa guiava uma outra que ficava com os olhos fechados até que a primeira a mandasse abrir os olhos, ela ia então gravar essa cena na memória e depois desenhá-la.

**Ata Sexto encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 24 de outubro de 2002

Presentes: Jonattan, Ademir, Vaulderi, Marcos, Gisleine, Elvis, Regina, Nadiléia, Misael, Kelly Conceição, Flávia, Milene e Isis.

Vaulderi sugeriu fazermos uma letra de música para o grupo, disse que Marcos toca violão.

Milene deu os informes sobre a semana do pesca. Iremos dia 07 de novembro às 11:30 para a ESALQ.

Demos alguns minutos para eles pensarem em um nome para o projeto e as idéias que surgiram foram:

- Nação Pesca / - Grupo Jardim Oriente / - Jovens do Jardim Oriente / - Projeto Preservação da Natureza / - Jovem em busca de preservar a natureza / - Grupo unidos em um só objetivo / - Projeto resgatando o meio ambiente / - Projeto águas vivas / - Projeto jovens da natureza / - Jovens descobrindo amor na natureza / - Responsabilidade jovem / - Jovens reunidos preservando o meio ambiente / - Responsáveis pela natureza / - Projeto viva melhor / - Projeto água é vida.

Então fizemos uma votação para saber qual eles gostaram mais e ficou resolvido que o nome do grupo será "Projeto Água é Vida".

Demos alguns minutos para pensarem em um logo para o grupo, Misael ficou de melhorar a idéia que todos gostaram mais.

Fizemos um relaxamento rápido como primeira atividade corporal com eles. Ademir não quis participar.

Elaboramos um questionário que será impresso por nós para ser aplicado com os moradores pelos jovens. As perguntas escolhidas foram:

1-Você sabe o nome do Ribeirão?

2-Você costuma ir lá?

- a-sim sempre
- b- sim às vezes
- c-Não nunca

3-O que você vai fazer lá?

- a- passear
- b- tomar banho
- c- olhar como está
- d- pescar

4-O que você acha das árvores próximas ao ribeirão?

5-Você sabe de onde esse ribeirão vem e para onde ele vai?

6-O que você pensa sobre o ribeirão/

- a- limpo
- b- sujo
- c- cheira mal

7-Você já morou próximo de outro ribeirão, como ele era?

8-Você acha que tem que mudar alguma coisa?

9-Você estaria disposto a ajudar?

10-O que você acha das árvores próximas ao ribeirão?

#### Avaliação:

Misael: gostou do nome e do relaxamento.

Léia: idem

Misael.

Jonattan: sugeriu uma atividade no início para eles conhecerem melhor a personalidade do grupo.

#### **Ata Sétimo encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 07 de novembro de 2002

Estavam presentes: Milene, Willian, Erik, Lea, Jonatan, Marcos, Vauderi, Flávia e Ana.

A Flávia e a Ana foram busca-los às 11:00 da manhã para trazê-los para a ESALQ para participar da "Semana do Pisca". Chegando na escola almoçamos no restaurante universitário, depois assistimos a apresentações artísticas de música e mostramos para eles os painéis dos trabalhos que estão sendo feitos na bacia, inclusive o nosso.



Fomos fazer uma trilha para a cachoeira da ESALQ, todos acharam legal, reclamaram da sujeira e do fato de o próprio compus estar poluindo o rio. Alguns ainda não a conheciam.

Voltando para o cv a Vauderi fez um desenho, o Marcos tocou um pouco de violão e o Willian participou da oficina de pão e depois foi fazer a trilha da cachoeira novamente com as crianças

Foram embora por volta das 16:00hs com a Flávia e a Ana.

### **Ata Oitavo encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

**Data: 21 de novembro de 2002**

**Estavam presentes Isis, Milene, Flávia Valderi, Marcos, Willian, Fabiano e Jonattan.**

Começamos com os informes, primeiro que o dinheiro do projeto finalmente foi liberado e nós poderemos começar a dar as bolsas para eles, os 05 presentes já assumiram prontamente o compromisso de nos acompanhar no trabalho e prometeram falar com os outros frequentadores mais assíduos do grupo para fechar quais serão os verdadeiros participantes. Então Isis falou de sua saída do grupo, o desapontamento foi grande, mas avisamos que uma nova participante, a Ana, entrará no lugar dela.

Então fizemos uma avaliação de como foi a II Semana do Pisca, Willian gostou, adorou a oficina de pão, se indignou com a poluição do rio na visita à cachoeira, principalmente por que é o próprio Campus que polui. Jonattan disse que nunca tinha ido lá na cachoeira e por isso adorou, mas acha que ela vai ficar bem mais bonita limpa. Valderi gostou de tudo. Marcos achou uma ótima alternativa de lazer unindo com aprendizado e por isso também adorou.

Marcos e Valderi tocaram e cantaram uma música que eles mesmos fizeram com o tema do projeto e pediram nossa ajuda para melhorar e aumentar a música. O assunto ficou em aberto e decidimos que quando a musica estiver mais desenvolvida vamos transforma-la no hino do projeto.

Então passamos para o tema central da reunião e que levou mais tempo de discussão que foi o questionário de percepção que será aplicado por eles aos moradores do bairro. Fizemos uma dramatização com o questionário que nós tínhamos e o Jonattan entrevistou o Willian, o Marcos entrevistou o Fabiano e o Valderi entrevistou a Milene. Enquanto iam fazendo a dramatização a Isis, a Milene e a Flávia ajudavam com as correções, tanto do que eles estavam fazendo de errado durante a entrevista, quanto os erros do próprio questionário, deste modo conseguimos aprimorá-lo um pouco mais e combinamos de na próxima reunião levarmos um questionário piloto e um texto de

auxílio para os próprios entrevistadores, para que eles possam se guiar durante a entrevista e não induzir respostas, dar explicações errôneas, etc. .

#### Avaliação

Marcos disse que gostou da dramatização. Valderi disse que melhor estraga. Willian gostou da música e da entrevista. Jonattan gostou da entrevista e acha que da segunda vez vai ser melhor e também acha que precisamos elaborar melhor a música. Fabiano gostou do questionário. Isis não gostou de estar saindo, de ter vindo pouca gente e de ter começado atrasado a reunião. Milene não gostou da Isis sair mas achou legal saber que o projeto vai acontecer. Flávia gostou.

O último assunto foi o informe de que o novo questionário e o texto auxílio estão sendo feitos.

#### **Ata Nono encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 28/11/2002

Estavam presentes Ana, Flávia, Milene, Valderi, Fabiano, Jonattan, Willian e Erik.

A Flávia iniciou apresentando o crachá, foram sugeridas algumas mudanças e no próximo encontro levaremos outros modelos. Então ela explicou que quando disse no outro encontro que agora com a bolsa é pra valer, ela não quis dizer que antes não valia e sim que agora temos que firmar alguns compromissos, ela espera que o pessoal não tenha ficado chateado com isso e desanimado.

Erik disse que acha bom colocarmos algumas regras.

A Ana se apresentou e pediu para todos se apresentarem, depois de todos apresentados fizemos um relaxamento com bexiga e massagem.

Começamos então uma atividade de listar e definir o que temos e devemos fazer no projeto e o que não podemos e não devemos fazer.

A lista foi a seguinte:

#### Devemos ter/fazer

- Transparência na relação;
- Respeitar a si mesmo e aos outros, entender as diferenças entre as pessoas;
- Não ter medo de errar;
- Limpar o que está sujo (dar exemplo);
- Ter autocrítica;
- Trocar idéias, para chegar a consensos;
- Se sentir parte de um grupo;
- Cumprir tarefas.

#### Não devemos ter/fazer

- Não suar o ambiente (não dar mau exemplo);
- Não brigar, discutir com violência;
- Não atrasar mais que 10 minutos;
- Não faltar sem justificativa.

Deixamos duas tarefas para eles, cada um levou um questionário para casa, para fazer com alguém e depois nos trazer com anotações das dificuldades da entrevista e das respostas do entrevistados, e também para eles pensarem como relacionar uma oficina de pão com o meio ambiente para fazermos uma com eles pensando nesse tema. Fizemos uma atividade corporal para ativar a memória.

#### Avaliação:

Ana: adorou o grupo, os achou animados e participativos, ela acha que todos vão crescer nesse trabalho. / Willian: gostou muito, mas não pôde participar muito pois está com gripe. / Erik: gostou da Ana, espera que todos cresçam com o trabalho e que o grupo aumente. / Flávia: gostou de termos feito as atividades corporais porque antes ela tinha receio que o grupo não gostaria de fazê-las, mas ela percebeu que todos gostaram. Só não gostou de não ter ido todo mundo. / Valderi: gostou da nova parceira e acha o aquecimento legal para começarmos as atividades. / Jonattan: gostou da presença da Ana, não gostou da massagem. / Fabiano: achou tudo bom. / Milene: quer saber logo qual será a programação de trabalho.

#### **Ata do Décimo encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 05 de Dezembro de 2002

Estavam presentes: Marcos, Valderi, Jonatan, Regina, Fabiano, Erik, Ricardo, Gisleine, Ana, Milene e Flávia.

Willian teve que sair porque tinha marcado uma entrevista para emprego então, perguntamos para ele logo no começo como foi fazer o questionário, sua resposta foi de que não teve nenhuma dificuldade.

Iniciamos a reunião com um relaxamento. Distribuímos pranchetas e lápis que ficarão com eles para fazerem os questionários e anotações durante os encontros.

Em seguida resolvemos a questão do calendário, ficou certo que faremos encontros ainda nos dias 12 e 19 de Dezembro e depois retornaremos dia 09 ou 16 de Janeiro e, prometemos já começar pelas aulas que os engenheiros do levantamento florístico irão dar e também a oficina de fotografia da Flávia.

A Ana iniciou a dinâmica das velas, deu uma vela para cada um e enquanto acendíamos as velas uns dos outros ela ia lendo um texto sobre trabalho em grupo. Ela pediu para que prestássemos atenção no que isso significa em relação a nós mesmos e ao grupo porque ao acendermos a vela um do outro simbolicamente estamos acendendo a chama das pessoas, isso significa que devemos sempre estar atentos para animar quem não está empolgado com o trabalho do grupo e ajuda-lo nas suas dificuldades.

Flavia pediu para comentarem o que acharam da dinâmica: Ricardo achou bom pois é uma boa maneira de incentivarmos as pessoas a fazerem o que fazemos. Milene disse que o trabalho em grupo é um ótimo aprendizado porque é diferente do que as pessoas fazem, não é uma pessoa fazendo algo que trará benefícios para ela, mas sim todos fazendo algo que será bom para todos.



Então pedimos que o grupo fizesse um desenho em conjunto, sem tema definido apenas para eles perceberem como é o trabalho em grupo.

Após o desenho começamos a discussão sobre o questionário, dos que fizeram ninguém achou dificuldades. Erik perdeu o dele e não fez, o restante que não veio semana passada recebeu um novo questionário e o trará feito na semana que vem.

Ana perguntou o que eles gostariam de fazer, de aprender e as respostas foram:

- Marcos: fazer mais experiências como aquelas que fizemos com a água.

- Todos: Aprender a cuidar do meio ambiente, água plantas e animais.

- Valderi: Poderíamos colocar placas de conscientização sobre meio ambiente próximas do rio.

Ultimo informe: semana que vem traremos os questionários, o texto de apoio e os compromissos que firmamos no outro encontro.

Avaliação: - Cibraram a camiseta que não trouxemos ainda. Marcos gostou de tudo mas mais do desenho. Valderi também gostou de tudo e mais do desenho porque ele trabalha com a criatividade o que é bom para todos. Jonatan gostou de tudo, e disse também que gostaria de fazer mais atividades como a de encerramento da semana passada. Fabiano gostou de tudo mas não sabe pintar. Ricardo disse que parou de vir pois tinha que trabalhar mas agora vai voltar com certeza. Gisleine gostaria de mais brincadeiras e filmes. Regina achou bom, mas não fez muita coisa. Erik gostou mais do desenho e gostou da idéia de filmes e brincadeiras. Flávia gostou que hoje tem mais gente, pediu desculpas para o atraso e espera que todos voltem. Ana gostou bastante e achou bom que as meninas vieram mesmo que atrasadas, ela acha que o grupo é forte e que conseguiremos fazer bastante coisa boa, mas achou que hoje o grupo estava um pouco mais disperso. E a Milene gostou de tudo principalmente de termos fechado o grupo de 10 pessoas.

#### **Ata Décimo Primeiro encontro com os Jovens do Jardim Oriente**

Data: 12-12 2002

Estavam presentes Regina, Gisleine, Marcos, Valderi, Jonattan, Fabiano, Ricardo, Willian, Erik, Flávia, Ana, Milene, Farello e um novo integrante, Jéferson.

Primeiramente nos apresentamos. Em seguida Farello falou do levantamento que vai fazer com o Vicente na bacia toda e ofereceu que se algum dos jovens quiser participar será bem vindo, mas eles irão participar de qualquer forma pelo menos quando fizermos o levantamento da parte do Jardim Oriente.

Em seguida fizemos um relaxamento. Todos andaram com todos os lados do pé para massageá-lo.

Sobre os questionários:

Ricardinho fez a entrevista com um ex-morador da colônia taquaral que disse que o rio ficou poluído depois das casas. Flávia perguntou se eles acham que isso é verdade.

Houve divergências.

Erik falou do seu questionário.

Regina entrevistou sua cunhada.

Gisleine e Marcos também disseram que não tiveram dificuldades.

Após esse relatos escrevemos a música do Jardim Oriente na lousa e todos a copiaram e cantaram. A Flavia sugeriu aumentarmos música com mais sobre rio, água, etc, pensamos juntos e fizemos uma nova estrofe.

Cantamos a música novamente e depois cantaram a música do Jovem Cidadão.

Distribuimos a Cartilha da Agenda 21.

Começamos a leitura.

Willian leu "o que é agenda 21"

Explicamos um pouco como executar a Agenda, com o muro das lamentações, a árvore da esperança e a respeito de como devemos começar do local que vivemos para depois expandir.

Explicamos que o meio ambiente começa em nós mesmos, na nossa rua, nossa casa, na busca do equilíbrio, em nós e a nossa volta.

Retomamos o assunto do respeito e dos pacros, então falamos das relações com as pessoas, e eles acabaram contando um pouco da história do bairro, sobre como houve mão grande, que só forneceram material de terceira qualidade, que tem que pagar muito alto pela energia, que iam entregar com asfalto, cada um teve que construir sua casa ou pagar um pedreiro. Prometeram pouco mas não cumpriram nada.

Para a próxima reunião ficou combinado de cada um trazer alguma coisa para falar da história do bairro.

Agora passamos a discutir sobre o grupo e as bolsas:

Erik acha que devemos pagar integral para quem já está aqui faz tempo.

Mesmo que entre mais gente combinamos que não vamos mais dividir a bolsa.

Ana disse que estão assumindo um compromisso e eles tem que ter consciência disso porque mais pra frente vai aumentar o tempo de serviços e quem assumiu tem que se dedicar.

O grupo tem regras e eles mesmos fizeram as regras, portanto as decisões vão ser feitas por eles, inclusive sobre as bolsas, é tudo um exercício de grupo Ficou decidido fechar o grupo em 11 bolsas.

#### AVALIAÇÃO:

Jéferson quer continuar, gostou de conhecer o grupo.

Marcos gostou de termos definido em quantas pessoas ficou e gostou da música.

Valderi gostou da idéia de gravar a música e gostou da camiseta.

Regina gostou, disse que está aprendendo um pouco mais e quer aprender cada vez mais.

Erik achou essa a aula mais construtiva de todas.

Gisleine gostou de ter aprendido sobre agenda 21.

Fabiano gostou de ter resolvido sobre as bolsas.

Jonatan gostou da dinâmica e de ter entrado mais uma pessoa, "estávamos engatinhando e agora vamos começar a caminhar".

Willian gostou mais dessa reunião e gostou da camiseta.

Ana gosta muito daqui, acha bom continuarmos a fazer música, aprimorarmos mais a leitura e trazermos mais coisas para o dia a dia.

Milene gostou do que está aprendendo.

Farelco gostou e acha que tem que tocar pra frente, "não pode ir para casa e parar".

Flávia gostou de todos terem se expressado e deu boas vindas ao Jéferson, achou bom a camiseta pois com eles a usando vão apresentar o projeto para a comunidade e vamos conseguir envolver o bairro

#### Ata do décimo segundo encontro com os Jovens do Jardim Oriente

Data: 19-12-2002

Estavam presentes: Fareló, Totó, Uma, Valéria, Welligton, Flávia, Milene, Ana, Misael, Valderi, Marcos, Jefferson, Willian, Erik, Regina, Gisleine, Fabiano e Ricardo

Primeiramente fizemos um lanche e um relaxamento. Em seguida distribuimos um questionário para cada um novamente e um texto auxílio para lembrarmos como fazê-lo e fizemos uma breve explicação seguida de dramatização feita pelo Ricardo e pelo Jefferson que ainda não tinham feito. Distribuimos 10 questionários para que cada um os faça durante o período de recesso.

Passamos para a definição do calendário, ficou resolvido que retomaremos as atividades somente dia 16 de Janeiro de 2003.

Passamos para a discussão dos compromissos firmados em uma das reuniões anteriores, lemos em voz alta todos os compromissos e depois cada um pensou em um compromisso que faltava, o escreveu em uma fichinha e leu em voz alta explicando o porque da escolha.

Uma: devemos brincar enquanto podemos.

Ricardo: devemos ser solidários com o próximo.

Ana: devemos ter paixão pelo que se faz.

Ana: não devemos fazer poluição de qualquer tipo.

Fabiano: devemos expressar melhor nossas idéias.

Gisleine: devemos ter intervalo.

Regina: não devemos fumar.

Fabiano: devemos aceitar o que a maioria do grupo pensa.

Misael: não devemos fumar no projeto.

Valderi: não devemos brigar.

Marcos: não devemos usar drogas.

Jefferson: não devemos nos comparar com os outros.

Flávia: devemos aceitar ajuda e ajudar os outros.

Milene: devemos aprender com cada atividade.

Willian: devemos castigar quem chegar atrasado.

Em seguida ensaiamos a música do projeto e fizemos algumas adaptações.

Passamos para a história do bairro, Jefferson e Regina fizeram um resumo da história deles no Bairro. Regina leu o texto do Totó sobre como surgiu o Bairro, dói interessante pois junto a história dos moradores com a oficial.

Ricardinho também contou uma história, disse que morava próximo do Maracanã e via as máquinas afundarem o rio, mas mesmo assim as casas inundavam, principalmente as da favela próxima do local. Quando disseram que eles teriam que mudar por morarem

em área de risco muitos não quiseram pois suas casas lá eram melhores que as que eles iriam morar no ardim Oriente.

Gisleine e Regina disseram que já morreram 3 pessoas na parte do Rio próxima da Bairro.

Pedimos para cada uma escrever alguma história que lembrar sobre o bairro para o próximo encontro.

Ana fez a dinâmica da Potência de ação, explicou o que significa ter potência de ação e deixou como última atividade para as férias a tarefa de eles pensarem na resposta para a seguinte pergunta: "O que me potencializa?"

Avaliação:

Gisleine gostou bastante das leituras. Jefferson está gostando muito da oportunidade. Ricardo está aprendendo muito, desejou feliz natal e ano novo para todos e que voltemos com toda força para conscientizar. Regina está aprendendo bastante. Valderi gostou bastante mas acha que a musica deve ficar melhor. William achou a aula muito boa e disse que tudo que vem do meio ambiente o interessa. Fabiano está achando legal principalmente por estar aprendendo coisas diferentes. Erik está mais animado com o grupo, espera que nós continuemos com a potência máxima. Marcos gostou muito da aula, só não gostou do tempo que ficaremos sem nos ver. Flávia gostou de tudo menos da falta de concentração, acha que talvez o intervalo ajude a manter a concentração, está feliz por estar aqui. Ana adora estar aqui, achou ruim a falta de atenção de hoje e espera que voltemos com força total. Milene acha que estamos unidos mas faltou atenção, no geral está muito bom. Uma desejou feliz natal e feliz ano novo e achou muito legal as pessoas não mudarem de atitude se um amigo não aceitar.

Ata encontro com os jovens do Jardim Oriente

Data: 16/01/2003

Estavam presentes: Milene, Ana, Flávia, Valderi, Marcos, Ismael, Gisleine, Regina, Erik, William, Ana Paula e Fabiano.

Fabiano explicou que o Jonatan foi viajar e por isso não compareceu.

O Jéferson conseguiu um emprego e por isso terá que deixar de vir, mas sua esposa, a Ana Paula pediu para entrar no seu lugar e o grupo aceitou plenamente.

Então fizemos um relaxamento e passamos para os informes, entregamos os crachás e as pranchetas que faltavam.

Pedimos para que eles mesmos explicassem para a Ana Paula o que o grupo faz, Erik explicou que estamos lá pela recuperação da bacia e para fazer melhorias no bairro depois o Fabiano disse que faríamos isso trabalhando com Agenda 21 e explicou o que era.

Atas dos encontros no Jardim Oriente

28/05/2003



Presentes: Ricardo, Regiane, Fernanda, Vauderi, Jonatan, Ana Paula, Regina, Marcos, Misael, Flávia, Ana e Milene

Encontro: Fizemos o encontro na parte de fora da sala de costume, no salão, pois a sala que usamos sempre estava com muito cheiro de mofo e com coisas de um bazar montado lá dentro. A Ana e a Flávia aproveitaram e comentaram como é necessário que o grupo tenha um lugar bom para fazer os encontros.

Iniciamos com a atividade corporal (massagem) e fizemos o lanche, em seguida perguntamos se a Francisca viria para programarmos nossas atividades, mas ninguém soube responder.

Então perguntamos o que eles escreveram para colocar na página que ganhamos no jornal do bairro, mas ninguém escreveu, somente o Marcos leu o Jornal do bairro que a Francisca distribuiu no outro encontro e grifou o que achou interessante, então ele nos leu o que grifou.

A Flávia fez uma explicação sobre como escrever um texto, primeiro se decide sobre o que se quer falar e a ordem, depois se faz o texto, etc. Então passamos a conversar sobre como vamos querer nossa página no jornal e ficou decidido que ela terá os seguintes itens e nesta ordem:

- 1- A história do grupo
- 2- O que nós fizemos: Arborização, passeio, feira, encontros, agenda 21, etc
- 3- O que pretendemos fazer
- 4- Quais são nossos objetivos para o futuro
- 5- Dicas de meio ambiente
- 6- Contatos do grupo

Então cada um se responsabilizou em escrever uma parte e trazer no próximo encontro para unirmos tudo em um só texto e fazermos a página, nós iremos selecionar as fotos.

O Erik comentou que viu uma nova maneira de tratar a água, sem produtos químicos e sugeriu que poderíamos falar sobre água na palestra que ministraremos no seminário para Marrocos. Todos acharam legal mas não gerou muito interesse nem discussão

A próxima atividade foi a tabulação da árvore dos sonhos e do muro das lamentações da feira ambiental, o resultado final da tabulação foi:

é só recortar e colar.

Em seguida o Totó veio nos dar recados sobre cursos que serão dados no bairro para os moradores de artesanato, eletricista, etc, quem se interessar é só ir no escritório dele e se inscrever, lembrou também que sábado haverá eleição para associação do bairro e pediu para pensarem e analisarem em quem vão votar pois é importante, é parte do papel de cidadãos, escolher quem vai representá-los. Enfim avisou que o professor de educação física do EE tales está precisando de ajuda voluntária em atividades de Terça e Quarta a tarde, a Regiane e a Fernanda se ofereceram para ir ajudar.

O Marcos e o Misael precisaram sair, mais cedo, mas já fizeram a avaliação dizendo que hoje foi muito legal.

Então fizemos uma dinâmica para melhorar a desenvoltura, nela há um personagem e um perguntador, o personagem é coisas da natureza, o perguntador tem que perguntar quem ele é e o personagem responde enquanto representa. Fizemos a atividade até todos serem pelo menos uma vez perguntador e personagem.

Avaliação:



Ricardinho: Achou bom este teatro para trabalharmos o diálogo com as pessoas pois falta isso na gente, tudo foi muito bom.

Fernada: Gostou do encontro, achou legal o teatro, espera que façamos mais teatro.

Vauderi: Gostou principalmente de termos feitos coisas diferentes, é bom mudar um pouco

Jonatan: Chegou atrasado, pediu desculpas, e acha que temos que pensar na função de cada um no grupo e se conscientizar do que é importante cada um fazer e cumprir estas promessas, o teatro foi muito legal, precisamos disto.

Ana Paula: gostou do teatro, de termos feito a tabulação e que deu certo de fazermos o jornal.

Regina: Gostou muito, mas disse que temos que nos comprometer mesmo para estas coisas darem certo

Flávia: Acha que foi legal, fizemos bastante atividades mas é desgastante ficarmos chamando atenção o tempo todo, devemos levar as coisas mais a sério e dispersar menos.

Ana: Gostou, a gente vive falando que precisa se ater ao que estamos fazendo, pediu desculpas que hoje baixou a pressão dela e disse que o teatro esquentou a galera. Estava pensando formas de fazer o encontro continuar sendo legal, todos podiam pensar nisso.

Milene: Precisamos ir atrás de um lugar fixo, hoje foi muito produtivo, mas a dispersão não foi legal, temos que cumprir nossas tarefas.

04/06/2003

Presentes: Ana Paula, Regiane, Milene, Erik, Misael, Vauderi e Ricardinho

Encontro: Nos dividimos em grupos para escrever sobre os temas que faltam para o jornal que são: passeio pela bacia, o que é agenda 21 nossos encontros e trabalhos em campo. Decidimos juntos quais serão as dicas que colocaremos, são elas:

- Pedir para os moradores separarem o lixo pois podem trazer na igreja para reciclar, não precisa nem sair do bairro
- Pedir para todos molharem suas árvores, pelo menos as que foram plantadas recentemente pela prefeitura com a ajuda delas.
- Não usar muita água principalmente na época da seca
- Participar mais da vida social do bairro

Depois que todos escreveram os textos para o jornal eles foram recolhidos e serão digitados e compilados em apenas um texto.

Em seguida falamos um pouco sobre o que poderemos fazer no seminário para Marrocos, decidimos que faremos a dinâmica da árvore dos sonhos e do muro das lamentações com o público e depois perguntaremos para cada um o que eles podem fazer para contribuir com as realizações desses desejos e resolução dos problemas colocados.

Fizemos então duas dinâmicas, uma de representação nas qual cada um representava um ser da natureza e os outros tinham que adivinhar o que era, quem adivinhava era o próximo a representar e outra, sugerida pelo Marquinhos, nela uma pessoa sai da sala e as outras decidem quem será o mestre que comandará os movimentos do grupo, quando a pessoa que sair entrar tem que adivinhar que é o mestre dos movimentos, se adivinha essa pessoa é a próxima.



## ANEXO G - ATAS DOS ENCONTROS

Ainda discutimos mais sobre o seminário, que poderíamos levar umas 15 pessoas para dançar hiphop, o Ricardinho conseguiria os dançarinos, poderemos apresentar nossa música, fazer propaganda do nosso projeto e pedir a participação das pessoas que se interessaram em participar do projeto durante a feira, principalmente os jovens.

Avaliação:

Ana Paula: Gostou, achou legais as brincadeiras e que a Milene veio mesmo sozinha acha que deveríamos ter mais reuniões.

Regiane: Achou muito legal, acha que deveríamos ter mais brincadeiras.

Milene perguntou se eles poderiam responder o que mudou em cada um desde que começou a participar do projeto, Ricardinho respondeu que não nada mais no rio e fala para os outros não nadarem, pois sabe que está sujo e que a culpa disso é de nós mesmos, já que o rio é poluído pelos homens.

E perguntou também qual a importância de se preservar, as respostas obtidas foram que é importante preservar para poderem nadar, não pegarem doenças devido a poluição de água, para aumentar nossa qualidade de vida e auto estima.

Voltando a avaliação:

Erik: Achou hoje legal, não teve muita pauta mas todos escreveram sobre o grupo e analisaram um pouco o trabalho, entende falta da Flávia e da Ana e achou legal a Milene ter tido coragem de ir sozinha. Acha que o grupo todo tem que fazer o que se propõe e não fazer corpo mole.

Marquinhos: Achou bom, só de estar aqui já é bom, já é bem mais do que muita gente faz, mas tem muita gente conversando paralelamente

Misael: achou legal ter tido todo esse aprendizado sobre agenda 21, e hoje teve até debate sobre isso.

Vauderi: Achou legal ter tido debate e as brincadeiras, apesar de brincarem fora de hora

Ricardinho: Achou tudo muito bom.

18/06/2003

Presentes: Jonattan, Ricardinho, Fernanda, Regiane, Misael, Marcos, Vauderi, Erik, Milene, Ana e Flávia.

Encontro: Iniciamos com o lanche e demos os informes. Falamos da palestra dada em Jaú e que queremos que eles participem deste tipo de trabalho conosco, para divulgarem o que estão aprendendo e sobre a preparação do relatório final, nele irão todos os meses de trabalho do projeto.

Fizemos o aquecimento que foi coordenado pelo Vauderi.

Decidimos que nossos próximos passos para construção da Agenda 21 serão fazermos o encontro com a comunidade, escrever a continuidade e participar do seminário em Agosto.

Flávia e Ana pediram desculpas pela semana passada, souberam que não poderiam vir na última hora e não deu tempo de avisar todos, mas sugerimos que eles poderiam se encontrar sozinhos, como começaram a fazer antes, é uma maneira de estimular a autonomia.



## ANEXO G - ATAS DOS ENCONTROS

Poderíamos também fazer uma nova parte no encontro na qual levaríamos temas atuais para serem discutidos.

Em seguida fizemos uma dinâmica para conversarmos sobre os rumos do projeto e nosso papel dentro dele, a dinâmica do barco, fechamos os olhos, fizemos um relaxamento direcionado e começamos as perguntas:

Para onde está indo o barco?

Para onde gostaria que fosse?

O que gostaria de fazer dentro deste barco?

E conforme iam sendo feitas as perguntas os participantes foram escrevendo suas respostas. Finalizada a atividade todos leram o que escreveram e combinamos de juntar todos em um só texto para direcionar melhor o projeto.

Falamos então sobre aprender a atuar, pois estes são nossos objetivos, nós só aprendemos na hora que estamos fazendo as coisas, a teoria é importante mas é na hora de agir é que as coisas se conectam e realmente se aprende.

Nós somos os responsáveis por fazer tudo acontecer.

Pedimos para eles verificarem quando será a próxima reunião das instituições do bairro para podermos participar e perguntamos o que cada um acha importante fazermos na continuidade, eles disseram saídas de campo, e viagens, perguntamos o que eles achariam de uma cooperativa e pedimos para eles pensarem o que querem de verdade para sabermos para onde caminhar. Pensamos em algo que gere uma fonte de renda a partir de trabalhos com meio ambiente e que paralelo possa resolver os problemas do bairro. Todos sabem que sair do comum é difícil, só que isto é só no primeiro momento, depois a pessoa se interessa e gosta, então devemos pensar em como querem o projeto pois agora só depende deles.

Flávia falou do curso de fotos que pretende dar em Julho, falamos um pouco sobre o andamento do seminário para Marrocos no qual daremos uma palestra e na próxima reunião de planejamento todos se comprometeram em ir, disseram que não querem apenas dar uma palestra mas sim ajudar em tudo.

Avaliação:

Jonattan: Foi muito legal, estão de parabéns! A Ana e a Flávia inverteram os papéis hoje, a Ana falou mais que a Flávia!

Ricardinho: Foi legal, principalmente a dinâmica do barco.

Regina: Foi muito legal, principalmente a dinâmica do barco pois cada um deu a sua proposta.

Fernanda: Foi muito bom, sua opinião é igual a da Regina.

Regiane: Opinião idem a da Regina.

Misael: Foi muito bom e legal ter refletido com o barquinho.

Marcos: Foi muito bom ter refletido um pouco sobre como melhorar.

Vauderi: Gostou de hoje assim como todos os outros dias, a viagem com o barco foi muito legal, clareia as coisas na cabeça.

Erik: Sentiu uma mudança que vai acontecer, a conversa foi legal e construtiva, tiramos as coisas a limpo e precisamos fazer mais ainda isso.

Ana: Adorou o dia e ficou muito feliz com a avaliação deles. Acha que está na hora de mudar e todos estão sentindo isto também.

Milene:



Flávia:

25/06/03

Faltaram: Ricardinho e Jonatan, Fernanda e Regiane foram embora mais cedo. Encontro: Iniciamos com os informes, quarta feira que vem faremos o encontro à tarde. Neste encontro contamos com a presença de um engenheiro florestal, então fomos fazer uma visita de campo à mata ciliar do rio para que ele pudesse ensinar a fazer identificação e principalmente sobre como fazer uma excicata, maneira de conservar um exemplar de uma planta para identificação. Além disso podemos saber as condições de Ele começou falando da importância de se identificar as plantas, na Amazônia por exemplo somente 20% está identificada. Ainda comentamos sobre o problema da biopirataria e começamos a explicação sobre como fazer uma excicata. Após isso descemos o rio e começamos a fazer coletas de amostras para depois conservarmos as excicatas e identificarmos. Coletamos material de várias árvores diferentes e enquanto isso o profissional ia nos ensinando sobre as características de cada árvore, arbusto, etc, quais eram típicos, quais eram exóticos e assim por diante. Coletamos amostras tanto da borda quanto do interior da mata. Falamos de conceitos como espécies pioneiras e tardias e em que situações cada uma aparece, enquanto fazíamos a trilha. No retorno para a sala fizemos a avaliação NÃO ANOTEI Já na sala o engenheiro NÃO SEI O NOME DO XATAO... finalizou a preparação da excicata. Marquinhos e Regiane fizeram excicatas. O profissional deu então uma explicação sobre a importância da excicata, saber que espécies existem na área, se quisermos fazer reflorestamento é importante para saber o que plantar nos fragmentos, para ter maiores conhecimentos sobre biodiversidade e por fim ele explicou que depois de tudo isso a excicata ainda vai para uma estufa e depois para a identificação.

02/07/03

Esta ata copieei da folha do Totó pois não escrevi muito, então tá meio diferente. tem nomes que não entendi então estão incompletos ou errados, mas são poucos, nem precisa corrigir.

Presentes:

- Silvia Antonelli - SENDES Assistente Social 34214546
- Dalva de Fátima Leme - Pastoral da arrecadação 34264998
- Agenci H. S. Rodrigues - Vicentino 34264654
- Eliana Corrêa - Coordenadora (EMEF) 34266832
- Adriana Fernandes - Funcionária da Secretaria da Escola 34266832
- Elizabeth - Projeto Horta 34113584
- Vanilla - Brinquedoteca
- Lucimara Paschoal - Psicóloga
- Angela B. M. Gioreli - Enfermeira 34112268
- Vanessa Paula - Agente de Saúde 97260681



## ANEXO G - ATAS DOS ENCONTROS

Fabiana Avancini - Diretora da EMEI 34117133  
 Cristina- Agente de Saúde 34112268  
 Fernanda de Moraes Nunes - Estagiária da SS 34267853  
 Rita de C Lavetti - Estagiária da SS 34178000  
 Analis M. F. Caldeira - Assistente Social 34178000  
 Aura Ap. Schimidt Leme da Silva - Voluntária de Base 97280752  
 Marcos Lopes - Água é Vida 97068769  
 Vauderi Gonçalves de Freitas - Água é Vida 34115137  
 Misael Gonçalves de Freitas - Água é Vida 34115137  
 Vitor Pedro Carrara Junior - tec. Agrícola Projeto Horta 97489499  
 Roberta B. Montolas - Eng. Agrícola Agricultura Urbana 97480711  
 Ricardo B. Santos - Água é Vida 34118195  
 Erik H. Freitas - Água é Vida 34113546  
 Lucas de Castro Cardoso - Projeto Desporto de Base 34331406  
 Fernada Eduarda Silva - Água é Vida 34022729  
 Sandra Oliveira - Líder pastoral 34351183  
 Silvia Sypriano - Coord. Pastoral da Criança 34022032  
 Valéria M. Freixêdas - Projeto Pisca 34368648  
 Milene Navarro Almeida - Água é Vida 34221349  
 Ana Paula Coati - Água é Vida 34368648  
 Flávia Rossi de Moraes - Água é Vida 34144213  
 Helena Magalhães Gomes - Água é Vida 34221349  
 Rodrigo Gomes - Cultura nos Bairros 34212535  
 José Alberto - Cultura nos Bairros 34212535  
 Marileia Alves Moreira - Costureira da Cooperativa 36264784  
 Mara Silva Oliveira - Diretora Da Escola Thales 34266832  
 Cará - Aluno participante do Conselho Ambiental 34266832  
 Antonio Carlos Danellon - Assistente Social 34267853  
 Regiane Alves Galdino - Água é Vida 34267853  
 Francisca Dias Machado - Associação de Moradores 3418763?

Ausentes: AA, Paróquia, Casa de Ismael e PETI  
 Encontro: Inciamos com a apresentação do professor de fanfarra das crianças do bairro (da Ação Cultural)

Já na sala fizemos uma dinâmica de apresentações, a dinâmica dos abraços. Foi então explicada a pauta e os objetivos da reunião que são: conhecimento mutuo, explicação e apresentação do projeto Água é Vida (Pisca) e discussão dos resultados da pesquisa. Visto que precisamos da ação de todos par ter um bairro melhor e temos dificuldade de trabalhar em grupo.

Em seguida todos se apresentaram o falaram do projeto que representam.

O projeto água é vida e o projeto pisca se estenderam mais falando que congregavam jovens do bairro com finalidade de elaborar uma agenda 21 local e fazer educação ambiental capacitando-os como agentes.

É formado pelo pessoal da ESALQ e por jovens do bairro. Já realizaram plantio de árvores, feira ambiental e conscientização da população, querem interagir com o projeto horta e o conselho ambiental da escola e fazer todas parcerias possíveis.

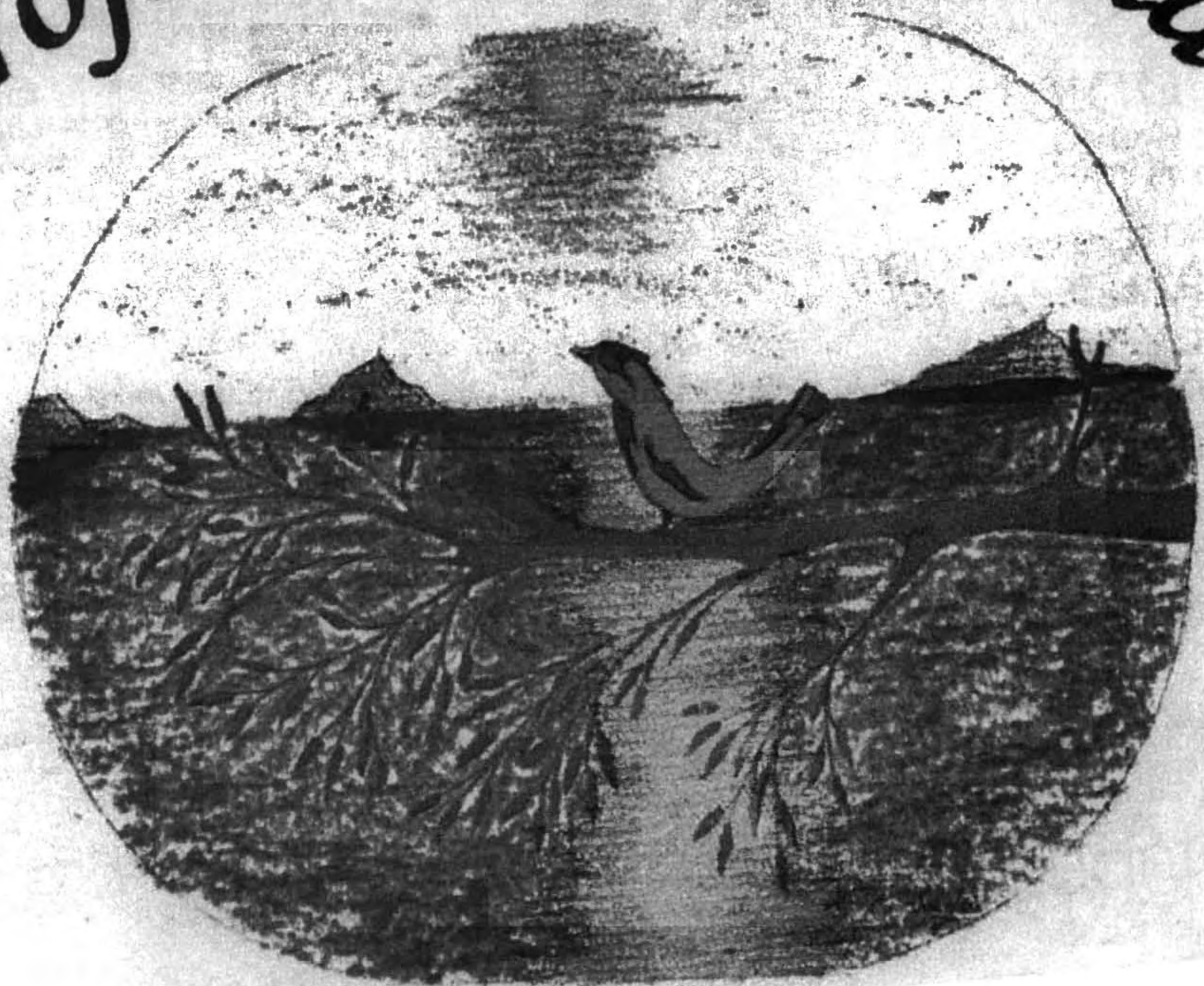


## ANEXO G - ATAS DOS ENCONTROS

Nossa próxima ação é fazer a praça. Precisam de um lugar bom pra ficar, disseram que se mudarmos o horário dos encontros podemos usar a casa de Ismael. Todos ofereceram ajuda e o projeto horta se comprometeu de vir nas reuniões. Trocaram informações, buscaram parcerias e explicaram problemas. Então foi feita a apresentação da pesquisa feita no bairro pelos agentes de saúde do PSF.

Foi sugerida a complementação dos dados pelo PSF e pela escola para se ter o número certo de moradores por faixa etária. Depois pretendem elaborar projetos integrados com entidades que forem da mesma área como infância, adolescência, etc. A base pra os projetos é norteados de acordo com os desejos da população expressos na pesquisa. O dinheiro de cada projeto seria melhor aproveitado se fosse usado em conjunto. Tem muita gente diferente fazendo o mesmo trabalho, temos que unir todos para poupar esforços. Uma equipe deverá elaborar o texto para discussão sobre o trabalho integrado com objetivos comuns conforme indica a pesquisa. Foram dados avisos os cursos, o projeto de aula no quintal, sobre fazer pressão na prefeitura para resolução do aterro na área verde, sobre o problema dos adolescentes ociosos e auxílio ao projeto de esportes. Encerramos a reunião com a leitura de um poema.

# Projeto Água é Vida





# JORNAL JARDIM ORIENTE

## Editorial

Enfim estamos colocando nas ruas de Piracicaba um grande sonho que sempre tivemos: o jornal do bairro Jardim Oriente

Há muito tempo temos sentido a falta de um meio de divulgação das atividades de nossa Associação de Moradores, das necessidades do nosso bairro e principalmente para publicar denúncias de descumprimento de compromissos assumidos ou da falta de interesse ou desleixo da administração no atendimento dos nossos pedidos.

Esses são os principais objetivos desse jornal, além de servir como material de divulgação das atividades de outras Associações que ainda não possuem jornal próprio ou que não tenham pensado na importância desta ferramenta de informação.

Neste primeiro exemplar trazemos um pouco da história do Jardim Oriente, começando por sua formação que aconteceu sob os olhos da Guarda Civil Municipal que "supervisionou" a retirada dos moradores da área que habitavam para levá-los, abaixo de chuva e repressão policial, até o local onde é atualmente o Jardim Oriente, a organização comunitária, as injustiças sofridas por nossa gente, nossas lutas e vitórias.

Leiam, reflitam e participem da elaboração das próximas edições com sugestões, denúncias e divulgação de atividades.

"Um passo à frente e já não estamos mais no mesmo lugar!"

Maria Francisca Dias Machado  
Presidente da Associação de Moradores  
Jardim Oriente

## Vítimas da Opressão

Enquanto os moradores do centro e dos bairros mais nobres da cidade apóiam a administração municipal e seus programas de habitação, a população das áreas de assentamento sofre as reais e desumanas ações de despejo promovidas com a ajuda da força Guarda Civil Municipal e sem o apoio de

nenhum dos vereadores eleitos através do voto dessa população.

Essa também foi a realidade dos moradores do Jardim Oriente, que hoje convivem com o descaso, a falta de saneamento e os alagamentos frequentes.

Página 2

## Trabalhos e oportunidades

Os trabalhos e o empenho da população através da Associação de Moradores Jardim Oriente e entidades vem dando bons frutos.

Através de programas são oferecidos cursos que ajudam no aumento da renda dos moradores do Oriente.

Página 3

## A União fez a força!

A união dos moradores e a mobilização bem articulada fez maioria histórica de participação de delegados no orçamento participativo, demonstrando o interesse e a vontade dos moradores em trazer melhorias.

Página 3

## E agora, José?

Página 4

## Enquanto isso...

Página 4

Liderança, esse espaço também é seu. DENUNCIE! Tel: 3411-8963



# Vítimas da Opressão



Dia da retirada dos moradores, abaixo de chuva e observados pela Guarda Civil. No canto inferior direito, o detalhe da viatura da GC.

Além da péssima qualidade do material utilizado na construção das casas causando rachaduras e risco de desabamento, ainda existem os alagamentos que são frequentes.

Os preços das casas, que seriam acessíveis, tornaram-se impagáveis com os juros altos, e hoje grande parte dos moradores está sendo citada pela EMDHAP que quer promover a reintegração de posse.

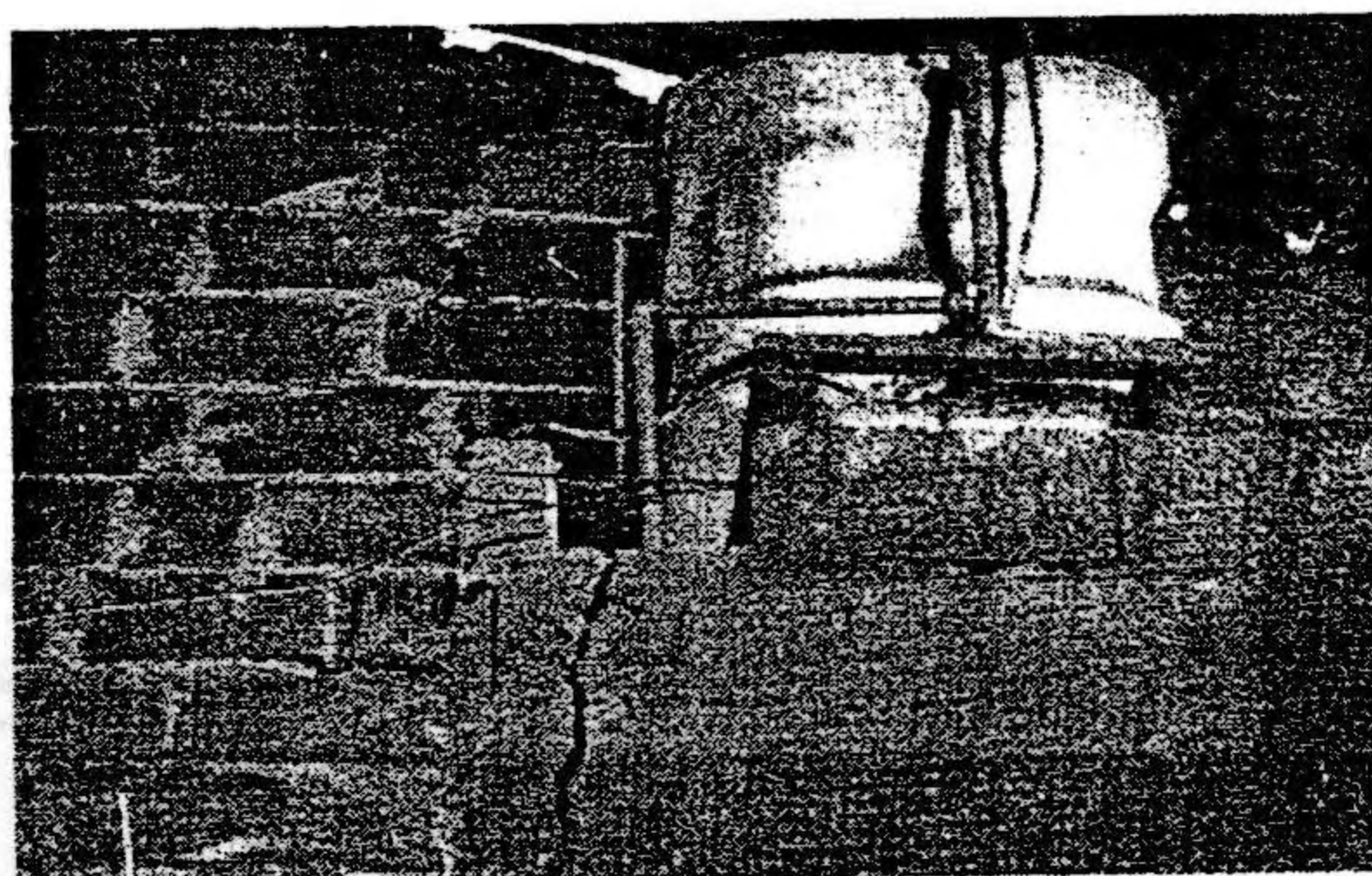


Os alagamentos são frequentes e as casas, abaixo do nível da rua, enchem de água. O prejuízo é crônico.

Ainda levamos em conta que a maioria dos moradores possuíam casas de alvenaria na área de onde foram retirados antes de serem condenados a residir no atual Jardim Oriente, casas melhor construídas, mais seguras, já pagas, o seu verdadeiro lar, levantados com o suor do seu trabalho e superando todas as dificuldades de conseguir recursos para a compra do material. Essas casas também foram covardemente derrubadas naquela manhã chuvosa. Isso é justo?

Assim surgiu o Bairro Jardim Oriente: abaixo de repressão policial, os moradores foram "convidados" a providenciar suas mudanças e dirigirem-se para o local onde a prefeitura havia construído novas casas através da EMDHAP.

Só se esqueceram de dizer que as casas ainda não estavam terminadas, algumas ainda sem telhado, outras já com rachaduras nas paredes, mas o pagamento seria adequado à situação financeira de cada morador..

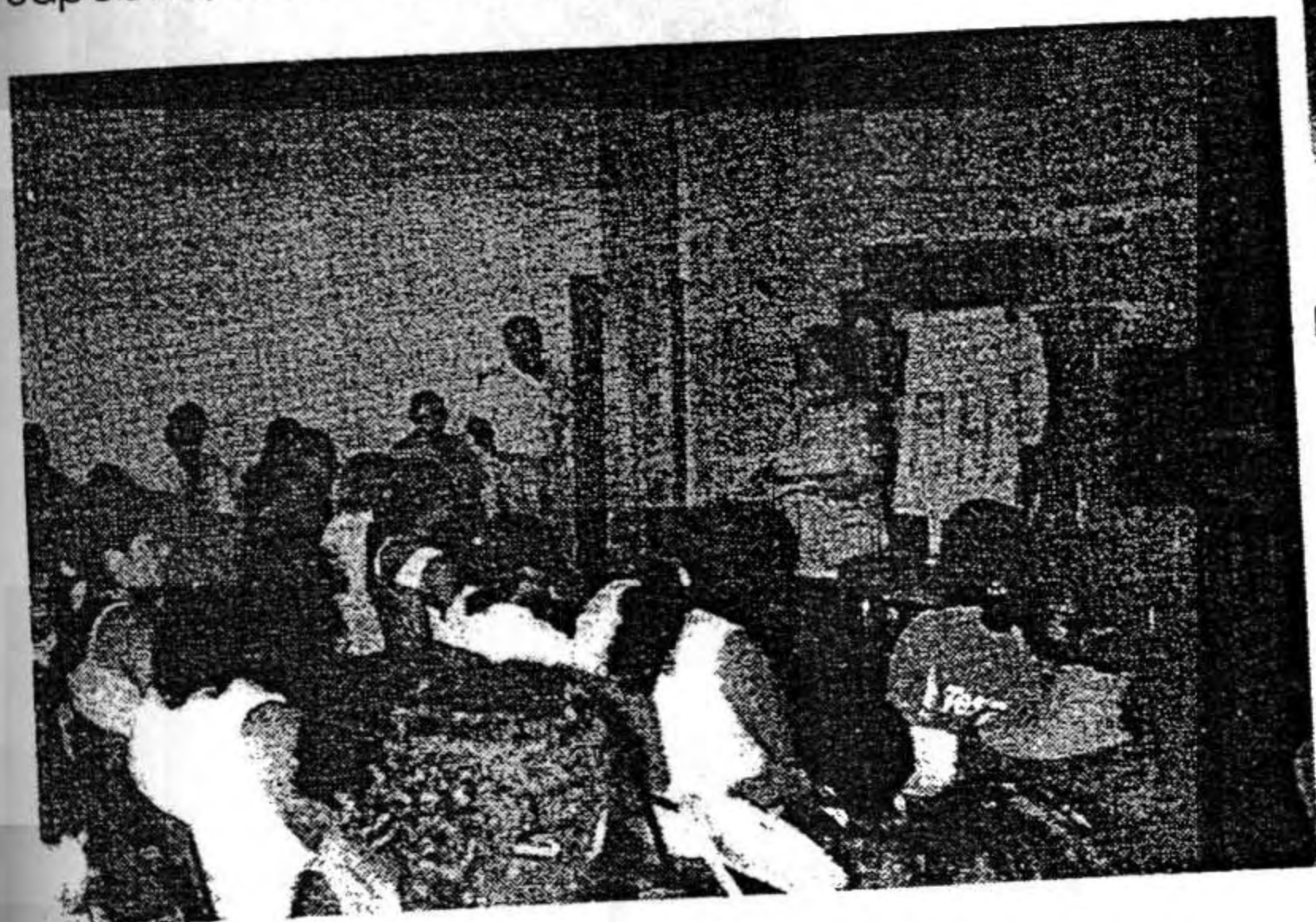


Ao fundo, o detalhe das casas de alvenaria que muitos moradores, com esforço, conseguiram construir. Todas foram derrubadas.



## Trabalhos e Oportunidades

Muitos trabalhos desenvolvidos pela Associação de Moradores têm dado bons resultados, como as reuniões da pastoral da criança com atividades como palestras, acompanhamento do crescimento das crianças, Núcleo de Assistência à Mulher e ministrando cursos, como costura, artes plásticas, bijuteria, que ajudam no aumento da renda familiar ou na prática desportiva, como a capoeira, tirando crianças das ruas.



Palestra na pastoral



Pesagem na pastoral da criança

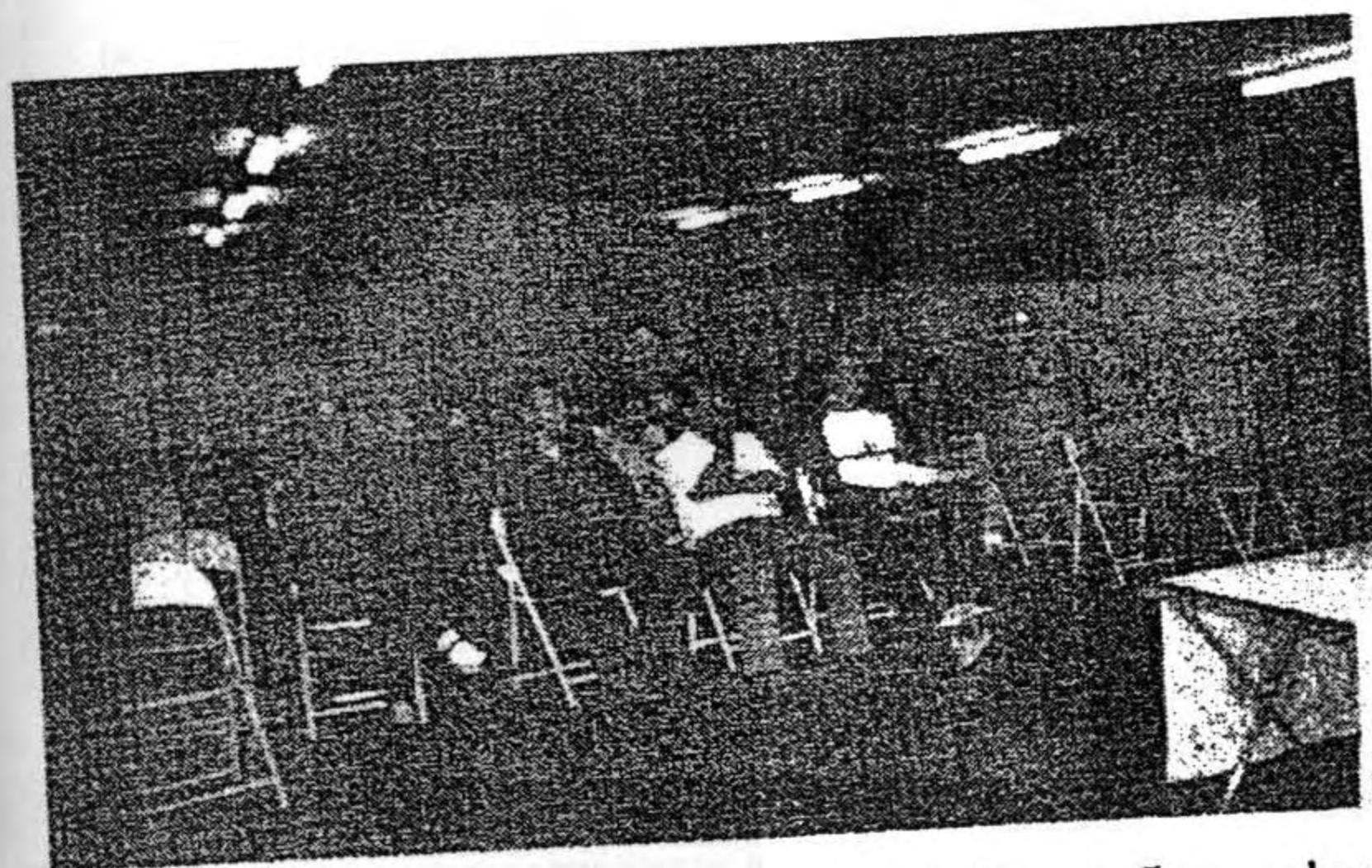
As atividades são constantes e abertas à toda a população, inclusive de outros bairros.

A organização, a vontade e o empenho dos moradores e ponto alto da comunidade do Jardim Oriente.

Esta organização e a mobilização forte dos moradores se reflete também na hora das reivindicações ao governo municipal.

## A Força da União

A união dos moradores do Jardim Oriente foi atestada na reunião do orçamento participativo de setembro de 2001 quando foi levado número recorde de delegados e representantes.



O sucesso da mobilização deu consciência da importância da articulação em conjunto, fazendo com que a população valorizasse a Associação de Moradores, levando mais de 400 pessoas para a eleição da nova diretoria.





# Enquanto Isso...



Enquanto os moradores sofriam com a opressão e a injustiça de serem deslocados à força para moradias ainda não terminadas que não lhes tiram o "rótulo" de favelados, sem água, luz ou asfalto e sofrendo com os frequentes alagamentos...



Onde estavam os vereadores eleitos pelo voto popular e que têm por obrigação fiscalizar e defender a população das injustiças e violações dos direitos humanos?

# E agora, José?

## EMDHAP ESCLARECE AOS MUTUÁRIOS DO JARDIM ORIENTE

- A EMDHAP NÃO É RESPONSÁVEL PELA EMBRAP DA REUNIÃO DE TERRA NO PÉTIMO DO JARDIM ORIENTE. A EMBRAP NÃO É RESPONSÁVEL PELA ESCOLA EMU E PROFESSOR TELLES JOSÉ V. DE ANDRADE, LUGAR AS LIBRARIAS COMUNITÁRIAS LUCAS E DE OUTROS BARRIOS, NEM COM O BARRIO DA CAL.
- A ATUAL GESTÃO DA EMDHAP SEmpre TRATAU COM RESPEITO E CORDIALIDADE OS MUTUÁRIOS DO JARDIM ORIENTE, TANTO QUANTO FEZ UM GRANDE TRABALHO DE ORIENTAÇÃO CASA-A-CASA, COMPLETANDO RELATÓRIOS SOCIOECONÔMICOS, REINTEGRANDO AS DÍVIDAS ATRASADAS CASA-A-CASA, ATENDENDO O INTERESSE DE REALIZAR SEUS CONTRATOS E DO MENOR FATOR. TUDO ISTO COM A APOIADA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BARRIO.
- A PÉSSIMA GESTÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES NA GESTÃO ANTERIOR A ESTA, A EMDHAP FEZ SEU DESEMPENHO PARA A INSTALAÇÃO DO PÓSTO MÉDICO, BENEFICIANDO TODA A POPULAÇÃO E, INCLUSIVE, ALÉM DA EMDHAP, DA UTILIZAÇÃO DO TERRENO PARA A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, VISANDO A CONTRIBUIÇÃO, EMBLEMÁTICAMENTE, DA SAÚDE DA FAMÍLIA.
- A EMDHAP RESPEITOU AOS MUTUÁRIOS CONSCIENTES QUE ESTÃO PAGANDO EM DEBÍLITAS DÍVIDAS E ATRIBUÍDO A EMDHAP O SEU DEBÍLITO DEBÍLITO COM A EMPRESA. TODOS DEUS CONSTATAM QUE O BARRIO É DE CIDADANIA E DESEMPENHO E ENTREGAM QUE A EMDHAP É PARCEIRA DA CIDADANIA.
- A EMDHAP TAMBÉM ESCLARECEU QUE É UMA EMPRESA PÚBLICA QUE, POR ANTES, EMBARRAÇA A PAGAR CONTAS AOS ORGANISMOS FEDERAIS, ESTADUAIS E MUNICIPAIS. DÍVIDAS DESEMPENHADAS QUE SÃO OBRIGADAS DE FINANCIAMENTO DA UNIDADE ESCOLAR A FEDERAL, DO ESTADO E DO MUNICÍPIO. A EMDHAP DEVEU DE CADA DA EMDHAP FAZER AS COMPENSAÇÕES DE MUTUÁRIOS E ZELAR PELO PATRIMÔNIO PÚBLICO, SOB PENA DE SEUS DEBÍLITOS SEREM RESPONSABILIZADOS POR CRIMES DE PREVARICAÇÃO E OUTROS CRIMES.
- A EMDHAP JÁ FEZ VÁRIAS REUNIÕES COM AS LIBRARIAS LOCAIS DO BARRIO E DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E FEZ TODOS OS ESCLARECIMENTOS POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS, ALÉM DE FORNECER DOCUMENTOS PARA BALIZAR AS AÇÕES DA ASSOCIAÇÃO.
- DESTA FORMA, A EMDHAP REPEDE O USO INDÉBITO DO SEU NOME, SEM AUTORIZAÇÃO ALGUMA DA SUA DIRETORIA, NO FOLHETO SEM ASSINATURA QUE FOI DISTRIBUÍDO NO BARRIO E BARRIOMANOS. NOSSO SERVO COMPROMISSO DE ZELAR PELO PATRIMÔNIO PÚBLICO E PELA BOMBA SATISFAÇÃO DE TRABALHAR EM FAVOR DOS MUTUÁRIOS DO BARRIO, COME ENTA ATUAL ESTADO, ATRAVÉS DE SEUS PROFISSIONAIS DE CAMPO, PORPECTIVA COM CARIÓTIPO E ATENÇÃO PELA SAÚDE DA POPULAÇÃO.
- EM UM MOMENTO DESTA MANEIRA QUE TODA A CIDADANIA SABA QUE A EMDHAP É PARCEIRA DAS LIBRARIAS E APRESENTA PARA O BARRIO E A CIDADANIA, SABA FORNECER ENTRE DIAS E DIAS AS LIBRARIAS COMUNITÁRIAS.



Ao contrário do que sugere a EMDHAP em documento que circulou no bairro, a Associação não é má liderança, comprovado pelas vitórias e pela capacidade de mobilização. Queremos somente o que é justo. Nosso Centro Comunitário de R\$25 mil está inacabado e sem previsão para terminar e nossas casas não têm condições de serem habitadas, além das pesadas parcelas e dos juros altos.

Como se pode permitir a construção de casas tão irregulares num loteamento oficial? Que tal regularizarmos as construções antes de serem cobradas as parcelas?

Vamos continuar sendo ignorados ou a prefeitura irá assumir suas responsabilidades?

E agora, José?

RESPEITAMOS

EMDHAP - EMPRESA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL

"A SUA CASA É O SEU MAIOR BEM"



Financiador  
Fundo  
Estadual de  
Recursos  
Hídricos

# Grupo Água é Vida



## Agenda 21

O nome já nos faz lembrar de um caderno de anotações. É isso mesmo! Uma agenda de compromissos para o século 21. A Agenda 21 do Jardim Oriente deve ser escrita por todos os moradores.

No dia 1º de Maio, promovemos uma Feira Ambiental, para mostrar para as pessoas, a nossa preocupação com a natureza e com os problemas do Jardim Oriente.



Vauderi,  
Marcos,  
Ricardo,  
Ana  
Paula,  
Jonatan,  
Misael,  
Flávia,  
Milene,  
Fernanda,  
Erik,  
Regiane e  
Regina

O grupo que realiza o projeto Água é Vida é formado por jovens moradores do Jardim Oriente, junto com o grupo de Educação Ambiental da ESALQ.

Em agosto de 2002 estamos nos reunindo toda semana, pretendemos envolver todos os moradores para melhorar a qualidade de vida do bairro, que é o nosso ambiente, e melhorar as condições da mata próxima ao ribeirão Piracicamirim que passa lá embaixo, perto da escola.

Vamos a SEDEMA na arborização do bairro. Fomos em algumas casas oferecer árvores para plantar nas calçadas e quintais. Veja quadro abaixo.

Promovemos também passeios pelo ribeirão Piracicamirim, para que as pessoas fiquem por dentro dos problemas que o bairro enfrenta com o lixo que é jogado lá.

Vamos fazer muito, mas isso é pouco quando o assunto é o ambiente. Por isso queremos dar continuidade como grupo e com ajuda dos moradores que se preocupam com os problemas do bairro.

A maioria dos moradores quis plantar uma árvore de flores na calçada. Alguns também quiseram e uma árvore de frutas no quintal. Se todos cuidarem bem da sua "Árvore", nosso bairro vai ficar mais verde, com ar mais puro e mais fresco, já que o asfalto foi asfaltado, e o calor aquece muito em dias de calor.



Andréia, Amiga da Arvore, com seu filho Patrick e Regina, do grupo Água e Vida, com seu filho Guilherme ao lado da muda plantada



Muro das Lamentações e Arvore dos Sonhos da 1ª Feira Ambiental

Fizemos um "Muro das Lamentações" em que todos puderam anotar o que estava ruim no bairro.

E uma "Árvore dos Sonhos" para todos anotarem o que querem de bom para o bairro.

Agora podemos numerar os problemas e assim resolver um por um. Com a participação e o compromisso de todos os moradores.



### Música do Projeto Água é Vida

autores: Marcos, Vauderi e grupo

*O tempo tem a natureza  
Temos sol e chuva  
Vamos Preservar  
Na terra pomos a semente  
Vimos aves, flores,  
frutos no lugar.*

*A água é um elemento  
que nos gera força para  
sobreviver  
Ser humano, fauna e flora  
chegou a hora,  
Vamos aprender.*

*(Refrão)  
Projeto Água é Vida  
Vamos todos preservar  
O que Deus nos deu agora  
Vida e força para olhar.*

*Pare um pouco para pensar  
Sem a natureza, como vamos  
viver  
Sem as árvores, sem os frutos  
e sem a água para você beber.*



## **OFICINAS DE FOTOGRAFIA**

Desde 1997, nas aulas que dava na UFSCar, eu ensinava a técnica da pinhole trazendo uma câmera pronta, e realizando experiências logo na primeira aula. Estimulava para que trouxessem material variado de casa para continuarmos as experiências na segunda aula, alguns traziam e todos fazíamos e experimentávamos, tanto fotografar como revelar. Era parte da dinâmica da aula, sem denominação de oficina, sem muito tempo gasto na construção da câmera. Era uma forma de aguçar a curiosidade, e introduzir o assunto de forma simples. Não gostava de começar com muita teoria, gostava de fazer a prática e depois ir conversando sobre erros e acertos.

Depois, realizei várias oficinas de pinhole. Em de cada uma delas fui tirando aprendizados que me foram importantes para melhorar minha atuação como professora de fotografia, mas o mais importante, para a minha construção como educadora, pois sinto que foi através do que aprendi de todas elas que eu estou me tornando uma educadora que pretende ser multirreferencial, que pretende contribuir para que os educandos se tornem autores.

### **Primeira oficina realizada no Jardim Oriente**

No ano de 2000, realizei juntamente com dois alunos de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, uma oficina de jornal e fotografia, com a intenção de motivar a participação no jornal do bairro, que estava sendo feito através de um projeto de Jornal Popular,

Conversamos com a diretora da escola do Jardim Oriente, EMEF Thales Castanho de Andrade, e resolvemos fazer a oficina com adultos que cursavam o supletivo à noite. Fomos até à escola uma noite e convidamos os alunos do supletivo para participar da oficina.

Realizamos a oficina em um Sábado de manhã. Planejamos a estrutura física, a montagem do laboratório, os locais, mas não pusemos coisas no papel. Apareceram poucas pessoas, 7 ao todo. (imaginávamos de 10 a 15 participantes para a oficina) Mas decidimos realizar assim mesmo.



O aluno de jornalismo fez algumas explicações sobre o que é comunicação e o poder de um jornal, falando e usando o quadro. Depois eu falei sobre a fotografia e a pinhole, mostrei transparências sobre a história da fotografia, para mostrar as etapas do descobrimento da técnica pela química e pela física. Com uma linguagem que considerava apropriada .

Então construímos algumas câmaras com latas e caixas. Pedimos que eles fotografassem o bairro . Sugerimos que fossem tiradas fotos de coisas ruins e de coisas boas do bairro. Pedimos para que se dividissem em duplas. Cada dupla tirou uma foto e as revelamos num laboratório improvisado no banheiro da escola. Depois cada dupla fez um texto sobre a foto, e montou um cartaz, com título, foto e texto. A maioria tirou foto de coisas ruins, só um tirou de uma coisa boa que ele achava no bairro.

As coisas ruins foram:

- a rua sem asfalto - foto de um carro passando e levantando poeira
- o campo de futebol em más condições - foto da trave do gol quebrada
- centro comunitário inacabado – foto da construção parada

E a foto de coisa boa do bairro foi:

- a escola – foto da entrada da escola.

Depois fizemos uma exposição dos cartazes, cada um leu o seu e comentamos ... Não fiquei com este material, pois ele era para o projeto da UNIMEP.

Ao final fizemos uma avaliação sobre o dia e todos disseram que gostaram. Mas nenhuma dessas pessoas apareceu nas próximas reuniões de elaboração do jornal. Ou seja, o principal objetivo não foi atingido. Mas para mim foi muito bom conhecer um pouco mais do bairro e das pessoas.

Percebi o quanto eu não entendia da realidade do bairro, e das necessidades e desejos de seus moradores, pois achei que alguém ia fotografar o lixo, que a população do bairro jogava em qualquer lugar; ou fotografaria o ribeirão, com problemas de assoreamento e mata ciliar degradada. Era eu que via isso como principal problema . Mas os moradores estavam preocupados com o lazer e os espaços públicos e até com a saúde, mas diferentemente de mim: pensavam na poeira e queriam asfalto, sem questionarem se é uma pavimentação ambientalmente inadequada para a infiltração



de água no solo .

### **A Segunda Oficina**

Foi realizada em outubro de 2000, na biblioteca pública, foi promovida pela Secretaria de Ação Cultural e era gratuita para os participantes. A faixa etária era de adolescentes, acima de 13 anos e adultos. Com 18 horas/aula, divididas em seis dias de atividades, das 14 às 17 horas. ( cartaz – anexo 24 –a)

Foi uma oficina voltada apenas para a técnica fotográfica. Eu não pretendia estimular questionamentos, mas já estava com uma visão mais crítica do papel do educador e da participação do estudante, então no primeiro momento, pedi para que cada um escrevesse em dez linhas o que esperava do curso. Alguns reclamaram um pouco, pois em geral não gostam de escrever, e esperavam uma oficina bem “prática” e pouco teórica . Mas foi muito bom ler os textos para conhecer um pouco mais as pessoas e saber o que elas esperavam da oficina. Esse procedimento é muito importante para se conhecer os participantes. Pode ser uma rodada de apresentação. Hoje considero essencial para a realização de um curso/oficina este tipo de participação do estudante.

Extrairei algumas frases destes textos para mostrar o que obtive de resposta ao meu pedido:

- *“Espero tomar contato com a engenhosidade que se aplica na construção de uma máquina fotográfica”.... “Quero também aprender um novo olhar, uma nova maneira de perceber o mundo” (estudante de Ciências Sociais – UNESP-Araraquara)*
- *“Através desta oficina espero ter um aprendizado e melhorar minha técnica de tirar fotografias, e é um meio legal de, se eu gostar, tentar me aprofundar mais na arte da fotografia e quem sabe até fazer uma faculdade de fotografia, pois sempre tive vontade.” (2º Grau completo – 21 anos)*



- *“Eu espero com esta oficina, poder adquirir mais conhecimentos sobre a arte da fotografia, e sobre equipamentos (lentes e máquinas) apropriados para cada ocasião.”* (18 anos)
- *“Sinceramente, esperar, eu não espero muito, pois, eu não sei quase nada de fotografia, mas eu quero é aprender todo o possível sobre fotografia, nesta oficina”* (19 anos)
- *“Sempre me interessei muito por fotografia, mas por falta de tempo e recurso financeiro nunca participei de nenhuma oficina/curso. Tenho certeza que será muito interessante”* (22 anos – 2º grau completo)
- *“Estou aqui de curioso, não tenho muita perspectiva, espero que a oficina seja mais prática que teórica e gostaria de aprender algo mais sobre fotografia”* (19 anos)
- *“Eu sempre quis aprender a tirar fotografia, pois todas as vezes que tive oportunidade de tirar fotos elas nunca saíram muito boas. Às vezes, quando vejo no jornal convites para participar de concursos de fotografia ou exposições de fotos, fico sonhando em participar”. ... “espero aprender noções básicas para tirar uma boa foto e assim não precisar pedir para outras pessoas fotografar para mim”* (não colocou idade, mas era uma senhora que estava com a filha adulta, também participando da oficina)
- *“Na verdade eu não faço a mínima idéia de como funciona o curso, estou curioso e vim por convite de amiga da biblioteca”* (27 anos – estudante de Educação Física – 6º semestre)
- *“Assim como me interesso por todas as formas de expressão, também espero poder trabalhar com fotografia de uma forma simples e caseira, sem a necessidade de mecanismos caros e complicados, e assim poder fazer arte com fotografia”* (28 anos, professor)



Durante essa oficina experimentamos vários materiais para construir a câmara escura. E pelo que li nos textos decidi levar a câmara convencional e explicar seu funcionamento. Estimulei que todos levassem as câmaras que possuíam ou que tinham acesso, para dar uma noção de melhor aproveitamento do equipamento, que por mais rudimentar que seja, pode ter seu uso otimizado.

A avaliação geral no fim do curso também foi pedida por escrito, mas apenas 4 pessoas me entregaram, demonstrando mais uma vez essa falta de vontade de escrever. No geral avaliaram como muito bom o curso e deram algumas sugestões para um melhor desempenho.

Uma avaliação que gostei, transcrevo aqui não para me vangloriar, mas por que gostei da forma do estudante se expressar:

*“Esta técnica foi muito boa p/ mim, pois gosto muito de desenhar, e isso me ajudará muito. Você foi uma “professora” (grifo dela) muito boa, pois consegui entender bem o que você quis passar para nós. Continue sendo essa pessoa maravilhosa e divertida que você é.”*

Adorei o adjetivo divertida. Me divirto dando aula, e isso é muito bom. O clima fica ótimo, e nessa oficina pudemos dar asas à imaginação. Esse prazer, e a diversão não tem nada a ver com brincadeiras, com piadas (só se estiver no contexto), pois penso que a atividade educativa é coisa muito séria, mas não precisa ser pesada, carregada de autoridade, portanto posso ser divertida.

Construímos uma grande caixa de ver , na qual se coloca a cabeça inteira dentro e se vê de costas, como em um espelho retrovisor. Figura na página 19

Experimentamos muito, e as fotos foram realizadas no ambiente construído do centro da cidade. Algumas pessoas fizeram fotos de plantas.

Nesta oficina não falei muito sobre o ambiente . Falamos mais sobre o olhar.

E essa oficina também aprimorou um pouco minha capacidade didática. A abertura para o diálogo quando pedi que cada um escrevesse o que esperava da oficina ( inspirada nas aulas de Sorrentino) .



- *“Espero por meio desta conhecer o método e os mistérios da fotografia. Acrescentar e enriquecer culturalmente e conhecer esta profissão para que no futuro talvez possa escolhê-la”* (19 anos)
- *“Espero que a oficina seja boa e que eu possa aprender o máximo possível. Espero que consiga decidir minha profissão com esse curso”* (15 anos – 1º colegial)
- *“Meu maior interesse é a respeito das noções básicas de laboratório que muito me deslumbram – é algo fantástico”* (16 anos – 2º colegial)
- *“Espero matar todas as minhas curiosidades sobre fotografia. Saber um pouco mais desta arte que copia perfeitamente uma imagem, não deixando faltar nem um traço. Espero que esta oficina me ensine tudo que eu possa saber para que mais tarde eu possa me interessar por fotografia mais do que me interesse”*. (17 anos – 2º colegial)

Concluí que todos queriam aprender mais **técnica** sobre fotografia e vários falaram em **arte**. Grifei as palavras **arte**, **técnica**, **engenhosidade**, **profissão** e a expressão **noções básicas**. Nos 13 textos, apareceram:

- 4 vezes a palavra **arte**,
- 2 vezes a palavra **profissão**
- 2 vezes a expressão **noções básicas**
- Depois as palavras **técnica**, **engenhosidade**, **equipamentos**, todas se referindo à parte técnica da fotografia – uma vez, cada uma.

Grifei também a palavras **perceber** e a expressão **aprender um novo olhar**, que me chamam a atenção por se referirem ao aspectos que considero importantes na fotografia.



A terceira oficina foi na Escola Cooperativa de Piracicaba,

Chamava-se “Oficina de Fotografia Alternativa e arte-educação ambiental” Fez parte de um conjunto de oficinas culturais e corporais, oferecidas pela escola a seus alunos. para seis adolescentes de 12 a 14 anos. Foi em 2001 . (cartaz - anexo 24 -b) Foi realizada por 8 semanas, com um encontro semanal de 4 horas por dia.

Esta oficina, ao contrário da outra já falava bastante em ambiente. A presença da amiga e educadora Simone Portugal, companheira no Grupo de Estudos de Arte Educação Ambiental, foi fundamental para isso.

A Simone, tendo mais experiência com a atividade docente responsável e metódica, de preparação de aula., me ajudou a planejar tudo muito bem: as atividades, com objetivos, dinâmicas pertinentes e bem estudadas . Considerei como sendo um grande aprendizado esse planejamento detalhado.

Em outras oficinas eu sempre preparei muito o que falava. Me guiando pelo exemplo do professor conteudístico, que não é mais como quero ser. Mas as atividades de construção da câmara e do registro das fotos não tem muito como planejar, vai acontecendo na hora.

Depois do trabalho com a Simone, vi que devo ter mais rigor no planejamento, mais clareza nos objetivos das atividades. Aprendi pelo exemplo.

Fizemos atividades de arte-educação. Estimulando os a desenharem muitas coisas e construírem a caixa pinhole de ver, a caixa pin-hole de ver com zoom, as latinhas, uma lanterna “vitral” de vidro com vela dentro e celofane por fora.

Foi a primeira oficina que não ficou centralizada só na produção da câmara e na experimentação. Fizemos várias atividades relacionadas ao olhar. E eu achei isso muito interessante. Tanto que quando fui fazer no Projeto Água é Vida, quis realizar muitas atividades antes de partir para a oficina em si . Achei que assim poderíamos aproveitar melhor o recurso para a educação ambiental.

Realizamos muitas fotos e algumas saídas no entorno da escola, para apreciar e fotografar.

A idéia era construir um fanzine: foram dadas explicações e passado um vídeo. Os participantes se interessaram pela idéia, mas deixamos a cargo deles se



reunirem fora do horário da oficina para elaborar o fanzine, mas ao fim, não tivemos uma produção sistematizada.

**A Quarta oficina** foi na ESALQ – com alunos da disciplina da Prof. Dra. Laura Alves Martirani

- Alunos de graduação de Agronomia, Engenharia Florestal e Gestão Ambiental.
- Primeiramente, fiz uma exposição de trabalhos e equipamentos. Mostrei também fotos em três dimensões do fotógrafo Marcos Muzi\* e as caixas telescópicas de ver com Pinhole. Essas fotos 3D devem ser vistas com óculos especiais – e causam um impacto interessante na percepção visual. Utilizo-as justamente com o objetivo de estimular essa percepção.
- Dei uma aula expositiva, com utilização de muito material visual retirado de sites de fotografia. A aula foi centrada na história da Fotografia, enfatizando as descobertas de cada área científica que proporcionou a invenção-descobrimto da fotografia
  - Realizamos as experiências, sem tema definido. Foram feitas várias fotos do ambiente da Esalq.

#### **A Quinta Oficina - na 1ª Feira Ambiental**

Esta oficina ocorreu na 1ª Feira Ambiental do Jardim Oriente. A Feira foi um importante acontecimento, pois foi uma realização do Grupo Água é Vida, e com muita ajuda do Projeto Pisca e do Sub-projeto Pisca Mambembe. Foi uma forma de comunicação com o bairro, sobre os trabalhos do Grupo Água é Vida, foram feitos cartazes que serão comentados no item. XXX com ênfase para a realização das oficinas de futuro: Muro das Lamentações e Árvore dos Sonhos – para iniciar a construção participativa de Agenda XXI.

Em meio a várias outras oficinas que estavam sendo realizadas no evento, improvisei um laboratório no pequeno banheiro do escritório de Assistência Social.

---

\* Marcus Muzi é um excelente fotógrafo piracicabano residente em São Paulo que faz um trabalho muito interessante com fotos para serem vistas em três dimensões. Seus trabalhos 3-D foram expostos no MASP em dezembro de 2003.



Algumas crianças se interessaram e vieram fazer a oficina comigo. A Fernanda e a Regiane me ajudaram a montar uma exposição com fotos 3-D ( as mesmas do fotógrafo Marcos Muzi) , que era necessário usar um óculos especial para ver, e de fotos com Pinhole.

A oficina foi bem rápida, pois as pessoas passavam, se interessavam pela exposição de fotos 3D, pela caixa pinhole de ver e eu perguntava se queriam fazer a experiência da latinha pinhole. Explicava o processo de construção, algumas crianças que estavam desde o começo fizeram as câmaras escuras, pintando, furando e etc. Eu dava a câmara escura de lata com papel fotográfico dentro e pedia para tirar uma foto do que achava bonito no bairro. Os resultados não foram muito bons por excesso ou pouca exposição à luz . A maioria foram fotos de si mesmos (auto-retratos) ou de alguém da família. Fiquei intrigada com isso: Será que não gostavam de nada do bairro além de si mesmos? Ou será que era porque não tinham oportunidade de serem fotografados outras vezes e por isso resolveram aproveitar para se fotografarem ... ou queriam usar a própria imagem para provar que fizeram aquela foto. Preciso perguntar das próximas vezes.

## **ANEXO K**

### **Oficina de Pin hole com o Grupo Água é Vida**

Estavam presentes: Marquinhos, Misael, Regiane, Vauderi, Jonattan, Erik, Ricardinho, Regina, William, Ana Paula Coati e (eu) Eu.

A Ana Paula foi encontrar com o grupo no Jardim Oriente. Ela os encontrou na igreja e conversou sobre como seria o dia. Seria na ESALQ e duraria até à tarde. Todos já haviam sido avisados, mas alguns disseram que não podiam ficar o dia inteiro.

O grupo decidiu o que ia comprar para o lanche e para o almoço, fizeram a compra no mercadinho do Jardim Oriente. Depois me esperaram para virmos juntos. O William estava de folga e pode participar do encontro.

Uma parte do grupo foi de carro com a Ana, direto para a OCA, para preparar a estrutura do dia. Outra turma foi comigo para o Laboratório de fotografia para pegar as câmaras escuras (latinhas pin hole) e colocar os papéis fotográficos dentro.

Nos encontramos na OCA, tomamos o café da manhã, e depois fomos para a sala e iniciamos a aula com a apresentação de fotos do último encontro: Reunião geral do Jardim Oriente.

Depois, passamos à apresentação da história da fotografia, enfatizando a questão da fotografia ser interdisciplinar, e da educação ambiental que nós praticamos também. Então fiz explicações práticas para descermos até à mata ciliar do Pisca, para fotografar.

Fomos até à ponte e olhamos a mata, foram estimulados comentários sobre as condições do ribeirão e da mata, dos dois lados da ponte. Foram feitas mais explicações sobre a técnica fotográfica, e nos encaminhamos para a represa do ribeirão, através de uma pequena trilha perto da casinha de máquinas.



Foi dito para cada um fotografasse o que achasse especialmente bonito ou feio em relação ao ambiente. O William atravessou a barreira da represa e então sugeri que ele tirasse uma fotografia da turma toda sentada na escadinha da represa, e fui ajudá-lo.

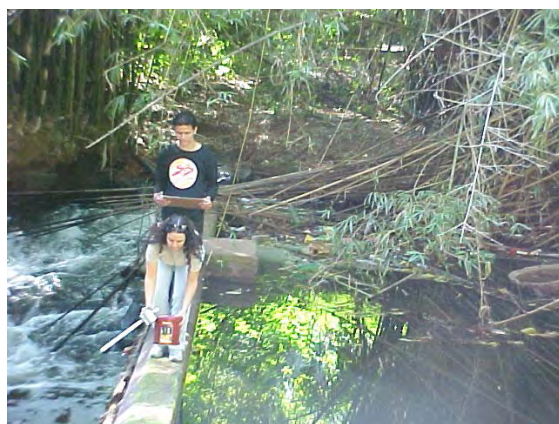


Aqui, a foto feita com câmara digital



Esta foi a foto feita com a lata pinhole

Abaixo a preparação da foto :



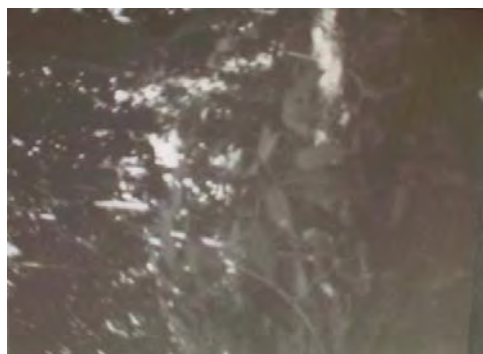
Marcando um minuto de exposição  
Para a foto da turma



Cada um foi escolhendo o local para fazer sua foto. A Ana Paula quis fotografar duas florzinhas (Maria-sem-vergonha) com sua pequenina latinha de fermento em pó.



Negativo



Positivo

A imagem ficou bem pequena, pois a latinha era daquelas de fermento

O Marquinhos quis tirar a foto da trilha principal.

Negativo

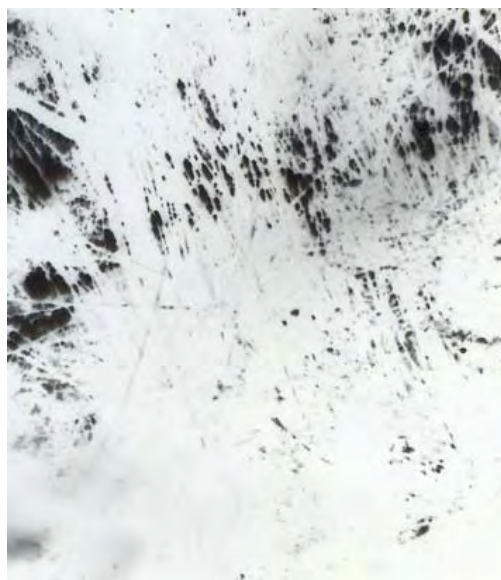


Positivo





Misael tirou uma foto do bambuzal.



O Jonattan se separou um pouco do grupo, foi andando pela trilha e voltou com uma caixa de papelão que achou na mata, veio mostrar e disse que queria fotografá-la, para denunciar o lixo na mata. A foto ficou como está na próxima página.

Negativo



Positivo



Valderi quis fazer uma foto de um tronco de árvore . Disse que tinha visto uma foto igual no laboratório de outra vez que foi lá, (observador) . A Foto que ele se referiu é a do Limonada, que ficava pendurada em cima do jardim da OCA , na parede de entrada e foi mudada para a Secretaria da OCA.

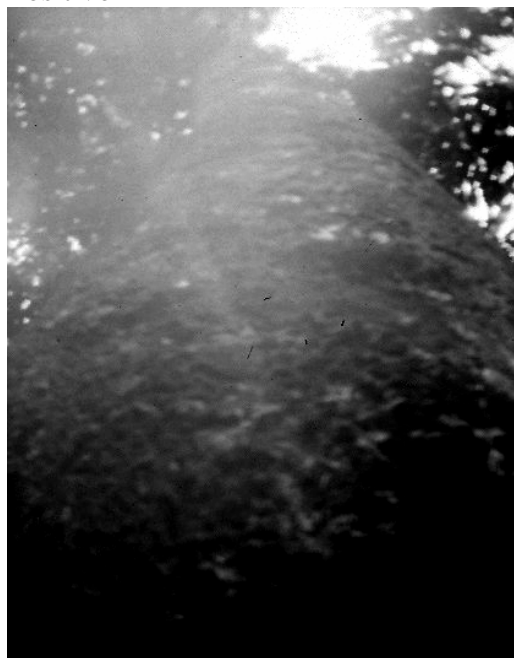
Esta foto foi feita antes com a câmara digital. nello Valderi para mostrar como seria.



Negativo



Positivo



O Ricardinho subiu numa árvore brincou que era um macaco, ficou fazendo sons e macaquices e pediu para o William fotografa-lo na árvore



Positivo da pi hole



O Ricardinho ficou escondido na sombra



Pedi para que o grupo observasse o que sentia ali naquela mata: - se achava bonita; se gostava; como se sentia... pois depois iríamos para um outro tipo de mata, e ela queria que se fizesse a comparação. Então propôs que o grupo fosse para ao outra mata.

O Erik quis tirar uma foto da mata ciliar do ribeirão , quando passamos pela ponte.



O William fez essa foto enquanto o Erik realizava a sua foto com a latinha. A foto feita pelo Erik ficou muito exposta, e o negativo não deu para aproveitar .

Subimos a ladeira e chegamos ao seringal. Alguns perguntaram por que estava daquele jeito, quase sem folhas. A Flávia disse que talvez fosse por que era inverno, e disse que ali era uma floresta de seringueiras onde faziam pesquisa com borracha, e perguntou se as pessoas se lembravam do ciclos econômicos da história do Brasil, ciclo da borracha, ciclo do ouro. Alguns se lembravam e citaram ciclo do pau Brasil. Todos ficaram interessados nos potinhos coletores disseram que a mata ciliar era mais bonita. A Flávia comparou a biodiversidade dos dois tipos de mata e perguntou se alguém queria tirar uma foto. A Regiane propôs uma foto do grupo, mas não com o seringal ao fundo, e sim com o pasto que ficava em frente.



Negativo inteiro.

Positivo de parte da foto. Corte no laboratório.

Depois a Regiane quis tirar uma foto dos bezerros, e eu fiz as outras duas, para mostrar que o fotógrafo deve se posicionar melhor para a foto e esperar o momento certo.





Almoço do dia 18 de julho, na OCA – Cachorros quentes com refrigerantes.

Após o almoço, foram pagas as bolsas relativas ao mês de junho.

Às 13:40 h o Jonattan, o Valderi, o Misael e o Ricardinho foram embora de ônibus .

O William, o Erik, o Marquinhos, a Regiane, a Regina, a Ana Paula e a Flávia foram para o laboratório de foto e vídeo do Departamento de Agroindústria e Nutrição, para revelar as fotos.

A Flávia explicou todo o processo de revelação e cópia que iríamos fazer. Montamos as banheiras de revelação e todos foram revelando suas fotos e a dos companheiros que tinham ido embora. A maioria ficou boa, mas a foto do Erik ficou muito escura (ficou muito exposta – 1 minuto e meio ). A Flávia explicou que isso era normal, pois não havia como saber previamente o tempo de exposição, e então sugeriu que ele fizesse outra foto, agora com 1 minuto de exposição. O Erik aceitou a sugestão e o William, a Regina e a Regiane também quiseram fazer outras fotos. Então foram colocados papéis nas câmaras, e eles saíram para fazer as fotos, enquanto a Flávia, a Ana e o Marquinhos ficaram no laboratório fazendo as cópias positivas de todas as fotos.

Quando o Erik e o William voltaram as fotos ficaram como segue. As fotos da Regina e da Regiane ficaram muito expostas, e não foram reproduzidas aqui.



Negativo da segunda foto do Erik



Negativo da segunda foto do William



## ANEXO L

## Textos escritos pelos Jovens do Projeto Água é Vida.

O grupo preparou cartazes para expor na 1ª Feira Ambiental. Esta atividade foi realizada em abril, poucos dias antes da feira. Foram oferecidos todos os álbuns com as fotos realizadas por eles e por nós, durante os encontros, desde setembro de 2002 até abril de 2003. Havia também algumas fotos que eu havia tirado em 1999, quando estava escrevendo o projeto. Eles escolheram as fotos, colaram nas cartolinas e depois escreveram legendas explicativas. Os cartazes foram feitos por eles sozinhos em casa outros em grupo

Exponho aqui o conteúdo dos cartazes, pois foi uma forma do grupo tentar se comunicar com o bairro. Nessas fotos e suas legendas podemos perceber sinais de que os encontros do grupo contribuíram para a desalienação dos jovens, para compreensão histórico crítica da sua realidade.



*“Ricardinho mostrando a beleza da natureza que está em nosso bairro”.*



*“A beleza da natureza as margens do córrego do Piracicamirim que passa no nosso bairro” .*



*“Uma das grandes degradações da natureza nas margens do córrego Piracicamirim que passa nas proximidades do nosso bairro”*





*“Reunião do grupo discutindo sobre a situação do córrego Piracicamirim”*



*“Se usamos o rio para pescar, precisamos preservar”*



*“Esta foto é do ribeirão veja como está sujo. Quando mudamos aqui, no Jardim Oriente em 1996, a água não era assim tão poluído, como está agora. Nós do Projeto Água é Vida, estamos lutando para acabar com a poluição do rio, e também com a poluição da mata. Cada um fazendo a sua parte, tudo melhora um pouco”.*



*“Esta fotografia foi tirada, próximo ao ribeirão Piracicamirim. É para vocês verem, como que está a situação da mata. Estam jogando, vários pneus usados na mata. E este pneus usados, pode prejudicar nossa saúde porque, chove e a agua fica parada, e esta agua parada se transforma em criadouro, do mosquito da dengue.”*





*“Nós do grupo Água é vida, estamos reunidos para tentar fazer algo diferente, então discutimos um pouco e tentamos de uma maneira fazer algumas casinhas, parecidas “igual” ao Bairro so que de maneira diferente de maquete. Agora esperamos no dia 1º de Maio, todos os moradores construam suas casinhas do jeito que cada um sabe fazer.”*



( legenda dessa foto será descrita na página seguinte, por ser muito extensa )

*“Aqui foi o dia que o Vicente levou nós para mostrar árvores próximas ao ribeirão Piracicamirim, atrás da escola (Tales Castanho de Andrade). Uma parte é só de eucaliptos, é muito bom para a saúde, só que precisamos de mais árvores, porque tem poucas, necessitamos delas para sobreviver. Aproximamos mais um pouco, avistamos uma floresta ribeirinha. É muito bom ter contato com a natureza, é uma dádiva.”*

*“Saída de campo para checar as condições da mata ciliar. O engenheiro florestal Luís Vicente mostrou no local as mesmas coisas que tinha nas fotografias aéreas”*



*“Nos dias que estamos juntos no grupo aprendemos muitas coisas. Isso nos faz pensar no futuro. Então o Vicente trouxe as fotografias aéreas. O que é isso? São fotografias tiradas de aviões de todos os bairros para ver os como estão o que eles precisam, verem as árvores os rios como estão se precisam plantar mais árvores”.*

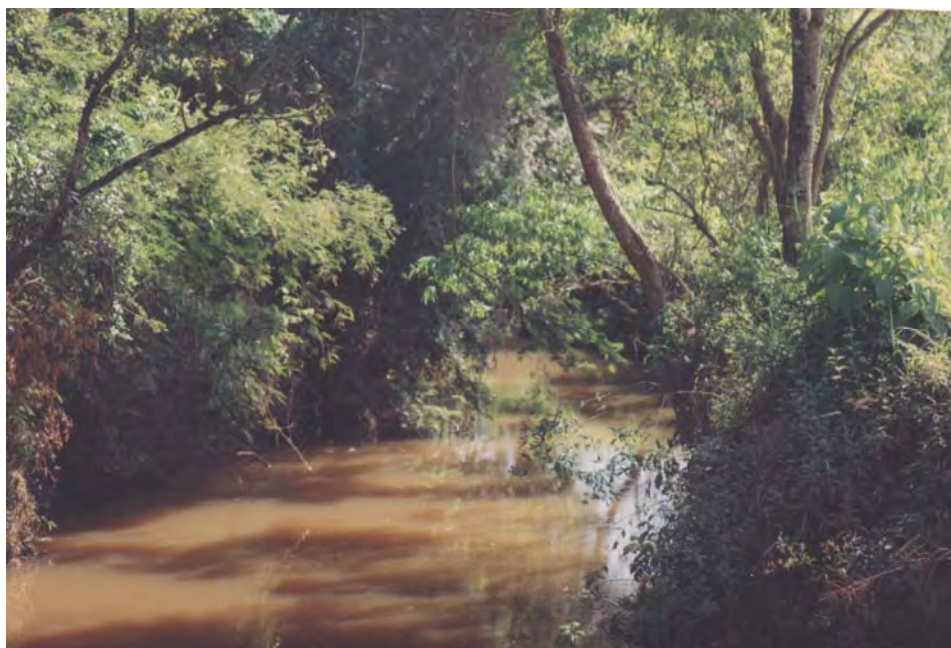




*“Foto feita na Igreja Santos Reis. Neste dia discutimos sobre o Muro da Lamentação, e sobre a árvore do seus sonhos.*

*Muro da Lamentação é um muro feito de papel, onde agente cola um papel, em forma de quadrado, falando sobre os problemas do bairro, e o que precisa melhorar.*

*A árvore dos seus sonhos é também, feita de papel, onde você cola um papel, em forma de folha, de árvore, escrito o que deveria mudar no seu bairro, ou no mundo.” (fotos da reunião com os cartazes do “Muro das Lamentações” e da “Árvore dos Sonhos” ao fundo.)*



*“Um trecho do rio Piracicamirim que corre atrás da escola”*

*“Uma parte do rio que revela uma parte do que é nosso projeto e para quê o projeto está aqui”.*



*“A avenida I, antes da pavimentação e arborização” (foto feita em 1999)*



*“Ana Paula e Milene em uma das reuniões do grupo. Discutindo e dando opiniões para um melhor propósito.”*



*“A escola, um de nossos grandes aliados na conscientização, e seus alunos parte fundamental nesse trabalho” (grifo deles).*

Algumas pessoas escreveram textos maiores e outra só uma pequena legenda tipo: “*os integrantes do grupo*”, “*nossas reuniões*”, “*Ensaio da música do projeto Água é vida*” .

A maioria dos jovens estava cursando o segundo grau e podemos notar vários erros de português. Embora este não seja um aspecto que trabalhamos, só o enfatizo para comentar a baixa qualidade do ensino que receberam e talvez a falta de prática de leitura e escrita dos jovens em geral.

Com relação aos comentários podemos ver que os jovens tiveram uma boa compreensão do trabalho que estávamos propondo, e realmente se identificavam com nossas propostas:

- “*Uma parte do rio que revela uma parte do que é nosso projeto e para que o projeto está aqui*”
- “*Nos dias que estamos juntos no grupo aprendemos muitas coisas. Isso nos faz pensar no futuro*”.
- *A escola, um de nossos grandes aliados na conscientização, e seus alunos parte fundamental nesse trabalho*”
- *Precisamos de mais árvores, porque tem poucas, necessitamos delas para sobreviver. Aproximamos mais um pouco, avistamos uma floresta ribeirinha. É muito bom ter contato com a natureza, é uma dádiva.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar** . São Paulo: Cortez , 1984. 89p.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola,1999. 148p

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem pensar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001. 120p.

ALVES, M.W. Percepção da arquitetura e do urbanismo - Uma aproximação com o ensino das classes populares. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 265p.

AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídeo em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 256 p.

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970. 127p.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971. 116p.

BARTHES, R. **Aula** . São Paulo: Cultrix, 1978. 94 p.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.

- BARBOSA, J. G. (Org.) **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora Universitária EDUFSCar, 1998a. 206p.
- BARBOSA, J. G. (Org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial** São Carlos: Editora Universitária EDUFSCar, 1998b. 126p.
- BARBOSA, J. G. (Org.) **Autores cidadãos – A sala de aula na perspectiva multirreferencial**. São Carlos: Editora Universitária EDUFSCar, 2000. 123p.
- BARCELOS, V., NOAL, F.; REIGOTA, M. **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 261p.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 178p.
- BORBA, S. Aspectos do conceito de multirreferencialidade nas ciências nos espaços de formação. In BARBOSA, J. G. (Org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora Universitária Edufscar, 1998b. 126p.
- BORDA, O.F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R (Org.) **Pesquisa participante – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001a. 211p.**
- BRANDÃO, C.R (Org.) **Pesquisa participante – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001a. 211p.**
- BRANDÃO, C.R (Org.) **Repensando a pesquisa participante – São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001b. 252p.**
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação – 24.ed. - São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989 117p.** Coleção Primeiros Passos.



- BRASIL. Coordenação de educação ambiental do Ministério da Educação e do Desporto. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília, 1998. 238p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 146p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 128p.
- BRÜGGER, P. Os novos meios de comunicação. In: CASTRO, R. ; LAYRARGUES, P.; LOUREIRO,C. **Educação ambiental, repensando o espaço da cidadania**. – São Paulo, Cortez, 2002. 255p.
- BUORO, A. **O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na Escola**. São Paulo: Cortez, 2000. 160p.
- CASASÚS, J. **Teoria da imagem** – Rio de Janeiro: Salvat, 1979. 144p.
- CASTRO, R, LAYRARGUES, P.; LOUREIRO,C., (Org.) **Sociedade e meio ambiente: a Educação Ambiental em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000. 245p.
- CASTRO, R., LAYRARGUES, P. & LOUREIRO,C. **Educação ambiental, repensando o espaço da cidadania**. – São Paulo, Cortez, 2002. 255p.
- CASTRO, R.; SPAZZIANI, M.L. Vygotsky e Piaget: Contribuições para a educação ambiental. In: BARCELOS, V., NOAL, F. e REIGOTA, M. (Org.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 261p.

- CASTRO, R.; SPAZZIANI, M.L.; SANTOS, E. Universidade, meio ambiente e parâmetros curriculares nacionais. In: CASTRO, R. , LAYRARGUES, P.; LOUREIRO, C., (Org.) **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. 245p.
- COELHO, T. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. 111p. Coleção Primeiros Passos
- CORNELL, J. **A alegria de aprender com a natureza – atividades ao ar livre para todas as idades**. São Paulo: Editora Senac/SP e Companhia Melhoramentos, 1997. 186p.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Atlas, 1995. 345p.
- DEFLEUR, M.; BALL-ROKEACH,S. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 397p.
- ENCICLOPÉDIA **TUDO – Dicionário enciclopédico ilustrado**. São Paulo: Abril Cultural, 1977. 1320p.
- FERRARA. L.D. **Olhar periférico**. São Paulo: EDUSP, 1999. 277p.
- FERREIRA, M. A. V. Uma análise dos olhares dos moradores e da imprensa escrita sobre a degradação do rio Pardo no município de São José do Rio Pardo, SP. São Carlos, 2001. Dissertação (Mestrado) Escola de Engenharia de São Carlos, Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, Universidade de São Paulo.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 168p.
- FREIRE, R. ; BRITO, F. **Utopia e paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 111p.

- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências.** Petrópolis, RJ.: Vozes, 2001. 277 p.
- JARDIM, A. F. Alguma coisa está fora da ordem – Educação, multirreferencialidade e transgressão do instituído. In: BARBOSA, J. G. (Org.) **Autores Cidadãos - A sala de aula na perspectiva multirreferencial.** São Carlos: Editora Universitária EDUFSCar, 2000. 123p.
- LOBROT, M. **Animação não diretiva de grupos.** Lisboa: Moraes Editores, 1977. 250p.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E. P. U., 2001. 100 p.
- MINAYO, M. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** Petrópolis: Vozes 1994. 80 p.
- MCLUHAN, M. O universo das imagens. In: CASASÚS, J. **Teoria da imagem** – Rio de Janeiro: Salvat, 1979. 144p.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Brasília, DF: Cortez, UNESCO, 2000. 118p.
- OLIVEIRA, L.; DEL RIO, V. (Org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** 2ª ed. São Carlos: Editora Universitária EDUFSCar, 2000. 265p.
- RAYMUNDO, M.H. Educação ambiental na serra do Itapety – Mogi das Cruzes – SP Construindo uma Agenda 21 Local. Piracicaba, 2002.169p Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Florestais – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 2a ed. São Paulo. Cortez, 1997. 87 p.

REIGOTA, M. Educação ambiental: Fragmentos de sua história no Brasil. In: BARCELOS, V; NOAL, F e REIGOTA, M (Org.) **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. 261p.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 114p.

SANTAELLA, L. **A Percepção**: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1993. 120p.

SANTOS, B. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001. 432p.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. 198p.

SORRENTINO, M. Vinte anos de Tbilisi a Thessaloniki: a educação ambiental no Brasil. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.; OLIVEIRA, J.F. (Org.) **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo: SMA/CEAM, 1998. 122p.

SORRENTINO, M. (Org.) **Ambientalismo, participação e contemporaneidade**. São Paulo: EDUSP, 2001. 223p.

SORRENTINO, M. Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: CASTRO, R.; LAYRARGUES, P.; LOUREIRO, C. (Org.) **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. 255p.

SPOSATI, A. Movimentos utópicos da contemporaneidade. In: SORRENTINO, M. (Org.) **Ambientalismo, participação e contemporaneidade**. São Paulo: Edusp, 2001. 223p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

## APÊNDICES



## APÊNDICE 1 -

**Propaganda****Nação Zumbi**

Composição: Letra: Jorge Du Peixe, Rodrigo Brandão E Gilmar Bolla &  
música: Nação Zumbi E Marcos Matias

Comprando o que parece ser  
Procurando o que parece ser  
O melhor pra você  
Proteja-se do que você  
Proteja-se do que você vai querer  
Para as poses, lentes, espelhos, retrovisores  
Vendo tudo reluzente  
Como pingente da vaidade  
Enchendo a vista, ardendo os olhos  
O poder ainda viciando cofres  
Revirando bolsos  
Rendendo paraísos nada artificiais  
Agitando a feira das vontades  
E lançando bombas de efeito imoral  
Gás de pimenta para temperar a ordem  
Gás de pimenta para temperar  
Corro e lanço um vírus no ar  
**Sua propaganda não vai me enganar**  
**Como pode a propaganda ser a alma do negócio**  
**Se esse negócio que engana não tem alma**  
**Vendam, comprem**  
**Você é a alma do negócio**  
**Necessidades adquiridas na sessão da tarde**  
**A revolução não vai passar na tv, é verdade**  
Sou a favor da melô do camelô, ambulante  
Mas 100% antianúncio alienante  
Corro e lanço um vírus no ar  
Sua propaganda não vai me enganar  
Eu vi a lua sobre a Babilônia  
Brilhando mais do que as luzes da Time Square  
Como foi visto no mundo de 2020  
A carne só será vista num livro empoeirado na estante  
Como nesse instante, eu tô tentando lhe dizer  
Que é melhor viver do que sobreviver  
O tempo todo atento pro otário não ser você  
Você é a alma do negócio, a alma do negócio é você  
Corro e lanço um vírus no ar  
Sua propaganda não vai me enganar



**SITUAÇÃO DOS MORADORES DO JARDIM ORIENTE -**

Dados levantados pelos Agentes de Saúde do Bairro  
 Coordenados pelo Assistente Social e Presidente da Associação

**Escolaridade**

0 à 15 anos

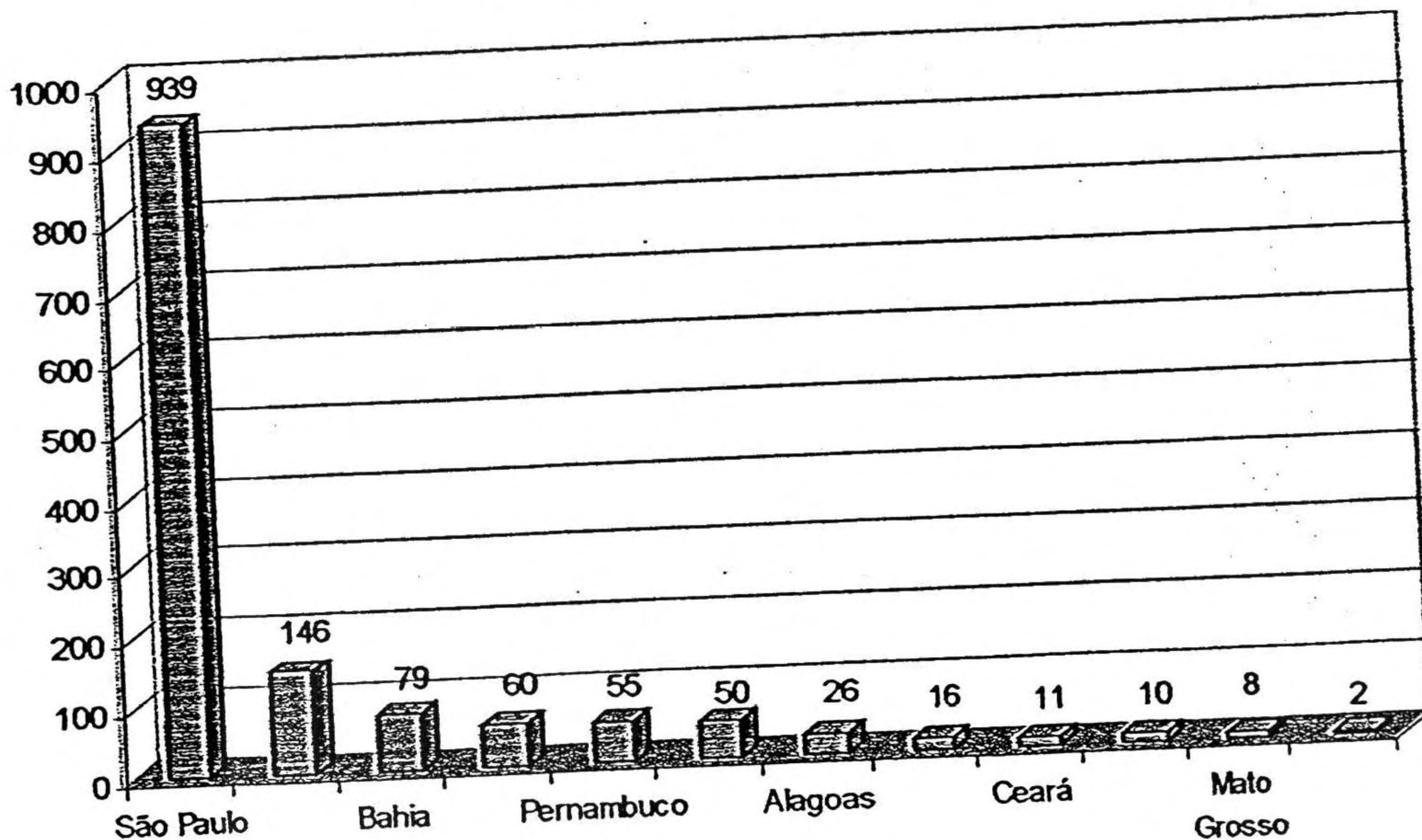
Educação Infantil		
pré-escola	28	
Ensino Fundamental		
	Cursando	Parado
1ª série	40	1
2ª série	44	0
3ª série	49	0
4ª série	52	1
5ª série	52	4
6ª série	31	1
7ª série	36	3
8ª série	28	1
Ensino Médio		
	Cursando	Parado
1º colegial	5	0
2º colegial	2	0
3º colegial	0	0

**Escolaridade**

acima de 16 anos

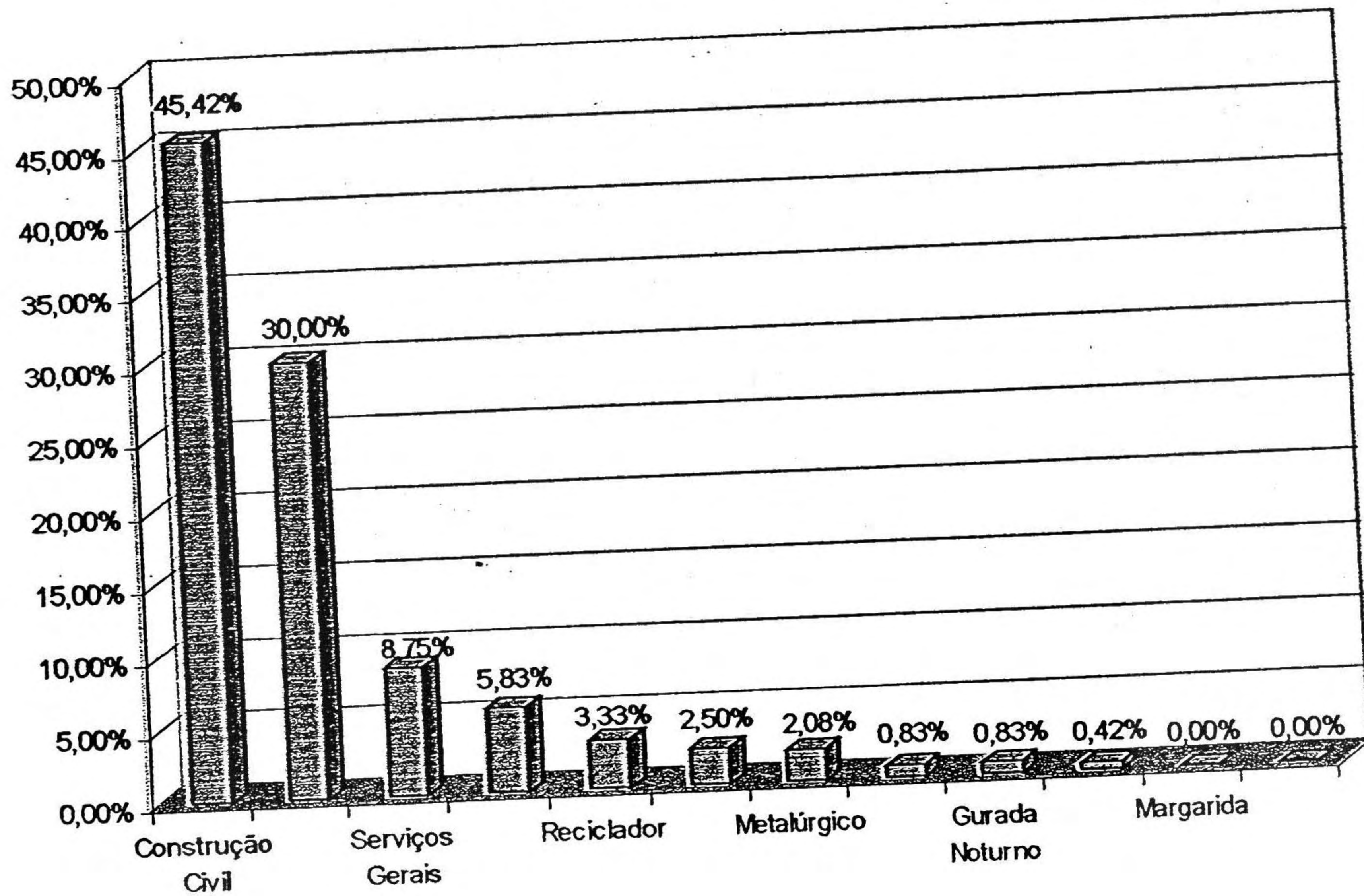
analfabetos	85	
Ensino Fundamental		
	Cursando	Parado
1ª série	3	49
2ª série	0	63
3ª série	1	80
4ª série	0	134
5ª série	3	90
6ª série	2	44
7ª série	3	37
8ª série	11	163
Ensino Médio		
	Cursando	Parado
colegial	30	47
colegial comple	11	
Nível superior	2	
Supletivo	1	

**Origem dos moradores do bairro**

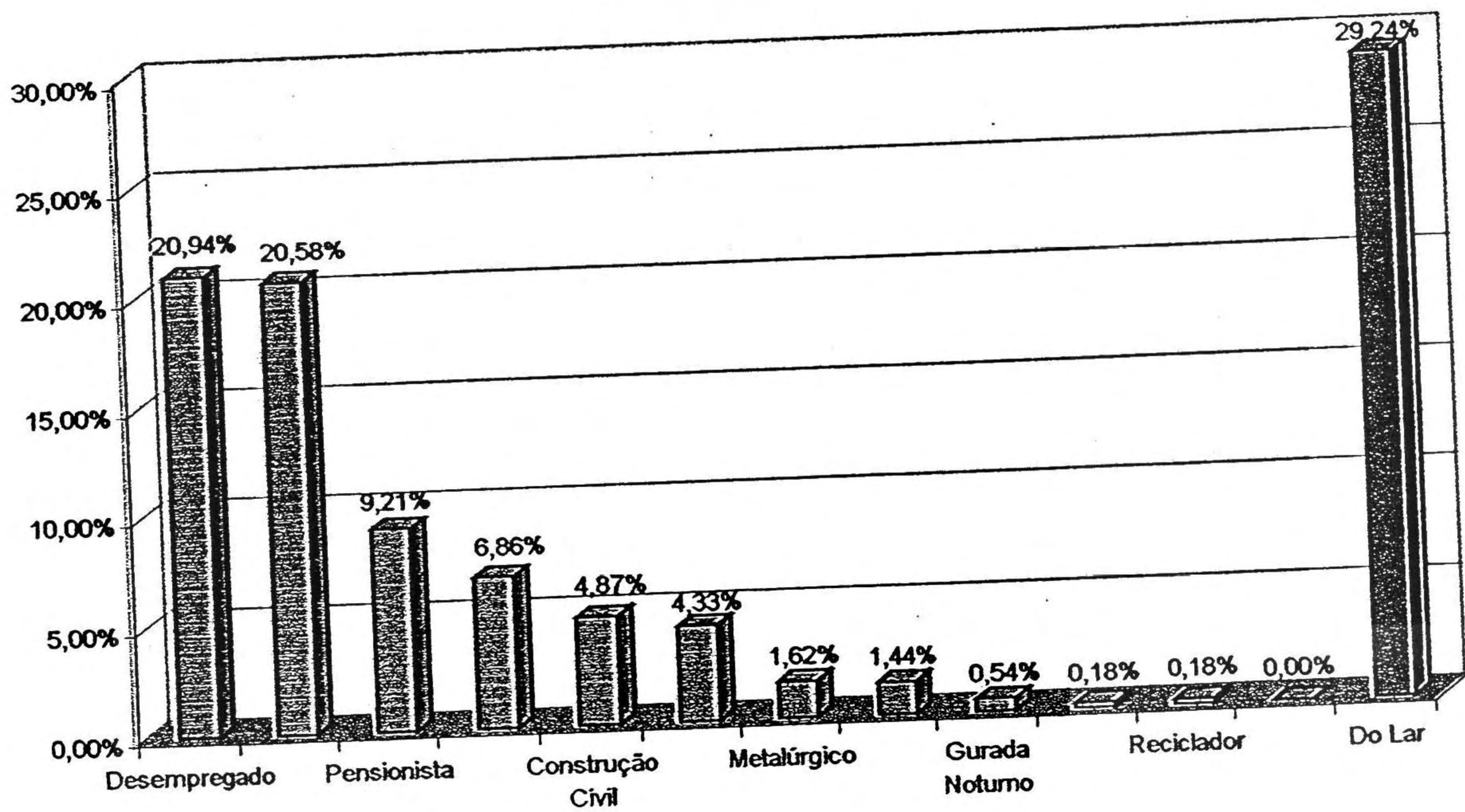




Trabalho/profissão (bico)

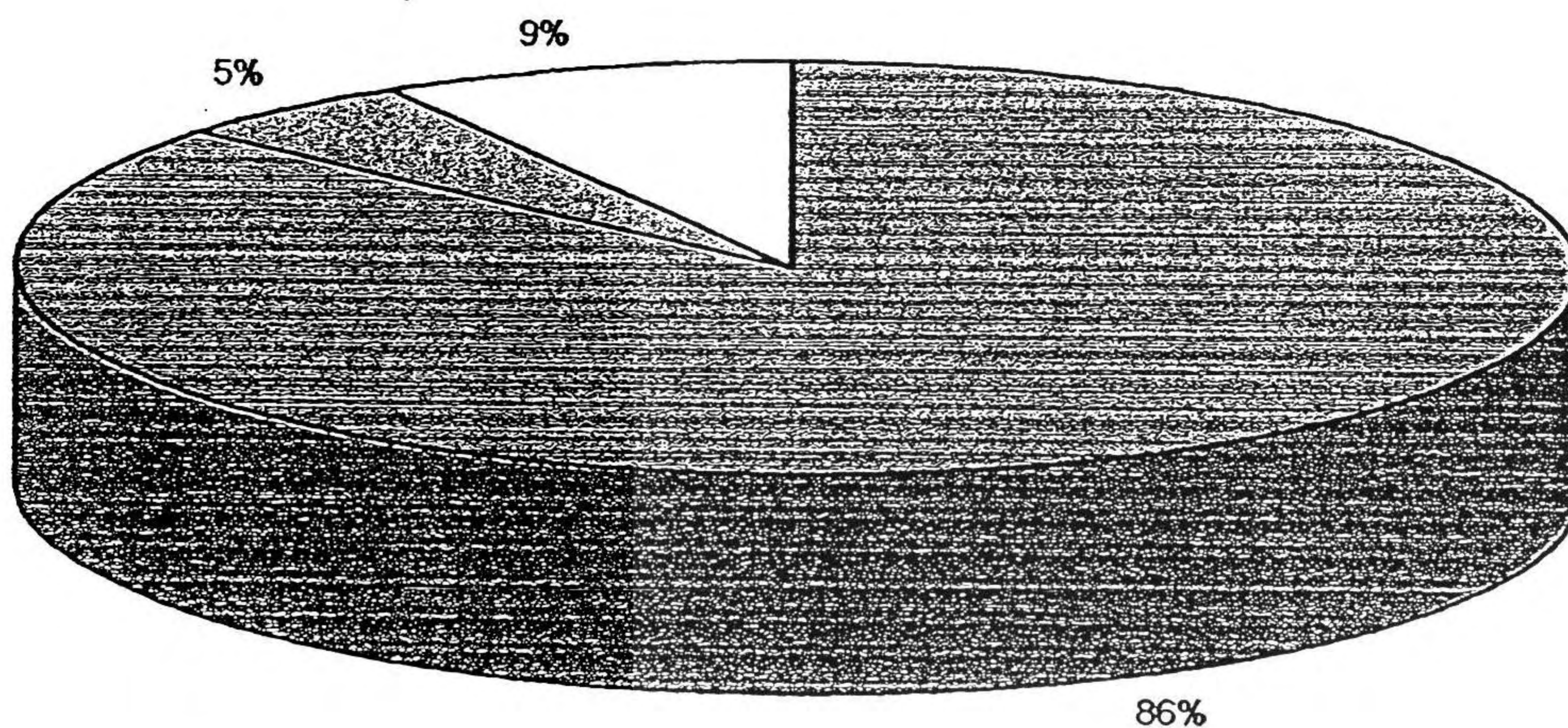


Trabalho/Profissão (fixo)





Desde quando você chegou aqui o bairro:

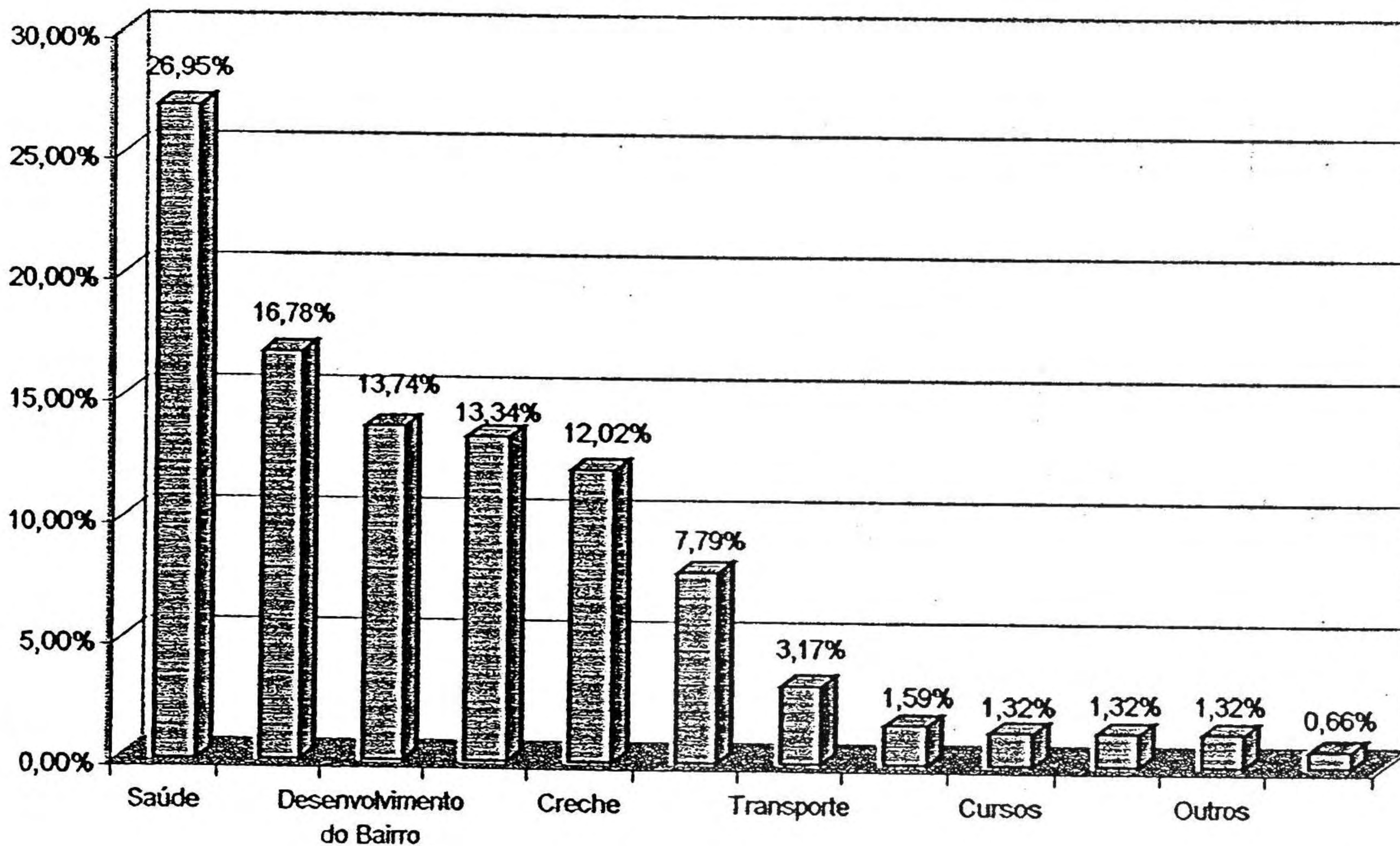


Itens que pioraram:  
 Drogas;  
 Segurança;  
 Preconceito;  
 Brigas

86% 5% 9%  
 [Melhorou] [Piorou] [Continua na mesma]

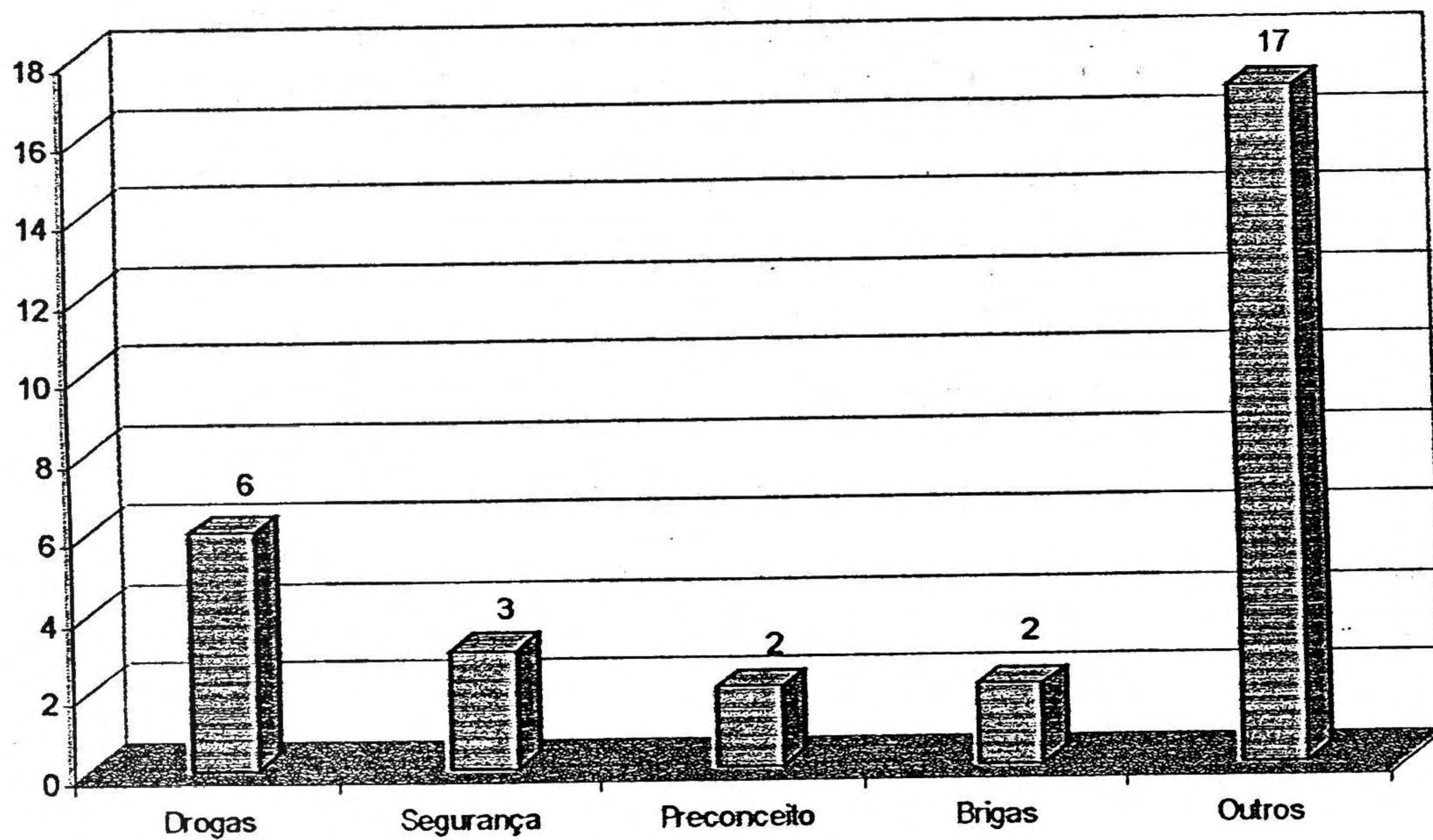
Nº de pessoas entrevistadas: 313

O que melhorou

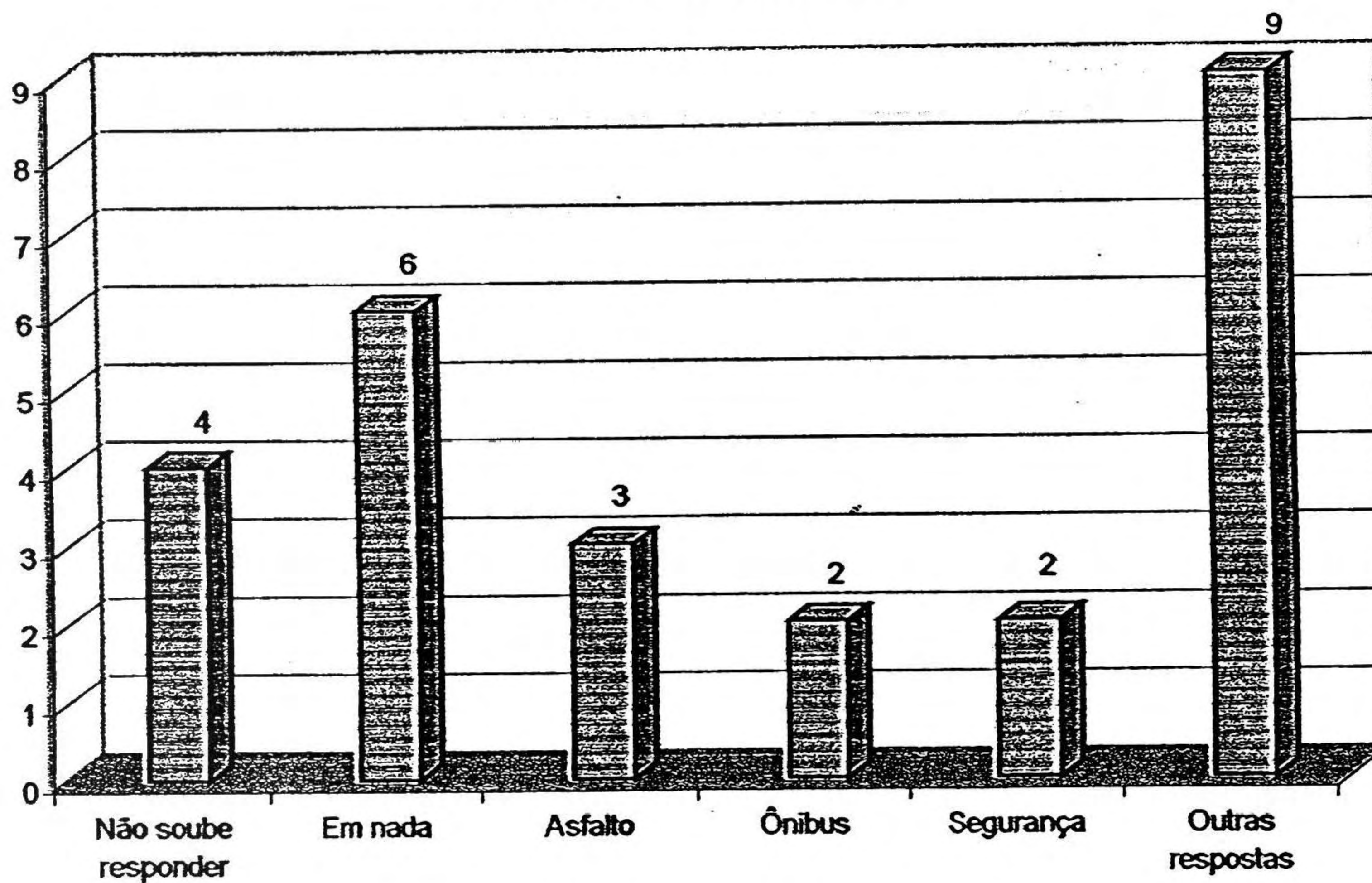




### O que piorou

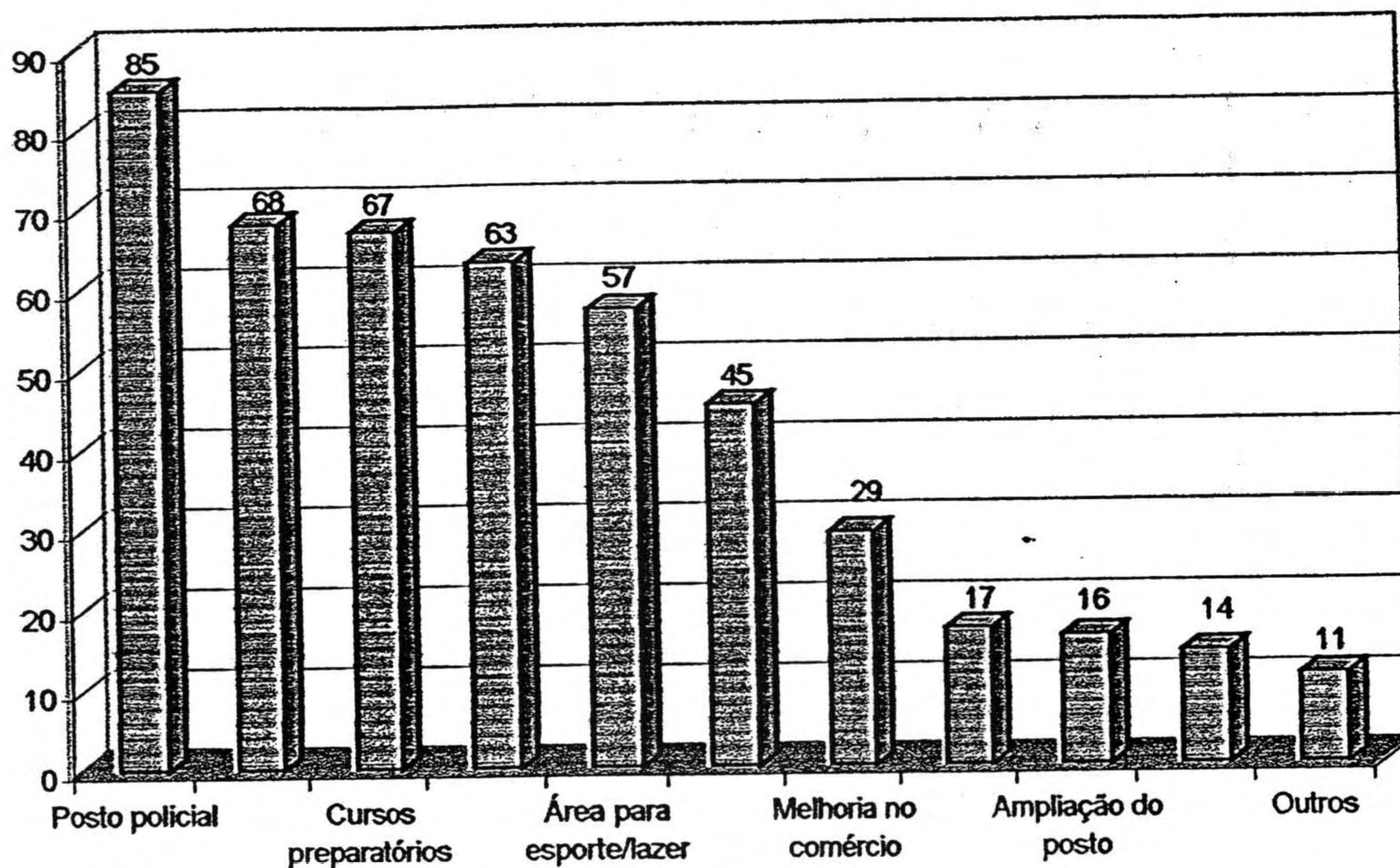


### O que continuou na mesma

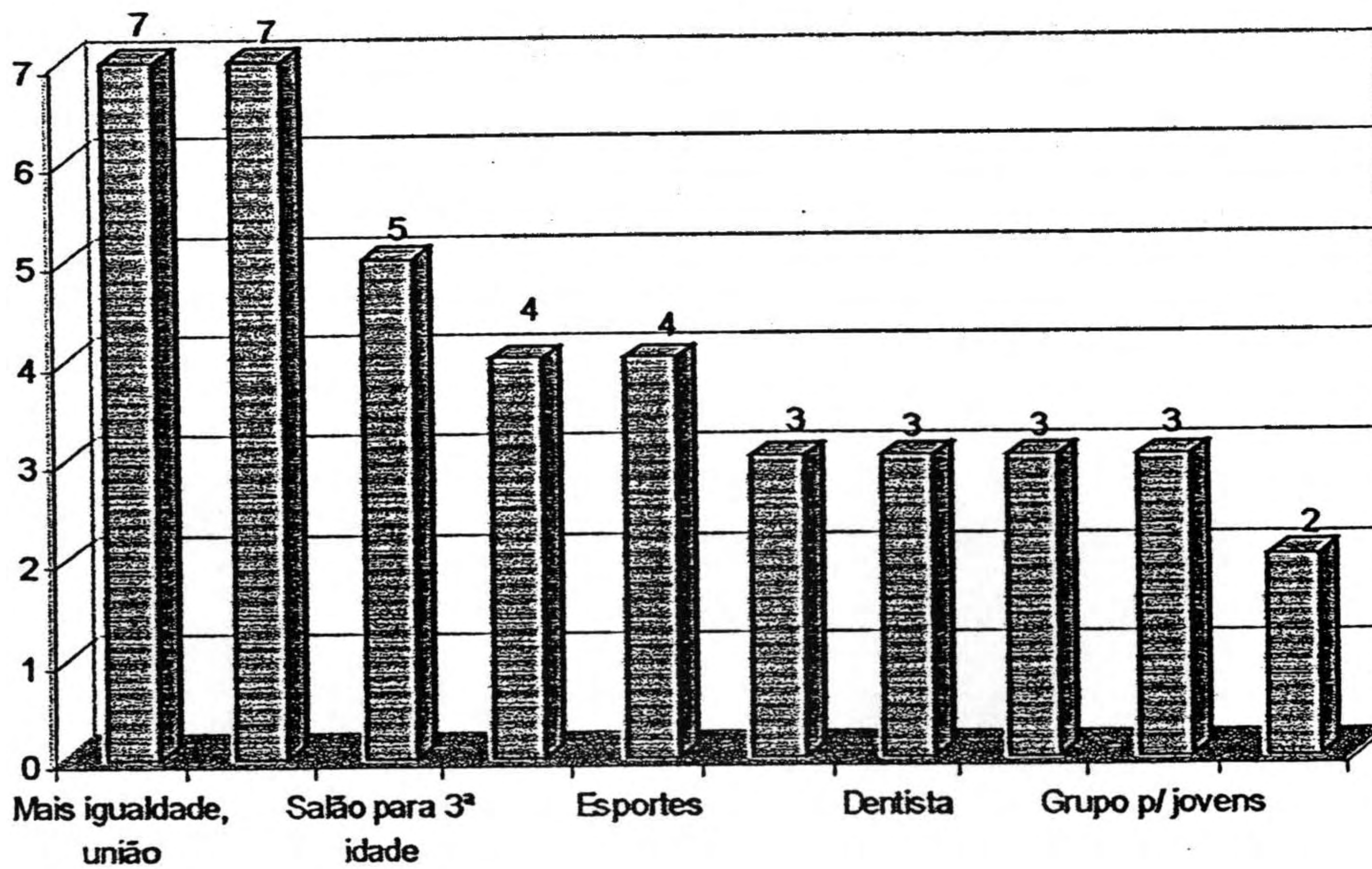




Sugestões - I

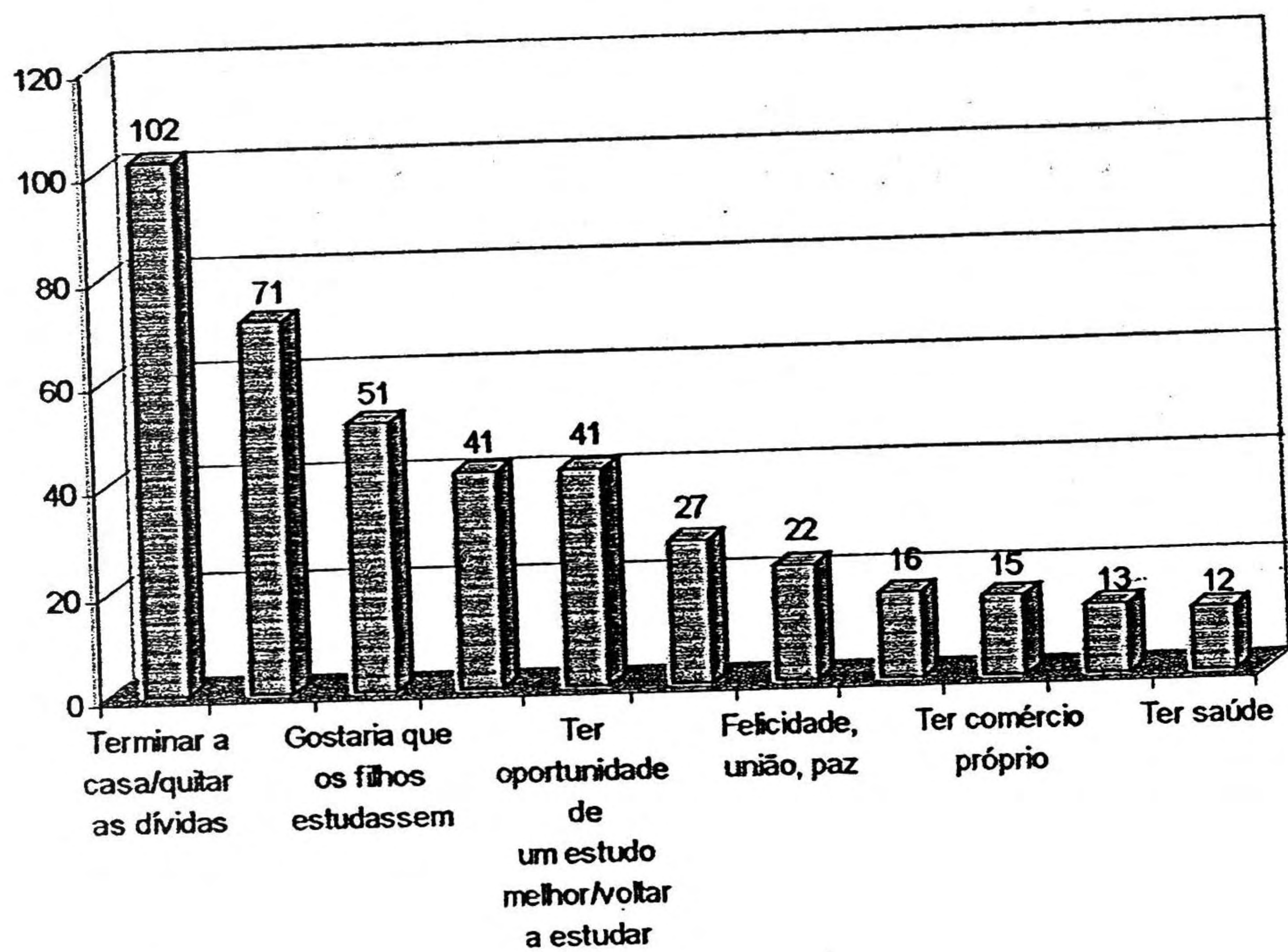


Sugestões - II

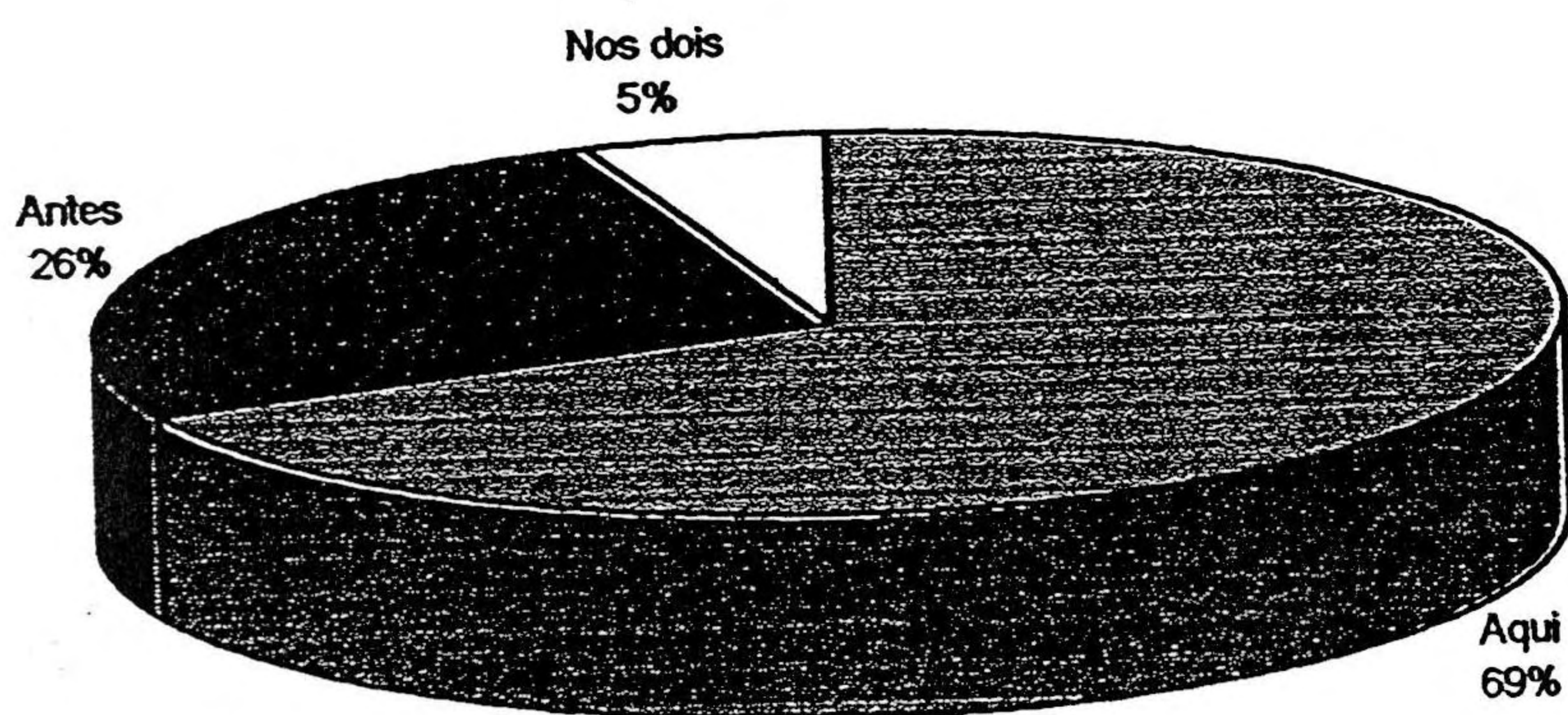




## Expectativa para o futuro - I

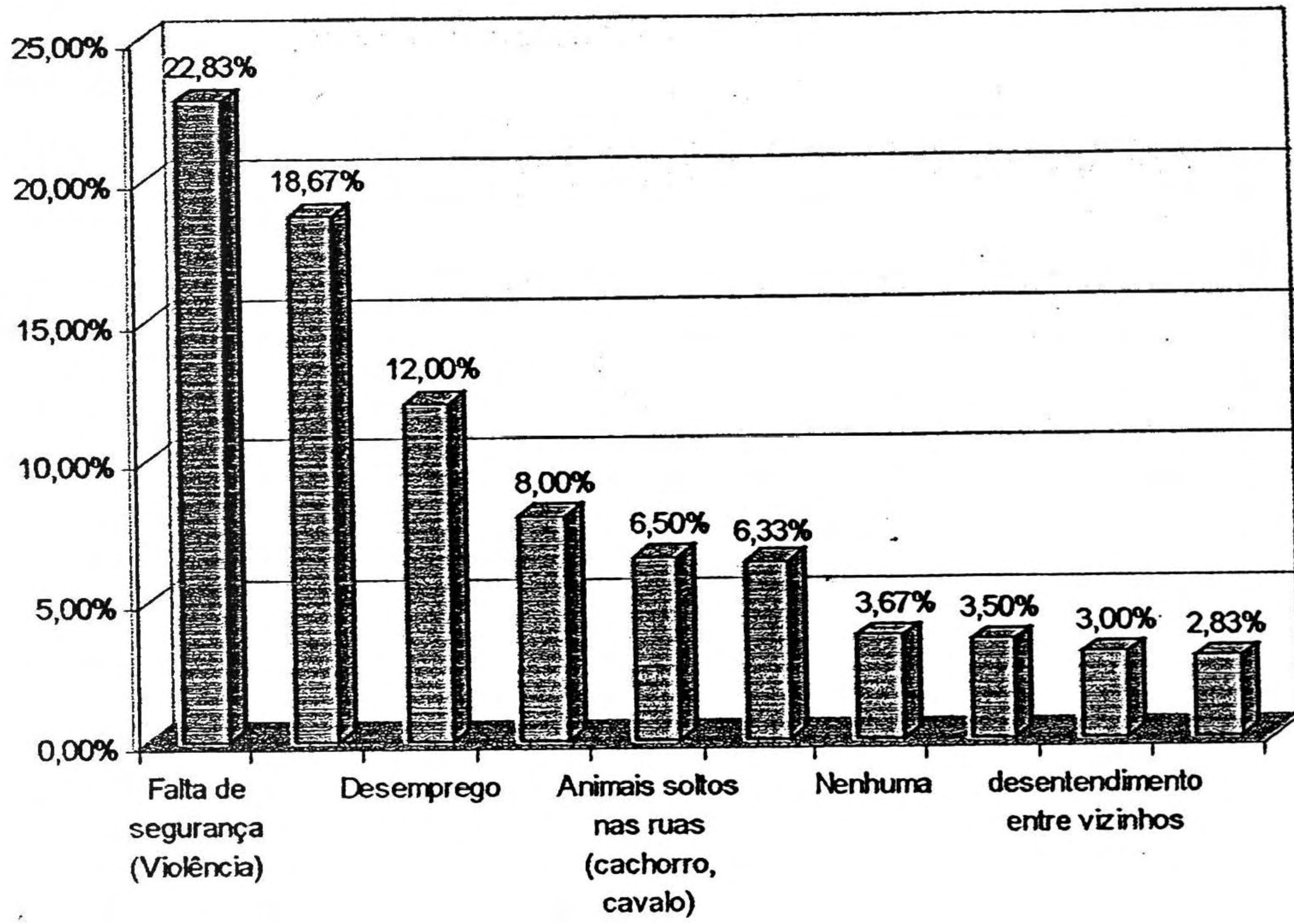


## Onde é mais feliz





## Preocupação dos moradores em relação ao bairro - I





### O Olhar Adulto

Lá vão pelo caminho a mãe e a criança, que vai sendo arrastada pelo braço segurar pelo braço é mais eficiente que segurar pela mão. Vão os dois pelo mesmo caminho, mas não vão pelo mesmo caminho. Blake dizia que a árvore que o tolo vê não é a mesma árvore que o sábio vê. Pois eu digo que o caminho porque anda a mãe não é o mesmo caminho por que anda a criança..

Os olhos da criança vão como borboletas, pulando de coisa em coisa, para cima, para baixo, para os lados, é uma casca de cigarra num tronco de árvore, quer parar para pegar, a mãe lhe dá um puxão, a criança continua, logo adiante vê o curiosíssimo espetáculo de dois cachorros num estranho brinquedo, um cavalgando o outro, quer que a mãe também veja, com certeza ela vai achar divertido, mas ela, ao invés de rir, fica brava e dá um puxão mais forte: aí a criança vê uma mosca azul flutuando inexplicavelmente no ar, que coisa mais estranha, que cor mais bonita. Tenta pegar a mosca, mas ela foge, seus olhos batem então numa amêndoa no chão e a criança vai jogando futebol, vai chutando a amêndoa, depois é uma vagem seca de flamboyant pedindo para ser chacoalhada: assim vai a criança, à procura dos que moram em todas os caminhos, que divertido é andar, pena que a mãe não saiba andar por não ter os olhos que saibam brincar, ela tem muita pressa, é preciso chegar, há coisas urgentes a fazer, seu pensamento está nas obrigações de dona de casa, por isso vai dando safanões nervosos na criança, se ela conseguisse ver e brincar com os brinquedos que moram no caminho, ela não precisaria fazer análise...

A mãe caminha com passos resolutos, adultos, de quem sabe o que quer, olhando para frente e para o chão. Olhando para o chão ela procura pedras no meio do caminho, não por amor a Drummond, mas para não dar topadas, e procura também as poças d'água, não porque tenha se comovido com o lindo desenho do Escher de nome Poça d'água, uma poça de água suja na qual se reflete o céu azul e os ramos verdes dos pinheiros. Ela procura as poças para não sujar o sapato. A pedra do Drummond e a poça do Escher os adultos não vêem, só as crianças e os artistas...

A mãe não nasceu assim. Pequenininha, seus olhos eram iguais aos do filho que ela arrasta agora. Eram olhos vagabundos brincalhões, que olhavam as coisas para brincar com elas. As coisas vistas são gostosas para ser brincadas. E é isso que os nenezinhos



têm esse estranho costume de botar na boca tudo o que vêem, dizendo que tudo é gostoso, tudo é para ser comido, tudo é para ser colocado dentro do corpo. O que os olhos desejam, realmente, é comer o que vêem. Assim dizia Neruda, que confessa ser capaz de comer as montanhas e beber os mares. Os olhos nascem brincalhões e vagabundos, vêem pelo prazer de ver, coisas que vez por outra, aparece ainda nos adultos no prazer de ver figuras. Mas aí a mãe vai sendo educada, numa caminhada igual a essa, sua mãe também a arrastava pelo braço, e quando ela tropeçava numa pedra ou pisava numa poça d'água, por que seus olhos estavam vagabundeando por moscas azuis e cachorros sem-vergonha, sua mãe lhe dava um safanão e dizia: “Olha para a frente, menina!”

“olha para a frente!” Assim são os olhos dos adultos. Olhos não são brinquedos, são limpa-trilhos. Servem para abrir caminhos na direção do que se deve fazer. Assim eram os olhos daquela minha amiga que os usava para cortar cebola sem cortar o dedo, até que um dia, o olho que morava dentro dos seus olhos se abriu e ela viu a beleza maravilhosa do vitral translúcido que mora nas rodela de todas as cebolas, e ela tanto se espantou com o que via que pensou que estava ficando louca...

Coitados dos adultos! Arrancaram os olhos vagabundos e brincalhões de crianças e os substituíram por olhos ferramentas de trabalho, limpa-trilhos, escravos do dever. Eles não percebem que as coisas ao seu redor são brinquedos que pedem aos seus olhos: “Brinquem comigo! É tão divertido! Se vocês brincarem comigo, eu ficarei feliz, e vocês ficarão felizes...”

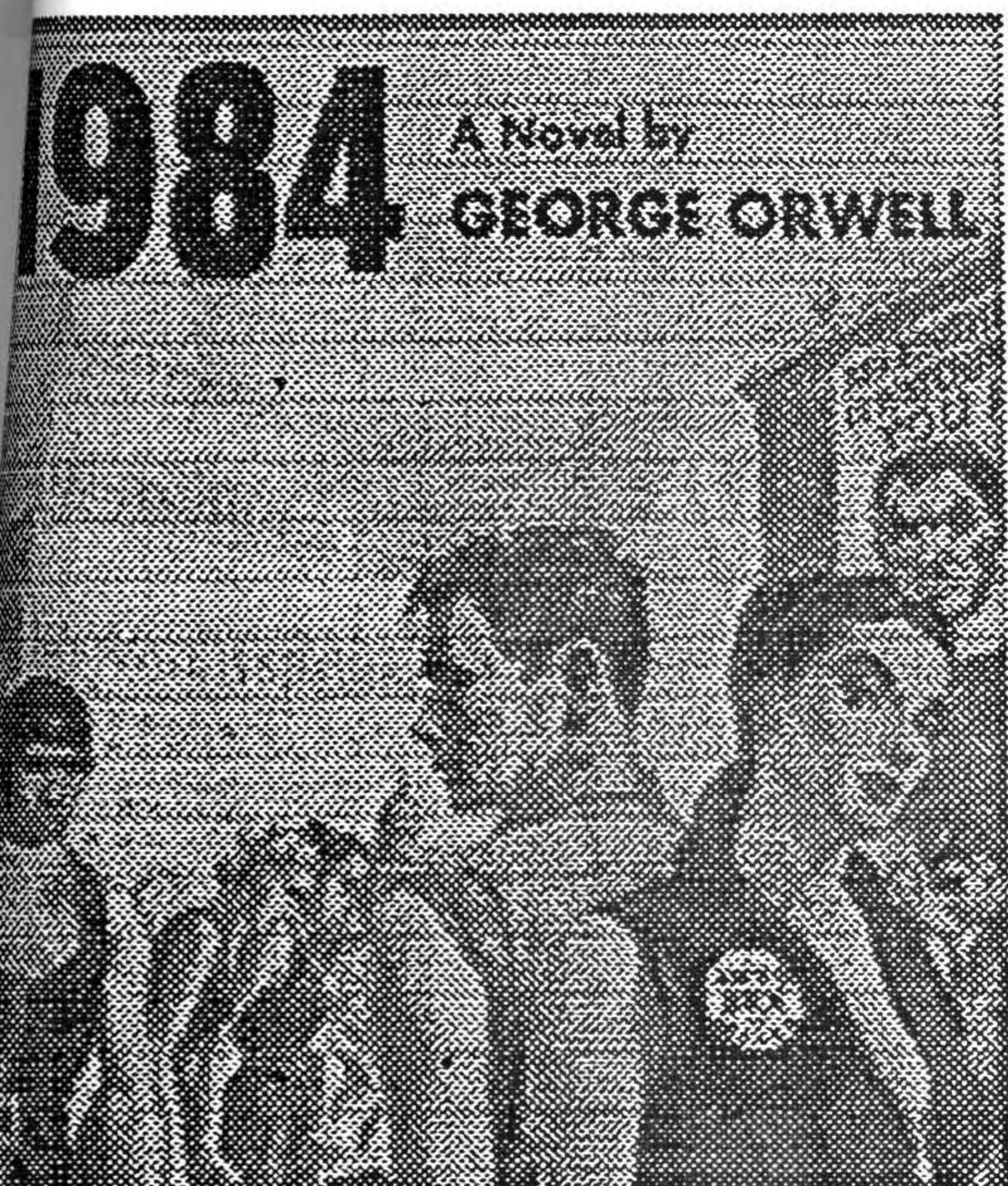
Rubem Alves  
A festa de Maria



O mundo é uma aldeia global

de 1982 ( eu estava na faculdade de Comunicação) ouço falar que o mundo é uma aldeia global. Marshall Macluhan) .

1983 li 1984 – George Orwell e em 1984, eu pensava que Orwell era exagerado, mas como Ash Gordon e tantos outros ficcionistas científicos , ele estava certo. A comunicação e a informação dominam o mundo. Se é necessário que eu saiba alguma coisa, basta apertar o botão e terei a informação . Mas essa informação nos vem filtrada: só nos é disponibilizado, o que interessa para a elite dominante, ser divulgado.



Nineteen Eighty-Four

Ano: 1949

Título no Brasil: 1984

Classificação: Romance

Resumo: Mais famoso dos romances de George Orwell, 1984 é uma metáfora pessimista do pós-guerra para o futuro da humanidade dominado pelo totalitarismo. Para garantir a manutenção do Partido, os setores mais importantes da sociedade eram controlados pelas Teletelas, sempre sob a onipresença do Grande Irmão.

Principais personagens: Winston Smith; Júlia; O'Brien; e Grande Irmão (Big Brother).

Outras personagens: Sr. Carrington; Parsons; Syme; Tillotson; Martin; Jones; Rutherford; e Mãe de Winston.

Características da obra: Novilíngua; As Teletelas; Divisão das classes; e O livro de Goldstein.

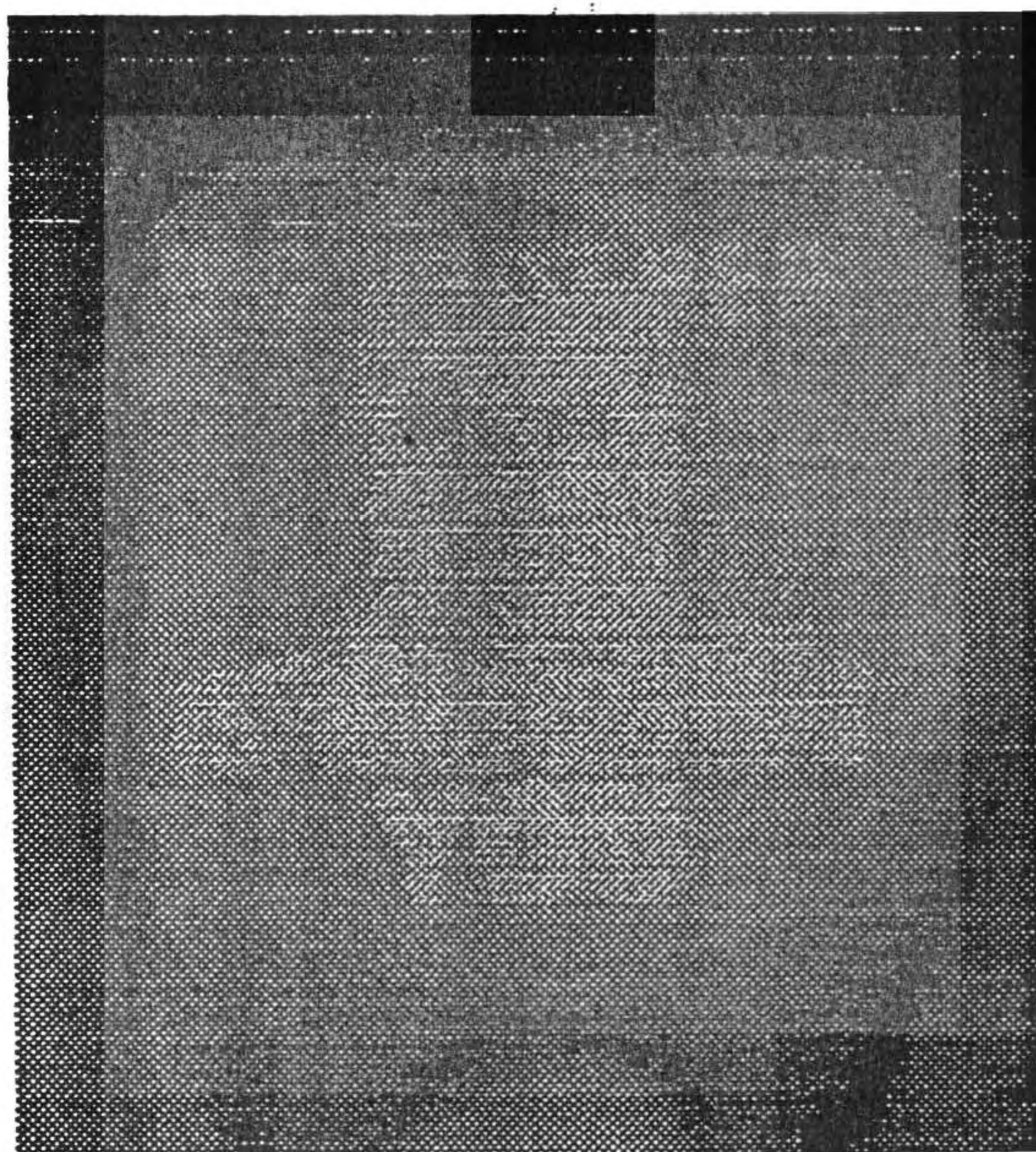
Adaptações : cinema e tv

A história se passa no "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, ou Pista de Pouso Número 1, parte integrante do megabloco da Oceania. É comum a confusão dos leitores com o continente homônimo real. O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser uma congregação de países de todos os oceanos. A união da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

E a transformação da realidade é o tema principal de 1984. Disfarçada de democracia, a Oceania vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do onipresente Grande Irmão (Big Brother).

Aqui, um resumo mais detalhado, pode ser encontrado no site:

[http://www.duplipensar.net/lit/g\\_orwell/1984/resumo-b.html](http://www.duplipensar.net/lit/g_orwell/1984/resumo-b.html)





Carta do Cacique Seattle, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, para o Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois de o governo ter dado a entender que pretendia comprar o território da tribo.

"O grande chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e sua benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Porém, vamos pensar em tua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe em Washington pode confiar no que o chefe Seattle diz, com a mesma certeza com nossos irmãos brancos podem confiar na alternância das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas - elas não empalidecem". Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é-nos estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exauri-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo dos seus pais, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece a sepultura dos antepassados e o direito dos filhos. Sua ganância empobrecerá a terra e vai deixar atrás de si os desertos. A vista de suas cidades é um tormento para os olhos do homem vermelho. Mas talvez isso seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende. Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem da primavera ou o tinir das asas de insetos. Talvez por se um selvagem



que nada entende, o barulho das cidades é para mim uma afronta contra os ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo, à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho da água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho. Porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar - animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo ele é insensível ao seu cheiro. Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição. O homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso do que um bisão que nós, os índios, matamos apenas para sustentar nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo que fere a terra fere também os filhos da terra. Os nossos filhos viram seus pais serem humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, e envenenam seu corpo com alimentos doces e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos nossos últimos dias - eles não são muitos. Mais algumas horas, até mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que tem vagueado em pequenos bandos nos bosques, sobrarão para chorar sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso. De uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: - O nosso Deus é o mesmo Deus! - Julgas, talvez, que o podes possuir da mesma maneira como desejas possuir a nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. E causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador. O homem branco também vai desaparecer talvez mais



depressa talvez mais depressa do que as outras raças. Continua poluindo tua própria cama, e hás de morrer uma noite, sufocado nos teus próprios dejetos! Depois de abatido o último bisonte e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, e quando as colinas escarpadas se encherem de mulheres a tagarelar - onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará o adeus à andorinha da torre e à caça, o fim da vida e o começo da luta para sobreviver.

Talvez compreenderíamos se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais as visões do futuro que oferece às suas mentes para que possam formar os desejos para o dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os últimos dias conforme desejamos. Depois do último homem ter partido e a sua lembrança não passar de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças como era a terra quando dela tomaste posse. E com toda tua força, o teu poder, e todo o teu coração - conserva-a para teus filhos e ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum."





### O que é o Programa Jovem Cidadão – Serviço Civil Voluntário

O Serviço Civil Voluntário é concebido como um "rito de passagem" à maioridade, envolvendo o despertar do jovem para a responsabilidade e solidariedade social, sua preparação para o mundo do trabalho e para as atividades econômica e socialmente produtivas.

No Serviço Civil Voluntário a formação para a cidadania, materializada por uma vivência concreta de prestação de serviços à comunidade, é complementada por ações de aumento da escolaridade básica, de educação em direitos humanos e de qualificação profissional (empreendedorismo e informática).

Por seus objetivos, o Programa é uma chance de resgate e de inclusão de jovens que estão à margem do sistema de ensino e/ou de capacitação profissional.

### A quem se destina

Jovens, de ambos os sexos, na faixa etária de 18 anos de idade (completos ou a completar no ano de 2002, sendo, no caso dos homens, excedentes do serviço militar obrigatório), prioritariamente que não trabalhem nem estudem, tenham defasagem quanto a idade/escolaridade (priorizando aqueles com escolaridade inferior à 8ª série do Ensino Fundamental) e que vivam em situação de extremo risco social.

### Benefícios oferecidos

Os jovens do Serviço Civil Voluntário tem direito a uma bolsa mensal de R\$ 60,00, e seguro contra acidentes pessoais, durante o período de realização dos cursos. O direito ao recebimento da bolsa está vinculado à frequência do jovem aos cursos e atividades.

Além disso, os jovens recebem vale-transporte para os cursos, no caso de morar em local muito distante de sua realização, bem como lanche, e, alguns casos poderão receber também almoço, quando as atividades comunitárias assim exigirem.

### Conteúdos

**Habilidades básicas:** Curso de apoio à formação básica e humanista do jovem. Este módulo compreende 100 horas/aula de curso, durante as quais serão ministrados conteúdos como *Direitos Humanos e Cidadania, Educação Sexual e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas.*

**Habilidades específicas:** Este módulo consiste em um apoio à qualificação profissional do jovem. São ministradas aulas de *Informática* e de *Empreendedorismo*, com duração de 100 horas/aula de curso. Sem a pretensão de oferecer ao jovem um curso técnico, o Programa considera este conteúdo fundamental para que o jovem possa desempenhar a maioria das atividades profissionais, quaisquer sejam elas.

**Habilidades de Gestão:** Treinamento em autogestão, incentivando o jovem a realizar, ele mesmo, todas as etapas de eventos locais, campanhas públicas, pesquisas e serviço comunitário, realizados nas próprias comunidades onde o curso é ministrado. É a etapa mais importante. Nela reside a chave estratégica de todo o Programa, preparando o jovem para sua inserção social e para o pleno exercício da cidadania. Com o serviço comunitário, procura-se incentivar a geração auto-sustentável de emprego e renda, encaminhando o jovem ao exercício de trabalhos na própria comunidade e na gestão de um negócio próprio.



## A minha alma (a Paz que Eu Não Quero)

Letra: Marcelo Yuka,  
Música: O Rappa

A minha alma tá armada  
E apontada para a cara  
Do sossego  
**Pois paz sem voz**  
**Pois paz sem voz**  
**Não é paz é medo, (medo)**

Às vezes eu falo com a vida  
Às vezes é ela quem diz

Qual a paz que eu não  
quero conservar  
Para tentar ser feliz

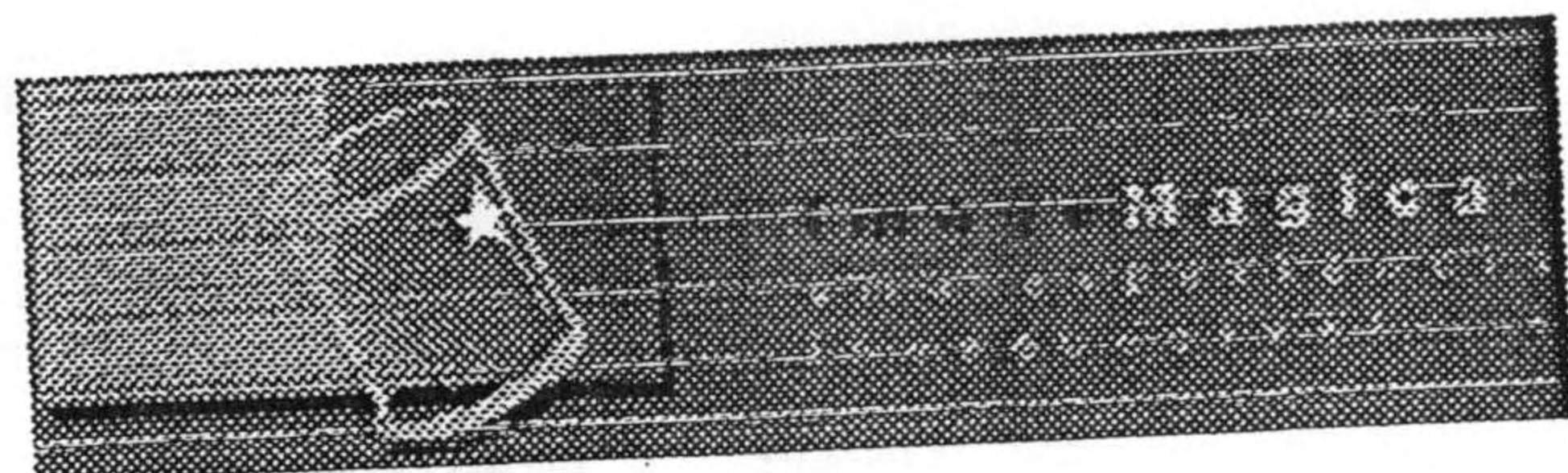
As grades do condomínio  
São para trazer proteção  
Mas também trazem a dúvida  
Se é você que está nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo  
Faça um filho comigo  
Mas não me deixe sentar  
Na poltrona no dia de domingo,  
Procurando novas drogas  
De aluguel nesse vídeo coagido  
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir  
Admitindo

Às vezes eu falo com a vida  
As vezes é ela quem diz





A ImageMágica agradece à todos que colaboraram para o sucesso do evento "Olhar e Ler", realizado nos dias 11, 12 e 13 no parque do Ibirapuera. Confira a matéria abaixo "Foto muda vida de jovens carentes de SP", e saiba mais sobre o trabalho da ImageMágica na "Aldeia do Futuro".

UOL ASSINE BATE-PAPO BUSCA CENTRAL DO ASSINANTE BUSCADOR E-MAIL ÍNDICE SHOPPING  
FOLHA DE S. PAULO {ÍNDICE GERAL

FOLHA **cotidiano**

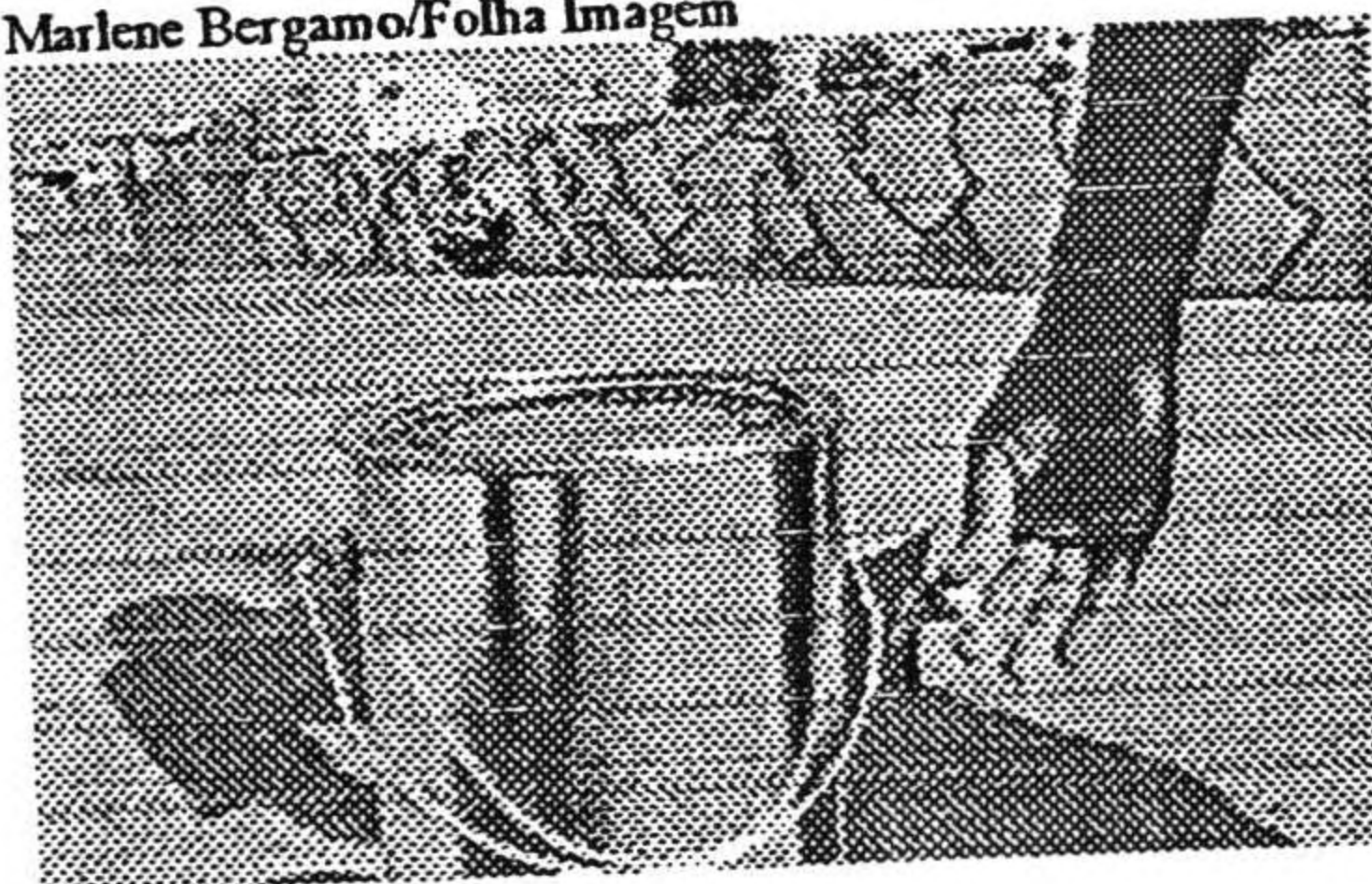
São Paulo, domingo, 13 de outubro de 2002

## CIDADANIA

ONG ensina menor carente a fotografar com câmera artesanal; técnica estimulou reflexão sobre sua realidade

### Foto muda vida de jovens carentes de SP

Marlene Bergamo/Folha Imagem



Garoto fotografa com máquina de lata feita por ele próprio

#### LIANE FACCI DA REDAÇÃO

Perto da casa de Joaquim Marcelino Pereira, 17, no bairro de Americanópolis, zona sul de São Paulo, existe um córrego ao qual ele nunca havia prestado atenção até tirar uma foto da paisagem. "Vi como é sujo", conta Joaquim. "Parei de jogar lata de refrigerante pela janela do ônibus. Sei que pode causar enchente."

A mudança de atitude processada em Joaquim foi motivada pelas Oficinas do Olhar criadas pela Imagem Mágica, uma organização não-governamental que ensina jovens da periferia a fotografar com câmeras feitas artesanalmente.

Além de aprender a construir o artefato em latas de alumínio, os adolescentes recebem noções básicas de fotografia e, depois, saem pelo bairro onde vivem à caça de imagens. Com os filmes

<http://www.imagemagica.org/imprensa/folha.htm>

05/03/04



revelados, são estimulados a refletir sobre o material que captaram.

"Quando um menino desses está fotografando, documentando sua realidade, vê que não está sozinho no mundo", afirma o fotógrafo André François, 35, fundador da ONG.

Exagero? Para a maior parte dos 850 jovens que já participaram das oficinas, isso pode fazer toda a diferença. Em sua maioria residentes na periferia de São Paulo, eles convivem com a violência, familiar ou institucional, partilham de uma realidade de exclusão social e comungam experiências que ninguém gostaria de emoldurar em porta-retratos.



Henrique, 17, que esconde o nome completo, diz ser revistado por policiais todos os dias, a caminho da escola, porque é negro. Furtava, ele não nega. Mas parou, jura. Uma foto deu-lhe um estalo.

"Ele fez a foto de um portão cravado de balas por causa de um tiroteio que ocorreu na rua onde mora. Conversamos muito, e ele acabou concluindo que uma daquelas balas podia ter tirado a vida dele, da mãe ou de um irmão", explica a cientista social Raquel Amadei Barbiellini, 26. Como coordenadora das oficinas da Imagem Mágica montadas em parceria com outra ONG, a Aldeia do Futuro, Raquel coleciona histórias de adolescentes que, como Henrique, demonstram um forte desejo de mudança.

Robson Cajado dos Santos, 17, por exemplo, afirma que sua vida era "cruel" e que ele parou de fazer "coisas erradas" depois de virar fotógrafo da lata.

Mudanças dessa profundidade são o alvo perseguido pelos oito profissionais contratados pela Imagem Mágica e mais 15 voluntários que trabalham sob o lema "Perceber o mundo em que se vive é o primeiro passo para modificá-lo". Mas nem sempre a transformação é possível.

"Convivemos com adolescentes em situação de risco, alguns jurados de morte, outros em liberdade assistida, e volta e meia perdemos um", conta François. Também é comum ver o trabalho de reconstrução da auto-estima dos alunos desabar com o resultado de um teste positivo de AIDS ou de violência doméstica.

Os casos de recuperação também são numerosos. A parceria com a Aldeia do Futuro é repleta de bons exemplos. "Eles se tornaram mais críticos, menos briguentos, aprenderam a negociar. Até o vocabulário está mudando", afirma a diretora-pedagógica da Aldeia, Genilva Borges, 49. Para Joaquim, que "enxergou" o córrego poluído perto de casa, há um ganho a mais. Exímio dançarino de break -que acreditava ser sua vocação-, ele aposta em outra opção profissional: estuda para ser assistente de fotografia.

## FRASE



## Jovens da periferia de São Paulo registram como vêm a grande metrópole

Por Cristina Montone (Redação do Jornal Aprender)

A grande metrópole São Paulo, cantada em versos e prosas, completa 450 anos no próximo dia 25. Para homenagear a cidade, a Ong ImageMagica apresenta o projeto *Olhar São Paulo*. O projeto utiliza a fotografia como instrumento para observar e analisar e pensar a grande metrópole de mais de 16 milhões de habitantes. Para tanto, utiliza uma técnica antiga de fotografia, o **método Pinhole**, com latas ao invés de câmeras, e tendo por trás desses rústicos instrumentos aprendizes das cinco regiões da capital paulista.

André França, fotógrafo, propôs para os mais de 800 jovens - de 16 a 21 anos - que participam do projeto, temas variados, como: Direito das Mulheres, Direitos Humanos, Emprego e Trabalho, Cultura e Lazer, Trabalho Infantil, Meio Ambiente, Qualidade de Vida, Estatuto da Criança e do Adolescente, Sexualidade e Violência.



“É muito gratificante observar o resultado do trabalho feito com esses jovens. Ele se torna mais responsável pelas suas ações e passa a perceber que a fotografia é uma linguagem, pela qual ele pode se comunicar” – afirma André.

O resultado do olhar desses jovens que vivem em regiões reconhecidamente carentes, como Rio Pequeno, Vila Brasilândia, Guaianases, Glicério e outras, é um mapeamento das diversidades e semelhanças existentes em todas as regiões, como o trabalho registrado sobre o centro da cidade, feito por Luciana dos Santos (21) (veja foto).

Iniciada há 9 anos, a Ong conta com o apoio da Unesco (inclusive já foi premiada por seu trabalho) no âmbito de promoção de Qualidade de Vida. Quase 2 mil professores e educadores paulistas já foram capacitados pela ImageMagica, e França acumula inúmeros ofícios de escolas públicas solicitando o treinamento. “Aprovação ao projeto, pelo visto, não falta. Falta quem concretize as doações”, comenta França.

### Exposições

De fevereiro até junho desse ano serão realizadas exposições nas estações de metrô de São Paulo, com o intuito de apresentar aos moradores e visitantes da metrópole paulistana o olhar de seus jovens cidadãos, sobre a maior cidade da América Latina.

**Fevereiro**- estação Santana

**Março** - estação Clínicas

**Abril**- estação Tatuapé

**Mai**o - estação Ana Rosa

### Método Pinhole

Pinhole - buraco de alfinete em inglês, é o nome dado à técnica que irá permitir que o registro fotográfico ocorra em um ambiente sem a presença de lentes (componente das máquinas fotográficas convencionais). Um furo permite a formação da imagem em um recipiente ou espaço vedados da luz.

A projeção de imagens por este método é já era conhecida pelo homem antes do surgimento da fotografia (séc. XIX), Através desse método era possível visualizar eclipses e estudar as estrelas; nas artes, as imagens pinhole serviam de molde para os pintores paisagistas.